Outubro 2012,

orkut

A

Por meio de seu

Respeitosamente apresenta a TRADUÇÃO de

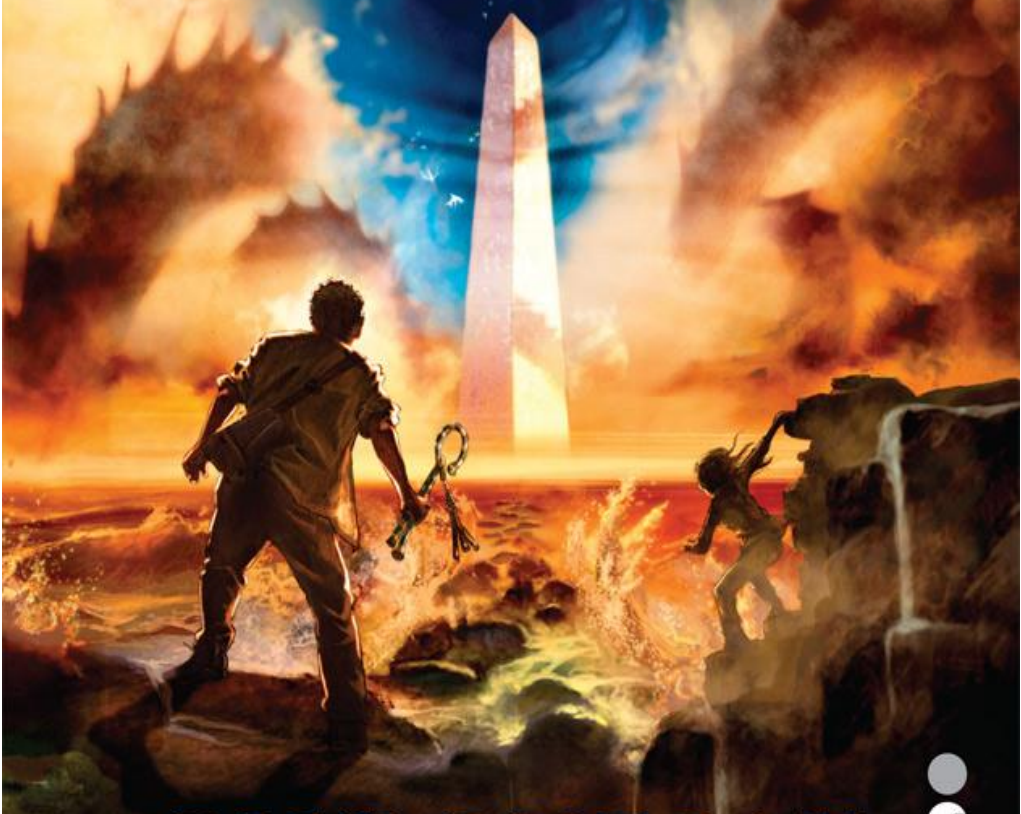
As Crônicas dos Kane

A Sombra da Serpente

Rick Riordan

para a língua Portuguesa

A

SOMBRA DA SERPENTE

RICK RIORDAN

AUTOR DA SÉRIE *PERCY JACKSON E OS OLIMPIANOS*

intrínseca

Aos três grandes editores que moldaram minha carreira de escritor: Kate Miciak, Jennifer Besser e Stephanie Lurie – os magos que trouxeram as minhas palavras para a vida.

Índice:

ATENÇÃO

Esta é uma transcrição de uma gravação de áudio. Outras duas vezes, Carter e Sadie Kane me enviaram tais gravações, que eu transcrevi como A Pirâmide Vermelha e O Trono de Fogo. Enquanto eu estou honrado pela confiança contínua dos Kanes, devo informar que este seu terceiro relato é o mais preocupante. A fita chegou à minha casa em uma caixa carbonizada perfurada com garra e marcas de dentes que o meu zoólogo local não pode identificar. Se não fosse pelos hieróglifos de proteção no exterior, eu duvido que a caixa tivesse sobrevivido a sua viagem. Leia, e você vai entender o porquê.

1. Destruímos e Queimamos uma Festa

Sadie Kane aqui.

Se está ouvindo isso, parabéns! Você sobreviveu aos Dias do Demônio.

Eu gostaria de me desculpar agora mesmo por qualquer inconveniência que o fim do mundo possa ter causado a você. Os terremotos, rebeliões, desordem, tornados, inundações, tsunamis, e é claro, a cobra gigante que engoliu o sol – receio que a maior parte disso foi nossa culpa. Carter e eu decidimos que devíamos pelo menos explicar como isso aconteceu.

Isso provavelmente estará em nossa última gravação. No momento em que você ouvir nossa história, a razão para isso será óbvia.

Nossos problemas começaram em Dallas, quando o carneiro cuspidor de fogo destruiu a exposição do rei Tut.

Naquela noite os magos do Texas estavam dando uma festa no jardim escultural do outro lado do Museu de Arte de Dallas. Os homens vestiam smokings e botas de cowboy. As mulheres usavam

vestidos para a noite e penteados que pareciam explosões de algodão doce.

[Carter disse que se chama algodão doce[1] na América. Eu não ligo. Cresci em Londres, então só espere e aprenda o jeito apropriado de dizer as coisas.]

Uma banda tocava música country antiga no palco. Cordas de luzinhas pisca-pisca brilhavam nas árvores. Magos ocasionalmente surgiam de portas secretas nas esculturas ou invocavam faíscas de fogo para afugentar os malditos mosquitos, mas tirando isso, se parecia muito com uma festa normal.

O líder do Quinquagésimo Primeiro Nomo, JD Grissom, estava conversando com seus convidados e degustando um prato de tacos de carne quando nós o puxamos para um encontro de emergência. Me senti mal por isso, mas não havia muita escolha, considerando o perigo que ele estava correndo.

— Um ataque? — Ele franziu o cenho — A exposição Tut esteve aberta por um mês. Se Apófis fosse atacar, ele já não teria atacado?

JD era alto e robusto, com um rosto enrugado e sem expressão, cabelo ruivo emplumado e mãos tão grossas quanto casca de árvore. Ele parecia estar perto dos quarenta anos, mas é difícil de dizer com magos. Ele podia ter quatrocentos anos. Ele vestia um terno preto com uma gravata de laço e um cinto de fivela Lone Star grande e prata, como um marechal de Faroeste.

— Vamos conversar no caminho — Carter disse. Ele começou a nos levar na direção oposta do jardim.

Tenho que admitir que meu irmão estava agindo extraordinariamente confiante.

---

[1] No original em inglês aparecem as palavras *Candy floss* e *Cotton candy*, ambas significam algodão doce, porém uma é mais comumente usada nos EUA enquanto outra na Inglaterra.

Ele ainda era um imbecil de marca maior, é claro. Seu cabelo castanho tinha uma falha do lado esquerdo onde seu grifo tinha lhe dado uma “mordida de amor,” e você podia dizer pelos cortes no rosto que ele não era muito bom na arte de se barbear. Mas desde o seu décimo quinto aniversário ele tinha disparado no peso e colocado nos músculos horas de treino de combate. Ele parecia preparado e maduro em suas roupas pretas de linho, especialmente com a espada *khopesh* a seu lado. Eu quase conseguia imaginá-lo como um líder sem rir histericamente.

[Por que você está me encarando, Carter? Essa foi uma descrição bem generosa.]

Carter deu a volta na mesa de Buffet, pegando um punhado de tortillas.

— Apófis tem um padrão — ele disse a JD. — Todos os outros ataques aconteceram na noite de lua nova, quando a escuridão é maior. Acredite em mim, ele vai atacar seu museu hoje à noite. E ele vai atacar forte.

JD Grissom se espremeu em torno de um grupo de magos bebendo champanhe.

— Esses outros ataques... — ele disse. — Você quer dizer os de Chicago e da Cidade do México?

— E Toronto — Carter disse. — E... mais alguns.

Eu sabia que ele não queria falar mais. Os ataques que tínhamos testemunhado no verão deram a nós dois pesadelos.

Verdade, o verdadeiro Armageddon ainda não havia chegado. Já fazia seis meses desde que a cobra do caos, Apófis, havia escapado de sua prisão no Submundo, mas ele ainda não tinha lançado uma invasão em grande escala no mundo mortal como havíamos esperado. Por alguma razão, a serpente estava passando o tempo, fazendo ataques menores nos nomos que pareciam seguros e felizes.

Como esse, pensei.

Enquanto passávamos pelo pavilhão, a banda terminava a música. Uma moça bem loira com um violino ergueu seu arco para JD.

— Qual é, docinho! — ela gritou. — Precisamos de você na guitarra!

Ele forçou um sorriso.

— Já vou, querida. Já volto.

Continuamos a caminhar. JD se virou para nós.

— Minha esposa, Anne.

— Ela também é uma maga? — perguntei.

Ele assentiu, sua expressão ficando sombria.

— Esses ataques. Por que vocês têm tanta certeza de que Apófis atacará *aqui*?

A boca de Carter estava cheia de tortillas, então sua resposta foi “Mhm-hmm.”

— Ele está atrás de um certo artefato — traduzi — Ele já destruiu cinco cópias dele. O último que restou por acaso está na sua exposição de Tut.

— Qual artefato? — JD perguntou.

Eu hesitei. Antes de ir a Dallas, tínhamos projetado todos os tipos de feitiços de escudo e carregado amuletos de proteção para prevenir bisbilhoteiros mágicos, mas eu ainda fiquei nervosa de contar nossos planos em voz alta.

— Melhor nós te mostrarmos. — Eu dei a volta em uma fonte, onde dois jovens magos estavam desenhando mensagens de *Eu te amo* brilhantes nas pedras da calçada com suas varinhas. — Nós trouxemos nossa própria equipe de combate para ajudar. Eles estão esperando no museu. Se você nos deixar examinar o artefato, possivelmente levá-lo conosco para mantê-lo a salvo...

— Levá-lo com *vocês*? – JD fez uma carranca. — A exposição é altamente protegida. Tenho meus melhores magos circundando dia e noite. Você acha que pode fazer melhor na casa no Brooklyn?

Paramos na beira do jardim. No outro lado da rua, um cartaz do rei Tut de dois andares de altura estava pendurado do lado do museu.

Carter tirou seu celular do bolso. Ele mostrou a JD Grissom uma imagem na tela — uma mansão queimada que uma vez fora o quartel general para o Centésimo Nomo em Toronto.

— Tenho certeza que seus guardas são bons — Carter disse. — Mas preferiríamos não fazer de seu nomo um alvo para Apófis. Nos outros ataques como esse... os servos da serpente não deixaram nenhum sobrevivente.

JD encarou a tela do celular, então olhou para sua esposa, Anne, que estava caminhando com um passo de dois.

— Ótimo — JD disse. — Espero que seu time seja melhor.

— Eles são incríveis — prometi. — Qual é, deixe-me apresentá-los a você.

Nosso esquadrão de combate estava ocupado invadindo a loja de presentes.

Felix tinha invocado três pinguins, e cada qual estava vagueando ao redor vestindo máscaras do rei Tut de papel. Nosso amigo babuíno, Khufu, sentou no topo de uma estante lendo *A História dos Faraós*, o que teria sido bem impressionante se ele não estivesse segurando o livro de cabeça para baixo. Walt – ah, querido Walt, *por quê*? – tinha aberto o armário de jóias e estava examinando braceletes e colares como se fossem mágicos. Alyssa levitava potes de argila com seu elemento mágico terra, fazendo mabalarismo com vinte ou trinta de uma vez em um número oito.

Carter pigarreou.

Walt congelou, suas mãos cheias de jóias de ouro. Khufu caiu da prateleira, espalhando a maioria dos livros. A cerâmica de Alyssa caiu no chão. Felix tentou enxotar seus pinguins para trás da gaveta da caixa registradora. (Ele tem um sentimento bem forte sobre a utilidade de pinguins. Temo que não possa explicar isso.)

JD Grissom tamborilou seus dedos contra seu cinto Lone Star.

— Esse é seu time incrível?

— Sim! — Tentei dar um sorriso de vitória. — Desculpe pela bagunça. Eu só vou, hm...

Puxei minha varinha do meu cinto e recitei uma palavra de poder: "*Hi-nehm!*"

Eu melhorei em alguns feitiços. Na maior parte do tempo, agora eu conseguia canalizar poder de minha deusa patrono Ísis sem desmaiar. E eu não explodi nenhuma vez.

O hieróglifo de *Unir* brilhou brevemente no ar:

Pedaços quebrados de cerâmica voaram, uniram-se e se remendaram sozinhos. Livros voltaram à prateleira. As máscaras do rei Tut voaram dos pinguins, revelando serem — *suspira* — pinguins.

Nossos amigos pareceram bem embaraçados.

— Desculpe — Walt murmurou, devolvendo as jóias na caixa. — Ficamos entediados.

Eu não conseguia ficar brava com Walt. Ele era alto e atlético como um jogador de basquete, em calças de exercícios e camiseta sem mangas que mostravam seus braços esculpidos. Sua pele era da cor de chocolate quente, seu rosto inteiro tão majestoso e incrível quanto as estátuas de seus ancestrais faraós.

Se eu gostava dele? Bem, é complicado. Vou falar mais sobre isso depois.

JD Grissom olhou nossa equipe.

— Prazer em conhecer a todos — Ele tentou conter seu entusiasmo. — Venham comigo.

O salão principal do museu era uma vasta sala branca com mesas de café vazias, um palco e um teto alto o bastante para uma girafa de estimação. De um lado, escadas levavam a um terraço com um grupo de funcionários. Do outro lado, paredes de vidro mostravam o horizonte noturno de Dallas.

JD apontou para o terraço, onde dois homens em vestes pretas estavam patrulhando.

— Viu só? Guardas estão em todo lugar.

Os homens tinham seus cajados e varinhas prontas. Eles olharam para nós, e notei que seus olhos estavam brilhando. Hieróglifos foram pintados em suas maçãs do rosto como pintura de guerra.

Alyssa sussurrou para mim:

— O que houve com os olhos deles?

— Mágica de sobrevivência — adivinhei — os símbolos permitem que os guardas vejam no Duat.

Alyssa beliscou seu lábio. Já que seu patrono era o deus da terra Geb, ela gostava de coisas sólidas, como pedra e barro. Ela não gostava de altura nem de água profunda. Ela *definitivamente* não gostava da ideia do Duat — o domínio mágico que coexistia com o nosso.

Uma vez, quando descrevi o Duat como um oceano debaixo de nossos pés com várias camadas de dimensões descendo para sempre, acho que Alyssa estava quase ficando enjoada.

Felix, de dez anos, por outro lado, não tinha enjoo nenhum.

— Legal! — ele disse. — Quero ter olhos brilhantes.

Ele traçou seus dedos por suas bochechas, deixando gotas roxas brilhantes no formato da Antártica.

Alyssa riu.

— Pode ver o Duat agora?

— Não — ele admitiu. — Mas posso ver meus pinguins muito melhor.

— Precisamos nos apressar — Carter nos lembrou — Apófis geralmente ataca quando a lua está no auge de sua transição. — Que é...

— *Agh*! — Khufu ergueu dez dedos. Deixe isso para um babuíno que tem um sentido astronômico perfeito.

— Em dez minutos — eu disse. — Simplesmente brilhante.

Nos aproximamos da entrada da exposição do rei Tut, que era bem difícil de não ver por causa do cartaz dourado gigante que lia-se EXPOSIÇÃO DO REI TUT. Dois magos estavam em guarda com leopardos adultos na coleira.

Carter olhou para JD de espanto.

— Como você conseguiu acesso completo ao museu?

O texano encolheu os ombros.

— Minha esposa, Anne, é presidente do conselho. Então, qual artefato você queria ver?

— Eu estudei os mapas da exposição — Carter disse. — Venha. Vou te mostrar.

Os leopardos pareciam estar bem interessados nos pinguins de Felix, mas os guardas os seguraram e nos deixaram passar.

Lá dentro, a exposição era extensa, mas eu duvido que você se importaria com os detalhes. Um labirinto de salas com sarcófagos, estátuas, mobília, joias de outro — blá, blá, blá. Eu teria passado por

isso tudo. Já tinha visto coleções egípcias o bastante para várias vidas, muito obrigada.

Além disso, onde quer que eu olhasse, via lembranças de experiências ruins.

Passamos por caixões de *shabti*, sem dúvida encantados para ganhar vida quando chamados. Já passei da cota de destruí-los. Passamos por estátuas de monstros e deuses carrancudos com quem eu já havia lutado pessoalmente — a urubu Nekhbet, que havia possuído minha avó (longa história); o crocodilo Sobek, que havia tentado matar minha gata (uma história mais longa); e a deusa leoa Sekhmet, a quem nós tínhamos vencido com molho de pimenta (nem pergunte).

O mais perturbador de todos: uma pequena estátua de gesso de nosso amigo Bes, o deus anão. A escultura tinha éons de idade, mas reconheci aquele nariz de argamassa, as costeletas grossas, a pança, e o rosto adoravelmente feio que parecia ter sido atingido repetidamente por uma frigideira. Nós só tínhamos conhecido Bes por alguns dias, mas ele tinha literalmente sacrificado sua alma por nós. Agora, a cada vez que eu o via, me lembrava de uma dívida que eu nunca poderia pagar.

Eu devo ter encarado a estátua por muito mais tempo que imaginei. O resto do grupo tinha passado por mim e virado para a próxima sala, quase vinte metros à frente, quando uma voz perto de mim disse “Psst!”

Olhei ao redor. Achei que a estátua de Bes podia ter falado. Então a voz falou de novo:

— Ei, boneca. Escuta. Não há muito tempo.

Do meio da parede, ao nível dos olhos, o rosto de um homem estava escavado na pintura branca, como se tentasse atravessá-la. Ele tinha um nariz pontudo, lábios muito finos, e uma testa grande. Se fosse da mesma cor da parede, pareceria muito mais vivo. Seus olhos brancos e vazios tentavam fazer um olhar de impaciência.

— Você não vai salvar o pergaminho, boneca — ele avisou. — Mesmo se conseguir, nunca vai entendê-lo. Você precisa de minha ajuda.

Eu já havia experienciado muitas coisas estranhas desde que comecei a praticar magia, então não fiquei particularmente assustada. Mesmo assim, eu sabia que não devia confiar em uma aparição de massa corrida velha que falava comigo, especialmente uma que me chamava de *boneca*. Ele me lembrava um personagem daqueles filmes estúpidos de Máfia que os garotos da casa no Brooklyn gostavam de assistir em seu tempo livre — alguém como tio Vinnie, talvez.

— Quem é você? — Exigi.

O homem bufou.

— Como se não soubesse. Como se houvesse *alguém* que não saiba. Você tem dois dias antes de me derrotarem. Se quiser derrotar Apófis, é melhor pegar umas cordas e me tirar daqui.

— Não tenho idéia do que está falando — eu disse.

O homem não soou como Set, o deus demoníaco, ou a serpente Apófis, ou qualquer um dos outros vilões com quem eu havia lutado antes, mas não dava para ter certeza. Existia essa coisa chamada *magia*, afinal de contas.

O homem projetou seu queixo.

— Certo, entendi. Você quer uma demonstração de confiança. Você nunca vai salvar o pergaminho, mas vá para a caixa dourada. Ela vai te dar uma pista sobre o que precisa, se for esperta o suficiente para entendê-la. Depois de amanhã ao por do sol, boneca. Então minha oferta expira, porque é quando *eu* fico permanentemente...

Ele engasgou. Seus olhos se alargaram. Ele ficou tenso, como se uma armadilha estivesse apertando seu pescoço. Ele lentamente voltou à parede.

— Sadie? — Walt chamou do fim do corredor. — Está tudo bem?

Olhei para ele.

— Você viu isso?

— Vi o quê? — ele perguntou.

Claro que não, pensei. Que engraçado seria se outras pessoas vissem minha visão do tio Vinnie? Então eu não poderia me perguntar se estava delirando ou ficando maluca.

A entrada para a próxima sala estava flanqueada por duas esfinges gigantes de obsidiana com os corpos de leões e as cabeças de carneiro. Carter disse que esse tipo particular de esfinge é chamada de criosfinge. [Obrigada, Carter. Todos nós estávamos morrendo de vontade de aprender coisas inúteis.]

— *Agh!* — Khufu avisou, erguendo cinco dedos.

— Cinco minutos restantes — Carter traduziu.

— Me dê um momento — JD disse. — Essa sala tem os feitiços protetores mais fortes. Vou precisar modificá-los para vocês passarem.

— Hã — eu disse nervosa — mas os feitiços ainda vão afastar os inimigos, como a cobra gigante do caos, certo?

JD me deu um olhar exasperado, do qual tentei entender bem.

— Eu *sei* uma ou outra coisa sobre magia de proteção — ele prometeu. — Confie em mim. — Ele ergueu sua varinha e começou o encantamento.

Carter me puxou para o seu lado.

— Você está bem?

Eu devia ter ficado muito abalada do meu encontro com tio Vinnie.

— Estou bem — eu disse. – Vi uma coisa lá atrás. Provavelmente só um dos truques de Apófis, mas...

Meus olhos desviaram para o outro fim do corredor. Walt estava olhando para um trono dourado em uma cápsula de vidro. Ele foi para frente com uma mão no vidro como se estivesse doente.

— Espera aí — eu disse a Carter.

Fui para o lado de Walt. A luz da exposição banhava seu rosto, tornando seus traços marrom avermelhados como os morros do Egito.

— O que foi? — perguntei.

— Tutancâmon morreu nessa cadeira — ele disse.

Li a placa. Não dizia nada sobre Tut ter morrido na cadeira, mas Walt pareceu ter certeza. Talvez ele pudesse sentir a maldição da família. O rei Tut era o tio-avô no bilionésimo grau de Walt, e o mesmo veneno genético que matou Tut aos dezenove anos agora corria pelo sangue de Walt, ficando mais forte quando mais ele praticava magia. Mesmo assim, Walt se recusava a desistir. Olhando para o trono de seu ancestral, ele devia se sentir como estivesse lendo seu próprio obituário.

— Vamos encontrar uma cura — prometi. — Assim que derrotarmos Apófis...

Ele olhou para mim, e minha voz fraquejou. Nós dois sabíamos que nossas chances de derrotar Apófis eram poucas. Mesmo se conseguíssemos, não havia garantia de que Walt viveria o bastante para comemorar a vitória. Hoje era um dos dias *bons* de Walt, e ainda assim eu podia ver a dor em seus olhos.

— Pessoal — Carter chamou. — Estamos prontos.

A sala além das criosfinges era uma coleção de “maiores sucessos” de vida após a morte egípcia. Um Anúbis de madeira em tamanho real olhava para baixo de seu pedestal. Em cima da réplica da balança da justiça sentava um babuíno dourado, com quem Khufu

imediatamente começou a flertar. Havia máscaras de faraós, mapas do submundo, e vários jarros de vísceras que haviam sido preenchidos com órgãos mumificados.

Carter passou por tudo isso. Ele nos reuniu em torno de um longo rolo de pergaminho em um vidro na parede.

— É isso que você quer? — JD franziu o cenho. — O Livro da Derrota de Apófis? Você deve saber que mesmo os melhores feitiços contra Apófis não fazem muito efeito.

Carter alcançou o bolso e pegou um punhado de papiro queimado.

— Conseguimos salvar isso em Toronto. Era outra cópia desse mesmo rolo.

JD pegou o pergaminho. Não era maior que um cartão de visitas e estava tão queimado que não nos deixou decifrar mais que alguns hieróglifos.

— "Derrotar Apófis..." — ele leu. — Mas esse é um dos rolos de magia mais comuns. Centenas de cópias sobreviveram dos tempos antigos.

— Não. — Lutei contra a vontade de olhar sob o ombro, no caso de serpentes gigantes estarem escutando. — Apófis só está atrás de uma versão em particular, escrita por esse sujeito.

Toquei a plaqueta de informação próxima à exibição.

— "Atribuído a Prince Khaemwaset" — eu li — "mais conhecido como Setne".

JD fez uma careta.

— Esse é um nome maligno... um dos magos mais malignos de todos os tempos.

— Foi isso que ouvimos falar — eu disse — e Apófis está destruindo só a versão de *Setne* do rolo. Só sabemos que apenas seis cópias existiram. Apófis já queimou cinco. Essa é a última.

JD estudou o papiro queimado em dúvida.

— Se Apófis realmente se ergueu do Duat com todo o seu poder, por que se importaria com alguns rolos? Nenhum feitiço possivelmente irá pará-lo. Por que ele já não destruiu o mundo?

Estivemos perguntando essa mesma questão para nós mesmos por meses.

— Apófis tem medo desse rolo — eu disse, esperando estar certa. — Algo dentro dele deve conter o segredo para derrotá-lo. Ele quer ter certeza de que todas as cópias sejam destruídas antes de invadir o mundo.

— Sadie, precisamos nos apressar — Carter disse. — O ataque pode vir a qualquer minuto.

Cheguei mais perto do rolo. Ele parecia ter cerca de dois metros de comprimento e meio metro de largura, com linhas densas de hieróglifos e ilustrações coloridas. Eu já tinha visto um monte de rolos como esse descrevendo meios de derrotar o caos, com encantamentos desenvolvidos para evitar que a serpente Apófis devore o deus do sol Rá em sua jornada noturna pelo Duat. Egípcios antigos eram bem obcecados com esse assunto. Galera animada, esses egípcios.

Eu conseguia ler os hieróglifos – um dos meus vários incríveis talentos – mas o rolo tinha muito a revelar. À primeira vista, nada me pareceu particularmente útil. Havia as usuais descrições do Rio da Noite, no qual o barco do sol de Rá navegava rio abaixo. Havia dicas de como lidar com vários demônios no Duat. Reconhecê-los. Matá-los. Conseguir a camiseta.

— Sadie? — Carter perguntou. — Alguma coisa?

— Não sei ainda — murmurei. — Só um momento.

Achei chato que meu irmão estudioso fosse o mago de combate, enquanto *eu* era a grande leitora de magia. Eu mal tinha paciência com revistas, muito menos com rolos bolorentos.

Você nunca vai entendê-lo, o rosto na parede havia avisado. *Precisa de minha ajuda*.

— Temos que levar isso conosco — decidi. — Tenho certeza que posso descobrir alguma coisa com um pouco mais...

O prédio sacudiu. Khufu gritou e pulou para os braços do babuíno dourado. Os pinguins de Felix pinguinaram ao redor freneticamente.

— Isso parece... — O rosto de JD Grissom ficou branco. — Uma explosão lá fora. A festa!

— É uma distração — Carter avisou. – Apófis está tentando atrair nossas defesas para longe do rolo.

— Eles estão atacando meus amigos — JD disse em uma voz estrangulada. — Minha esposa.

— Vai! — Eu disse. Olhei para meu irmão. — Podemos tomar conta do rolo. A *esposa* de JD está em perigo!

JD apertou minhas mãos.

— Pegue o rolo. Boa sorte.

Ele correu da sala.

Me virei para a exibição.

— Walt, pode abrir o vidro? Precisamos tirar isso daqui o mais rápido...

Uma risada maléfica preencheu a sala. Uma voz áspera e forte, profunda como uma explosão nuclear, ecoou por todos os lados:

— *Acho que não, Sadie Kane*.

Minha pele pareceu ter virado papiro. Eu me lembrava daquela voz. Lembrava como parecia estar tão perto do caos, como se seu sangue estivesse pegando fogo, e as cadeias do meu DNA estivessem se desenrolando.

— *Acho que vou destruir você junto dos guardiões do Ma'at* — Apófis disse. — *Sim, isso será divertido.*

Na entrada da sala, as duas criosfinges de obsidiana se viraram. Elas bloquearam a saída, ficando ombro a ombro. Chamas ondulavam de suas narinas.

Na voz de Apófis, elas falaram em uníssono:

— Ninguém deixa esse lugar vivo. Adeus, Sadie Kane.

2. Eu Tenho Uma Conversa Com o Caos

Você se surpreenderia ao saber que as coisas correram mal lá?

Eu não pensei assim.

Nossas primeiras vítimas foram os pinguins de Felix. As criosfinges sopraram fogo nas aves infelizes, e elas derreteram em poças de água.

— Não! — Felix chorou.

O quarto retumbou, muito mais forte desta vez.

Khufu gritava e pulava na cabeça de Carter, derrubando-o para o chão. Em circunstâncias diferentes, teria sido engraçado, mas percebi que Khufu tinha acabado de salvar a vida do meu irmão.

Onde Carter estava em pé, o chão se dissolveu, telhas de mármore desmoronavam como se tivessem sido despedaçadas por uma britadeira invisível. A área de ruptura serpenteava por toda a sala, destruindo tudo em seu caminho, sugando artefatos no chão e mastigando-os em pedaços. Sim... *Serpenteava* era a palavra certa. A destruição deslizou exatamente como uma serpente, indo direto para a parede de trás e para o O Livro da Derrota de Apófis.

— Pergaminho! —, gritei.

Ninguém parecia ouvir. Carter ainda estava no chão, tentando arrancar Khufu de sua cabeça. Felix ajoelhou-se em choque junto as poças de seus pinguins, enquanto Walt e Alyssa tentavam puxá-lo para longe das criosfinges de fogo.

Puxei a varinha do meu cinto e gritei a primeira palavra do poder que me veio à mente: *“Drowah!”*

Hieróglifos dourados – o comando para *Limite* – brilhou no ar. Uma parede de luz brilhou entre a vitrine a linha de avanço da destruição:

Eu usava frequentemente esta magia para separar brigas de iniciantes ou proteger o armário do lanche da tarde de ataques noturnos, mas eu nunca tentei fazer isso para algo tão importante.

Logo que a britadeira invisível atingiu meu escudo, o feitiço começou a se desfazer. O distúrbio se espalhou até a parede de luz, sacudindo-a em pedaços. Eu tentei me concentrar, mas uma força muito mais poderosa – Caos em pessoa – estava trabalhando contra mim, invadindo minha mente e dispersando minha magia.

Em pânico, eu percebi que não poderia continuar. Eu estava bloqueada em uma batalha que eu não poderia ganhar. Apófis estava triturando meus pensamentos tão facilmente quanto ele triturou o chão.

Walt derrubou a varinha de minhas mãos.

A escuridão tomou conta de mim. Eu caí nos braços de Walt. Quando minha visão clareou, minhas mãos estavam queimadas e fumegantes. Eu estava chocada demais para sentir a dor. O Livro da Derrota de Apófis tinha ido embora. Não restou nada, exceto uma pilha de escombros e um enorme buraco na parede, como se um tanque tivesse esmagado tudo.

Desespero ameaçou fechar a minha garganta, mas meus amigos se reuniram em volta de mim. Walt me segurou firme. Carter desembainhou sua espada. Khufu mostrou seus dentes e latiu para as criosfinges. Alyssa abraçou Felix, que estava soluçando em sua manga. Ele rapidamente perdeu sua coragem quando os pinguins se foram.

— Então é isso? — Eu gritei para as criosfinges. — Queimar o livro e fugir como de costume? Você tem tanto medo de se mostrar em pessoa?

Mais risadas rolaram pela sala. As criosfinges ficaram imóveis na porta, mas estatuetas e jóias sacudiam nas vitrines. Com um som de rangido doloroso, a estátua de babuíno dourada que Khufu tinha conversado de repente virou a cabeça.

— *Mas eu estou em todos os lugares*. — A serpente falou pela boca da estátua. — Eu posso destruir qualquer coisa que você dá valor... e qualquer um que você dá valor.

Khufu lamentou em indignação. Ele lançou-se contra o babuíno e derrubou-o. Ele derreteu em uma piscina fumegante de ouro.

Uma estátua diferente ganhou vida – um faraó de madeira dourada com uma lança de caça. Seus olhos cor de sangue se voltaram. Sua boca esculpida se contorceu em um sorriso.

— A sua magia é fraca, Sadie Kane. A civilização humana tem crescido tão velha e podre. Eu vou engolir o deus do sol e mergulhar o mundo em trevas. O Mar do Caos vai consumir todos vocês.

Como se a energia fosse demais para a estátua de faraó conter, ela estourou. Seu pedestal se desintegrou, e outra linha de britadeira mágica do mal serpenteou por toda a sala, agitando os ladrilhos do piso. Dirigindo-se para uma exibição na parede leste – um pequeno gabinete dourado.

Salve isso, disse uma voz dentro de mim – possivelmente meu subconsciente, ou, possivelmente, a voz de Ísis, a minha deusa patrona. Nós compartilhamos pensamentos muitas vezes, era difícil ter certeza.

Lembrei-me do que o rosto na parede havia me dito... *Vá para a caixa dourada. Isso vai lhe dar uma pista sobre o que você precisa.*

— A caixa —, eu gritei. — Parem-no!

Meus amigos me encararam. De algum lugar lá fora, uma outra explosão sacudiu o prédio. Pedaços de gesso choviam do teto.

— São estas crianças o melhor que você poderia enviar contra mim? — Apófis falou de um *shabti* marfim da vitrine mais próxima – um marinheiro em miniatura em um barco de brinquedo. — Walt Stone... você é o sortudo. Mesmo que você sobreviva a hoje à noite, sua doença irá matá-lo antes de minha grande vitória. Você não terá que observar o seu mundo destruído.

Walt cambaleou. De repente, eu estava apoiando ele. Minhas mãos queimadas doíam tanto que eu tive que lutar com uma onda de náusea.

A linha de destruição deslisava pelo chão, continuava caminhando para o gabinete de ouro. Alyssa estendeu sua varinha e gritou um comando.

Por um momento, o piso se estabilizou, se alisando em uma folha sólida de pedra cinzenta. Em seguida, novas rachaduras apareceram, e a força do Caos continuou seu caminho.

— Muito bom, Alyssa, — a serpente disse, — a terra que você ama vai se dissolver no caos. Você não terá lugar para ficar!

A varinha de Alyssa explodiu em chamas. Ela gritou e jogou-a de lado.

— Pare com isso! — Felix gritou. Ele quebrou a caixa de vidro com a sua varinha e demoliu o marinheiro em miniatura, juntamente com uma dúzia de outros *shabti*.

A voz de Apófis simplesmente mudou-se para um amuleto de jade de Ísis em um manequim nas proximidades.

— Ah, pequeno Felix, acho você engraçado. Talvez eu vá mantê-lo como um animal de estimação, como os pássaros ridículos que você ama. Pergunto-me quanto tempo você vai durar antes de sua sanidade se desintegrar.

Felix jogou sua varinha e derrubou o manequim.

A trilha do Caos estava agora na metade do caminho para o gabinete dourado.

— Ele está depois daquela caixa! — Eu consegui dizer. — Salve a caixa!

Certo, não foi a chamada mais inspiradora para a batalha, mas Carter pareceu entender. Ele pulou na frente do avanço do Caos, fincou sua espada no chão. Sua lâmina cortou o mármore como

sorvete. Uma linha azul de magia se estendeu para ambos os lados – a própria versão de Carter de um campo de força. A linha de ruptura bateu contra a barreira e parou.

— *Pobre Carter Kane*. — A voz da serpente estava em tudo a nossa volta agora – pulando de artefato em artefato, cada um estourando por causa do poder do Caos. —*Sua liderança está condenada. Tudo o que você tentou construir vai desmoronar. Você vai perder aqueles que você mais ama.*

A linha defensiva azul de Carter começou a tremer. Se eu não ajudar ele rapidamente...

— Apófis —, eu gritei. — Por que esperar para me destruir? Faça isso agora, seu rato-cobra!

Um assobio ecoou pela sala. Talvez eu deva mencionar que um dos meus muitos talentos é fazer as pessoas ficarem com raiva. Aparentemente, isso funciona em cobras, também.

O piso se estabilizou. Carter liberou seu feitiço de proteção e quase caiu. Khufu, abençoada seja a inteligencia dos babuínos, pulou para o gabinete dourado, pegou-o, e fugiu com ele.

Quando Apófis falou novamente, sua voz endureceu com raiva.

— *Muito bem, Sadie Kane. É hora de morrer*.

As duas esfinges com cabeça de carneiro se mecheram, suas bocas brilhando com chamas. Em seguida, elas se lançaram direto para mim.

Felizmente uma delas escorregou em uma poça de água de pinguim e derrapou para a esquerda. A outra teria rasgado a minha garganta se não tivesse sido abordada por um camelo oportuno.

Sim, um camelo em tamanho real. Se você achar isso confuso, imagine como a criosfinge deve ter se sentido.

De onde é que o camelo veio? Você pergunta. Talvez eu tenha mencionado a coleção de amuletos de Walt. Dois deles invocam camelos repugnantes. Eu os conheci antes, assim eu não estava tão animada quando uma tonelada de carne de dromedário voou em minha linha de visão, se chocou com a esfinge, e caiu em cima dela. A esfinge rosnou em indignação enquanto tentava libertar-se. O camelo grunhiu e peidou.

— Hindenburg —, eu disse. Só um camelo pode peidar tanto. — Walt, porque diabos...?

— Desculpe —, ele gritou. — Amuleto Errado!

A técnica funcionou, de qualquer forma. O camelo não era muito um lutador, mas era muito pesado e desajeitado. A criosfinge rosnou e arranhou o chão, tentando, sem sucesso, se livrar do camelo, mas Hindenburg apenas espalmou suas pernas, fazendo sons como uma buzina de alarme, e soltando o gás.

Eu me mudei para o lado de Walt e tentei me orientar.

A sala estava literalmente um caos. Gavinhas de luz vermelha se espalhavam entre as exposições. O chão estava ruindo. As paredes rachadas. Os artefatos estavam ganhando vida e atacando os meus amigos.

Carter rechaçava a outra criosfinge, apunhalando-a com sua *khopesh*, mas o monstro defendeu seus ataques com seus chifres e soprou fogo.

Felix foi cercado por um tornado de vasos canopos[2] que golpeava-o de todas as direções enquanto ele golpeava-o com sua varinha. Um exército de *shabtis* pequenos tinha cercado Alyssa, que estava cantando desesperadamente, usando sua magia da terra para manter a sala inteira. A estátua de Anúbis perseguiu Khufu pela sala, esmagando coisas com os seus punhos conforme nosso valente babuíno embalava o gabinete de ouro.

Em toda nossa volta, o poder do Caos crescia. Eu o sentia em meus ouvidos como uma tempestade que se aproxima. A presença de Apófis estava tremendo para além do museu.

Como eu poderia ajudar todos os meus amigos ao mesmo tempo, proteger o gabinete de ouro, *e* evitar que o museu entrasse em colapso em cima de nós?

— Sadie —, Walt pediu. — Qual é o plano?

A primeira criosfinge finalmente empurrou Hindenburg para longe. Ele virou-se e tocou fogo no camelo, que deixou um peido final e encolheu-se em um amuleto de ouro inofensivo. Em seguida, a Criosfinge se virou para mim. Ela não parecia satisfeita.

— Walt —, eu disse, — me dê cobertura.

— Claro. — Ele olhou para a criosfinge incerto. — Enquanto você faz o quê?

Boa pergunta, eu pensei.

— Temos que proteger esse gabinete —, disse. — É uma espécie de pista. Temos que restaurar o Ma'at, ou este edifício vai implodir e vamos todos morrer.

---

[2] Vasos canópicos ou canopos eram recipientes utilizados no Antigo Egito para colocar órgãos retirados do morto durante o processo de mumificação.

— Como podemos restaurar Ma'at?

Em vez de responder, eu me concentrei. Abaixei minha visão para o Duat.

É difícil descrever o que é experimentar o mundo em vários níveis de uma só vez, é um pouco como olhar através de óculos 3D e ver nebulosas auras coloridas ao redor das coisas, exceto que as auras nem sempre correspondem aos objetos e as imagens estarem constantemente mudando. Magos tem que ter cuidado quando olham para o Duat. Na melhor das hipóteses, você se sentirá levemente nauseado. Na pior, seu cérebro vai explodir.

No Duat, a sala estava cheia com os aros se contorcendo de uma gigante cobra vermelha – a magia de Apófis em lenta expansão e cercando os meus amigos. Eu quase perdi a concentração junto com meu jantar.

Ísis, eu chamei. *Uma pequena ajuda?*

A força da deusa surgiu através de mim. Eu estendi meus sentidos e vi meu irmão lutando contra a criosfinge. Em pé no lugar de Carter estava o deus guerreiro Hórus, com sua espada resplandecente de luz.

Rodando em torno de Felix, os vasos canopos eram os corações dos espíritos do mal – sombras que agarravam e arranhavam o nosso jovem amigo, embora Felix tivesse uma aura surpreendentemente poderosa no Duat. Seu brilho vívido roxo parecia manter os espíritos na baía.

Alyssa estava rodeada por uma tempestade de pó na forma de um gigante homem. Enquanto ela cantava, Geb o deus terra levantou os braços e segurou o teto. O exército *shabti* em torno dela ardia como fogo.

Khufu não parecia diferente no Duat, mas enquanto ele saltava ao redor da sala fugindo da estátua de Anúbis, o gabinete de ouro que ele levava se abriu. Dentro era pura escuridão – como se estivesse cheia de tinta de polvo.

Eu não tinha certeza do que aquilo significava, mas então eu olhei para Walt e engasguei.

No Duat, ele estava envolto em linho cinza bruxuleante – pano de múmia. Sua carne era transparente. Seus ossos estavam iluminados, como se fosse um raio-X vivo.

Sua maldição, pensei. *Ele está marcado para morrer.*

Ainda pior: a criosfinge de frente para ele era o centro da tempestade de Caos. Gavinhas de luz vermelha se espalhavam a partir do seu corpo. Seu rosto de carneiro mudou para a cabeça de Apófis, com olhos amarelos serpenteantes e presas gotejantes.

Ele se lançou para Walt, mas antes que pudesse atacar, Walt jogou um amuleto. Correntes de ouro explodiram na cara do monstro, se envolvendo em torno de seu focinho. A criosfinge tropeçou e se debateu como um cão em uma focinheira.

— Sadie, está tudo bem. — A voz de Walt soou mais profunda e mais confiante, como se ele fosse mais velho no Duat. — Diga a sua magia. Depressa.

A criosfinge flexionou suas mandíbulas. As correntes de ouro gemeram. A outra criosfinge havia apoiado Carter contra a parede. Felix estava de joelhos, sua aura roxa falhando em um redemoinho de espíritos das trevas. Alyssa estava perdendo sua batalha contra a sala desmoronando conforme pedaços do teto caiam em torno dela. A estátua de Anúbis pegou a cauda de Khufu, segurou-o de cabeça

para baixo enquanto o babuíno uivava e passava os braços em torno do gabinete de ouro.

Agora ou nunca: eu tive que restaurar a ordem.

Eu canalizei o poder de Ísis, extraindo tão profundamente de minhas próprias reservas de magia que eu pude sentir a minha alma começar a queimar. Obriguei-me a me concentrar, e eu falei a mais poderosa de todas as palavras divinas: “Ma'at.”

O hieróglifo queimava na minha frente, pequeno e brilhante como um sol miniatura:

— Bom! — Walt disse. — Mantenha isso! — De alguma forma ele havia conseguido puxar as correntes e pegar focinho da esfinge. Enquanto a criatura o batia com toda a sua força, a estranha aura cinza de Walt estava se espalhando por todo o corpo do monstro como uma infecção. A criosfinge assobiava e se contorcia. Eu peguei uma baforada de decomposição como o ar de um túmulo – tão forte que eu quase perdi minha concentração.

— Sadie —, Walt pediu, — mantenha a mágica!

Eu me concentrei no hieróglifo. Canalizei toda a minha energia no símbolo da ordem e da criação. A palavra brilhou mais forte. Os aros da serpente queimaram como nevoeiro no sol. As duas criosfinges desmoronaram em pó. Os vasos canopos caíram e quebraram. A estátua de Anúbis deixou Khufu cair. O exército de *shabti* congelou em torno de Alyssa, e sua magia da terra se espalhou pela sala, vedando frestas e escorando as paredes.

Senti Apófis se retirando mais fundo no Duat, sibilando de raiva.

Então eu prontamente desabei.

— Eu disse que ela poderia fazer isso, — disse uma voz gentil.

A voz de minha mãe... mas é claro que era impossível. Ela estava morta, o que significava que eu falaria com ela apenas ocasionalmente, e apenas no submundo.

Minha visão voltou, confusa e obscura. Duas mulheres pairavam sobre mim. Uma era minha mãe, os cabelos loiros amarrados para trás, seus profundos olhos azuis brilhantes com orgulho. Ela era transparente, como fantasmas tendem a ser, mas a voz dela estava quente e muito viva.

— Não é o fim ainda, Sadie. Você deve seguir em frente.

Próximo a ela estava Ísis em seu vestido branco de seda, suas asas de arco-íris de luz piscando atrás dela. Seu cabelo era preto brilhante, tecido com fios de diamantes. Seu rosto era tão bonito como o da minha mãe, mas mais rainha, menos apaixonado.

Não entenda mal. Eu sabia por compartilhar os pensamentos de Ísis que ela cuidava de mim de seu próprio jeito, mas os deuses não são humanos. Eles têm dificuldade de pensar em nós como mais do que ferramentas úteis ou animais de estimação bonitos. Para os deuses, uma vida humana não parece durar muito mais tempo do que a de um esquilo-da-mongólia.

— Eu não teria acreditado —, disse Ísis. — O último mágico a invocar o Ma'at foi a própria Hatshepsut, e mesmo ela só pode fazer isso enquanto usava uma barba falsa.

Eu não tinha idéia do que isso significava. Decidi que não queria saber.

Tentei me mover, mas não consegui. Eu senti como se estivesse flutuando na parte inferior de uma banheira, suspensa em água quente, as duas mulheres me encaravam com rostos ondulando pouco acima da superfície.

— Sadie, ouça com atenção —, disse minha mãe. — Não se culpe pelas mortes. Quando você fizer o seu plano, seu pai vai contestar. Você deve convencê-lo. Diga-lhe que é a única maneira de salvar as almas dos mortos. Diga-lhe... — A sua expressão ficou sombria. — Diga-lhe que é a única maneira de me ver novamente. Você precisa ter sucesso, meu doce.

Eu queria perguntar o que ela queria dizer, mas eu não conseguia falar.

Ísis tocou na minha testa. Seus dedos eram tão frio como a neve. — Nós não devemos forçá-la mais. Adeus por agora, Sadie. O momento em que nós precisaremos nos unir novamente se aproxima rapidamente. Você está forte. Ainda mais forte do que a sua mãe. Juntas, vamos governar o mundo.

— Você quer dizer, juntas vamos derrotar Apófis, — minha mãe corrigiu.

— É claro —, disse Isis. — Isso é o que eu quis dizer.

Seus rostos borrados se juntaram. Elas falaram em uma só voz:

— Eu te amo.

Uma nevasca varreu meus olhos. Os meus arredores mudaram, e eu estava em um cemitério escuro com Anúbis. Não o mofado e velho deus com cabeça de chacal como ele aparece em

tumbas egípcias de arte, mas Anúbis como eu costumo vê-lo – um adolescente com olhos marrons quentes, cabelo preto desgrenhado e um rosto que é ridiculamente, irritantemente lindo. Quero dizer, por favor – sendo um deus, ele tinha uma vantagem injusta. Ele poderia ser semelhante a qualquer coisa que ele quisesse. Por que ele sempre tem que aparecer nessa forma que torcia minhas entranhas como pretzels[3]?

— Maravilhoso —, eu consegui dizer. — Se você está aqui, eu devo estar morta.

Anúbis sorriu. — Não está morta, mas você chegou perto. Isso foi uma jogada arriscada.

Uma sensação de queimação começou no meu rosto e percorreu seu caminho para o meu pescoço. Eu não tinha certeza se era vergonha, raiva, ou prazer em vê-lo.

— Onde você esteve? — Eu exigi. — Seis meses, sem uma palavra.

Seu sorriso derreteu. — Eles não me deixaram vê-la.

— Quem não iria deixar?

— Existem regras —, disse ele. — Mesmo agora eles estão assistindo, mas você está perto o suficiente da morte para que eu possa gerenciar alguns momentos. Eu preciso te dizer: você tem a idéia certa. Olhe o que *não está* lá. É a única maneira de você sobreviver.

— Certo, — eu resmunguei. — Obrigado por não falar em enigmas.

---

[3] Pretzel: Pão tradicional alemão em forma de nó.

A sensação de calor atingiu o meu coração. Ele começou a bater, e de repente eu percebi que tinha ficado sem um piscar de olhos desde que eu desmaiei. Isso provavelmente não era bom.

— Sadie, há algo mais. — A voz de Anúbis tornou-se aguada. Sua imagem começou a desaparecer. — Eu preciso te dizer...

— Diga-me em pessoa, — eu disse. — Nada disso de 'visão da morte', um absurdo.

— Eu não posso. Eles não vão me deixar.

— Você ainda sooa como um menino. Você é um deus, não é? Você pode bem fazer o que quiser.

A raiva ardia em seus olhos. Então, para minha surpresa, ele riu. — Eu tinha esquecido de como você é irritante. Vou tentar visitá-la... *brevemente*. Nós temos algo para discutir. — Ele estendeu a mão e limpou a lateral do meu rosto. — Você está acordando agora. Adeus, Sadie.

— Não vá. — Eu segurei sua mão e pressionei contra a minha bochecha.

O calor se espalhou por todo meu corpo. Anúbis desapareceu.

Meus olhos se abriram. — Não vá!

Minhas mãos queimadas estavam enfaixadas, e eu estava segurando uma cabeluda pata de babuíno. Khufu olhou para mim, um pouco confuso.

— *Agh*?

Oh, fabuloso. Eu estava flertando com um macaco.

Sentei-me meio grogue. Carter e os nossos amigos se reuniram em volta de mim. A sala não tinha desmoronado, mas a exposição do rei Tut toda estava em ruínas. Eu tinha a sensação de que não seria convidada a juntar-me aos Amigos do Museu de Dallas em breve.

— O-o que aconteceu? — Gaguejei. — Quanto tempo?

— Você ficou morta por dois minutos —, disse Carter, sua voz instável. — Quero dizer, sem *batimentos cardíacos*, Sadie. Eu pensei... eu estava com medo...

Ele engasgou-se. Pobre garoto. Ele realmente teria ficado perdido sem mim.

[Ai, Carter! Não me belisque.]

— Você convocou o Ma'at, — Alyssa disse com espanto. — Isso é tipo... impossível.

Acho que foi bastante impressionante. Usar palavras divinas para criar um objeto como um animal ou uma cadeira ou uma espada é difícil o suficiente. Evocar um elemento como o fogo ou a água é ainda mais complicado. Mas a convocação de um conceito, como Ordem, isso apenas não é feito. No momento, porém, eu estava com muita dor para apreciar minha própria extraordinariedade. Eu me sentia como se eu tivesse apenas convocado uma bigorna e jogado na minha própria cabeça.

— Tentativa de sorte —, disse. — E o gabinete de ouro?

— *Agh!* — Khufu apontou orgulhosamente para a caixa dourada, que estava próxima, sã e salva.

— Bom babuíno —, eu disse. — Cheerios[4] extra para você esta noite.

Walt franziu a testa. — Mas O Livro da Derrota de Apófis foi destruído. Como é que um gabinete vai nos ajudar? Você disse que era algum tipo de pista...?

Eu achei difícil olhar para Walt sem me sentir culpada. Meu coração tinha estado dividido entre ele e Anúbis por meses, e não era justo que Anúbis aparecesse em meus sonhos, fazendo tudo parecer quente e imortal, enquanto o pobre Walt estava arriscando sua vida para me proteger e ficando mais fraco a cada dia. Lembrei-me de como o tinha visto no Duat, na sua roupa de múmia fantasmagórica cinzenta....

Não. Eu não podia pensar nisso. Obriguei-me a me concentrar no armário de ouro.

Olhe para o que não está lá, Anúbis tinha dito. Deuses sanguinários e seus enigmas sangrentos.

O rosto do Tio Vinnie na parede dissera-me que a caixa nos daria uma dica sobre como derrotar Apófis, se eu fosse inteligente o suficiente para entendê-la.

— Eu não sei o que isso significa, no entanto, — eu admiti. — Se os Texanos nos deixarem levá-la de volta para a Casa do Brooklyn...

A compreenssão horrível caiu sobre mim. Não havia mais sons de explosões lá fora. Apenas um silêncio sinistro.

— Os Texanos! — Eu gritei. — O que aconteceu com eles?

---

[4] Cheerios: Marca de cereal.

Felix e Alyssa correram para a saída. Carter e Walt ajudaram-me a ficar de pé, e nós corremos atrás deles.

Os guardas tinham desaparecido de seus postos. Nós alcançamos o hall de entrada do museu, e eu vi a coluna de fumaça branca saindo das paredes de vidro, subindo do jardim de esculturas.

— Não —, eu murmurei. — Não, não.

Nós corremos para o outro lado da rua. O gramado bem cuidado era agora uma cratera do tamanho de uma piscina olímpica. O fundo estava coberto com esculturas de metal derretido e pedaços de pedra. Túneis que uma vez levaram para a sede do Quinquagésimo-primeiro Nomo ruíram como um formigueiro gigante em que alguns valentões haviam pisado. Em torno da borda da cratera estavam pratos quebrados de tacos, taças de champanhe quebradas, e as equipes destroçadas de magos.

Não se culpe pelas mortes, minha mãe tinha dito.

Metade da laje de concreto havia rachado e deslizado para dentro da cratera. Um violino carbonizado estava na lama ao lado de um pouco de prata reluzente.

Carter estava ao meu lado. — Nós devemos procurar... — disse ele. — Pode haver sobreviventes.

Eu engoli um soluço. Eu não sabia como, mas sentia a verdade com uma certeza absoluta. — Não há qualquer sobrevivente.

Os magos do Texas tinham nos acolhido e nos apoiado. JD Grissom havia sacudido a minha mão e me desejou sorte antes de correr para fora para salvar sua esposa. Mas nós vimos o trabalho de Apófis em outro nomos. Carter tinha avisado JD: Os lacaios da Serpente não deixam qualquer sobrevivente.

Ajoelhei-me e peguei o pedaço brilhante de prata – uma fivela de cinto Lone Star meio derretida.

— Eles estão mortos —, disse. — Todos eles.

3. Nós Ganhamos uma Caixa Cheia de Nada

Nessa observação feliz, Sadie me dá o microfone. [Muito obrigado, irmã.]

Eu gostaria de poder dizer-lhe que Sadie estava errada sobre o 51º Nomo. Eu adoraria dizer que encontramos todos os magos do Texas sãos e salvos. Nós não encontramos. Não encontramos nada, exceto os restos de uma batalha: varinhas de marfim queimadas, uns poucos *shabtis* quebrados, retalhos de linho e papiro fumegantes. Assim como nos ataques em Toronto, Chicago e Cidade do México, os mago haviam simplesmente desaparecido. Como se eles tivessem sido vaporizados, devorados ou destruídos, de alguma forma igualmente horrível.

Na borda da cratera, um hieróglifo queimava na grama: *Isfet*, o símbolo do caos. Eu tinha uma sensação de que Apófis tinha deixado ele ali como um cartão de visitas.

Estávamos todos em choque, mas nós não tínhamos tempo para lamentar os nossos camaradas. As autoridades mortais chegariam em breve para conferir a cena. Nós tínhamos de reparar o dano da melhor maneira possível e remover todos os vestígios da magia.

Não havia muito que pudéssemos fazer a respeito da cratera. Os moradores locais vão ter que assumir que tinha sido uma explosão de gás. (Nós tendemos a causar uma série delas.)

Tentamos consertar o museu e restaurar a coleção do Rei Tut, mas não era tão fácil como a limpeza da loja. Mágica não pode ir tão longe. Então, se você for a uma exposição do Rei Tut um dia e perceber rachaduras ou marcas de queimadura nos artefatos, ou talvez uma estátua com a cabeça colada para trás – bem, desculpe. Isso foi provavelmente nossa culpa.

Enquanto a polícia bloqueava as ruas e isolava a zona da explosão, nossa equipe se reuniu no telhado do museu. Em tempos melhores, poderíamos ter usado um artefato para abrir um portal para nos levar de volta para casa; mas ao longo dos últimos meses, conforme Apófis tinha ficado mais forte, os portais se tornaram muito arriscados para usar.

Em vez disso eu assobiei para a nossa carona. Freak, o grifo, deslizou do alto do Hotel Fairmont.

Não é fácil encontrar um lugar para esconder um grifo, especialmente quando ele está puxando um barco. Você não pode simplesmente estacionar perto do parque assim e colocar algumas moedas no medidor. Além disso, Freak tende a ficar nervoso com estranhos e engoli-los, então eu o deixei em cima do Fairmont com um caixote com perus congelados para mantê-lo ocupado. Eles têm que ser congelados. Caso contrário, ele come muito rápido e fica com soluços.

(Sadie está me dizendo para correr com a história. Ela diz que você não se importa com os hábitos alimentares de grifos. Bem, me desculpe.)

De qualquer forma, Freak chegou pousando no telhado do museu. Ele era um monstro bonito, se você gostasse de leões psicóticos com cabeça de falcão. Sua pele era da cor de ferrugem, e quando ele voava, suas asas gigantes de beija-flor soavam como um cruzamento de serras e kazoos[5].

— *FREAK!* — Freak guinchou.

— Sim, amigo, — eu concordei. — Vamos sair daqui.

O barco se arrastando atrás dele era um modelo egípcio antigo – no formato de uma canoa grande feita a partir de maços de papiros, encantados por Walt para que permanecesse no ar, não importando quanto peso ele carregasse.

A primeira vez que tínhamos voado na Air Freak, tínhamos amarrado o barco por baixo da barriga de Freak, o que não foi muito estável. E você não pode simplesmente montar nas suas costas, porque essas asas de alta potência iriam cortar você em pedaços. Assim, o trenó-barco era nossa nova solução. Ele funcionou bem, exceto quando Felix gritou para baixo, para os mortais, “Ho, ho, ho,Feliz Natal!”

Claro, a maioria dos mortais não consegue ver claramente a magia, então eu não tenho certeza do que pensaram que viram quando passamos por cima deles. Sem dúvida isso fez com que muitos deles ajustassem a medicação.

Nós disparamos para o céu noturno – nós seis e um pequeno gabinete. Eu ainda não tinha entendido o interesse de Sadie na caixa

---

[5] Kazzo é um instrumento de sopro que adiciona um timbre de zumbido à voz do instrumentista quando se vocaliza no instrumento.

de ouro, mas eu confiava nela o suficiente para acreditar que era importante.

Olhei para os destroços do jardim de esculturas. A fumaça da cratera parecia uma boca áspera, gritando. Carros de bombeiros e carros de polícia haviam o cercado com um perímetro de luzes vermelhas e brancas. Gostaria de saber quantos magos tinham morrido naquela explosão.

Freak pegou velocidade. Meus olhos ardiam, mas não era por causa do vento. Virei-me para meus amigos, não podendo vê-los.

Sua liderança está condenada.

Apófis diria qualquer coisa para nos lançar na confusão e nos fazer duvidar da nossa causa. Ainda assim, suas palavras me atingiram duramente.

Eu não gosto de ser um líder. Eu sempre tive que parecer confiante para o bem dos outros, mesmo quando eu não estava.

Eu sentia falta de ter o meu pai para me apoiar. Eu perdi o tio Amós, que tinha ido ao Cairo para administrar a Casa da Vida. Quanto a Sadie, minha irmã mandona, ela sempre me apoiou, mas ela deixou claro que ela não queria ser uma figura de autoridade. Oficialmente, eu era responsável pela Casa do Brooklyn. Oficialmente, eu liguei os pontos. Na minha mente, isso significava que, se cometesse erros, como conseguir que um nomo inteiro fosse varrido da face da terra, então a culpa era minha.

Ok, Sadie realmente nunca me culparia por algo assim, mas era assim que eu me sentia.

Tudo o que você tentou construir vai desmoronar...

Parecia incrível que nem mesmo um ano havia se passado desde que Sadie e eu chegamos à Casa do Brooklyn, completamente ignorantes sobre a nossa herança e os nossos poderes. Agora nós estávamos fazendo o lugar funcionar – treinando um exército de jovens mágicos para combater Apófis usando o caminho dos deuses, uma espécie de magia que não tinha sido praticada em milhares de anos. Nós tínhamos feito muito progresso – mas a julgar pela forma como a nossa luta contra o Apófis tinha ido hoje à noite, nossos esforços não foram suficientes.

Você vai perder aqueles que você mais ama...

Eu já tinha perdido tantas pessoas. Minha mãe morreu quando eu tinha sete anos. Meu pai havia se sacrificado para ser o hospedeiro de Osíris no ano passado. Durante o verão, muitos de nossos aliados tinham caído por causa de Apófis, ou foram emboscados e "desapareceram" graças aos magos rebeldes que não aceitaram o meu tio Amós como novo Chefe Leitor.

Quem mais eu poderia perder... *Sadie?*

Não, eu não estou sendo sarcástico. Mesmo que tivéssemos crescido separadamente, pela maior parte de nossas vidas – eu viajando com o papai, Sadie vivendo em Londres, com o vovô e a vovó – ela ainda era minha irmã. Nós tínhamos crescido próximos durante o ano passado. Tão irritante como ela era, eu precisava dela.

Uau, isso é deprimente.

(E este é o soco no braço que eu estava esperando. Ai.)

Ou talvez Apófis queria dizer alguém, como Zia Rashid...

Nosso barco subiu acima dos subúrbios cintilantes de Dallas. Com um grito desafiador, Freak nos puxou para o Duat. Névoa engoliu o barco. A temperatura caiu para zero. Eu senti um formigamento familiar em meu estômago, como se estivéssemos mergulhando do alto de uma montanha russa. Vozes fantasmagóricas sussurraram na névoa.

Justamente quando eu comecei a pensar que estávamos perdidos, minha tontura passou. O nevoeiro se dissipou. Estávamos de volta à Costa Leste, navegando sobre o porto de Nova York em direção às luzes noturnas da orla do Brooklyn e à casa.

A sede do Vigésimo primeiro Nomo situado na costa, perto da Ponte Williamsburg. Mortais comuns não veriam nada além de um enorme armazém em ruínas no meio de um pátio industrial, mas para magos, a Casa do Brooklyn era tão óbvia quanto um farol – uma mansão de cinco andares de blocos de calcário e estrutura de aço com vidros saindo do topo do armazém, brilhando com luzes amarelas e verdes.

Freak pousou no telhado, onde a deusa-gato Bastet estava esperando por nós.

— Meus filhotes estão vivos! — Ela pegou meus braços e olhou para os meus ferimentos, em seguida, fez o mesmo com Sadie. Ela mostrou desaprovação quando ela examinou as mãos enfaixadas de Sadie.

Os luminosos olhos felinos de Bastet eram um pouco inquietantes. Seu longo cabelo negro estava preso em uma trança, e seu macacão acrobático mudava os padrões conforme ela se movia – pelos se transformam em listras de tigre, manchas de leopardo, ou chita. Por mais que eu amasse e confiasse nela, ela me deixava um

pouco nervoso quando fazia suas inspeções de “mãe-gato”. Ela mantinha suas facas nas mangas – lâminas de ferro mortal que poderiam escorregar em suas mãos com o toque de seus pulsos – e eu estava sempre com medo dela cometer um erro, acariciando-me na bochecha, e acabar me decapitando. Pelo menos ela não tentou nos pegar pelos cangotes de nossos pescoços ou dar-nos um banho.

— O que aconteceu? —, Perguntou ela. — Todo mundo está seguro?

Sadie respirou instável. — Bem...

Dissemos a ela sobre a destruição do nomo do Texas.

Bastet rosnou no fundo de sua garganta. Seu cabelo se eriçou, mas a trança o segurou para baixo de forma que seu couro cabeludo parecia uma panela aquecida de pipoca Jiffy Pop[6]. — Eu deveria ter estado lá —, disse ela. — Eu poderia ter ajudado!

— Você não poderia, — eu disse. — O museu estava muito bem protegido.

Deuses quase nunca são capazes de entrar no território de magos em suas formas físicas. Magos passaram milênios desenvolvendo salas encantadas para mantê-los fora. Tivemos bastante dificuldade em refazer os cômodos da Casa do Brooklyn para dar acesso à Bastet sem nos abrirmos aos ataques de deuses menos amigáveis.

Levar Bastet ao Museu em Dallas teria sido como tentar passar uma bazuca pela segurança do aeroporto – se não totalmente impossível, então, pelo menos, muito lento e difícil. Além disso,

---

[6] Jiffy Pop: Marca de pipoca que o pacote incha ao ser preparado.

Bastet era a nossa última linha de defesa para a Casa do Brooklyn. Precisávamos dela para proteger a nossa base e nossos iniciados. Duas vezes antes, os nossos inimigos tinham quase destruído a mansão. Nós não queremos que haja uma terceira vez.

O macacão de Bastet ficou preto puro, como tende a fazer quando ela esta mal-humorada. — Ainda assim, eu nunca me perdoaria se vocês... — Ela olhou para a nossa tripulação, cansada assustada. — Bem, pelo menos vocês estão de volta em segurança. Qual é o próximo passo?

Walt tropeçou. Alyssa e Felix o pegaram.

— Estou bem —, insistiu ele, embora ele claramente não estivesse. — Carter, eu posso juntar todo mundo, se quiser. Uma reunião no terraço?

Parecia que ele estava prestes a desmaiar. Walt nunca iria admitir isso, mas a nossa principal curandeira, Jaz, havia me dito que seu nível de dor era quase insuportável o tempo todo. Ele só foi capaz de ficar em pé porque ela manteve tatuagens em seu peito de hieróglifos de alívio e deu-lhe poções. Apesar disso, eu perguntei a ele se queria ir para Dallas com a gente – outra decisão que pesou no meu coração.

O restante da nossa equipe precisava dormir também. Os olhos de Felix estavam inchados de tanto chorar. Alyssa parecia que estava entrando em choque.

Se nós nos encontrássemos agora, eu não saberia o que dizer. Eu não tinha plano. Eu não poderia ficar na frente do nomo inteiro sem desmoronar. Não depois de ter causado tantas mortes em Dallas.

Olhei para Sadie. Chegamos a um acordo silencioso.

— Vamos nos encontrar amanhã —, eu disse aos outros. — Vocês durmam um pouco. O que aconteceu com os texanos ... — Minha voz falhou. — Olha, eu sei como vocês se sentem. Eu me sinto da mesma maneira. Mas não foi culpa de vocês.

Eu não tenho certeza que eles concordaram. Felix enxugou uma lágrima de seu rosto. Alyssa colocou o braço em volta dele e o levou para a escada. Walt deu a Sadie um olhar que eu não pude interpretar – talvez melancolia ou arrependimento – depois seguiu Alyssa escada abaixo.

— *Agh?* — Khufu deu um tapinha na caixa de ouro.

— Sim —, eu disse. — Você poderia levar isso para a biblioteca?

Aquela era a sala mais segura da mansão. Eu não queria correr nenhum risco depois de tudo que tínhamos sacrificado para salvar a caixa. Khufu gingou afastando-se com ela.

Freak estava tão cansado, que nem sequer chegou ao seu poleiro coberto. Ele só enrolou-se onde estava e começou a roncar, ainda preso ao barco. Viajar através do Duat tomou muito dele.

Eu desfiz seus arreios e coçei a cabeça emplumada. — Obrigado, amigo. Sonhe com grandes perus gordos.

Ele arrulhou em seu sono.

Virei-me para Sadie e Bastet. — Nós precisamos conversar.

Era quase meia-noite, mas a Sala Grande, estava ainda movimentada com atividade. Julian, Paulo e alguns dos outros caras estavam caídos nos sofás, assistindo ao canal de esportes. Os pirralhos (nossas três crianças estagiárias) estavam colorindo fotos no chão. Sacos de batatas fritas e latas de refrigerante cheias na mesa do café. Sapatos foram atirados ao acaso pelo tapete de pele de cobra. No meio da sala, a estátua de dois andares de altura de Tot, o deus com cabeça de pássaro do conhecimento, pairava sobre os nossos iniciados com seu pergaminho e pena. Alguém tinha colocado um dos chapéus velhos de Amós na cabeça da estátua, então ele parecia um agenciador de apostas para o jogo de futebol. Um dos pirralhos tinha

colorido os dedos do deus de obsidiana de rosa e roxo com lápis de cor. Somos muito respeitados aqui na Casa do Brooklyn.

Conforme Sadie e eu descíamos as escadas, os caras no sofá ficaram de pé.

— Como foi? — Julian perguntou. — Walt acabou de passar, mas ele não quis dizer...

— Nossa equipe está salva —, disse. — O Quinquagésimo-primeiro Nomo... não teve tanta sorte.

Julian fez uma careta. Ele sabia muito para pedir detalhes na frente das crianças pequenas. — Você encontrou alguma coisa útil?

— Não temos certeza ainda —, eu admiti.

Eu queria deixar por isso mesmo, mas a mais nova das crianças, Shelby, aproximou-se mais para me mostrar sua obra-prima de giz de cera. — Eu matei uma cobra —, anunciou ela. — Morre, morre, morre. Cobra má!

Ela tinha desenhado uma serpente com um monte de facas saindo de suas costas e um X em seus olhos. Se Shelby tivesse feito essa imagem na escola, isso provavelmente teria lhe rendido uma viagem para o orientador, mas aqui mesmo os mais pequeninos entendiam que algo sério estava acontecendo.

Ela me deu um sorriso cheio de dentes, sacudindo seu lápis como uma lança. Eu recuei. Shelby poderia estar em um jardim de infância, mas ela já era um maga excelente. Seus gizes de cera, por vezes, se transformavam em armas, e as coisas que ela desenhava tendiam a sair para fora da página – como o unicórnio vermelho, branco e azul que ela tinha convocado para o Quatro de Julho.

— Imagem impressionante, Shelby. — Eu me senti como se meu coração estivesse sendo apertado envolto em linho de mumificação. Como todas as crianças menores, Shelby estava aqui com o consentimento de seus pais. Os pais compreenderam que o destino do mundo estava em jogo. Eles sabiam que a Casa do

Brooklyn era o melhor e mais seguro lugar para Shelby dominar seus poderes. Ainda assim, que tipo de infância era essa, canalizando mágica que iria destruir a maioria dos adultos, aprendendo sobre monstros que dão pesadelos a qualquer pessoa?

Julian arrepiou os cabelos de Shelby. — Vamos, querida. Desenha para mim uma outra imagem, ok?

Shelby disse:

— Matar?

Julian conduziu-a para longe. Sadie, Bastet e eu fomos para a biblioteca.

As pesadas portas de carvalho se abriam para uma escada que descia em direção à uma enorme sala cilíndrica como um poço. Pintada no teto abobadado estava Nut, a deusa do céu, com constelações de prata espalhadas em seu corpo azul escuro. O chão era um mosaico de seu marido, Geb, o deus da terra, o corpo coberto de rios, serras e desertos.

Mesmo que fosse tarde, a nossa auto-nomeada bibliotecária, Cleo, ainda tinha as suas quatro estátuas *shabti* trabalhando. Os homens de barro correndo ao redor, espanando prateleiras, reorganizando pergaminhos, livros e classificando nos compartimentos perfurados ao longo das paredes. Cleo se sentava à mesa de trabalho, fazendo anotações em um rolo de papiro enquanto ela conversava com Khufu, que se agachou sobre a mesa à sua frente, batendo na nossa nova caixa antiga e grunhindo em babuíno, algo como: *Hey, Cleo, quer comprar uma caixa de ouro?*

Cleo não era muito do departamento de bravura, mas ela tinha uma memória incrível. Ela falava seis idiomas, incluindo Inglês, seu português nativo (ela era brasileira), egípcio antigo, e algumas palavras de babuíno. Ela tinha tomado para si a criação de um índice principal para todos os nossos pergaminhos, e tinha ganhado mais pergaminhos de todo o mundo para nos ajudar a encontrar informações sobre Apófis. Foi Cleo que tinha encontrado a ligação

entre os ataques recentes da serpente e os pergaminhos escritos pelo lendário mago Setne.

Ela era uma grande ajuda, embora às vezes ela ficava irritada quando ela tinha que abrir espaço em *sua* biblioteca para nossos textos escolares, estações de internet, artefatos de grande porte, e edições anteriores de Bastet da revista Cat Fancy.

Quando Cleo nos viu descendo as escadas, ela saltou de pé. — Vocês estão vivos!

— Não soe tão surpresa —, Sadie murmurou.

Cleo mordeu o lábio. — Desculpe, eu só... Eu estou contente. Khufu veio sozinho, então eu estava preocupada. Ele estava tentando me dizer algo sobre esta caixa de ouro, mas ela está vazia. Você achou O Livro da Derrota de Apófis?

— O pergaminho queimou —, eu disse. — Nós não conseguimos salvá-lo.

Cleo parecia que poderia gritar. — Mas era a última cópia! Como poderia Apófis destruir algo tão valioso?

Eu queria lembrar Cleo que Apófis queria destruir o mundo inteiro, mas eu sabia que ela não gostava de pensar nisso. Isso a deixava doente de medo.

Ficar indignada sobre o pergaminho era mais viável para ela. A ideia de que ninguém pode destruir um livro de qualquer espécie fazia Cleo querer socar Apófis no rosto.

Um dos *shabti* saltou sobre a mesa. Ele tentou colar uma etiqueta digitalizadora na caixa de ouro, mas Cleo espantou o homem de barro fora.

— Todos vocês, de volta aos seus lugares! — Ela bateu palmas, e os quatro *shabti* retornaram a seus pedestais. Eles voltaram a ser argila sólida, embora um ainda estivesse usando luvas de borracha e segurando um espanador, o que parecia um pouco estranho.

Cleo inclinou-se e estudou a caixa de ouro. — Não há nada dentro. Por que você trouxe?

— Isso é o que Sadie, Bastet, e eu precisamos discutir —, disse. — Se você não se importa, Cleo.

— Eu não me importo. — Cleo continuou examinando a caixa. Então ela percebeu que estavam todos olhando para ela. — Ah... você quer dizer em privado. Claro.

Ela parecia um pouco chateada por ser expulsa, mas ela pegou a mão de Khufu. — Vamos, *babuinozinho*. Vamos arranjar um lanche.

— *Agh!* — Khufu disse alegremente. Ele adorava Cleo, possivelmente por causa de seu nome. Por razões que nenhum de nós compreende, Khufu amava coisas que terminaram em O, como abacates[7], Oreos[8] e tatus[9].

Uma vez que Cleo e Khufu foram embora, Sadie, Bastet, e eu nos reunimos em torno de nossa nova aquisição.

O gabinete tinha o formato de um armário de escola em miniatura. O exterior era de ouro, mas devia ser uma fina camada cobrindo madeira, porque toda a coisa não era muito pesada. As partes laterais e superiores estavam gravadas com hieróglifos e imagens do faraó e de sua esposa. A frente era equipada com portas duplas com trava, que abriu para revelar... bem, não muita coisa. Havia um pequeno pedestal marcado por pegadas de ouro, como se uma antiga boneca Barbie egípcia já tivesse ficado ali.

Sadie estudou os hieróglifos ao longo dos lados da caixa. — É tudo sobre Tut e sua rainha, desejando-lhes uma vida após a morte feliz, blá, blá. Há uma imagem deles caçando patos. Honestamente? Essa era ideia deles de paraíso?

— Eu gosto de patos —, disse Bastet.

---

[7] Avocados em inglês.
[8] Marca de bolacha recheada.
[9] Armadillos em inglês.

Movi as portas pequenas para trás em suas dobradiças. — De alguma forma eu não acho que os patos são importantes. O que quer que estava aqui dentro, já se foi. Talvez ladrões tomaram, ou...

Bastet riu. — Ladrões de túmulos levaram. Claro.

Eu fiz uma careta para ela. — O que há de tão engraçado?

Ela sorriu para mim, e então para Sadie, antes de perceber que nós não entendemos a piada. — Ah... eu vejo. Vocês realmente não sabem o que é isso. Acho que faz sentido. Pouquíssimas sobreviveram.

— Poucas o que? —, Perguntei.

— Caixas de sombra.

Sadie franziu o nariz. — Não é uma espécie de projeto de escola? Fiz um para Inglês uma vez. Tedio mortal.

— Eu não sei sobre os projetos da escola, — Bastet disse arrogantemente. — Isso parece muito com *trabalho*. Mas esta é uma caixa de sombra real, uma caixa para segurar uma sombra.

Bastet não soou como se ela estivesse brincando, mas é difícil distinguir com os gatos.

— Está lá agora —, insistiu ela. — Você não consegue ver isso? Um pouco mais sombrio que Tut. Olá, sombra de Tut! — Ela mexeu os dedos na caixa vazia. — É por isso que eu ri quando você disse que ladrões de túmulos poderia tê-lo roubado. Ha! Isso seria um truque.

Tentei envolver minha mente em torno desta ideia. — Mas... Eu escutava meu pai em palestras, tipo, falando sobre cada possível artefato egípcio. Eu nunca ouvi falar de um caixa de sombra.

— Como eu lhe disse, — Bastet disse, — muitos não sobreviveram. Normalmente, a caixa de sombra era enterrada longe do resto da alma. Tut foi muito bobo para tê-la colocado em seu túmulo. Talvez um dos sacerdotes colocou lá contra suas ordens, por despeito.

Eu estava totalmente perdido agora. Para minha surpresa, Sadie estava balançando a cabeça com entusiasmo.

— Isso deve ter sido o que Anúbis queria dizer —, disse ela. — *Preste atenção ao que não está lá.* Quando olhei para o Duat, eu vi a escuridão dentro da caixa. E o tio Vinnie disse que era uma pista para derrotar Apófis.

Eu fiz um T de "Tempo" com as mãos. — Volta um pouco. Sadie, onde você viu Anúbis? E desde quando nós temos um tio chamado Vinnie?

Ela parecia um pouco envergonhada, mas ela descreveu seu encontro com o rosto na parede, então as visões que ela teve de nossa mãe e Ísis e seu divino quase-namorado Anúbis. Eu sabia que a atenção da minha irmã vagava muito, mas até *eu* fiquei impressionado com quantas viagens para o lado místico ela conseguiu, simplesmente caminhando através de um museu.

— O rosto na parede poderia ter sido um truque, — eu disse.

— Possivelmente... mas eu não penso assim. O cara disse que precisaria de sua ajuda, e nós tínhamos apenas dois dias até que algo acontecesse com ele. Ele me disse que essa caixa iria mostrar-nos o que precisávamos. Anúbis insinuou que eu estava no caminho certo, poupando este gabinete. E minha mãe... — Sadie vacilou. — Mamãe disse que essa era a única maneira que tínhamos para vê-la novamente. Algo está acontecendo com os espíritos dos mortos.

De repente, eu senti como se estivesse de volta ao Duat, envolto em um nevoeiro gélido. Eu olhei para a caixa, mas eu ainda não via nada. — Como conectar sombras, com Apófis e espíritos dos mortos?

Olhei para Bastet. Ela cravou as unhas em cima da mesa, usando-a como um poste para arranhar, do jeito que ela faz quando está tensa. Passamos por um monte de mesas.

— Bastet? — Sadie perguntou gentilmente.

— Apófis e sombras —, Bastet ponderou. — Eu nunca tinha pensado... — Ela balançou a cabeça. — Estas são realmente perguntas que você deve fazer a Tot. Ele é muito mais experiente do que eu.

A memória veio à tona. Meu pai havia dado uma palestra em uma universidade em algum lugar... Munique, talvez? Os alunos haviam lhe perguntado sobre o conceito egípcio da alma, que tinha várias partes, e meu pai mencionou algo sobre sombras.

Como uma mão com cinco dedos, ele disse. Uma alma com cinco peças.

Eu levantei meus próprios dedos, tentando me lembrar. — Cinco partes da alma... o que são?

Bastet ficou em silêncio. Ela parecia muito desconfortável.

— Carter? — Sadie perguntou. — O que isso tem a ver...?

— Apenas espere, — eu disse. — A primeira parte é o *ba*, certo? Nossa personalidade.

— Forma de galinha —, disse Sadie.

Acredite, Sadie apelidou parte de sua alma como aves, mas eu sabia o que queria dizer. O *ba* podia deixar o corpo quando sonhamos, ou ele poderia voltar para a terra como um fantasma depois que morremos. Quando o faz, ele parece com um grande pássaro brilhante com uma cabeça humana.

— Sim —, eu disse. — Forma de galinha. Depois, há o *ka*, a força da vida que deixa o corpo quando ele morre. Depois, há o *ib*, o coração...

— O registro das boas e más ações —, Sadie concordou. — Esse é um bocado pesado na balança da justiça na outra vida.

— E o quarto é... — eu hesitei.

— O *ren*,— Sadie falou. — Seu nome secreto.

Eu estava com vergonha de olhar para ela. Na última primavera ela salvou a minha vida falando o meu nome secreto, o que basicamente lhe deu acesso aos meus pensamentos mais íntimos e mais sombrias emoções. Desde então, ela tinha sido muito legal sobre isso, mas ainda assim... esse não é o tipo de vantagem que você quer dar a sua irmãzinha.

O *ren* era também a parte da alma que nosso amigo Bes tinha dado por nós em nossa partida de jogo de azar há seis meses com o deus da lua Khonsu. Agora Bes era uma concha vazia de um deus, sentado em uma cadeira de rodas na casa de enfermagem divina do Mundo Inferior.

— Certo —, eu disse. — Mas a quinta parte... — Olhei para Bastet. — É a sombra, não é?

Sadie franziu a testa. — A sombra? Como pode uma sombra ser parte de sua alma? É apenas uma silhueta, não é? Um truque da luz.

Bastet manteve sua mão sobre a mesa. Seus dedos fizeram uma sombra vaga sobre a madeira. — Você nunca pode estar livre de sua sombra, o seu *sheut*. Todos os seres vivos têm.

— Assim como rochas, lápis e sapatos —, disse Sadie. — Isso significa que eles têm alma?

— Você sabe muito bem —, Bastet repreendeu. — Os seres vivos são diferentes das pedras... bem, a maioria são, de qualquer maneira. O *sheut* não é apenas uma sombra física. É uma projeção mágica da silhueta da alma.

— Então essa caixa... —, eu disse. — Quando você diz que tem a sombra do rei Tut...

— Quero dizer que detém um quinto de sua alma —, Bastet confirmou. — Abriga a *sheut* do faraó por isso não estará perdida após a morte.

Meu cérebro parecia que estava prestes a explodir. Eu sabia que essas coisas sobre as sombras deveriam ser importantes, mas eu não via como. Era como se tivesse sido entregue uma peça de quebra-cabeça, mas era para o quebra-cabeça errado.

Nós falhamos em salvar a peça certa – um rolo de papel insubstituível que poderia ter nos ajudado a vencer Apófis – e nós não conseguimos salvar um nomo todo cheio de magos amigáveis. Tudo o que tínhamos para mostrar de nossa viagem era um gabinete vazio decorado com fotos de patos. Eu queria jogar a caixa de sombra do rei Tut do outro lado da sala.

— Sombras perdidas —, eu murmurei. — Isso parece aquela história de Peter Pan.

Os olhos de Bastet brilhavam como lanternas de papel. — O que você acha que inspirou a história da sombra perdida de Peter Pan? Houve contos sobre sombras por séculos, Carter – todos vindos desde os tempos do Egito.

— Mas como é que pode nos ajudar? — Eu exigi. — O Livro da Derrota de Apófis teria nos ajudado. Agora ele se foi!

Ok, eu parecia com raiva. Eu estava com raiva.

Relembrar as palestras do meu pai me fez querer ser uma criança novamente, viajando pelo mundo com ele. Tínhamos passado por algumas coisas estranhas juntos, mas eu sempre me senti seguro e protegido. Ele sempre soube o que fazer. Agora tudo que havia sobrado daqueles dias era a minha mala, juntando poeira no meu armário no andar de cima.

Não era justo. Mas eu sabia o que meu pai diria sobre isso: *todo mundo recebe metade daquilo do que eles precisam. E a única maneira de obter o que você precisa é fazer com que isso aconteça você mesmo.*

Ótimo, pai. Eu estou enfrentando um inimigo impossível, e o que eu preciso para derrotá-lo acabou destruído.

Sadie deve ter lido minha expressão. — Carter, nós vamos descobrir isso —, prometeu. — Bastet, você estava prestes a dizer algo sobre Apófis e sombras.

— Não, eu não estava —, Bastet murmurou.

— Por que está tão nervosa quanto a isso? — Eu perguntei. — deuses não tem sombras? Apófis tem? Se sim, como elas funcionam?

Bastet arranhou alguns hieróglifos na mesa com as unhas. Eu tinha certeza que a mensagem dizia: PERIGO.

— Honestamente, crianças... esta é uma questão para Tot. Sim, os deuses têm sombras. Claro que temos. Mas... mas não é algo que seja suposto falar sobre.

Eu raramente via Bastet parecer tão agitada. Eu não tinha certeza do por que. Esta era uma deusa que tinha lutado contra Apófis face a face, garra contra presa, em uma prisão mágica por milhares de anos. Por que ela estava com medo de sombras?

— Bastet —, disse eu, — se não podemos descobrir a melhor solução, vamos ter que ir com o Plano B. A deusa fez uma careta. Sadie olhou desanimadamente para a mesa. O Plano B era algo que só Sadie, Bast, Walt, e eu tínhamos discutido. Nossos outros iniciados não sabem sobre ele. Nós não tínhamos nem mesmo dito ao nosso tio Amós. Era assustador.

— Eu... eu odeio isso —, disse Bastet. — Mas, Carter, eu realmente não conheço as respostas. E se você começar a perguntar sobre sombras, você vai se aprofundar em muitos perigos.

Houve uma batida nas portas da biblioteca. Cleo e Khufu apareceram no topo das escadas.

— Desculpe incomodar —, disse Cleo. — Carter, Khufu acabou de descer do seu quarto. Ele parece ansioso para falar com você.

— *Agh!* — Khufu insistiu.

Bastet traduziu a fala do babuíno. — Ele diz que há uma chamada para você na taça de cristalomancia, Carter. Uma chamada particular.

Como se eu já não estivesse estressado o suficiente. Apenas uma pessoa poderia estar me enviando uma visão de cristalomancia,

e se ela estava entrando em contato comigo tão tarde da noite, tinha que ser uma má notícia.

— Reunião encerrada, — eu disse aos outros. — Vejo vocês pela manhã.

4. Eu Consulto o Pombo da Guerra

Eu estava apaixonado por um bebedouro para pássaros.

A maioria dos caras verifica mensagens em seu telefone, ou fica obcecado com o que as meninas estão dizendo sobre eles online. Eu não podia ficar longe da taça de vidência.

Era apenas um disco de bronze sobre um pedestal de pedra, aninhado na varanda do meu quarto. Mas sempre que eu estava no meu quarto, eu me pegava olhando para isso, resistindo ao impulso de correr para fora e verificar se há um vislumbre de Zia.

O estranho era que eu não conseguia nem chamá-la de minha namorada.

Do que você chama alguém quando você se apaixona por sua réplica *shabti*, então resgata a pessoa real, apenas para descobrir que ela não compartilha seus sentimentos? E Sadie acha que *seus* relacionamentos são complicados.

Nos últimos seis meses, já que Zia tinha ido para ajudar o meu tio no Primeiro Nomo, a taça tinha sido o nosso único contato. Eu tinha passado tantas horas olhando para ela, falando com Zia, eu mal conseguia me lembrar de como ela parecia sem as ondulações do óleo encantado em seu rosto.

No momento em que cheguei à varanda, eu estava sem ar. Na superfície do óleo, Zia olhava para mim. Seus braços estavam

cruzados, os olhos com tanta raiva que pareciam que eles podiam pegar fogo. (A primeira taça de vidência que Walt tinha feito realmente pegou fogo, mas isso é outra história.)

— Carter —, ela disse, — Eu vou te estrangular.

Ela fica linda quando ameaça me matar. Durante o verão ela deixou o cabelo crescer de modo que varria os ombros em uma onda em preto brilhante. Ela não era a *shabti* por quem eu tinha me apaixonado, mas seu rosto ainda tinha um nariz esculpido de beleza delicada, lábios cheios vermelhos, olhos cor de âmbar deslumbrantes. Sua pele brilhava como terracota aquecida do forno.

— Você ouviu falar sobre Dallas —, imaginei. — Zia, me desculpe.

— Carter, *todos* já ouviram falar sobre Dallas. Outros Nomos têm enviado mensageiros *ba* para Amós na última hora, exigindo respostas. Magos de tão longe quanto Cuba sentiram ondulações no Duat. Alguns alegaram que vocês explodiram metade do Texas. Alguns disseram que todo o Quinquagésimo-primeiro Nomo foi destruído. Alguns disseram... alguns disseram que você estava morto.

A preocupação na voz dela elevou meu espírito um pouco, mas isso também me fez me sentir culpado.

— Eu queria te comunicar antecipadamente —, disse. — Mas na hora que percebemos que alvo de Apófis era Dallas, tivemos que nos mover imediatamente.

Eu disse a ela o que tinha acontecido na exposição do Rei Tut, incluindo nossos erros e acidentes.

Eu tentei ler a expressão de Zia. Mesmo depois de tantos meses, era difícil adivinhar o que ela estava pensando. Bastava ver a sua tendência em dar um curto-circuito no meu cérebro. Metade do tempo eu mal conseguia me lembrar de como falar em sentenças completas.

Finalmente, ela murmurou algo em árabe, provavelmente uma maldição.

— Estou feliz que você sobreviveu, mas o Quinquagésimo-primeiro Nomo destruído...? — Ela balançou a cabeça em descrença. — Eu conhecia Anne Grissom. Ela me ensinou magia de cura quando eu era mais nova.

Lembrei-me da senhora loira que havia tocado com a banda, e o violino em ruínas à beira da explosão.

— Eles eram pessoas boas —, disse.

— Alguns dos nossos últimos aliados —, afirmou Zia. — Os rebeldes já estão te culpando pelas mortes. Se mais algum nomo desertar, Amós...

Ela não precisava terminar esse pensamento. Na primavera passada, os piores vilões da Casa da Vida haviam formado um esquadrão de ataque para destruir a Casa do Brooklyn. Nós os derrotamos. Amós tinha ainda assim dado a eles a anistia, quando ele se tornou o novo chefe Leitor. Mas alguns se recusaram a segui-lo. Os rebeldes ainda estavam lá fora, coletando forças, voltando outros magos contra nós. Como se precisássemos de mais inimigos.

— Eles estão me culpando? — Eu perguntei. — Eles entraram em contato com você?

— Pior. Eles transmitiram uma mensagem para você.

O óleo ondulava. Eu vi um rosto diferente, Sarah Jacobi, líder dos rebeldes. Ela tinha a pele leitosa, cabelos pretos espetados e escuros, olhos assustados permanentemente alinhados com kohl demais. Em suas puras vestes brancas, ela parecia um vampiro Halloween.

Ela estava em uma sala forrada com colunas de mármore. Atrás dela, parecendo com raiva, meia dúzia de magos - assassinos elite da Jacobi. Eu reconheci as vestes azuis e a cabeça raspada de Kwai, que tinha sido exilado do Nomo da Coreia do Norte por

assassinar um companheiro mágico. Próximo a ele estava Petrovich, um ucraniano com uma cicatriz no rosto que já tinha trabalhado como assassino para o nosso velho inimigo Vlad Menshikov.

Os outros eu não consegui identificar, mas eu duvidava que qualquer um deles fosse tão ruim quanto Sarah Jacobi. Quando Menshikov a tinha liberado, ela tinha sido exilada na Antártida por causar um tsunami no Oceano Índico que matou mais de um quarto de milhão de pessoas.

— Carter Kane! — ela gritou.

Por causa disso ser uma transmissão, eu sabia que era apenas uma gravação mágica, mas sua voz me fez pular.

— A Casa da Vida exige a sua rendição —, disse ela. — Seus crimes são imperdoáveis. Você deve pagar com sua vida.

Meu estômago mal teve tempo de cair antes de uma série de violentas imagens atravessar o óleo. Eu vi a Pedra de Roseta explodindo no Museu – o incidente britânico que libertou Set e matou meu pai no Natal passado. Como Jacobi tinha obtido essas imagens? Eu vi a luta na Casa do Brooklyn da primavera passada, quando Sadie e eu chegamos no barco do sol de Rá para expulsar o esquadrão de ataque da Jacobi. As imagens pareciam mostrar que *nós* éramos os agressores – um bando de arruaceiros com poderes divinos batendo na pobre Jacobi e seus amigos.

— Você libertou Set e seus irmãos, — Jacobi narrou. — Você quebrou a regra mais sagrada da magia e cooperou com os deuses. Ao fazê-lo, você desequilibrou o Ma'at, causando o surgimento de Apófis.

— Isso é mentira! — Eu disse. — Apófis estava se levantando de qualquer maneira!

Então me lembrei que eu estava gritando com um vídeo. As cenas não se mantiveram fixas. Eu vi um edifício elto em incêndio no bairro Shibuya de Tóquio, sede do 234° Nomo. Um demônio com

cabeça de uma espada samurai voando entrou em uma janela e levou consigo um mágico gritando.

Eu vi a casa do antigo chefe Leitor, Michel Desjardins – um belo casarão em Paris na rue des Pyramides, agora em ruínas. O telhado desabou. As janelas foram quebradas. Pergaminhos e livros rasgados e encharcados espalhados pelo jardim morto, e o hieróglifo para Caos ardia na porta da frente como uma marca de gado.

— Tudo isso que você causou —, disse Jacobi. — Você deu o Manto do Chefe Leitor a um servo do mal. Você corrompeu jovens magos, ensinando o caminho dos deuses. Você enfraqueceu a Casa da Vida e nos deixou à mercê de Apófis. Não vamos ficar por isso. Qualquer um que segue você será punido.

A visão mudou para a Casa Esfinge em Londres, sede do nomo britânico. Sadie e eu tínhamos visitado lá durante o verão e conseguimos fazer a paz com eles depois de horas de negociações.

Eu vi Kwai invadindo através da biblioteca, quebrando estátuas de deuses e varrendo os livros das prateleiras. Uma dúzia de magos britânicos estavam acorrentados ante sua conquistadora, Sarah Jacobi, que segurava uma reluzente faca preta. O líder do nomo, um cara velho inofensivo chamado Sir Leicester, foi forçado a se ajoelhar. Sarah Jacobi levantou sua faca. A lâmina caiu, e o cenário mudou.

O rosto macabro de Jacobi olhou para mim a partir da superfície do óleo. Seus olhos eram tão escuros quanto as órbitas de uma caveira.

— Os Kanes são uma praga —, disse ela. — Vocês devem ser destruídos. Rendam-se, você e sua família para a execução. Nós pouparemos seus outros seguidores, desde que renunciem ao caminho dos deuses. Eu não busco o cargo de Chefe Leitor, mas devo tê-lo para o bem do Egito. Quando os Kanes estiverem mortos, seremos fortes e unidos novamente. Vamos desfazer o estrago que vocês fizeram e enviar os deuses e Apófis de volta para o Duat. A

justiça vem rapidamente, Carter Kane. Esta será a sua única advertência.

A imagem de Sarah Jacobi se dissolveu no óleo, e eu fiquei sozinho novamente com o reflexo de Zia.

— Sim —, eu disse com voz trêmula. — Para uma assassina em massa, ela é bastante convincente.

Zia assentiu. — Jacobi já converteu ou derrotou a maioria de nossos aliados na Europa e Ásia. Muitos dos recentes ataques contra Paris, Tóquio, Madrid... são obra de Jacobi, mas ela está culpando Apófis ou a Casa do Brooklyn.

— Isso é ridículo.

— Você e eu sabemos disso, — ela concordou. — Mas os magos estão com medo. Jacobi está dizendo-lhes que, se os Kanes forem destruídos, Apófis irá voltar para o Duat e as coisas vão voltar ao normal. Eles querem acreditar. Ela está dizendo que segui-lo é uma sentença de morte. Depois da destruição em Dallas...

— Eu entendo —, eu disparei.

Para mim não era justo ficar com raiva de Zia, mas me senti tão impotente. Tudo o que fizemos pareceu dar errado. Imaginei Apófis rindo no mundo inferior. Talvez por isso ele não tenha atacado a Casa da Vida em pleno vigor ainda. Ele estava se divertindo muito nos assistindo de longe despedaçar uns aos outros.

— Por que Jacobi não dirige a sua mensagem à Amós? — Eu perguntei. — Ele é o Leitor Chefe.

Zia desviou o olhar como se verificasse alguma coisa. Eu não podia ver muito de seu ambiente, mas ela não parece estar em seu quarto no dormitório no primeiro Nomo ou no Hall das Eras.

— Como disse Jacobi, eles consideram Amós um servo do mal. Eles não vão falar com ele.

— Porque ele estava possuído por Set, — eu adivinhei. — Isso não foi culpa dele. Ele foi curado. Ele está bem.

Zia estremeceu.

— O quê? — Eu perguntei. — Ele está bem, não é?

— Carter, é... é complicado. Olha, o principal problema é Jacobi. Ela assumiu a antiga base de Menshikov, em St. Petersburg. É quase uma fortaleza, como o Primeiro Nomo. Nós não sabemos o que cabe a ela ou quantos magos ela tem. Nós não sabemos quando ela vai atacar ou onde. Mas ela vai atacar em breve.

Justiça vem rapidamente. Este será o seu único aviso.

Algo me disse que Jacobi não atacaria a Casa do Brooklyn novamente, não depois que ela foi humilhada pela última vez. Mas se ela queria assumir a Casa da Vida e destruir os Kanes, o que mais poderia ser seu alvo?

Fechei os olhos com Zia, e eu percebi o que ela estava pensando.

— Não —, eu disse. — Eles nunca atacariam o Primeiro Nomo. Seria suicídio. Ele sobreviveu por cinco mil anos.

— Carter... nós somos mais fracos do que você imagina. Nós nunca tivemos todo o pessoal necessário. Agora, muitos dos nossos melhores magos desapareceram, possivelmente passaram para o outro lado. Temos alguns homens velhos e algumas crianças assustadas sobrando, além de Amós e eu. — Ela estendeu seus braços, exasperada. — E a metade do tempo *fico* presa aqui...

— Espere —, eu disse. — Onde você está?

Em algum lugar à esquerda de Zia, uma voz de homem gorjeava.

— Ooiii!

Zia suspirou. — Ótimo. Ele acordou de seu cochilo.

Um velho homem enfiou a cara na taça de vidência. Ele sorriu, mostrando exatamente dois dentes. Sua cabeça calva enrugada o fez parecer com um bebê geriátrico. — Zebras estão aqui!

Ele abriu a boca e tentou sugar o óleo da tigela, fazendo a cena inteira ondular.

— Meu senhor, não! — Zia o puxou de volta. — Não pode beber o óleo encantado. Nós já conversamos sobre isso. Aqui, tem um biscoito.

— Biscoitos —, ele gritou. — Ebaaa!— O velho dançou para longe com um petisco em suas mãos.

Avô senil de Zia? Não. Isso era Rá, o deus do sol, primeiro faraó divino do Egito e arqui-inimigo de Apófis. Primavera passada, tínhamos ido em uma busca para encontrá-lo e revivê-lo de seu sono crepuscular, confiando que ele subiria em toda sua glória e combateria a Serpente do caos para nós.

Em vez disso, Rá acordou senil e demente. Ele era excelente em comer biscoitos, babar e cantar músicas sem sentido. Combater Apófis? Nem tanto.

— Você está cuidando dele de novo? — Eu perguntei.

Zia deu de ombros. — É aqui depois do nascer do sol. Hórus e Isis cuidam dele todas as noites no barco do sol. Mas durante o dia... bem, Rá fica chateado se eu não vou visitá-lo, e nenhum dos outros deuses querem vê-lo. Honestamente, Carter... — Ela baixou a voz. — Eu tenho medo do que fariam se eu deixasse Rá sozinho com eles. Eles estão ficando cansados dele.

— Ebaaa! — Rá disse em segundo plano.

Meu coração se afundou. No entanto, outra coisa para se sentir culpado: eu sobrecarreguei Zia com a obrigação de ser a babá de um deus-sol. Presa na sala do trono dos deuses todos os dias, ajudando Amós a controlar o Primeiro Nomo todas as noites, Zia mal tinha tempo para dormir, muito menos para ir à um encontro – mesmo que eu pudesse chegar a ter coragem de chamá-la.

Claro, isso não importará se Apófis destruir o mundo, ou se Sarah Jacobi e seus assassinos mágicos chegarem até mim. Por um

momento eu me perguntei se Jacobi estava certa – se o mundo tinha se desajustado por causa da família Kane, e se ele seria melhor sem nós.

Eu me senti tão impotente, eu brevemente considerei chamar o poder de Hórus. Eu poderia usar alguma coragem e confiança do deus da guerra. Mas eu suspeitei que juntar meus pensamentos com Hórus não seria uma boa ideia. Minhas emoções estavam misturadas o suficiente sem outra voz na minha cabeça, guiando-me.

— Eu conheço essa expressão, — Zia repreendeu. — Você não pode culpar a si mesmo, Carter. Se não fosse por você e Sadie, Apófis já teria destruído o mundo. Ainda há esperança.

Plano B, pensei. A menos que pudéssemos descobrir este mistério sobre sombras e como elas poderiam ser usadas para lutar contra Apófis, a gente estaria preso com o Plano B, o que significava a morte certa para Sadie e eu mesmo que ele funcione. Mas eu não ia dizer a Zia. Ela não precisava de alguma notícia mais deprimente.

— Você está certa —, eu disse. — Nós vamos descobrir alguma coisa.

— Voltarei ao Primeiro Nomo esta noite. Me liga, então, ok? Temos que conversar...

Algo retumbou atrás dela, como uma laje de pedra de amolar ao longo do chão.

— Sobek está aqui —, ela sussurrou. — Eu odeio esse cara. Nos falamos mais tarde.

— Espere, Zia, — eu disse. —Falar sobre o quê?

Mas o óleo ficou escuro, e Zia tinha ido embora.

Eu precisava dormir. Em vez disso, eu andei no meu quarto. Os quartos do dormitório na Casa do Brooklyn eram surpreendentes – camas confortáveis, televisores HD, internet sem fio de alta velocidade, e mini-geladeiras magicamente reabastecidas. Um exército de vassouras encantadas, esfregões e espanadores mantem

tudo arrumado. Os armários estão sempre cheios de roupas limpas e perfeitamente convenientes.

Ainda assim, o meu quarto parecia uma jaula. Talvez fosse porque eu tinha um babuíno como companheiro de quarto. Khufu não ficava muito aqui (normalmente no térreo com Cleo ou deixando os pirralhos limparem o seu pelo), mas havia uma depressão em forma de babuíno em sua cama, uma caixa de Cheerios na mesa de cabeceira, e um balanço de pneu instalado no canto da sala. Sadie tinha feito a última parte como uma brincadeira, mas Khufu gostou tanto que eu não pude tirar. A coisa aconteceu, eu comecei a me acostumar com ele ao meu redor. Agora que ele passa a maior parte de seu tempo com as crianças pequenas, eu perdi ele. Ele tinha crescido em mim de uma forma cativante e chata – tipo de como a minha irmã.

[Sim, Sadie. Você viu que é possível.]

Imagens de protetor de tela flutuavam no meu monitor portátil. Lá estava meu pai em um sítio arqueológico no Egito, parecendo relaxado e usando seu uniforme cáqui, as mangas arregaçadas em seus escuros braços musculosos, enquanto mostrava a cabeça da estátua de pedra quebrada de algum faraó.

O couro cabeludo calvo do papai e o cavanhaque o faziam parecer levemente diabólico quando ele sorria.

Outra foto mostrava o tio Amós no palco em um clube de jazz, tocando seu saxofone. Usava óculos escuros redondos, um chapéu porkpie azul e um terno de seda combinando, impecavelmente adaptados, sempre. Suas tranças estavam entrelaçadas com safiras. Eu nunca tinha visto Amós tocar realmente no palco, mas eu gostava dessa foto porque ele parecia tão enérgico e feliz, não como ele estava nesses dias, com o peso da liderança sobre seus ombros. Infelizmente, a foto também me lembrou de Anne Grissom, a maga do Texas com seu violino, se divertindo um pouco antes de morrer.

O protetor de tela mudou. Eu vi minha mãe me fazendo pular em seu joelho quando eu era um bebê. Eu tinha esse ridículo vai-e-

vem naquela época, que Sadie sempre implica sobre isso comigo. Na foto, estou usando uma camiseta azul manchada com puré de batata doce. Eu estou segurando nos polegares da minha mãe, olhando assustado enquanto ela me salta para cima e para baixo, como se eu estivesse pensando, "*Tirem-me fora deste passeio!*" Minha mãe está tão bonita como sempre, mesmo em uma camiseta velha e jeans, o cabelo preso em uma bandana. Ela sorri para mim como se eu fosse a coisa mais maravilhosa em sua vida.

Machuca olhar para essa foto, mas eu continuei olhando para ela.

Eu lembrei que Sadie tinha me dito, que algo estava afetando os espíritos dos mortos, e nós não poderíamos ver nossa mãe novamente, a menos que nós descobríssemos o que era.

Eu respirei fundo. Meu pai, meu tio, minha mãe, todos magos poderosos. Todos tinham sacrificado tanto para restaurar a Casa da Vida. Eles eram mais velhos, mais sábios e mais fortes que eu. Eles tiveram décadas para praticar magia. Sadie e eu tivemos nove meses. E ainda precisávamos fazer algo que nenhum mago jamais conseguiu – derrotar o própria Apófis.

Fui para o meu armário e tirei minha mala antiga de viagem. Ela era apenas um bolsa de mão preta de couro, como um milhão de outras que você pode ver em um aeroporto. Durante anos eu a carregava ao redor do mundo enquanto eu viajava com meu pai. Ele me treinou para viver apenas com o que eu pudesse carregar.

Abri a mala. Estava vazia agora, exceto por uma coisa: uma estatueta de uma serpente enrolada esculpida em granito vermelho, gravada com hieróglifos. O nome – Apófis – estava riscado e sobrescrito com feitiços de ligação, mas esta estatueta ainda era o objeto mais perigoso em toda a casa – a representação do inimigo.

Sadie, Walt e eu tínhamos feito isso em segredo (mesmo com fortes objeções de Bastet). Nós só confiamos em Walt porque precisávamos de suas habilidades em feitiço. Nem mesmo Amós teria aprovado tal experiência perigosa. Um erro, um feitiço

equivocado, e essa estátua poderia se transformar de uma arma contra Apófis em um portal permitindo-lhe livre acesso a Casa do Brooklyn. Mas nós tínhamos que arriscar. A menos que encontrássemos alguns outros meios de derrotar a serpente, Sadie e eu teríamos que usar esta estátua para o Plano B.

— Uma ideia insensata —, disse uma voz a partir da varanda.

Um pombo estava empoleirado no parapeito. Havia algo muito não-pombo sobre o seu olhar. Parecia destemido, quase perigoso, e eu reconheci a voz, que era mais viril e bélica do que você normalmente esperaria de um membro da família das pombas.

— Hórus —, eu perguntei.

O pombo balançou sua cabeça. — Posso entrar?

Eu sabia que ele não estava apenas perguntando por cortesia. A casa era fortemente encantada para manter fora as pragas indesejáveis, como roedores, cupins e deuses egípcios.

— Eu lhe dou permissão para entrar —, eu disse formalmente. — Hórus, na forma de um... uh... pombo.

— Obrigado.— O pombo pulou a grade e entrou gingando.

— Por quê? — Eu perguntei.

Hórus rufou suas penas. — Bem, eu pensei em um falcão, mas eles são um pouco escassos em Nova York. Eu queria algo com asas, assim um pombo parecia ser a melhor escolha. Eles adaptaram-se bem às cidades, não têm medo de pessoas. São aves nobres, não acha?

— Nobre —, eu concordei. — Essa é a primeira palavra que vem à mente quando eu penso em pombos.

— De fato, — Hórus disse.

Aparentemente, o sarcasmo não existia no Antigo Egito, porque Hórus nunca pareceu entender isso. Ele voou em minha cama

e bicou umas migalhas de Cheerios que sobraram do almoço de Khufu.

— Hey, — eu avisei, — se você fizer cocô nos meus cobertores...

— Fala sério. Deuses da guerra não fazem cocô em cobertores. Bem, exceto daquela vez...

— Esqueça o que eu disse...

Hórus pulou para a beira da minha mala. Ele olhou para baixo para a estatueta de Apófis. — Perigoso —, disse ele. — Muito, muito perigoso, Carter.

Eu não tinha contado a ele sobre o plano B, mas não fiquei surpreso que ele soubesse. Hórus e eu tínhamos compartilhado pensamentos muitas vezes. Quanto mais eu consegui canalizar seus poderes, mais nos entendemos. A desvantagem da magia divina era que eu não posso desligar essa conexão.

— É nosso plano de emergência —, disse. — Estamos tentando encontrar outra maneira.

— Procurando por aquele pergaminho —, lembrou. — cuja última cópia queimou hoje à noite em Dallas.

Eu resisti ao impulso de bater no pombo. — Sim. Mas Sadie encontrou esta caixa de sombra. Ela acha que é algum tipo de pista. Você não saberia alguma coisa sobre o uso de sombras contra Apófis, não é?

O pombo voltou sua cabeça para os lados. — Não mesmo. Minha compreensão da magia é bastante simples. Acertar os inimigos com uma espada até que eles estejam mortos. Se levantarem novamente, acertá-los novamente. Repetir conforme necessário. Funcionou contra Set .

— Depois de quantos anos de luta?

O pombo me encarou. — Qual é o seu problema?

Eu decidi evitar uma discussão. Hórus era um deus da guerra. Ele gostava de lutar, mas ele tinha levado anos para derrotar Set, o deus do mal. E Set era uma coisa pequena ao lado de Apófis, a força primordial do Caos. Bater em Apófis com uma espada não iria funcionar.

Pensei em algo que Bastet tinha dito anteriormente, na biblioteca.

— Será que Tot sabe mais sobre as sombras? — Eu perguntei.

— Provavelmente —, resmungou Hórus. — Tot não é bom em muita coisa exceto estudar seus mofados pergaminhos antigos. — Ele observava a estatueta da serpente. — Engraçado... Eu acabei de lembrar de algo. Antigamente, os egípcios usavam a mesma palavra para a estátua e sombra, porque ambos são pequenas cópias de um objeto. Ambos eram chamados de *sheut*.

— O que você está tentando me dizer?

O pombo rufou suas penas. —Nada. Isso só me ocorreu, olhando para a estátua, enquanto você estava falando de sombras.

Uma sensação gelada se espalhou entre meus ombros.

Sombras... estátuas.

Na última Primavera Sadie e eu tínhamos visto como o velho chefe Leitor Desjardins lançou um feitiço de execração sobre Apófis. Mesmo contra demônios menores, feitiços de execração eram perigosos. Você deve destruir uma pequena estátua do alvo e, ao fazer isso, o próprio alvo será destruído, será apagado do mundo. Se cometer um erro, as coisas começam a explodir, inclusive o mágico que o lançou.

No mundo inferior, Desjardins tinha usado uma estatueta contra Apófis. O chefe Leitor tinha morrido ao lançar a execração, e só conseguiu empurrar Apófis um pouco mais no Duat.

Sadie e eu esperávamos que, com uma estátua de magia mais poderosa, nós dois trabalhando juntos poderíamos ser capazes de

execrar Apófis completamente, ou pelo menos jogá-lo tão profundamente no Duat que ele nunca mais iria voltar.

Esse era o plano B. Mas nós sabíamos que uma magia poderosa necessita de muita energia, nos custaria as nossas vidas. A menos que nós encontrássemos outro modo.

Estátuas como sombras, sombras como estátuas.

O plano C começava a se formar na minha mente uma ideia tão louca, eu não deseja colocá-la em palavras.

— Hórus —, eu disse cuidadosamente, — Apófis tem uma sombra?

O pombo piscou os olhos vermelhos. — Que pergunta! Porquê você...? — Ele olhou para a estátua vermelha. — Oh... Oh. É inteligente, na verdade. Certamente insano, mas inteligente. Você acha que a versão de Set de O Livro da Derrota de Apófis, que Apófis estava tão ansioso para destruir... você acha que continha um feitiço secreto para...

— Eu não sei —, disse. — Vale a pena perguntar a Tot. Talvez ele saiba de alguma coisa.

— Talvez, — Hórus disse a contragosto. — Mas eu ainda acho que um ataque frontal é o caminho a percorrer.

— Claro você acha.

O pombo balançou a cabeça. — Nós somos fortes o suficiente, você e eu. Devemos unir forças, Carter. Deixe-me partilhar a sua forma como fiz uma vez. Poderíamos levar os exércitos de deuses e homens e derrotar a serpente. Juntos, nós vamos dominar o mundo.

A ideia poderia ter sido mais tentadora se eu não tivesse olhando para um pássaro gordo com pó de Cheerios em sua plumagem. Deixar um pombo governando o mundo parecia uma má ideia.

— Eu vou contatar você sobre isso —, eu disse. — Primeiro, eu deveria falar com Tot.

— Bah. — Hórus bateu as asas. — Ele ainda está em Memphis, no estádio desportivo ridículo dele. Mas se você planeja vê-lo, eu não esperaria muito tempo.

— Por que não?

— É isso que eu vim te dizer —, disse Hórus. — As questões estão ficando complicadas entre os deuses. Apófis está nos dividindo, nos atacando um a um, assim como ele está fazendo com vocês magos. Tot foi o primeiro a sofrer.

— Sofrer... como?

O pombo inchou. Uma nuvem de fumaça saiu de seu bico curvado.

— Oh, meu caro. Meu anfitrião está se autodestruindo. Ele não consegue segurar o meu espírito por muito mais tempo. Apenas se apresse, Carter. Estou tendo problemas para manter os deuses juntos, e o velho Rá não está ajudando a nossa moral. Se nós não liderarmos os nossos exércitos em breve, não haverá quaisquer exércitos para liderar.

— Mas...

O pombo soluçou outra nuvem de fumaça. — Tenho que ir. Boa sorte.

Hórus voou pela janela, deixando-me sozinho com a estatueta de Apófis e algumas penas cinzentas.

Dormi como uma múmia. Essa foi a parte boa. A parte ruim foi Bastet que me deixou dormir até a tarde.

— Por que você não me acordou? — Eu exigi. — Eu tenho coisas para fazer!

Bastet estendeu as mãos. —Sadie insistiu. Você teve uma noite difícil ontem à noite. Ela disse que precisava descansar. Além disso, eu sou um gato. Eu respeito a santidade do sono.

Eu ainda estava louco, mas parte de mim sabia que Sadie estava certa. Eu tinha gasto muita energia mágica na noite anterior e tinha ido dormir muito tarde. Talvez, apenas talvez, Sadie tivesse o meu melhor dos interesses no coração.

(Eu já peguei as caras que você fez para mim, então talvez não.)

Tomei banho e me vesti. No momento em que as outras crianças voltaram da escola, eu estava me sentindo quase humano novamente.

Sim, eu disse *escola*, como a normal e antiga escola. Havíamos passado a última primavera dando aulas para todos os iniciados na Casa do Brooklyn, mas com o início do semestre de outono, Bastet tinha decidido que as crianças poderiam ter uma dose de vida mortal regular. Agora eles foram para uma escola próxima no Brooklyn durante o dia e magia ensinada durante as tardes e nos fins de semana.

Eu era o único que ficou para trás. Eu sempre estudei em casa. A ideia de lidar com armários, horários, livros didáticos e alimentos de cafeteria e ainda manter o Vigésimo primeiro Nomo era demais para mim.

Você pensou que as outras crianças devem ter se queixado, especialmente Sadie. Mas, na verdade, frequentar a escola estava fazendo bem para eles. As meninas ficaram felizes de ter mais amigos (e menos meninos idiotas com quem flertar, alegaram). Os caras podiam praticar esportes com equipes reais, em vez de um-em-um com Khufu usando estátuas egípcias como aros. Quanto à Bastet, ela estava feliz por ter uma casa calma para que ela pudesse se esticar no chão e tirar uma soneca na luz do sol.

De qualquer forma, no momento que os outros chegaram em casa, eu tinha pensado muito sobre minhas conversas com Zia e Hórus. O plano que eu tinha formulado ontem à noite ainda parecia loucura, mas eu decidi que poderia ser o nosso melhor tiro. Após instruções de Sadie e Bastet, que (perturbadoramente) concordaram

comigo, decidimos que era hora de contar para o resto de nossos amigos.

Nós nos reunimos para jantar no terraço principal. É um lugar agradável para comer, com barreiras invisíveis que impedem o vento, e uma grande vista do East River e Manhattan. A comida aparece magicamente, e é sempre saborosa. Ainda assim, eu temia comer no terraço. Durante nove meses tivemos todos os nossos encontros importantes alí. Eu passei a associar jantares com desastres.

Nós enchemos os nossos pratos, enquanto nosso crocodilo guardião albino Philip da Macedónia espirrava feliz em sua piscina. Leva algum tempo para se acostumar a comer próximo a um crocodilo de 20 metros de comprimento, mas Felipe foi bem treinado. Ele só comia bacon, afastava aves aquáticas e os monstros ocasionais invasores.

Bastet sentou-se à cabeceira da mesa com uma lata de Purina Fancy Feast[10]. Sadie e eu nos sentamos juntos na extremidade oposta. Khufu estava sem os pirralhos e alguns dos nossos mais novos recrutas estavam dentro fazendo sua lição de casa ou recuperando o atraso em criar magia, mas a maioria do nosso pessoal principal estava presente, uma dúzia de altos iniciados.

Considerando o quão mal a noite passada tinha se desenrolado, todos pareciam estranhamente de bom espírito. Eu estava numa espécie de felicidade por eles ainda não saberem sobre a mensagem de ameaça de morte de Sarah Jacobi. Julian se mantinha pulando na cadeira e sorrindo sem nenhuma razão em particular. Cleo e Jaz cochichavam entre si e riam. Mesmo Felix parecia ter se recuperado de seu choque em Dallas. Ele estava esculpindo minúsculos *shabtis* pinguins com seu purê de batatas e os trazendo para vida.

Apenas Walt parecia triste. O grandalhão não tinha nada sobre o seu prato, exceto três cenouras e um pote de Jell-O. (Khufu insistiu

[10] Tipo de ração de gato.

que Jell-O tinham propriedades curativas mais importantes.) A julgar pela tensão em torno dos olhos de Walt e a rigidez de seus movimentos, eu imaginei que sua dor estivesse ainda pior do que ontem à noite.

Virei-me para Sadie. — O que está acontecendo? Todo mundo parece... distraído.

Ela olhou para mim. — Eu continuo esquecendo que você não vai à escola. Carter, é o primeiro baile hoje à noite! Três outras escolas estarão lá. Podemos apressar a reunião, não podemos?

— Você está brincando —, eu disse. — Estou pensando em planos para o apocalipse, e você está preocupada em ser tarde para um baile?

— Eu já tinha te dito uma dúzia de vezes —, ela insistiu. — Além disso, precisamos de algo para impulsionar nossos espíritos. Agora, diga todo o seu plano. Alguns de nós ainda temos que decidir o que vestir.

Eu queria discutir, mas os outros estavam olhando para mim com expectativa.

Limpei a garganta. — Okay. Eu sei que há um baile, mas...

— Ás sete, — Jaz disse. — Você virá, certo?

Ela sorriu para mim. Ela estava flertando...?

(Sadie me chamou de estupido. Ei, eu tinha outras coisas em minha mente.)

— Uh... isso de qualquer maneira —, gaguejei. — Precisamos falar sobre o que aconteceu em Dallas, e o que acontecerá em seguida.

Isso matou o humor. Os sorrisos desapareceram. Meus amigos ouviram como eu revi a nossa missão para o Nomo Cinqüenta e um, a destruição do Livro da Derrota de Apófis, e a recuperação da caixa de sombras. Eu disse a eles sobre a demanda de Sarah Jacobi para a

minha rendição, e o tumulto entre os deuses que Hórus tinha mencionado.

Sadie começou, ela explicou seu estranho encontro com o rosto na parede, dois deuses, e nossa mãe fantasma. Ela compartilhou sua sensação de que nossa melhor chance de derrotar o Apófis tinha algo a ver com sombras.

Cleo levantou a mão. — Então... os mágicos rebeldes têm uma morte garantida para você. Os deuses não podem nos ajudar. Apófis poderia surgir em qualquer momento, e o pergaminho que poderia ter nos ajudado a derrotá-lo foi destruído. Mas não devemos nos preocupar, porque temos uma caixa vazia e um palpite vago sobre sombras.

—Por que, Cleo, — Bastet disse com admiração. — Você tem um lado gatinha!

Eu pressionei as mãos contra a superfície da mesa. Seria necessário muito pouco esforço para chamar a força de Hórus e esmagá-la em gravetos. Mas duvidei que iria ajudar na minha reputação como um líder calmo.

— Isso é mais do que um palpite vago —, eu disse. — Olha, você lembra de tudo que aprendeu sobre magias de execração, certo?

Nosso crocodilo, Philip, resmungou. Ele bateu na piscina com sua cauda e fez chover sobre o nosso jantar. Criaturas mágicas são um pouco sensíveis com a palavra execração.

Julian limpou a água de seu sanduíche de queijo grelhado.

— Cara, você não pode execrar Apófis. Ele é enorme. Desjardins tentou e morreu.

— Eu sei —, disse. — Com uma execração padrão, você destrói uma estátua que representa o inimigo. Mas o que se poderia pôr em marcha acima o feitiço, destruindo uma representação mais poderosa, algo... mais ligado à Apófis?

Walt sentou-se para a frente, de repente interessado. — A sombra dele?

Felix ficou tão assustado que deixou cair a colher, esmagando um dos pinguins de purê de batata. — Espere, o quê?

— Eu tive a ideia por causa de Hórus —, eu disse. — Ele me disse que estátuas eram chamadas de sombras nos tempos antigos.

— Mas isso era apenas, tipo, simbólico —, disse Alyssa. — Não era?

Bastet esvaziou sua Feast Fancy. Ela ainda parecia nervosa sobre todo o tópico de sombras, mas quando eu expliquei a ela que era isso ou Sadie e eu morrermos, ela concordou em nos apoiar.

— Talvez não —, a deusa gato disse. — Eu não sou nenhuma expert em execração, você sabe. Negócio desagradável. Mas é possível que uma estátua usada para execração seja originalmente concebida para representar a sombra do alvo, que é uma parte importante da alma.

— Então —, Sadie disse, — nós poderíamos lançar um feitiço de execração sobre Apófis, mas em vez de destruir uma estátua, podemos destruir a sua sombra real. Brilhante, não?

— Isso é loucura —, disse Julian. — Como você pode destruir uma sombra?

Walt enxotou um pinguim de purê de batata para longe de seu Jell-O.

— Não é loucura. Magia empático é tudo sobre como usar uma cópia pequena para manipular o destino real. É possível toda a tradição fazendo pequenas estátuas para representar pessoas e deuses, talvez, há um tempo essas estátuas na verdade contivessem a *sheut* do alvo. Existem muitas histórias sobre as almas dos deuses que habitam estátuas. Se uma sombra for presa em uma estátua, você pode ser capaz de destruí-la.

—Você poderia fazer uma estátua desse jeito? — Alyssa perguntou. — Algo que poderia vincular a sombra de... do próprio Apófis?

— Talvez. — Walt olhou para mim. A maioria das pessoas na mesa não sabia que já tínhamos feito uma estátua de Apófis que poderia funcionar para esse efeito. — Mesmo se eu pudesse, a gente precisa encontrar a sombra. Então nós precisamos de um pouco de magia muito avançada para capturá-la e destruí-lo.

— Encontrar uma sombra? — Felix sorriu nervosamente, como se esperasse que estivéssemos brincando. — Não seria certo estar com ela? E como você vai capturá-la? Pisar nela? Brilhar uma luz sobre ela?

— Vai ser mais complicado do que isso —, eu disse. — Este antigo mágico Setne, o cara que escreveu sua própria versão de O Livro da Derrota de Apófis, acho que ele deve ter criado um feitiço para pegar e destruir sombras. É por isso que Apófis estava tão ansioso para queimar a evidência. Essa é sua fraqueza em segredo.

— Mas o livro está desaparecido —, disse Cleo.

— Ainda há alguém que pode fazer —, disse Walt. — Tot. Se alguém sabe as respostas, é ele.

A tensão em torno da mesa pareceu se aliviar. Pelo menos nós demos aos nossos iniciados algo a esperar, mesmo que fosse um tiro no escuro.

Eu estava agradecido por termos Walt do nosso lado. Sua capacidade de tomada de encantamentos pode ser a nossa única esperança de ligar a sombra da estátua, e seu voto de confiança pesava com as outras crianças.

— Precisamos visitar Tot imediatamente —, disse. — Essa Noite.

— Sim —, concordou Sadie. —Logo após o baile.

Eu olhei para ela. — Você não está falando sério.

— Oh, sim, querido irmão. — Ela sorriu maliciosamente, e por um segundo, eu fiquei com medo que ela pudesse invocar o meu nome secreto e forçar-me a obedecer. —Estaremos participando da noite de baile. E você virá com a gente.

5. Uma Dança com a Morte

Viva, Carter. Pelo menos você tem o senso de me dar o microfone para coisas importantes.

Honestamente, ele falou e falou sobre os planos para o Apocalipse, mas ele não fez nenhum plano para o baile escolar. As prioridades do meu irmão são severamente sem noção.

Eu não acho que estava sendo egoísta por querer ir ao baile. É claro que nós tínhamos sérios problemas para lidar. Este é o motivo pelo qual eu insisti para ir à festa. Nossos iniciados precisavam levantar a moral. Eles precisam ter a chance de serem crianças normais, ter amigos e vidas fora da Casa do Brooklyn – alguma coisa para lutar. Até exércitos no campo de batalha lutam melhor quando tiram um tempo para se divertir. Eu tenho certeza que algum general em algum canto já disse isso.

Ao pôr do sol, eu estaria pronta para liderar minhas tropas para a batalha. Eu coloquei um vestido preto bastante confortável e fiz mechas pretas em meu cabelo loiro, com apenas um pouco de maquiagem para o meu look de morta-viva. Eu calcei simples sandálias para dança (apesar do que Carter diz, eu não uso botas de

combate todo o tempo; apenas noventa por cento do tempo), o amuleto de prata *Tyet* da caixa de joias da minha mãe, e o pingente que o Walt me deu no meu último aniversário com o símbolo egípcio da eternidade, *shen*.

Walt tem um amuleto idêntico em sua coleção de talismãs, que nos proporciona uma linha mágica de comunicação, e além da habilidade de invocar a outra pessoa para o nosso lado em emergências.

Infelizmente, os amuletos *shen* não significam que estamos namorando exclusivamente. Ou namorando de qualquer outra maneira. Se Walt tivesse me perguntado, eu acho que ficaria bem com isso. Walt é tão gentil, deslumbrante – perfeito, realmente, na maneira dele. Talvez se ele tivesse se acertado um pouco mais, eu teria me apaixonado por ele e seria capaz de deixar o outro garoto, o divino.

Mas Walt estava morrendo. Ele tinha essa ideia boba que seria injusto para mim se nós começássemos um relacionamento nestas circunstâncias. Como se isso fosse me parar. Então nós estamos estancados nesse ciclo vicioso – paquerando, conversando por duas horas, em alguns momentos, um beijo, quando nós baixamos nossa guarda – mas normalmente Walt sempre me afasta e me solta.

Por que as coisas não podiam ser simples?

Estou dizendo isso porque eu literalmente corri para Walt quando eu desci as escadas.

— Oh! — eu disse. Então eu notei que ele estava vestindo a sua camiseta velha, jeans e nenhum sapato. — Você ainda não está pronto?

— Eu não vou. — Ele disse.

Minha boca caiu. — O que? Por quê?

— Sadie... você e Carter precisarão de mim quando forem visitar Tot. Se eu tiver mesmo que ir, eu tenho que descansar.

— Mas... — Eu me forcei para parar. Não era certo eu pressioná-lo. Eu não precisava de mágica para ver que ele realmente estava com uma grande dor.

Séculos de conhecimento de magia de cura a nossa disposição, e ainda tudo que nós tentamos parecia não ajudar Walt. Eu te pergunto: Qual é o objetivo de ser uma maga se você não pode brandir a sua varinha e fazer com que as pessoas que você se importa se sintam bem?

— Certo. — Eu disse. — Eu, eu estava apenas esperando...

Alguma coisa que eu disse deve ter soado rude. Eu queria dançar com ele. Deuses do Egito, eu me *vesti para ele*. Os garotos mortais da escola estavam certos, eu presumo, mas eles parecem menos interessantes comparado à Walt (ou, sim, tudo bem – comparado a Anúbis). Quanto aos outros meninos da Casa do Brooklyn – dançar com eles teria me deixado estranha, como se eu dançasse com meus primos.

— Eu poderia ficar. — Eu ofereci, mas eu acho que não saiu muito convincente.

Walt deu um leve sorriso. — Não, vá, Sadie. De verdade. Eu tenho certeza que eu estarei me sentindo melhor quando você voltar. Se divirta.

Ele passou por mim e subiu os degraus.

Eu respirei fundo. Parte de mim queria ficar e cuidar dele. Ir sem ele não parecia certo.

Então eu olhei para baixo para o grande salão. As outras crianças estavam brincando e conversando, preparadas para sair. Se eu não for, eles provavelmente vão se sentir obrigados a ficar também.

Alguma coisa como cimento molhado se firmou no meu estômago. Toda a alegria e excitação em mim de repente vieram à tona para a noite. Por meses eu venho lutando para ajustar a vida em Nova York depois de muitos anos em Londres. Eu tenho me esforçado para balancear a vida de uma jovem maga com a de ser uma garota de escola. Agora, quando esse baile pareceu me oferecer a chance de combinar esses dois mundos e ter uma noite maravilhosa, minhas esperanças são despedaçadas. Eu ainda tinha que ir e fingir estar me divertindo. Mas eu só faria isso por que é o meu dever, para fazer os outros se sentirem bem.

Eu imaginava se isso seria o que um adulto sentia. Horrível.

A única coisa que me alegrou foi Carter. Ele saiu do quarto dele como um professor júnior, em um casaco e gravata, camisa social, e calças. Coitado – é claro que ele nunca esteve em um baile mais do que ele esteve em uma na escola. Ele não tinha qualquer ideia.

— Você está... maravilhoso. — Eu tentei deixar minha cara séria. — Você sabe que isso não é um funeral?

— Cala a boca. — Ele resmungou. — Vamos acabar com isso.

A escola que eu e as crianças frequentamos era a Academia Brooklyn para superdotados. Todo mundo chamava de BAG[11]. Nós não parávamos de fazer piada com isso. Os estudantes eram Baggies[12]. As garotas glamourosas com narizes refeitos por plásticas e lábios com botox eram Plastic Bags[13]. Nossos ex-alunos eram Old Bags[14]. E naturalmente, nossa diretora, Sra. Laird, era a Bag Lady.[15]

Apesar do nome, a escola era muito boa. Todos os estudantes eram superdotados em arte, música ou teatro. Nossos horários eram flexíveis, com muito tempo de estudo independente. O que funciona perfeitamente para nós magos. Nós poderíamos ir batalhar com monstros, se necessário; e, como magos, não era difícil para nós passarmos por superdotados. Alyssa usou sua magia de terra para fazer esculturas. Walt se especializou em joias. Cleo era uma incrível escritora, desde que ela podia recontar as histórias que tinham sido esquecidas desde os dias do Egito Antigo. Para mim, eu não precisava de mágica. Eu era natural para o teatro.

[Para de rir, Carter.]

Você pode não esperar isso no meio do Brooklyn, mas nosso campus era como um parque, com acres de gramados verdes, árvores bem cuidadas e sebe, até um pequeno lago com patos e cisnes.

---

[11] BAG – Brooklyn Academy for the Gifted; Bag = Saco

[12] "Baggies" foi um nome dado a um tipo particular de Jeans no início de 1980 no Reino Unido. Os jeans foram concebidos para serem largas em torno da perna, com um fecho de correr apertado ou botão em torno do tornozelo, e tinha um número de fecho de correr com bolsos principalmente para baixo da frente do Jeans.

[13] Sacos plásticos.

[14] Sacos velhos.

[15] Senhora saco.

O baile estava acontecendo em um pavilhão em frente do prédio de administração. Uma banda tocava na varanda. Luzes eram colocadas nas árvores. Professores-inspetores caminhavam no perímetro “Patrulha do Arbusto”, para ter certeza que nenhum dos alunos mais velhos iria para os arbustos.

Eu tentei não pensar sobre isso, mas a música e a multidão me lembravam da noite anterior em Dallas - um estilo diferente de festa, que tinha acabado mal. Eu me lembrei de JD Grissom apertando minha mão, desejando-me sorte antes dele correr para salvar sua esposa.

Uma culpa horrível brotou dentro de mim. Eu forcei esse sentimento para baixo. Não faria nenhum bem para mim me lembrar do Grissom e começar a chorar no meio do baile. E certamente não ajudaria meus amigos a se divertir.

Quando nosso grupo se dispersou na multidão, eu me virei para Carter, que estava perdendo tempo com sua gravata.

— Certo. — Eu disse. — Você precisa dançar.

Carter me olhou com horror. — O que?

Eu chamei uma das minhas amigas mortais, uma adorável menina chamada Lacy. Ela era um ano mais nova que eu, então ela olhou para mim agradecida. (Eu sei, é difícil não se sentir agradecida.) Ela tinha tranças loiras bonitas, aparelho nos dentes, e era possivelmente a única pessoa no baile mais nervosa que o meu irmão. Ela tinha visto fotos de Carter antes, contudo, e parecia achar ele *gostoso*. Eu não usei isso contra ela, em muitos aspectos, ela tinha bom gosto.

— Lacy, Carter. — Eu os apresentei.

— Você parece como nas suas fotos! — Lacy sorriu. As faixas em seus braços estavam alternando rosa e branco para combinar com o seu vestido.

Carter disse, — Uh...

— Ele não sabe dançar. — Eu contei para Lacy. — Eu ficaria agradecida se você o ensinasse.

— Certo! — Ela gritou. Ela segurou a mão do meu irmão e o levou embora.

Eu comecei a me sentir melhor. Talvez eu pudesse me divertir hoje à noite, apesar de tudo.

Então eu me virei e me encontrei cara a cara com um das minhas mortais não tão favoritas – Drew Tanaka, a garota popular, com seu esquadrão de supermodelos.

— Sadie! — Drew me abraçou. Seu perfume era uma mistura de rosas com gás lacrimogêneo. — Estou tão feliz que você está aqui, querida. Se eu soubesse que você viria, você poderia ter vindo na limusine com a gente.

Suas amigas fizeram um simpático "Aww" e sorriram para mostrarem que elas não estavam sendo totalmente sinceras. Elas estavam vestidas mais ou menos do mesmo jeito, no mínimo foi o mesmo designer de seda que seus pais sem dúvida encomendaram durante a última semana da moda. Drew era a mais alta e glamourosa (eu uso a palavra como um insulto) com delineador rosa horrível e cachos negros enrolados que eram aparentemente da própria Drew para trazer de volta as permanentes[16] dos anos 80. Ela usava o pingente – uma platina de brilhantes e diamante em formato de D - possivelmente sua inicial, ou sua nota média.

---

[16] Tipo de penteado.

Eu dei aquele sorriso para ela. — Uma limusine, wow. Obrigada por isso. Mas entre você, suas amigas e seus egos, eu duvido que teria espaço extra.

Drew fez um beicinho. — Isso não é legal, docinho! Onde está o Walt? O pobre bebê ainda está doente?

Do lado dela, algumas das garotas tossiram nas mãos, imitando Walt.

Eu queria puxar meu cajado do Duat e transformá-las em vermes para os patos. Eu tinha certeza que poderia fazer isso, e eu duvidada que alguém sentiria falta delas, mas eu mantive meu temperamento.

Lacy tinha me avisado sobre Drew no meu primeiro dia de aula. Aparentemente as duas tinham ido juntas a um acampamento de verão – blah, blah, eu realmente não escutei os detalhes – e Drew tinha sido uma grande tirana.

Isso não significa, entretanto, que ela poderia ser uma tirana comigo.

— Walt está em casa. — Eu disse. — Eu disse a ele que você estaria aqui. Engraçado, isso não pareceu motivá-lo.

— Que vergonha. — Drew suspirou. — Você sabe, talvez ele não esteja realmente doente. Ele provavelmente só esta alérgico a você, docinho. Isso acontece. Eu deveria ir para lá com uma canja de galinha ou outra coisa. Onde ele mora?

Ela sorriu suavemente. Eu não sabia se ela realmente fantasiava com Walt ou se fingia por que ela me odiava. De qualquer maneira, a ideia de transformá-la em um verme estava se tornando mais atraente.

Antes que eu fizesse alguma coisa. Uma voz familiar atrás de mim disse. — Oi, Sadie.

As outras garotas deram um suspiro coletivo. Minha pulsação foi de câmera lenta para uma arrancada de 50 metros. Eu me virei e encontrei - sim, de verdade - o deus Anúbis penetrou no nosso baile.

Ele tinha um jeito de parecer maravilhoso como sempre. Ele é tão irritante desse jeito. Ele vestia calças pretas finas com botas pretas de couro, e uma jaqueta de motociclista sobre uma camisa do Arcade Fire. Seu cabelo preto era naturalmente bagunçado como se ele tivesse acabado de acordar, e eu lutei contra o impulso de mover os meus dedos para os seus cabelos. Seus olhos castanhos brilhavam de alegria. Ou ele estava feliz em me ver, ou ele gosta de me ver nervosa.

— Oh... meu... Deus. — Drew lamentou. — Quem...

Anúbis a ignorou (sorte dele) e ele estendeu o seu cotovelo para mim, um doce gesto à moda antiga. — Posso ter essa dança.

— Eu acho. — Eu disse, o mais não interessada que eu pude.

Eu enrolei meu braço aos dele, e nós deixamos as Plastic Bags atrás de nós, todas murmurando. — Oh meu Deus! Oh meu Deus!

Não, de verdade. Eu queria dizer. *Ele é o meu maravilhoso garoto deus gostoso. Encontre o de vocês.*

As pedras irregulares de pavimentação faziam a pista de dança perigosa. Em toda a nossa volta, as crianças estavam tropeçando umas nas outras. Anúbis não se importou, quando todas as meninas se viraram e ficavam de boca abertas por ele enquanto ele me levava para multidão.

Eu estava feliz por Anúbis ter meu braço. Minhas emoções estavam tão embaralhadas, eu me senti tonta. Eu estava ridiculamente feliz que ele estava aqui. Eu me senti muito culpada por Walt estar em casa e eu aqui passeando com o Anúbis. Mas eu estava aliviada que Walt e Anúbis não estavam aqui juntos. Isto seria mais do que esquisito. O alívio me fez sentir culpada e assim por diante. Deuses do Egito, eu era uma bagunça.

Quando chegamos ao meio da pista de dança, a banda de repente trocou de uma música agitada para uma balada romântica.

— Você que está fazendo isso? — Eu perguntei a Anúbis.

Ele sorriu, o que não era muito uma resposta. Ele colocou uma mão no meu quadril e apertou minha outra mão, como um devido cavalheiro. Nós dançamos juntos.

Eu tinha ouvido falar da dança no ar, mas eu levei alguns passos para perceber que nós estávamos realmente levitando – alguns milímetros do chão, o suficiente para ninguém perceber, só o necessário para nós deslizarmos pelas pedras enquanto os outros tropeçavam.

A alguns metros, Carter parecia meio esquisito depois que Lacy lhe mostrou como dançar música lenta. [Realmente, Carter, isso não é física quântica.]

Eu olhei fixamente para os olhos marrons quentes de Anúbis e seus lábios intensos. Ele me beijou uma vez – no meu aniversário, primavera passada – e eu nunca tive mais que isso. Você pode pensar que o deus da morte tem lábios frios, mas esse não era o caso.

Eu tentei clarear a minha cabeça. Eu sabia que Anúbis estava aqui por alguma razão, mas era horrivelmente difícil manter o foco.

— Eu pensei... hum.

Oh, brilhante, Sadie. Eu pensei. *Vamos tentar uma frase completa agora, pode ser?*

— Eu pensei que você só podia aparecer em locais de morte. — Eu disse.

Anúbis sorriu gentilmente. — Este é um local de morte, Sadie. A batalha de Brooklyn Heights, 1776. Centenas de tropas americanas e britânicas morreram bem aqui, onde estamos dançando.

— Que romântico. — Eu murmurei. — Então estamos dançando nas suas covas?

Anúbis balançou a cabeça. — A maioria não recebeu um sepultamento correto. Este é o porquê que eu decidi te visitar aqui. Esses fantasmas poderiam usar uma noite de entretenimento, como os seus iniciados.

De repente, espíritos estavam girando ao nosso redor – aparições luminosas em roupas do século XVIII. Alguns usavam o uniforme vermelho britânico. Outros tinham trajes rasgados da milícia. Eles davam voltas com as senhoras fantasmas em vestidos de seda ou agrícolas extravagantes. Algumas das mulheres tinham cabelos encaracolados que fariam Drew ter inveja. Os fantasmas pareciam estar dançando uma música diferente. Eu apurei meus ouvidos e pude fantasmagoricamente ouvir violinos e violoncelos.

Nenhum dos mortais parecia notar a invasão espectral. Até meus amigos da casa do Brooklyn estavam indiferentes. Eu assisti um casal de fantasmas valsarem na direção de Carter e Lacy.

Enquanto Anúbis e eu dançávamos, a Academia do Brooklyn parecia desaparecer e os fantasmas se tornarem mais reais.

Um soldado tinha uma ferida de mosquete no peito. Um oficial britânico tinha uma machadinha por fora da sua peruca. Nós

dançamos entre os mundos, valsando de um lado para o outro sorrindo. Anúbis com certeza sabia como fazer uma menina se divertir.

— Você está fazendo de novo. — Eu disse. — Levando-me fora de fase, ou o que você quiser chamar.

— Um pouco. — Ele admitiu. — Nós precisamos conversar. Eu prometi que te visitaria em pessoa...

— E você veio.

— ...mas isso irá causar um problema. Esta pode ser a última vez que eu posso ver você. Existem murmúrios em relação a nossa situação.

Eu estreitei meus olhos. Estaria o deus da morte ficando vermelho?

— Nossa situação. — Eu repeti.

— Nós.

A palavra deixou minhas orelhas zumbindo. Eu tentei manter minha voz a mesma. — Até onde eu sei, não existe nenhum 'nós' oficialmente. Porque esta seria a última vez que podemos conversar?

Ele com certeza estava ficando vermelho agora. — Por favor, só escute. Tem muita coisa que eu preciso te contar. Seu irmão tem a ideia certa. A sombra de Apófis é a sua melhor esperança. Tot pode guiar vocês um pouco, mas eu duvido que ele revele os feitiços secretos. É muito perigoso.

— Espera, espera. — Eu ainda estava processando sobre o comentário de 'nós', e a ideia que esta pode ser a última vez que eu veja Anúbis. Isso deixou meus neurônios em pânico, milhares de Sadie correndo no meu crânio, gritando e balançando os seus braços.

Eu tentei me focar. — Você quer dizer que Apófis tem uma sombra? Isso poderia ser usado para execrar...

— Por favor, não use essa palavra. — Anúbis fez uma careta. — Mas sim, todas as entidades inteligentes tem almas, então todas tem sombras, até Apófis. Eu sei muito sobre isso, sendo eu o guia da morte. Eu tenho que fazer das almas o meu negócio. Poderia usar a alma dele contra ele? Em teoria, sim. Mas existem muitos perigos.

— Naturalmente.

Anúbis girou-me através de um par de fantasmas coloniais. Outros estudantes nos assistiam, sussurrando enquanto dançávamos, mas suas vozes estavam distantes e distorcidas, como se eles estivessem lá longe do outro lado da queda d'água.

Anúbis me estudou com uma espécie de arrependimento terno. — Sadie, eu não mandaria você nesse caminho se tivesse outro jeito. Eu não quero que você morra.

— Eu concordo com isso. — Eu disse.

— Ainda mais *falando* que este tipo de mágica é proibida. — Ele avisou. — Mas você precisa saber com o que está lidando. O *sheut* é a parte menos entendida da alma. É... como vou explicar... é uma alma de último recurso, uma imagem de força de vida da pessoa. Você ouviu que as almas dos cruéis são destruídas no Hall do Julgamento...

— Quando Ammit devora seus corações. — Eu disse.

— Sim. — Anúbis aumentou sua voz. — Nós dissemos que isso destrói completamente a alma. Mas não é verdade. A sombra permanece. Ocasionalmente, muitas vezes não, Osíris decidiu, ah, rever o julgamento. Se alguém era descoberto ser culpado, mas

novas evidências aparecem, deve ter uma maneira de resgatar a alma do esquecimento.

Eu tentei compreender isso. Meus pensamentos estavam suspensos no ar como os meus pés, incapazes de se conectar com alguma coisa sólida. — Então... você está dizendo que a sombra pode ser usada para, hum, reiniciar uma alma? Como um backup de computador?

Anúbis me olhou estranho.

— Ugh me desculpe. — Eu suspirei. — Eu tenho passado muito tempo com meu irmão nerd. Ele fala como um computador.

— Não, não. — Anúbis disse. — É que é uma boa analogia. Eu só nunca pensei dessa maneira. Sim, a alma não é completamente destruída até que sua sombra seja destruída, então em casos extremos, com a magia certa, é possível reiniciar a alma usando-a. Reciprocamente, se você fosse destruir uma alma de um Deus, ou até a alma de Apófis com parte de uma ex... hum, o feitiço que você mencionou...

— O *sheut* seria infinitamente mais poderoso que uma estátua normal. — Eu adivinhei. — Nós poderíamos destruí-lo, possivelmente sem destruir nós mesmos.

Anúbis olhou em volta nervoso. — Sim, mas você pode ver o porquê deste tipo de magia é secreta. Os deuses nuca iriam querer tanto conhecimento nas mãos de magos mortais. Este é o porquê que nós sempre escondemos nossas sombras. Se um mago fosse capaz de capturar um *sheut* de um Deus e usá-lo para nos ameaçar...

— Certo. — Minha boca estava seca. — Mas eu estou do seu lado. Eu só usaria o feitiço em Apófis. Com certeza Tot entenderá isso.

— Talvez. — Anúbis não soava convincente. — Converse com Tot, pelo menos. Esperemos que ele veja a necessidade de ajudá-la. Eu temo que você possa precisar de um guia melhor – mas um guia perigoso.

Eu engoli em seco. — Você disse que só uma pessoa poderia nos ensinar a magia. Quem?

— O único mago doido o suficiente para pesquisar tal feitiço. Seu julgamento é amanhã ao pôr do sol. Você terá que visitar seu pai antes disso.

— Espera. O quê?

O vento soprou através do pavilhão. A mão de Anúbis apertou a minha.

— Nós temos que nos apressar. — Ele disse. — Tem mais que eu preciso te contar. Alguma coisa está acontecendo com os espíritos dos mortos. Eles estão sendo... Olhe, ali!

Ele apontou para um par de espectros próximos. A mulher dançava descalça com um simples vestido de linho branco. O homem vestia calças e um casaco como um camponês colonial, mas seu pescoço estava inclinado em um ângulo engraçado, como se ele tivesse sido enforcado. Uma névoa preta se enrolou ao redor das pernas do homem como hera. Outros três passos de valsa, e ele estava completamente envolvido.

Os tentáculos sombrios puxaram-no para o solo, e ele desapareceu. A mulher de branco continuou dançando sozinha, aparentemente não notou que o seu parceiro tinha sido consumido por dedos malvados de névoa.

— O que... o que foi isso?— Eu perguntei.

— Nós não sabemos. — Anúbis disse. — Conforme Apófis se fortalece, está acontecendo mais frequentemente. Almas dos mortos estão desaparecendo, sendo puxadas para o fundo do Duat. Nós não sabemos para onde elas vão.

Eu quase tropecei. — Minha mãe. Ela está bem?

Anúbis me deu um olhar de dor, e eu soube a resposta. Minha mãe tinha me avisado – nós podemos nunca mais nos ver de novo a não ser que descubramos um jeito de derrotar Apófis. Ela me mandou aquela mensagem incitando-me a encontrar a sombra da serpente. Isso tinha que estar conectado com o seu dilema de alguma forma.

— Ela está desaparecida. — Eu adivinhei. Meu coração bateu contra minhas costelas. — Tem alguma coisa a ver com esse negócio de sombras, não tem?

— Sadie, eu gostaria de saber. Seu pai está... ele está tentando o seu melhor para encontrá-la, mas...?

O vento o interrompeu.

Alguma vez você colocou sua mão para fora de um carro em movimento e sentiu o ar contra você? Foi como isso, mas dez vezes mais poderoso. Uma força empurrou Anúbis e eu para longe. Eu cambaleei para trás e eu não estava mais levitando.

— Sadie... — Anúbis estendeu a mão, mas o vento o empurrou para longe.

— Parem com isso! — Disse uma voz guinchando entre nós. — Sem demonstrações de afeto na minha frente!

O ar tomou uma forma humana. A princípio eu só vi uma débil silhueta. Então se tornou mais sólido e colorido. Diante de mim havia

um homem com capacete de um aviador antigo, com roupas de couro, óculos, cachecol, casaco e uma jaqueta de bombardeio, como fotos que eu tinha visto de pilotos da Força Aérea durante a Segunda Guerra Mundial. Ele não era de carne e sangue, eu pensei. Sua forma rodou e mudou. Eu percebi que ele era feito a partir do lixo: partículas de sujeira, pedaços de papel, pedaços de dente de leão, folhas secas – tudo colado tão junto que de uma distância teria se passado por um mortal.

Ele apontou o dedo para Anúbis. — Este é o insulto final garoto! — Sua voz sibilou como o ar de um balão. — Você foi avisado *várias* vezes.

— Espera. — Eu disse. — *Quem* é você? E Anúbis é de longe um garoto. Ele tem cinco mil anos.

— Exatamente. — O aviador vociferou. — Uma mera criança. E eu não dei permissão para você falar garota!

O aviador explodiu. A explosão foi tão poderosa, que minhas orelhas estalaram e eu caí sobre meu traseiro. Ao meu redor, os outros mortais – meus amigos, professores, e todos os estudantes – simplesmente desmaiaram. Anúbis e os fantasmas não sentiram o efeito. O aviador se formou de novo, olhando para mim.

Eu me forcei de pé e tentei invocar meu cajado do *Duat*. Sem sorte.

— O que você fez? — Eu exigi.

— Sadie, está tudo bem. — Anúbis disse. — Seus amigos estão apenas inconscientes. Shu apenas diminuiu a pressão do ar.

— Sapato[17]? — Eu perguntei. — Sapato de quem?

---

[17] Shoe = sapato em inglês, Sadie confunde a palavra Shu com Shoe.

Anúbis pressionou seus dedos nas suas têmporas. — Sadie... este é Shu, meu tataravô.

Então me ocorreu: Shu era um desses nomes ridículos de deuses que eu ouvi antes. Eu tentei encaixá-lo. — Ah. O Deus das... sandálias. Não, espera. Balões que vazam. Não...

— Ar! — Shu sibilou. — Deus do ar!

Seu corpo se dissolveu em um tornado de detritos. Quando se formou de novo, ele estava com a roupa do Egito Antigo – de peito nu com uma tanga branca e uma pena de avestruz gigante brotando da sua bandana trançada.

Ele mudou de volta para a roupa da Força Aérea.

— Fique com o traje de piloto. — Eu disse. — A pena de avestruz realmente não combina com você.

Shu fez um som não amigável. — Eu prefiro ser invisível, muito obrigado. Mas vocês mortais poluíram tanto o ar, que está ficando cada vez mais difícil. É terrível o que vocês fizeram nos últimos milênios. Vocês não escutaram sobre o dia “Poupe o ar”? Carona? Motores híbridos? E não me deixe começar a falar das vacas. Você sabia que toda vaca arrota e peida mais de uma centena de litros de metano por dia? Existe um bilhão e meio de vacas no mundo. Você tem ideia do que isso causa para o meu sistema respiratório?

— Hum...

Do bolso da jaqueta, Shu produziu um inalador e sobrou sobre ele. — Chocante!

Eu levantei uma sobrancelha para Anúbis, que parecia mortalmente embaraçado (ou talvez imortalmente embaraçado).

— Shu. — Ele disse. — Nós estávamos apenas conversando. Se você nos deixar terminar.

— Oh, conversando! — Shu berrou, sem dúvida liberando seu próprio metano. — Enquanto seguravam as mãos, e dançavam, e outros comportamentos degenerativos. Não banque o inocente, garoto. Eu fui um acompanhante antes, você sabe. Eu mantive seus avós separados por éons.

De repente eu lembrei a história de Nut e Geb, o céu e a terra. Rá mandou o pai de Nut, Shu, manter os dois amantes separados para então eles nunca terem filhos que um dia poderiam usurpar o trono de Rá. Essa estratégia não funcionou, mas aparentemente Shu ainda estava tentando.

O Deus do ar acenou sua mão em desgosto para os mortais inconscientes, alguns dos quais estavam começando a se mexer. — E agora, Anúbis, eu encontro você neste covil de perversidade, este emaranhado de comportamento questionável, este... este...

— Colégio?— Eu propus.

— Sim! — Shu acenou com a cabeça vigorosamente, sua cabeça se desintegrou em uma nuvem de folhas. — Você ouviu o decreto dos deuses, garoto. Você se tornou inteiramente próximo desta mortal. Você está proibido de mais contato!

— O que? — Eu gritei. — Isso é ridículo! Quem decretou isso?

Shu fez o som de um estouro de pneu. Ou ele estava sorrindo ou me dando um vento com cheiro framboesa. — O conselho inteiro, menina! Liderado pelo Lorde Hórus e Lady Ísis!

Eu me senti como se eu estivesse me dissolvendo em pedaços de lixo.

Ísis e Hórus? Eu não podia acreditar. Esfaqueada pelas costas pelos meus dois supostos amigos. Ísis e eu iríamos ter uma conversinha sobre isso.

Eu me virei para Anúbis, esperando que ele me dissesse que era mentira.

Ele levantou as mãos miseravelmente. — Sadie, eu estava tentando te contar. Não é permitido que deuses se tornem diretamente... hum, envolvidos com mortais. Isso só é possível quando um deus habita uma forma humana, e... e como você sabe, eu nunca trabalhei desse jeito.

Eu rangi meus dentes. Eu queria argumentar que o Anúbis tinha uma forma agradável, mas ele me contou que ele só podia se manifestar em sonhos, ou em lugares de morte. Diferente dos outros deuses, ele tinha não tido um hospedeiro humano.

Isso era muito injusto. Nós nem namoramos apropriadamente. Apenas um beijo, há seis meses, e Anúbis estava banido de me ver para sempre?

— Você não pode estar falando sério. — Eu não tenho certeza quem me deixou com raiva, o Deus do ar acompanhante agitado ou o próprio Anúbis. — Você não vai realmente deixar que eles te regrem desse jeito?

— Ele não tem escolha! — Shu exclamou. O esforço o fez tossir forte, seu peito explodiu em dentes-de-leão. Ele tomou outro sopro do inalador. — Nível de ozônio do Brooklyn... lastimável! Agora, com você Anúbis. Sem contato com esta mortal. Não é apropriado. E com você, menina, fique longe dele! Você tem coisas mais importantes para fazer.

— Oh, sim? — Eu disse. — E você, senhor Tornado de Lixo? Nós estamos preparando uma guerra, e a coisa mais importante que você pode fazer é manter as pessoas sem valsar?

A pressão do ar aumentou de repente. Sangue rugiu na minha cabeça.

— Vê aqui, menina. — Shu rosnou. — Eu até agora a ajudei mais do que você merece. Eu atendi a reza do garoto russo. E trouxe-o aqui por todo o caminho de St. Petersburgo para falar com você. Então, xôo!

O vento soprou nas minhas costas. Os fantasmas foram soprados como fumaça. Os mortais inconscientes começaram a se mexer, protegendo seus rostos dos detritos.

— Garoto russo? — Eu gritei sobre o vendaval. — Que diabos você está falando?

Shu se dissolvia em lixo e girava em torno de Anúbis, levantando-o no ar.

— Sadie! — Anúbis tentou lutar o seu caminho em direção a mim, mas a tempestade era forte demais. — Shu, pelo menos me deixe contá-la sobre Walt! Ela tem o direito de saber!

Eu mal podia ouvi-lo pelo vento. — O que você disse? Walt? — Eu gritei. — O que tem ele?

Anúbis disse alguma coisa que eu não pude entender. Eu fiquei sozinha na pista de dança, cercada por dúzias de crianças e adultos que acabaram de acordar.

Eu estava a ponto de correr para Carter para ter certeza que ele estava bem. [Sim, Carter, honestamente eu estava.]

Então, no limite do pavilhão, um homem novo entrou na luz.

Ele usava uma roupa cinza militar com um casaco de lã muito pesado para a noite quente de setembro. Suas orelhas enormes pareciam ser as únicas coisas segurando seu chapéu de grandes dimensões. Um rifle estava pendurado em seu ombro. Ele não poderia ter mais do que 17 anos; definitivamente ele não era de nenhuma das escolas do baile, ele parecia vagamente familiar.

St. Petersburgo. Shu disse.

Sim. Eu conheci esse garoto brevemente primavera passada. Carter e eu estávamos correndo do Museu Hermitage. Este garoto tentou parar-nos. Ele estava disfarçado de guarda, mas ele se revelou como um mago do Nomo da Rússia – um dos serviçais do malvado Vlad Menshikov.

Eu peguei meu cajado do Duat – com sucesso dessa vez.

O garoto levantou suas mãos em rendição.

— *Nyet!* — Ele suplicou. Então, em um inglês travado, ele disse, — Sadie Kane. Nós... precisamos... conversar...

6. Amós Brinca com Figuras de Ação

Seu nome era Leonid, e nós concordamos em não matar um ao outro.

Nos sentamos nos degraus do gazebo e conversamos enquanto os estudantes e professores lutavam para acordar ao nosso redor.

O inglês de Leonid não era bom. Meu russo não existia, mas eu entendi o suficiente da sua história para ficar alarmada. Ele escapou do Nomo russo e de alguma forma convenceu Shu à vir rapidamente aqui para me encontrar. Leonid lembra-se de mim da nossa invasão ao Nomo. Aparentemente eu causei uma forte impressão no rapaz. Nenhuma surpresa. Eu sou bastante memorável.

[Ah, pare de rir. Carter.]

Usando palavras, gestos de mãos e efeitos sonoros, Leonid tentou explicar o que tem acontecido em São Petersburgo desde a morte de Vlad Menshikov. Eu não pude compreender tudo, mas o quanto eu entendi: *Kwai, Jacobi, Apófis, Primeiro Nomo, muitas mortes, em breve, muito em breve.*

Professores começaram a encurralar alunos e ligar para os pais. Aparentemente eles temiam que o desmaio geral dos alunos pudesse ter sido causado por um ponche ruim ou por gás perigoso

(o perfume da Drew, talvez) e eles decidiram evacuar a área. Eu suspeitei que teríamos policiais e paramédicos na cena rapidamente. Eu queria esta fora antes disso.

Eu arrastei Leonid para conhecer meu irmão, que estava tropeçando meio que perdido, esfregando seus olhos.

— O que aconteceu? — Carter perguntou. Ele fez uma careta para Leonid. — Quem...?

Eu dei para ele uma versão de um minuto: a visita de Anúbis, a intervenção de Shu, o aparecimento do russo. — Leonid tem a informação de um ataque iminente ao Primeiro Nomo —, eu disse. — Os rebeldes vão estar atrás dele.

Carter coçou sua cabeça. — Você quer esconder ele na Casa do Brooklyn?

— Não — Eu disse. — Eu tenho que levá-lo para Amós imediatamente.

Leonid engasgou. — Amós? Ele se transforma em Set... comer rosto?

— Amós *não* vai comer seu rosto. — Eu garanti a ele. — Jacobi tem estado contando-lhe histórias.

Leonid ainda parecia pouco à vontade. — Amós não se torna Set?

Como explicar sem fazer isso soar pior? Eu não sabia o russo certo para: *ele foi possuído por Set, mas isso não foi culpa dele, e ele está muito melhor agora.*

— Não Set. — Eu disse. — Amós bom.

Carter estudou o Russo. Ele me olhou com preocupação. — Sadie, e se isso for uma armadilha? Você confia nesse cara?

— Ah, eu posso lidar com Leonid. Ele não quer que eu o transforme em uma lesma banana, você quer Leonid?

— *Nyet*. — Leonid disse solenemente. — Não lesma banana.

— Aí, você viu?

— E sobre visitar Tot? — Carter perguntou. — Isso não pode esperar.

Eu vi a preocupação em seus olhos. Eu imaginei se ele estava pensando na mesma coisa que eu: nossa mãe estava com problemas. Os espíritos dos mortos estavam desaparecendo, e isso tinha alguma coisa a ver com a sombra de Apófis. Nós tínhamos que achar uma conexão.

— Você visita Tot. — Eu disse. — Leve Walt. E, ah, fica de olho nele, tudo bem? Anúbis queria me dizer alguma coisa sobre ele, mas ele não teve tempo. E em Dallas, quando eu olhei para Walt no Duat...

Eu não pude me fazer terminar. Só de pensar em Walt envolto em panos de linhos para múmias trouxe lágrimas para meus olhos.

Felizmente, Carter parecia ter pego a idéia geral. — Eu vou mantê-lo a salvo. — Ele prometeu. — Como você vai chegar no Egito?

Eu pensei naquilo. Leonid tinha aparentemente voado até aqui via Linhas Aéreas Shu, mas eu duvidava que aquele espalhafatoso deus aviador estaria disposto a me ajudar, e eu não queria perguntar.

— Nós vamos arriscar um portal. — Eu disse. — Eu sei que eles tem estado um pouco instáveis, mas isso é só um pulo rápido. O que pode dar errado?

— Vocês podem se materializar dentro de uma parede. — Carter disse. — Ou acabarem sendo espalhados pelo Duat em um milhão de pedaços.

— Olha, Carter, você se importa! Mas realmente, nós vamos ficar bem. E nós não temos muita escolha.

Eu dei a ele um abraço rápido – eu sei, horrivelmente sentimental, mas eu queria mostrar solidariedade. Depois, antes que eu pudesse mudar de ideia, eu peguei a mão de Leonid e corremos através do campus.

Minha cabeça ainda estava rodando por causa da minha conversa com Anúbis. Como Ísis e Hórus se atreveram a nos manter afastados quando nós nem mesmo estávamos juntos! E o que será que Anúbis queria me dizer sobre Walt? Talvez ele quisesse terminar nosso lamentável relacionamento e dar sua benção para que eu namore Walt. (Besteira.) Ou talvez ele quisesse declarar seu amor imortal por mim e lutar com Walt pela minha afeição. (Altamente improvável, nem eu gostaria de ser disputada como uma bola de basquete). Ou talvez – mais provável – ele queria trazer algumas más notícias.

Anúbis tinha visitado Walt em diversas ocasiões que eu saiba. Ambos tinham sido bastante vagos sobre o que tinha sido discutido, mas já que Anúbis é o guia dos mortos, eu assumi que eles estavam preparando Walt para a morte. Anúbis pode ter querido me avisar que a hora estava chegando – como se eu precisasse de outro lembrete.

Anúbis: fora dos limites. Walt: nas portas da morte. Se eu perdesse ambos os caras que eu gosto, bem… não haveria muito sentido em salvar o mundo.

Tudo bem, isso foi um *pouco* exagerado. Mas só um pouco.

E no topo disso, minha mãe estava com problemas, e os rebeldes de Sarah Jacobi estavam planejando algum horrível ataque ao quartel general do meu tio.

Porque, então, eu me senti tão... esperançosa?

Uma ideia começou a vir até mim – um minúsculo lampejo de uma possibilidade. Não era apenas a perspectiva de que nós poderíamos encontrar uma forma de derrotar a serpente. As palavras de Anúbis continuavam vindo à minha mente: *A sombra*

permanece. Deve haver uma maneira de trazer uma alma de volta do esquecimento.

Se uma sombra podia ser usada para trazer de volta uma alma mortal que foi destruída, ela também poderia fazer o mesmo por um deus?

Eu estava tão perdida em meus pensamentos, que eu mau percebi quando nós chegamos ao prédio de Belas Artes. Leonid me parou.

— Isso para portal? — Ele apontou para o bloco de pedra de calcário esculpida no pátio.

— Sim. — Eu disse. — Obrigada.

Para encurtar a história: quando eu comecei na BAG, eu imaginei que seria bom ter uma relíquia egípcia perto para emergências. Então eu fiz a coisa lógica: eu peguei emprestado um pedaço de friso de calcário do Museu do Brooklyn ali perto. Honestamente, o museu tinha rochas suficientes. Eu não pensei que eles sentiriam falta dessa.

Eu deixei uma cópia no lugar e pedi para Alyssa apresentar o frizo egípcio real ao seu professor de arte como seu projeto – uma tentativa de simular uma forma de arte ancestral. O professor tinha ficado devidamente impressionado. Ele tinha instalado o trabalho de arte de Alyssa no pátio fora da sala de classe. A escultura mostrava pessoas enlutadas em um funeral, o que eu achava apropriado ao ambiente escolar.

Isso não era poderoso ou uma importante peça de arte, mas todas as relíquias do Antigo Egito tem alguma quantidade de poder. Como baterias mágicas. Com o treinamento certo, um mago poderia usar para dar um arranque em feitiços que, caso contrário seriam impossíveis, como abrir um portal.

Eu tinha me tornado muito boa especificamente nessa magia. Leonid me deu cobertura quando eu comecei o encanto.

A maioria dos magos espera por “momentos auspiciosos” para abrir portais. Eles gastam anos memorizando uma tabela de tempo de importantes aniversários como a hora do dia em que cada deus tinha nascido, o alinhamento das estrelas, e outras coisas. Eu suponho que eu deveria me preocupar com essas coisas, mas eu não me preocupava. Dados aos milhares de anos da história egípcia, haviam *tantos* momentos auspiciosos que eu simplesmente fazia o encanto até acertar um. É claro, eu tinha a esperança do meu portal não se abrir durante um momento *não auspicioso*. O que poderia ter causado todos os tipos de efeitos colaterais desagradáveis – mas o que é a vida sem tomar alguns riscos?

(Carter está balançando a cabeça e resmungando, Não tenho ideia do por que.)

O ar ondulou na nossa frente. Uma porta circular apareceu – um vórtex rodopiante de areia dourada – Leonid e eu pulamos nele.

Eu gostaria de dizer que meu feitiço funcionou perfeitamente e que nós terminamos no Primeiro Nomo. Infelizmente, eu errei por pouco. O portal nos deixou cem metros acima do Cairo. Eu me vi em queda livre em meio ao ar frio da noite com as luzes da cidade em baixo.

Eu não entrei em pânico. Eu poderia fazer um número imenso de feitiços para sair daquela situação. Eu poderia até ter assumido a forma de um papagaio (a ave de rapina não o tipo com uma corda). Embora essa não fosse minha forma favorita de viajar. Antes que eu pudesse me decidir por um plano de ação, Leonid agarrou minha mão.

A direção do vento mudou. De repente nós estávamos planando sobre a cidade em uma descida controlada. Nós descemos suavemente do lado de fora da cidade próximos a um conjunto de ruínas que eu sabia por experiência esconder uma entrada do Primeiro Nomo.

Eu olhei espantada para Leonid. — Você conjurou o poder de Shu!

— Shu. — Ele disse sombriamente. — Sim. Necessário. Eu sei… proibido.

Eu sorri com prazer. — Garoto esperto! Você aprendeu o caminho dos deuses por conta própria? Eu sabia que havia uma razão para eu não te transformar em uma lesma banana.

Leniod arregalou os olhos. — Não lesma banana! Por favor!

— Isso era um elogio, idiota. — Eu disse. — Proibido é bom! Sadie gosta de proibido. Agora, venha. Você precisa conhecer meu tio.

Sem dúvidas Carter poderia descrever a cidade subterrânea com riqueza de detalhes, com as medidas exatas de cada sala, com a história chata de cada estátua e hieróglifo e notas de fundo sobre a construção da sede mágica da Casa da Vida.

Eu vou poupá-los dessa dor.

Ela é grande. Ela é cheia de magia. Ela é subterrânea.

Aí está. Detalhado.

Na parte inferior do túnel de entrada, nós cruzamos uma ponte de pedra sobre um abismo, onde fui desafiada por um *Ba*. Um pássaro espírito brilhante (com a cabeça de um famoso egípcio de quem eu deveria saber o nome) me fez uma pergunta: *Qual a cor dos olhos de Anúbis?*

Castanhos. Dãh. Eu suponho que ele estava tentando me enganar com uma pergunta fácil.

O *Ba* nos deixou entrar na cidade propriamente dita. Eu não a visitava haviam seis meses, e estava angustiada por ver quão poucos mágicos haviam restado. O Primeiro Nomo nunca esteve lotado. A magia egípcia tinha murchado ao longo dos séculos com

cada vez menos jovens iniciando seu aprendizado naquelas artes. Mas agora a maioria das lojas na caverna central estavam fechadas. Nas bancas do mercado ninguém estava pechinchando pelo preço dos *ankhs* ou venenos de escorpião. Um vendedor de amuletos parecendo entediado se animou quando nos aproximamos, e depois voltou à mesma quando passamos direto.

Nossos passos ecoavam nos túneis silenciosos. Nós cruzamos um dos rios subterrâneos, depois fizemos nosso caminho por uma das seções da biblioteca e pela Câmara dos Pássaros.

(Carter diz que eu deveria contar à vocês porque que ela é chamada assim. É uma caverna cheia de todos os tipos de pássaros. De novo – *Dãh*. [Carter porque que você está batendo sua cabeça contra a mesa?])

Eu levei meu amigo russo por um corredor longo, passamos por um túnel selado que antes levava à Grande Esfinge de Gizé, e finalmente chegamos às portas de bronze do Salão das Eras. Era agora o salão do meu tio, então eu fui entrando.

Lugar impressionante? Certamente, se você o enchesse com água o salão seria largo o suficiente para um grupo de baleias. Correndo pelo meio, um longo tapete azul brilhava como o rio Nilo. Ao longo de cada lado marchavam fileiras de colunas, e entre elas cortinas de luz brilhavam com cenas do passado do Egito – todo tipo de horríveis, maravilhosos e comoventes eventos.

Eu tentei evitar olhar para eles. Eu sabia por experiência própria que aquelas imagens poderiam ser perigosas de absorver. Uma vez eu cometi o erro de tocar naquelas luzes, e a experiência quase tinha transformado meu cérebro em mingau.

A primeira seção de luz era dourada – A Era dos Deuses. Logo depois, o Reino Antigo brilhava prateado, depois o Reino Médio em um marrom cobre, e assim por diante. Várias vezes enquanto eu andava, eu tive que puxar Leonid para fora das cenas que prendiam seus olhos. Honestamente, eu não estava muito melhor.

Eu fiquei com lágrimas nos olhos quando eu vi uma visão de Bes entretendo os outros deuses fazendo piruetas com uma tanga. (Eu chorei porque eu sentia falta de vê-lo tão cheio de vida, eu quero dizer, apesar da visão de Bes em uma tanga ser o suficiente para fazer os olhos de qualquer um queimarem.)

Nós passamos pelas cortinas de luz de bronze do Novo Reino. Eu parei abruptamente. Nas miragens passageiras, um homem magro usando robes de sacerdote segurava uma varinha e uma faca sobre um touro negro. O homem murmurou como se estivesse abençoando o animal. Eu não poderia dizer mais sobre a cena, mas eu reconheci o rosto do homem – nariz adunco, testa larga, lábios finos que se torceram em um sorriso perverso enquanto corria a faca ao longo da garganta do pobre animal.

— É ele. — Eu murmurei.

Eu andei em direção às cortinas de luz.

— *Nyet*. — Leonid agarrou meu braço. — Você me disse que as luzes são más, fica longe.

— Você... você está certo. — Eu disse. — Mas aquele é o tio Vinnie.

Eu tinha certeza de que aquele era o mesmo rosto que apareceu na parede no Museu de Dallas, mas como poderia ser? A cena que eu estava olhando devia ter acontecido à milhares de anos atrás.

— Não Vinnie. — Leonid disse. — Khaemwaset.

— Como? — Eu não estava certa se tinha ouvido ele corretamente, ou mesmo em qual linguagem ele tinha falado. — Isso é um nome?

— Ele é... — Leonid escorregou para o russo, depois suspirou exasperado. — Muito difícil de explicar. Vamos ver Amós, que não vai comer meu rosto.

Eu me forcei a parar de olhar a imagem. — Boa ideia. Vamos continuar.

No final do salão, as cortinas de luz vermelha da Era Moderna mudaram para um roxo escuro. Supostamente isso marcava o início de uma nova era, mesmo que nenhum de nós soubesse exatamente que tipo de era ela seria. Se Apófis destruísse o mundo, eu achava que seria a Era das Vidas Extremamente Curtas.

Eu esperava ver Amós sentado aos pés do trono do faraó. Aquele era o lugar tradicional para o Leitor Chefe, simbolizando seu papel como conselheiro principal do faraó. É claro que os faraós raramente precisam de conselhos nesses dias, já que todos eles têm estado mortos a vários milhares de anos.

O estrado estava vazio.

Isso me confundiu. Eu nunca havia considerado onde o Leitor Chefe ficava quando ele não estava à mostra. Ele teria um vestiário, possivelmente com seu nome e uma pequena estrela na porta?

— Ali. — Leonid apontou.

Mais uma vez, meu esperto amigo russo estava certo. Na parede do fundo, atrás do trono, uma linha fraca de luz brilhava no chão – na borda inferior da porta.

— Uma assustadora porta secreta. — Eu disse. — Muito bom Leonid.

No outro lado, nós encontramos um tipo de sala de guerra. Amós e uma jovem em roupas camufladas estavam situados nos lados opostos de uma grande mesa incrustada com um mapa do mundo a cores. A superfície da mesa estava cheia de pequenas estatuetas – navios pintados, monstros, mágicos, carros e marcadores com hieróglifos.

Amós e a garota camuflada estavam concentrados em seu trabalho, movendo estatuetas através do mapa, eles não nos perceberam inicialmente.

Amós usava seus tradicionais robes de linho. Com sua forma de barril, que o fazia parecer um pouco com o Frei Tuck[18],exceto pela pele negra e o cabelo mais legal. Seus cabelos trançados estavam decorados com contas de ouro. Seus óculos redondos refletiam a luz enquanto ele estudava o mapa. Amarrada envolta dos seus ombros estava a capa de pele de leopardo do Leitor Chefe.

Quanto à garota jovem… ah, deuses do Egito. Era *Zia*.

Eu nunca a tinha visto em roupas modernas antes. Ela vestia calças cargo camufladas, botas de caminhada, e um top cor de azeitona que valorizava sua pele acobreada. Seus cabelos negros estavam mais longos do que eu me lembrava. Ela parecia muito mais madura e linda do que ela era seis meses atrás, eu estava feliz que Carter não tinha vindo junto. Ele teria tido dificuldades de apanhar seu queixo do chão.

[Sim, você teria, Carter. Ela parecia bastante impressionante, em um estilo Garota Comando.]

Amós moveu uma das estatuetas através do mapa. — Aqui. — Ele disse para Zia.

— Tudo bem. — Ela disse. — Mas isso deixa Paris indefesa.

Eu limpei minha garganta. — Estamos interrompendo?

Amós se virou e abriu um sorriso. — Sadie!

Ele me esmagou em um abraço, em seguida, esfregou minha cabeça carinhosamente.

— Ai. — Eu disse.

---

[18] Personagem das histórias de Robin Hood.

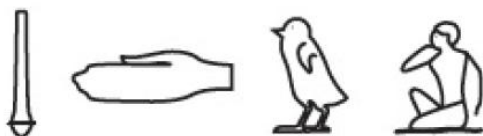
Ele riu. — Me desculpe. Só que é tão bom ver você. — Ele olhou para Leonid. — E esse é... — Zia amaldiçoou. Ela se pôs entre Amós e Leonid. — Ele é um dos russos! Porque ele está aqui?

— Calma. — Eu disse a ela. — Ele é um amigo.

Eu expliquei sobre o aparecimento de Leonid no baile. Leonid tentou ajudar, mas ele continuava escorregando para o russo.

— Espere. — Amós disse. — Vamos facilitar isso.

Ele tocou a testa de Leonid. — *Med-wa.*

No ar à nossa frente, o hieróglifo para *Falar* queimou vermelho:

— Aí. — Disse Amós. — Isso deve ajudar.

As sobrancelhas de Leonid se levantaram. — Você fala russo?

Amós sorriu. — Na verdade, pelos próximos minutos, nós vamos todos estar falando Egípcio Antigo, mas soará a cada um de nós como nossa língua nativa.

— Brilhante. — Eu disse. — Leonid, é melhor tirar o máximo proveito do seu tempo.

Leonid tirou sua capa e ficou mexendo na aba. — Sarah Jacobi e seu tenente Kwai... eles planejam atacar vocês.

— Nós sabemos disso. — Amós disse secamente.

— Não, vocês não entendem! — A voz de Leonid tremeu com o medo. — Eles são maus! Eles estão trabalhando com Apófis!

Talvez fosse uma coincidência, mas quando ele disse aquele nome, várias estatuetas no mapa mundial tremeram e derreteram. Meu coração se sentiu da mesma maneira.

— Calma aí. — Eu disse. — Leonid, como você sabe disse?

Suas orelhas ficaram vermelhas. — Depois da morte de Menshikov, Jacobi e Kwai vieram ao nosso nomo. Nós lhes demos refúgio. Logo Jacobi assumiu o comando, mas meus companheiros não se opuseram. Eles, ah, odeiam muito os Kane. — Ele me olhou com culpa. — Depois que vocês invadiram nossa sede na primavera passada… bem, os outros russos culparam vocês pela morte de Menshikov e pelo retorno de Apófis. Eles culpam vocês por tudo.

— Estou muito acostumada a isso. — Eu disse. — Você não sente o mesmo?

Ele torceu sua enorme capa. — Eu vi o seu poder. Você derrotou o monstro tjesu-heru. Você poderia ter me destruído, mas você não o fez. Você não parecia má.

— Obrigado por isso.

— Antes de nos conhecermos, eu fiquei curioso. Eu comecei lendo pergaminhos antigos, aprendendo a canalizar o poder do deus Shu. Eu sempre fui bom com o elemento ar.

Amós grunhiu. — Isso exigiu coragem, Leonid. Explorar o caminho dos deuses por conta própria em meio ao Nomo russo? Você foi corajoso.

— Eu era um tolo. — A testa de Leonid estava úmida de suor. — Jacobi tem matado magos por pequenos crimes. Um dos meus amigos, um homem velho chamado Mikhail, uma vez cometeu o erro de dizer que todos os Kanes podiam não ser tão ruins. Jacobi o prendeu por traição. Ela o deu para Kwai, que faz magia com... com relâmpagos... coisas terríveis. Eu ouvi Mikhail gritando da masmorra por três dias antes de morrer.

Amós e Zia trocaram olhares severos. Eu tive um sentimento de que aquela não era a primeira vez que eles ouviam sobre os métodos de tortura de Kwai.

— Desculpe-me. — Amós disse. — Mas como você pode ter certeza que Jacobi e Kwai estão trabalhando para Apófis?

O jovem russo me olhou em busca de segurança.

— Você pode confiar em Amós. — Eu prometo. — Ele vai proteger você.

Leonid mordeu seu lábio. — Ontem eu estava em uma das câmaras bem abaixo do Hermitage, um lugar que eu achava ser secreto. Eu estava estudando um pergaminho para conjurar Shu – magia muito proibida. Eu ouvi Jacobi e Kwai se aproximando, então eu me escondi. Eu ouvi eles falando, mas as vozes deles estavam... estilhaçadas. Eu não sei como explicar.

— Eles estavam possuídos? — Zia perguntou.

— Pior. — Leonid disse. — Eles estavam canalizando dúzias de vozes. Era como um conselho de guerra. Eu ouvi muitos monstros e demônios. E presidenciando o encontro havia uma voz, mais profunda e mais poderosa que as outras. Eu nunca tinha ouvido nada como aquilo, era como se as trevas pudessem falar.

— Apófis. — Amós disse.

Leonid havia ficado muito pálido. — Por favor, entenda, a maioria dos magos em São Petersburgo, eles não são maus. Eles só estão assustados e desesperados para sobreviver. Jacobi convenceu eles de que ela vai salvá-los. Ela tem enganado eles com suas mentiras. Ela diz que os Kanes são demônios. Mas ela e Kwai... eles são os monstros. Eles não são mais humanos. Eles montaram acampamento em Abu Simbel. De lá, eles vão liderar os rebeldes contra o Primeiro Nomo.

Amós se virou para o seu mapa. Ele correu com seu dedo pelo sul do Rio Nilo até um pequeno lago. — Eu não sinto nada no

Abu Simbel. Se eles estão lá, eles conseguiram se esconder completamente da minha magia.

— Eles estão lá. — Leonid prometeu.

Zia fez uma careta. — Debaixo dos nossos narizes, dentro de uma distância impressionantemente curta. Nós deveríamos ter matado os rebeldes na Casa do Brooklyn enquanto tínhamos a chance.

Amós balançou sua cabeça. — Nós somos servos do Ma'at – Ordem e Justiça. Nós não matamos nossos inimigos por coisas que eles podem fazer no futuro.

— E agora nossos inimigos vão nos matar. — Zia disse.

Na mesa mapa, mais duas estatuetas derretiam na Espanha. Um navio em miniatura se quebrou em pedaços na costa do Japão.

Amós fez uma careta. — Mais perdas.

Ele escolheu uma estatueta de cobra da Coréia e a empurrou para o naufrágio. Ele tirou do caminho os magos derretidos da Espanha.

— O que é esse mapa? — Eu perguntei.

Zia mudou um símbolo hieróglifo da Alemanha para a França. — O mapa de guerra de Iskandar. Como eu te disse uma vez, ele era um especialista em magia estatuária.

Eu me lembrei. O antigo Leitor Chefe era tão bom que ele fez uma réplica de própria Zia... mas eu decidi não trazer aquilo de volta.

— Aqueles símbolos representam forças atuais. — Eu adivinhei.

— Sim. — Amós disse. — Esse mapa nos mostra os movimentos dos nossos inimigos, pelo menos a maioria deles. Ele também nos permite enviar nossas forças através da magia para onde elas são necessárias.

— E, ah, como estamos indo?

A expressão dele me disse tudo o que eu precisa saber.

— Nós estamos ficando muito espalhados. — Amós disse. — Os seguidores de Jacobi atacam em qualquer lugar em que estamos mais fracos. Apófis envia seus demônios para aterrorizar nossos aliados. Os ataques parecem ser coordenados.

— Porque eles são. Leonid disse. — Kwai e Jacobi estão sob o controle da serpente.

Eu balancei minha cabeça em descrença. — Como Kwai e Jacobi podem ser tão estúpidos? Eles não entendem que Apófis vai destruir o mundo?

— O Caos é sedutor. — Amós disse. — Não duvido que Apófis fez a eles promessas de poder. Ele sussurra nos ouvidos deles, os convencendo que eles são muito importantes para serem destruídos. Eles acreditam que podem fazer um novo mundo melhor do que esse, e eles estão dispostos a pagar qualquer preço – mesmo o de uma aniquilação massiva.

Eu não podia entender como alguém podia ser tão iludido, mas Amós falou como se entendesse. É claro, Amós passou por isso. Ele havia sido possuído por Set, deus do mau e do Caos. Comparado a Apófis, Set era um incômodo menor, mas ele ainda foi capaz de transformar meu tio – um dos magos mais poderosos do planeta – em uma marionete indefesa. Se Carter e eu não tivéssemos derrotado Set e forçado ele a retornar ao Duat... bem, as consequências não teriam sido boas.

Zia pegou uma estatueta de falcão. Ela a moveu para Abu Simbel, mas a pequena estátua começou a se vaporizar. Ela foi forçada a largá-la.

— Eles colocaram proteções poderosas. — Ela disse. — Nós não seremos capazes de espionar.

— Eles vão atacar em três dias. — Leonid disse. — Ao mesmo tempo, Apófis irá erguer-se... na madrugada do dia do equinócio de outono.

— Outro equinócio? — Eu resmunguei. — O último punhado de maldade não aconteceu em um desses? Vocês egípcios tem uma obsessão doentia por equinócios.

Amós me deu um olhar severo. — Sadie, como eu tenho certeza que você está consciente, o equinócio é um momento de grande importância mágica, quando o dia e a noite são iguais. Além de que o equinócio de outono marca o último dia antes da escuridão ultrapassar a luz. É o aniversário da retirada de Rá para os céus.. Eu temia que Apófis pudesse fazer seu movimento nessa hora. É o dia mais agourento.

— Agourento? — Eu franzi minha testa. — Mas agourento é ruim... ah.

Eu percebi que para as forças do Caos, nossos dias ruins eram dias bons. O que significava que eles provavelmente tinham muitos dias bons.

Amós se apoiou no seu cajado. Seu cabelo parecia estar se tornando cinza diante dos meus olhos. Eu me lembrei de Michel Desjardins, o último Leitor Chefe, e o quão rápido ele tinha envelhecido. Eu não poderia suportar a ideia daquilo acontecendo com Amós.

— Nós não temos forças para derrotar nossos inimigos. — Ele disse. — Eu vou ter que usar outros métodos.

— Amós, não. — Zia disse. — Por favor.

Eu não tinha certeza sobre o que eles estavam falando. Zia soava horrorizada, e alguma coisa que a assustava, eu não queria saber sobre.

— Na verdade. — Eu disse. — Carter e eu temos um plano.

Eu contei a eles sobre nossa ideia de usar a própria sombra de Apófis contra eles. Talvez dizer aquilo em frente a Leonid fosse arriscado, mas ele tinha arriscado a própria vida para nos avisar sobre os planos de Sarah Jacobi. Ele tinha confiado em mim. O mínimo que eu podia fazer era retornar o favor.

Quando eu terminei de explicar, Amós olhou para o seu mapa. — Eu nunca tinha ouvido falar de tal magia. Mesmo que seja possível...

— É possível. — Eu insisti — Porque mais Apófis atrasaria seu ataque do Juízo Final então ele poderia caçar e destruir todos os pergaminhos feitos por Setne? Apófis está com medo de que nós descubramos o feitiço e que paremos ele.

Zia cruzou seus braços. — Mas você não pode. Você acabou de dizer que todas as cópias foram destruídas.

— Nós vamos pedir ajuda a Tot. — Eu disse. — Carter está indo agora mesmo. E enquanto isso… Eu tenho uma missão a executar. Eu posso ser capaz de testar nossa teoria sobre as sombras.

— Como? — Amós perguntou.

Eu disse para ele o que eu tinha em mente.

Ele olhou como se ele fosse objetar, mas ele deve ter visto o desafio em meus olhos. Nós éramos parecidos apesar de tudo. Ele sabia quão teimoso os Kane podem ser quando eles colocam alguma coisa na cabeça.

— Muito bem. — Ele disse. — Primeiro você deve comer e dormir. Você pode ir de madrugada. Zia, eu quero que você vá com ela.

Zia olhou surpresa. — Eu? Mas eu deveria… eu quero dizer, será que isso é sábio?

De novo eu tinha o sentimento de que eu tinha perdido uma parte importante da conversa. O que Amós e Zia teriam estado discutindo?

— Você vai ficar bem. — Amós assegurou a ela. — Sadie vai precisar de sua ajuda. E eu vou arrumar mais alguma pessoa para ficar de olho em Rá durante o dia.

Ela parecia um pouco nervosa, o que não era próprio dela, Zia e eu tivemos nossas diferenças no passado, mas ele nunca tinha tido falta de confiança. Agora eu quase me sentia preocupada com ela.

— Anime-se. — Eu disse a ela. — Isso vai ser moleza. Uma viagem rápida para o Inferno, ao lago de fogo da desgraça. O que poderia dar errado?

7. Eu Sou Estrangulado por um Velho Amigo

Então, sim.

Sadie sai em uma aventura com um cara, me deixando para fazer o trabalho chato de descobrir como salvar o mundo. Porque isso soa tão familiar? Ah, claro. Sadie sempre faz isso desse jeito. Se for hora de seguir em frente, você pode contar que a TDAH[19] vai fazê-la sair por aí por conta própria.

[Porque você está me agradecendo, Sadie? Isso não foi um elogio.]

Depois do baile da Academia do Brooklyn, eu fiquei muito irritado. Já era ruim o suficiente ser forçado a dançar lento com a amiga de Sadie, Lacy. Mas desmaiar na pista de dança, acordar com Lacy roncando na minha axila, e depois descobrir que eu tinha perdido a visita de dois deuses, isso foi muito constrangedor.

Depois de Sadie e do cara russo irem embora, eu levei o nosso pessoal de volta à Casa do Brooklyn. Walt estava confuso por nos ver tão cedo. Eu levei ele e Bastet para uma reunião particular no terraço. Eu expliquei o que Sadie tinha me dito sobre Shu, Anúbis e o cara russo, Leonid.

---

[19] Transtorno de déficit de atenção com hiperatividade.

— Eu vou levar Freak para Memphis. — Eu disse. — Nós voltamos assim que eu falar com Tot.

— Eu vou com você. — Walt disse.

Sadie tinha me pedido para levá-lo junto, é claro, mas olhando para ele agora, eu pensei de novo. As bochechas de Walt estavam fundas. Seus olhos estavam vidrados. Eu estava alarmado com o quão pior ele parecia desde ontem. Eu sei que é horrível, mas eu não pude evitar pensar sobre as práticas de enterro egípcias – como eles embalavam um corpo com sais de embalsamento para que eles secassem lentamente por dentro. Walt parecia que tinha sido iniciado nesse processo.

— Olha cara. — Eu disse. — Sadie me pediu para te manter a salvo. Ela estava preocupada com você. Eu também estou.

Ele serrou sua mandíbula. — Se você está planejando usar uma sombra para o seu feitiço, você vai ter que capturá-la com aquela estatueta. Você vai precisar de um *sau*, e eu sou o melhor que você tem.

Infelizmente, Walt estava certo. Nem Sadie nem eu tínhamos a habilidade para capturar a sombra, mesmo se isso fosse possível.

— Tudo bem. — Eu murmurei. — Só… mantenha a cabeça abaixada. Eu não quero que minha irmã venha explodindo para cima de mim.

Bastet cutucou o braço de Walt, do mesmo jeito que um gato faz com um inseto para ver se ele ainda está vivo. Ela cheirou o cabelo dele.

— Sua aura está fraca. — Bastet disse. — Mas você pode estar bem o suficiente para viajar. Tente não se esforçar... Sem magia a menos que seja absolutamente necessário.

Walt rolou seus olhos. — Sim mãe.

Bastet pareceu gostar daquilo.

— Eu vou olhar os outros gatinhos. — Ela prometeu. — Er, eu quero dizer iniciados. Vocês dois tenham cuidado. Eu não morro de amores por Tot, mas eu não quero vocês se metendo nos problemas dele.

— Quais problemas? — Eu perguntei.

— Você vai ver. Só voltem para mim. Todo esse dever de guarda está acabando com a minha programação de sonecas.

Ela nos enxotou para o estábulo de Freak e voltou lá para baixo, resmungando alguma coisa sobre erva de gato.

Nós desatrelamos o bote. Freak gritou e zumbiu suas asas, ansioso para ir. Ele parecia ter tido um bom descanso. Além disso, ele sabia que uma jornada significava mais perus congelados para ele.

Logo nós estávamos voando sobre o Rio East.

Nosso passeio pelo Duat parecia mais instável que o normal, como a turbulência de um avião, exceto pelo pranto fantasmagórico e pelo nevoeiro denso. Eu estava feliz por ter tido um almoço leve. Meu estômago estava agitado.

O bote estremeceu assim que Freak nos tirou do Duat. Abaixo de nós se espalhava uma paisagem diferente, as luzes noturnas de Memphis, Tennessee, cursando-se ao longo das margens do Rio Mississippi.

No litoral se erguia uma pirâmide de vidro negro – uma arena de esportes abandonada que Tot tinha tomado como sua casa. Explosões de luzes multicoloridas recheavam o ar, ondulações refletindo através da pirâmide. No início eu pensei que Tot estivesse apresentando uma exibição de fogos de artifícios. Depois eu percebi que a pirâmide estava sob ataque.

Escalando os lados havia uma variedade horrível de demônios – criaturas humanóides com pernas de galinha, ou patas,

ou pernas de insetos. Alguns tinham pelos. Alguns tinham escamas ou cascos como tartarugas. No lugar da cabeça, muitos tinham armas ou ferramentas que brotavam de seus pescoços – martelos, espadas, machados, serras elétricas e até algumas chaves de fenda.

Pelo menos uma centena de demônios estava escalando até o topo, cavando com suas garras nas emendas do vidro. Alguns tentavam fazer o seu caminho quebrando o vidro, mas onde quer que eles atingissem, a pirâmide brilhava com uma luz azul, repelindo seus ataques. Demônios alados iam pelo ar, gritando e atingindo um pequeno número de defensores.

Tot estava no pico. Ele parecia como um desalinhado assistente de laboratório de uma faculdade em um jaleco branco de médico, uma camisa, uma barba do dia anterior, e com o cabelo maluco de Einstein – o que não soava muito intimidador, mas você deveria vê-lo em combate. Ele jogava hieróglifos brilhantes como granadas, causando explosões iridescentes em todo o seu redor. Enquanto seus assistentes, uma tropa de babuínos e aves de bico longo chamadas íbis, atacavam os inimigos. Os babuínos jogavam bolas de basquete dos demônios, enviando-os de volta tombando pirâmide a baixo. Os íbis corriam entre as pernas dos monstros, bicando os lugares mais sensíveis que eles pudessem encontrar.

Assim que voamos para mais perto, eu mudei minha visão para o Duat. A cena era ainda mais assustadora. Os demônios estavam conectados por cordas vermelhas de energia que formavam uma massiva serpente transparente. O monstro envolvia a pirâmide inteira. No topo, Tot brilhava em sua forma ancestral – um gigante, com um Kilt branco e a cabeça de uma íbis, lançando raios de energia em seus inimigos,

Walt assobiou. — Como os mortais podem não perceber uma batalha como aquela?

Eu não tinha certeza, mas eu me lembrei de algumas das notícias de desastres recentes. Fortes tempestades tinham causado enchentes em todo o entorno do rio Mississippi, incluindo aqui em

Memphis. Centenas de pessoas têm desaparecido. Magos podiam ser capazes de ver o que estava realmente acontecendo, mas os mortais comuns que ainda estavam na cidade provavelmente pensavam que era apenas uma grande tempestade de trovões.

— Eu vou ajudar Tot. — Eu disse. — Você fica no bote.

— Não. — Walt disse. — Bastet disse que eu só deveria usar magia em emergências. Isso se qualifica.

Eu sabia que Sadie me mataria se eu deixasse Walt se machucar. Mas por outro lado, o tom de Walt me disse que ele não iria recuar. Ele poderia ser tão teimoso quanto a minha irmã quando ele queria.

— Certo. — Eu disse. — Segure firme.

Um ano atrás, se eu me visse de cara numa luta como essa, eu teria me enrolado em formato de bola e tentado me esconder. Mesmo nossa batalha na Pirâmide Vermelha no último natal parecia menor se comparada a cair de cabeça no meio de um exército de demônios sem nenhum apoio a não ser um cara doente e um grifo ligeiramente disfuncional.

Mas muito tinha acontecido no último ano. Agora isso era só mais um dia ruim na vida da família Kane.

Freak veio gritando descendo do céu noturno e pousou duramente no lado direito, acertando todo o lado da pirâmide. Ele engoliu demônios menores e partiu ao meio os maiores com suas asas-serra. Alguns que sobreviveram vieram rápido para cima até o nosso bote.

Assim que Freak começou a subir de novo, Walt e eu pulamos fora, lutando por um apoio na encosta vítrea. Walt jogou um amuleto. Em um flash de luz, uma esfinge dourada apareceu, com o corpo de um leão e a cabeça de uma mulher. Depois da nossa experiência no Museu de Dallas, eu não gostava muito de esfinges, mas felizmente esta estava do nosso lado.

Walt pulou em cima dela e entrou na batalha. A esfinge rosnou e saltou em um demônio reptiliano, rasgando-o em pedaços. Outros monstros fugiram. Eu não podia culpá-los. Um maciço leão de ouro teria sido assustador o suficiente, mas a cabeça de mulher rosnando fazia isso ficar ainda mais terrível, com impiedosos olhos de esmeralda, uma coroa egípcia brilhante, a uma boca cheia de presas e cheia de batom.

Para mim eu conjurei meu *khopesh* do Duat. Eu chamei o poder de Hórus, e o avatar azul brilhante do deus da guerra se formou ao meu redor. Logo eu estava envolto por uma aparição de 20 pés de altura e cabeça de falcão.

Eu pisei a frente. O avatar copiou meus movimentos. Eu varri com minha espada os demônios mais próximos, e a massiva espada brilhante do avatar os derrubou como pinos de boliche. Dois dos monstros realmente tinham pinos de boliche no lugar das cabeças, então eu achei que era apropriado.

Os babuínos e as íbis estavam lentamente fazendo progressos contra a horda de demônios. Freak voava ao redor da pirâmide, abocanhando demônios alados e jogando-os para fora do ar com seu bote.

Tot continuava lançando granadas de hieróglifos.

— Inchado. — Ele gritou. O hieróglifo correspondente voou através do ar, explodindo contra o peito de um demônio em uma nuvem de luz. Instantaneamente, o demônio inchou como um balão d'agua e rolou pirâmide abaixo.

— Achate! — Tot explodiu outro demônio, que desmoronou e murchou ficando no formato de um tapete monstro.

— Problemas intestinais! — Tot gritou. O pobre demônio que foi acertado ficou verde e se curvou.

Eu fui por entre os monstros, jogando-os de lado e os reduzindo a pó; Tudo estava indo bem até um demônio alado vir como um kamikaze no meu peito. Eu caí para trás, batendo na

pirâmide com tanta força que eu perdi minha concentração. Minha armadura mágica se dissolveu. Eu teria derrapado pirâmide abaixo se o demônio não tivesse agarrado minha garganta e me mantido no lugar.

— Carter Kane. — Ele sibilou. — Você é estupidamente persistente.

Eu reconheci aquela face que era como um cadáver de uma classe de anatomia com músculos e tendões, mas sem pele. Seus olhos sem pálpebras brilhavam vermelhos. Suas presas estavam arreganhadas em um sorriso assassino.

— Você. — Eu grunhi.

— Sim. — O demônio riu, com suas garras apertando o meu pescoço. — Eu.

Face do Horror – tenente de Set na Pirâmide Vermelha, e servo secreto de Apófis. Nós o tínhamos matado à sombra do Monumento a Washington, mas eu acho que isso não havia significado nada. Agora ele estava de volta, e, julgando pela voz áspera e pelos olhos brilhando vermelhos, ele ainda estava possuído pela minha serpente menos preferida.

Eu não me lembrava dele ser capaz de voar, mas agora ele tinha asas de couro como as de um morcego brotando de seus ombros. Ele me prendeu com suas pernas de frango, com as mãos apertando forte minha traqueia. Seu hálito fedia a suco fermentado com spray de gambá.

— Eu poderia ter te matado várias vezes. — O demônio disse. — Mas você me interessa, Carter.

Eu tentei lutar contra ele. Meus braços enfraqueceram. Eu mal conseguia segurar minha espada.

À nossa volta, os sons da batalha ficaram mudos. Freak voava acima de mim, mas suas asas batiam tão lentamente que eu podia realmente vê-las. Um hieróglifo explodiu em câmera lenta como se

estivesse embaixo d'agua. Apófis estava me arrastando mais fundo no Duat.

— Eu posso sentir as suas tentativas. — O demônio disse. — Porque você está lutando essa batalha sem esperança? Você não percebe o que vai acontecer? — Imagens começaram a vir à minha mente.

Eu vi uma paisagem de colinas mudando para gêiseres de fogo. Demônios alados tornando o céu ácido. Os espíritos dos mortos deslizando pelas colinas, gemendo em desespero e arranhando o chão por um apoio. Eles estavam todos sendo puxados para a mesma direção – uma mancha de escuridão no horizonte. O que quer que fosse, sua gravidade era tão poderosa quanto a de um buraco negro. Aquilo sugava os espíritos, dobrava e curvava as colinas, fazendo as colunas de fogo se curvarem. Até os demônios no ar tinham dificuldade para se manterem.

Encolhida em um refúgio de um penhasco, a brilhante forma branca de uma mulher tentava se ancorar contra a corrente negra. Eu queria chorar. A mulher era minha mãe. Outros fantasmas passavam voando por ela, gemendo impotentes. Minha mãe tentou chegar até eles, mas ela não poderia salvá-los.

A cena mudou. Eu vi o deserto Egípcio à beira do Cairo sob um sol escaldante. De repente as areias explodiram. Uma serpente vermelha gigante ergueu-se do Mundo Inferior. Ela lançou-se ao céu e de alguma forma, impossivelmente, engoliu o sol de um só gole. O mundo escureceu. Um vento frio se espalhou entre as duas. Fendas apareceram no chão. A paisagem desmoronou. Bairros inteiros do Cairo afundaram no abismo. Um oceano vermelho de Caos começou a se formar do Nilo, dissolvendo a cidade e o deserto, lavando do caminho pirâmides que tinham estado ali por milênios. Logo não havia sobrado nada mais, a não ser por um mar fervente sob um céu negro sem estrelas.

— Nenhum deus pode salvar você, Carter. — Apófis parecia quase simpático. — Esse destino está decretado desde o início dos

tempos. Entregue-se a mim, e eu vou poupar você e todos os que você ama. Você me viu montar o Mar do Caos. Você vai ser o mestre do seu próprio destino.

Eu vi uma pequena ilha flutuando no meio do mar fervente – um pequeno pedaço de terra verde que parecia um oásis. Minha família e eu poderíamos ficar juntos naquela ilha. Nós poderíamos sobreviver. Nós poderíamos ter qualquer coisa que quiséssemos só imaginando-a. A morte não significaria nada.

— Tudo o que eu te peço é um sinal de boa vontade. — Apófis insistiu. — Me entregue Rá. Eu sei que você o odeia. Ele representa tudo o que está errado com o seu mundo mortal. Ele ficou senil, podre, fraco e inútil. Entregue-o a mim. Eu vou poupá-lo. Pense nisso, Carter Kane. Os deuses te prometeram algo mais justo?

As visões desapareceram. Face do Horror sorriu para mim, mas de repente suas feições se contorceram em dor. Um hieróglifo de fogo queimou na sua testa – o símbolo para dissecar – e o demônio virou pó.

Eu engasguei tentando respirar. Eu sentia como se a minha garganta estivesse cheia de carvões em brasa.

Tot estavam em cima de mim, parecendo triste e cansado. Seus olhos giravam com cores caleidoscópicas, como um portal para outro mundo.

— Carter Kane. — Ele me ofereceu a mão para me ajudar a me levantar. Todos os outros demônios haviam sumido. Walt estava no pico da pirâmide com os babuínos e as íbis, que estavam escalando a esfinge dourada como se ela fosse um animalzinho de carrossel. Freak rodeava ali perto, parecendo cheio e feliz por ter comido tantos demônios.

— Você não deveria ter vindo. — Tot me repreendeu. Ele tirou a poeira de demônio da sua blusa, que tinha um logotipo de

um coração flamejante e as palavras CASA DO BLUES. — Isso foi muito perigoso, especialmente para Walt.

— De nada. — Eu resmunguei. — Parecia que você precisava de ajuda.

— Os demônios? — Tot acenou com desdém. — Eles vão estar de voltar um pouco antes do nascer do sol. Eles têm atacado a cada seis horas desde a semana passada. Muito irritante.

— A cada seis horas? — Eu tentei imaginar aquilo. Se Tot tem estado lutando contra um exército como aquele várias horas por dia por uma semana... Eu não conseguia ver como mesmo um deus tinha aquele tanto de poder.

— Onde estão os outros deuses? — Eu perguntei. — Eles não deveriam estar te ajudando?

Tot enrugou seu nariz como se ele tivesse sentido o cheiro de um demônio com problemas intestinais. — Talvez você e Walt devessem entrar. Agora que você está aqui nós temos muito o que conversar.

Eu ia dizer isso para Tot. Ele sabia como decorar uma pirâmide.

A quadra da arena de basquete ainda estava ali, sem dúvidas para que os seus babuínos pudessem jogar. (Babuínos amam basquete.) O Jumbotron ainda estava pendurado no teto, mostrando uma série de hieróglifos que diziam coisas como: *Vai time! Defesa! e Tot 25X0 Demônios*, em egípcio antigo.

Os assentos do estádio tinham sido trocados por varandas em camadas. Algumas estavam alinhadas com estações de computadores, como a missão de controle de um lançamento de foguete. Outras tinham tabelas periódicas desordenadas com copos e bicos de Bunsen[20], frascos com órgãos em conserva e coisas

[20] Equipamento de laboratório para aquecer tubos de ensaio.

estranhas. A seção nosebleed[21] era cheia de cubículos de pergaminhos – uma livraria tão grande quanto à do Primeiro Nomo. E atrás da ultima tabela erguia-se um quadro branco de três andares de altura coberto de cálculos e hieróglifos.

Penduradas na viga, no lugar dos banners de campeonato e dos números dos aposentados, estavam tapeçarias negras bordadas com encantamento dourados.

Ao lado da quadra ficava a área onde Tot vivia – uma cozinha gourmet independente, uma luxuosa coleção de sofás e poltronas, pilhas de livros, baldes de Legos e Tinker Toys, uma dúzia de televisões de tela plana mostrando diferentes jornais e documentários, e uma pequena floresta de guitarras e amplificadores – tudo o que um deus desmiolado precisaria para fazer vinte coisas ao mesmo tempo.

Os babuínos de Tot levaram Freak para prepará-lo e deixá-lo descansar. Eu acho que eles estavam preocupados que ele pudesse comer as íbis, já que elas pareciam um pouco com perus.

Tot se virou para Walt e eu, olhando para nós mais criticamente. — Vocês precisam descansar. Depois eu vou conseguir algum jantar.

— Nós não temos tempo. — Eu disse. — Nós temos que...

— Carter Kane, — Tot repreendeu. — Você acabou de lutar com Apófis, Hórus foi tirado de você, você foi dragado para o Duat e foi meio estrangulado. Você não estará bom para ninguém até dormir um pouco.

Eu queria protestar, mas Tot pressionou sua mão contra minha testa. O cansaço tomou conta de mim.

— Durma. — Tot insistiu.

Eu apaguei no sofá mais próximo.

---

[21] Assentos de estádios nos lugares mais altos e mais longe.

Eu não tenho certeza de quanto tempo eu dormi, mas Walt se levantou primeiro. Quando eu acordei, ele e Tot estavam conversando profundamente.

— Não. — Tot disse. — Isso nunca foi feito. E eu tenho medo de que você não tenha tempo... — Ele vacilou quando percebeu que eu estava sentado. — Oh. Bom, Carter, você está acordado.

— O que eu perdi?

— Nada. — Ele disse um pouco alegre demais. — Venha e coma.

Seu balcão da cozinha estava carregado com peito de frango fresco, linguiça, costelas e pão de milho, além de um pote de chá gelado de tamanho industrial. Tot uma vez me disse que churrasco era uma forma de magia, e eu acho que ele estava certo. O cheiro da comida me fez esquecer meus problemas temporariamente.

Eu mandei para dentro um sanduiche de peito e bebi dois copos de chá; Walt mordiscou uma costela, mas ele não parecia estar com muito apetite.

Enquanto isso Tot pegou uma guitarra Gibson. Ele tocou uma corda com tanta potência que fez tremer todo o chão da arena. Ele ficou melhor desde a última vez que eu o ouvi tocar. O acorde atualmente soava como um acorde, não com uma cabra montanhesa sendo torturada. Fiz um gesto ao redor com o pão de milho. — Esse lugar está maneiro.

Tot riu. — Melhor que o minha ultima sede, né?

A primeira vez que Sadie e eu tínhamos cruzado caminhos com o deus do conhecimento, ele estava escondido em um campus de uma universidade local. Ele tinha testado nosso valor nos enviando em uma missão para invadir a casa de Elvis Presley (longa história), mas eu espero que a fase dos testes tenha passado agora. Eu preferia ficar comendo churrasco na quadra.

Depois eu pensei nas visões que Face do Horror tinha me mostrado – minha mãe em perigo, uma escuridão engolindo as almas dos mortos, o mundo se dissolvendo no mar do Caos – exceto por uma pequena ilha flutuando por entre as ondas; a memória meio que acabou com o meu apetite.

— Então... — Eu empurrei meu prato. — Me fale sobre os ataques dos demônios. E o que você estava falando para Walt?

Walt olhou para a sua meio comida costela de porco.

Tot dedilhou um acorde menor. — Por onde começar...? Os ataques começaram há sete dias. Eu estou separado dos outros deuses. Eles não vieram para me resgatar. Eu imagino que seja porque eles estejam tendo problemas parecidos. Dividir e conquistar – Apófis entende os princípios básicos militares. Mesmo se meus irmãos pudessem me ajudar... bem, eles têm outras prioridades. Rá foi trazido de volta recentemente. Como você deve se lembrar.

Tot me deu um olhar duro, como se eu fosse uma equação que ele não pudesse balancear. — O deus do sol deve ser guardado em sua jornada noturna. Isso exige muito poder divino.

Meus ombros cederam. Eu não precisava de mais uma coisa para me sentir culpado. Eu também achava que não era muito justo de Tot me criticar daquele jeito. Tot tinha estado do nosso lado, mais ou menos, sobre trazer de volta o deus do Sol. — Talvez sete dias de ataques de demônios tivessem começado a mudar sua opinião.

— Você não pode só ir embora? — Eu perguntei.

Tot balançou a cabeça. — Talvez você não consiga ver tão fundo no Duat, mas o poder de Apófis cercou completamente essa pirâmide. Eu estou preso.

Eu olhei para o teto da arena, que de repente me pareceu muito menor. — O que significa... nós estamos presos também?

Tot jogou a questão de lado. — Vocês devem ser capazes de sair. A rede da Serpente foi feita para capturar deuses. Você e Walt não são grandes ou importantes o suficiente para serem presos.

Eu me perguntei se isso era verdade ou se Apófis tinha me permitido ir e vir – para que eu tivesse a escolha de entregar Rá.

Você me interessa, Carter. Apófis tinha dito. *Renda-se, e eu vou poupá-lo.*

Eu respirei fundo. — Mas, Tot, se você está por conta própria. Eu quero dizer, quanto tempo você pode aguentar?

O deus escovou seu jaleco. Que estava coberto com escritas em uma dúzia de línguas diferentes. A palavra *tempo* flutuou até a sua manga. Tot a pegou, e de repente ele estava segurando um relógio de bolso de ouro.

— Vamos ver. A julgar pelo enfraquecimento das defesas da pirâmide e o quanto meu poder está sendo gasto, eu diria que eu poderia suportar mais nove ataques, ou pouco mais de dois dias, o que nos deixa no dia do equinócio. Há! Isso não pode ser só uma coincidência.

— E depois? — Walt perguntou.

— Depois minha pirâmide será tomada. Meus ajudantes serão mortos. Eu acho que o Dia do Juízo Final vai acontecer de qualquer forma, na verdade. O equinócio de outono seria uma hora sensata para Apófis reerguer-se. Ele provavelmente vai me lançar no abismo, ou simplesmente dispersar minha essência em um bilhão de pedaços pelo universo. Hum... a física da morte de um deus. — O relógio dele se tornou uma caneta. Ele rabiscou alguma coisa no cabo da sua guitarra. — Isso daria um excelente trabalho de pesquisa.

— Tot. — Walt pediu. — Conte à Carter o que você me disse, sobre porque você está sendo perseguido.

— Eu pensei que estivesse óbvio. — Tot disse. — Apófis quer me distrair para que eu não possa ajudar você. Por isso que você veio, não é? Para descobrir sobre a sombra da serpente?

Por um momento eu estava muito chocado para falar. — Como você sabe?

— Por favor. — Tot tocou um refrão de Jimi Hendrix, e depois guardou a guitarra. — Eu sou o deus do conhecimento. Eu sabia que mais cedo ou mais tarde você iria chegar à conclusão de que a nossa única esperança de vitória era a execração da sombra.

— A execração da sombra. — Eu repeti. — Existe realmente um feitiço com um nome real? Ele poderia funcionar?

— Em teoria.

— E você não divulgou essa informação... por quê?

Tot bufou. — O conhecimento sobre qualquer coisa não pode ser dado. Ele deve ser procurado e aprendido. Você é um professor agora, Carter. Você deveria saber disso.

Eu não tinha certeza se eu queria estrangulá-lo ou abraçá-lo. — Então, eu estou buscando o conhecimento. Eu estou aprendendo o conhecimento. Como eu derroto Apófis?

— Eu estou tão feliz por você ter perguntado! — Tot riu para mim com seus olhos multicoloridos. — Infelizmente, Eu não posso te dizer.

Eu olhei para Walt. — Você quer matá-lo, ou eu que deveria?

— Agora. — Tot disse. — Eu posso guiá-lo um pouco. Mas você vai ter que ligar os pingos, como eles dizem.

— Pontos. — Eu disse.

— Sim. — Ele disse — Você está no caminho certo. O *sheut* pode ser usado para destruir um deus, ou até mesmo Apófis. E sim, como todos os seres cientes, Apófis tem uma sombra, embora ele mantenha essa parte de sua alma bem escondida e guardada.

— Então onde está isso? — Eu perguntei. — Como a usamos?

Tot estendeu as mãos. — A segunda pergunta eu não posso responder. A primeira questão eu não estou autorizado a responder.

Walt empurrou o prato de lado. — Eu estive tentando tirar isso dele, Carter. Para um deus do conhecimento, ele não está sendo muito útil.

— Vamos lá, Tot. — Eu disse. — Nós não podemos fazer uma missão para você ou qualquer coisa? Não poderíamos explodir a Casa do Elvis de novo?

— Tentador. — O deus disse. — Mas você tem que entender. Entregar a um mortal a localização da sombra de um imortal – mesmo Apófis – seria um crime grave. Os outros deuses já pensam que eu sou um traidor. Através dos séculos eu divulguei tantos segredos à raça humana. Eu ensinei a vocês a arte de escrever. Eu ensinei a vocês a magia e fundei a Casa da Vida.

— É por isso que os magos ainda honram você —, eu disse. — Então nos ajude mais uma vez.

— E dar aos humanos conhecimento que poderia ser usado para destruir os deuses? — Tot suspirou. — Você pode entender porque meus irmãos podem objetar tal coisa?

Eu cerrei meus punhos. Eu pensei sobre o espírito da minha mãe escondido embaixo de um penhasco, lutando para não ser arrastada. A escuridão tem que ser a sombra de Apófis. Apófis me mostrou aquela visão para fazer eu me desesperar. Conforme seu poder cresceu, sua sombra ficou mais forte também. Ele fez isso atraindo os espíritos dos mortos, consumindo eles.

Eu podia imaginar que a sombra estava em algum lugar no Duat, mas aquilo não ajudava. Era como dizer *em algum lugar do Oceano Pacífico*. O Duat era imenso.

Eu olhei para Tot. — Sua outra opção é não nos ajudar e deixar Apófis destruir o mundo.

— Você tem um ponto. — Ele admitiu. — Que é o porquê de eu estar conversando com você. Existe um modo que você poderia encontrar a localização da sombra. Há muito tempo atrás, eu era jovem e ingênuo, e escrevi um livro – um estudo de campo, de espécies – chamado O Livro de Tot.

— Nome lindo. — Walt murmurou.

— Eu pensava assim! — Tot disse. — De qualquer forma, ele descreve todas as formas e disfarces que cada deus pode tomar, seus lugares mais secretos – todo o tipo de detalhes embaraçosos.

— Incluindo como encontrar suas sombras? — Eu perguntei.

— Sem comentários. De qualquer forma, eu nunca quis que os humanos lessem o livro, mas ele foi roubado nos tempos antigos por um mago astuto.

— Onde ele está agora? — Eu perguntei. Então eu levantei minhas mãos. — Espere... deixe-me adivinhar. Você não pode nos contar.

— Honestamente, eu não sei. — Tot disse. — Esse mago astuto escondeu o livro. Felizmente ele morreu antes de poder tirar o máximo de vantagem disso, mas ele usou esse conhecimento para formular vários feitiços, incluindo a execração da sombra. Ele anotou seus pensamentos em uma variação especial do Livro da Derrota de Apófis.

— Setne. — Eu disse. — É o mago de quem você está falando.

— De fato. Seus feitiços eram somente teóricos, é claro. Mesmo assim eu nunca tive aquele conhecimento. E, como você sabe, todas as cópias de seus manuscritos foram destruídas.

— Então não há esperança. — Eu disse. — Beco sem saída.

— Ah. Não. — Tot disse. — Você poderia perguntar ao próprio Setne. Ele escreveu o feitiço. Ele escondeu o livro de Tot

que, de qualquer forma, pode ou não descrever a localização da sombra. Se ele estiver tão inclinado, ele poderia ajudar você.

— Mas Setne não morreu a milhares de anos?

Tot sorriu. — Sim. E esse é só o primeiro problema.

Tot nos contou sobre Setne, que aparentemente tinha sido bem famoso no Antigo Egito – como Robin Hood, Merlin e Atila, o Huno são hoje. Quanto mais eu ouvia, menos eu queria encontrá-lo.

— Ele era um mentiroso patológico. — Tot disse. — Um canalha, um traidor, e um mago brilhante. Ele orgulhava-se do roubo de livros de conhecimento, incluindo o meu. Ele lutou contra monstros, se aventurou no Duat, conquistou deuses, e invadiu os túmulos sagrados. Ele criou maldições que não podiam ser detidas e descobriu segredos que deveriam ter ficado enterrados. Ele era um gênio bastante mau.

Walt puxou seus amuletos. — Soa como se você o admirasse.

O deus deu pra ele um sorriso de soslaio. — Bem, aprecio a busca pelo conhecimento, mas eu não poderia aprovar os métodos dele. Ele não pararia por nada para possuir os segredos do universo. Ele queria ser um deus, você vê – não o olho de um deus. Um, plenamente desenvolvido, imortal.

— O que era impossível. — Eu adivinhei.

— Difícil, não impossível. — Tot disse. — Imhotep. O primeiro mago mortal, ele se tornou um deus depois de sua morte. — Tot se virou para seus computadores. — Isso me lembra, eu não tenho visto Imhotep há milênios. Eu me pergunto o que ele está fazendo. Talvez eu devesse pesquisá-lo no Google...

— Tot. — Walt disse. — Concentração.

— Certo. Então, Setne, ele criou esse feitiço para destruir qualquer ser, mesmo um deus. Eu nunca poderia aceitar que tal conhecimento caísse nas mãos dos mortais, mas hipoteticamente falando, se você precisasse de um feitiço para derrotar Apófis, você

poderia convencer Setne a ensiná-lo o encanto e te levar até a sombra de Apófis.

— Exceto que Setne está morto. — Eu disse. — Nós continuamos voltando a isso.

Walt se sentou. — A menos… você está sugerindo que nós encontremos Setne no Mundo Inferior. Mas se Setne era tão mau, Osíris não o teria condenado no Salão do Julgamento? Ammit teria comido seu coração e ele deixaria de existir.

— Normalmente, sim. — Tot disse. — Mas Setne é um caso especial. Ele é bastante... persuasivo. Mesmo antes do tribunal do Mundo Inferior, ele foi capaz de, ah, manipular o sistema legal. Algumas vezes, Osíris o sentenciou ao esquecimento, mas Setne sempre conseguiu escapar da punição. Ele conseguiu uma sentença mais leve, ou ele fez um acordo judicial, ou ele simplesmente escapou. Ele conseguiu sobreviver – como um espírito, pelo menos – todos esses anos.

Tot voltou seus olhos turbulentos na minha direção. — Mas recentemente, Carter Kane, seu pai se tornou Osíris, ele tem estado reprimindo os fantasmas rebeldes tentando restaurar o Ma'at no Mundo Inferior. Na próxima vez que o sol se por, aproximadamente 14 horas a partir de agora, Setne será julgado novamente. Ele vai estar perante seu pai. Nessa hora...

— Meu pai não vai deixá-lo ir. — Eu senti como se as mãos do demônio estivessem apertando minha garganta de novo.

Meu pai era justo, mas severo. Ele não aceitava desculpas de ninguém. Durante todos os anos em que viajamos juntos, eu não conseguia escapar nem com a minha camisa fora da calça. Se Setne fosse tão mau quanto Tot disse, meu pai não mostraria piedade a ele. Ele jogaria seu coração na cara de Ammit o Devorador como se fosse um biscoito de cachorro.

Os olhos de Walt brilharam com excitação. Ele parecia mais animado do que eu não o via há muito tempo. — Nós poderíamos

negociar com o seu pai. — Ele disse. — Nós poderíamos atrasar o julgamento de Setne, ou pedir uma pena reduzida em troca de sua ajuda. As leis do Mundo Inferior permitem isso.

Eu fiz uma careta. — Como você sabe tanto sobre o tribunal dos mortos?

Eu me arrependi de dizer aquilo imediatamente. Eu percebi que ele provavelmente tem estado se preparando para enfrentar o julgamento ele mesmo. Talvez fosse por isso que ele estava discutindo com Tot mais cedo. *Eu temo que você não tenha muito tempo*, Tot disse.

— Desculpe cara — Eu disse.

— Está tudo bem. — Walt disse. — Mas nós temos que tentar. Se nós pudermos convencer seu pai a poupar Setne...

Tot gargalhou, — Isso seria divertido, não seria? Setne se safar de novo porque seus caminhos maus eram a única coisa que poderia salvar o mundo?

— Hilário. — Eu disse. O sanduiche de peito não estava caindo bem no meu estômago. — Então você está sugerindo que nós vamos para o tribunal de meu pai e que tentemos salvar o fantasma de um mago psicótico. Depois nós pedimos para esse fantasma nos levar até a sombra de Apófis e a nos ajudar a destruí-la, enquanto acreditamos que ele não vai escapar, ou nos trair para o nosso inimigo.

Tot assentiu com entusiasmo. — Você tem que ser louco! Eu certamente espero que você seja.

Eu respire fundo. — Eu acho que eu sou louco.

— Excelente! — Tot aplaudiu. — Mais uma coisa, Carter. Para que isso funcione, você vai precisar da ajuda de Walt, mas ele está correndo contra o tempo. A única chance dele...

— Tudo bem. — Walt disse. — Eu mesmo contarei a ele.

Antes que eu pudesse perguntar o que ele queria dizer, poderosos alarmes soaram através dos autofalantes da arena.

— Está quase amanhecendo. — Tot disse. — é melhor vocês dois irem, antes que os demônios voltem. Boa sorte. E de toda forma, dê a Setne meus comprimentos, se vocês viverem o suficiente para isso é claro.

8. Minha Irmã, o Vaso de Flor

A viagem de volta não foi divertida.

Walt e eu nos seguramos no barco enquanto nossos dentes batiam e nossos olhos sacudiam. A névoa magica se tornou cor de sangue. Vozes fantasmagóricas sussurravam raivosas, como se tivessem decidido se rebelar e saquear o mundo etéreo.

Mais cedo do que eu esperava, Freak abriu caminho para fora do Duat. Nós estávamos acima das docas de Nova Jersey, nosso barco soltando vapor enquanto Freak balançava cansado pelo ar. À distância, o horizonte de Manhattan tinha um brilho dourado ao amanhecer.

Walt e eu não tínhamos conversado durante a viagem. O Duat tende a abafar conversas. Agora, ele me olhava timidamente.

— Eu te devo algumas explicações — Ele disse.

Eu não podia fingir que não estava curioso. Quanto mais a doença progredia, mais Walt se tornava cheio de segredos. Eu imaginava o que ele havia falado com Tot.

Mas não era da minha conta. Desde que Sadie aprendera meu nome secreto na primavera passada e conseguiu um tour grátis pelos meus pensamentos mais íntimos, eu me tornei mais sensível quanto a respeitar a privacidade dos outros.

— Olha, Walt, é a sua vida pessoal — Eu disse — Se você não quiser falar...

— Mas não é algo pessoal. Você precisa saber o que está acontecendo. Eu... Eu não estarei por perto por muito mais tempo.

Eu baixei os olhos para o porto, a Estátua da Liberdade passando abaixo de nós. Por meses eu soube que Walt estava morrendo. E isso não ficou nem um pouco mais fácil de aceitar. Eu lembrei-me do que Apófis disse no museu de Dalas: Walt não viveria tempo suficiente para ver o fim do mundo.

— Você tem certeza? — Eu perguntei — Não há nenhum jeito de...

— Anúbis tem certeza — Ele disse — Eu tenho até o pôr do sol de amanhã, no máximo.

Eu não queria ouvir outro limite de tempo impossível. Ao pôr do sol desta noite teríamos que libertar um mago maligno. Ao pôr do sol de amanhã Walt iria morrer. E ao nascer do sol depois disso, se tivéssemos muita sorte, poderíamos esperar pelo Apocalipse.

Eu nunca gostei de ser contrariado. Sempre que eu sentia que algo era impossível, eu tentava ainda mais por pura teimosia.

Mas nesse ponto eu achava que Apófis estava dando boas risadas às minhas custas.

Oh, você não é de desistir? Ele parecia estar perguntando. *Que tal agora? E se eu te der mais algumas tarefas impossíveis? Vai desistir agora?*

A raiva deu um nó nas minhas entranhas. Eu chutei a borda do barco e quase quebrei o pé.

Walt Piscou — Carter, está....

— Não diga que está tudo bem — Eu o cortei — *Não* está tudo bem.

Eu não estava com raiva dele. Eu estava com raiva da injustiça de sua estúpida maldição e do fato de que continuava falhando com aqueles que dependiam de mim. Meus pais haviam morrido para dar a Sadie e eu a chance de salvar o mundo, que nós estávamos quase estragando. Em Dallas, dúzias de bons magos morreram porque haviam tentado me ajudar. Agora iríamos perder Walt.

Certamente ele era importante para Sadie, mas eu dependia dele tanto quanto. Walt era meu tenente não oficial na Casa do Brooklyn. As outras crianças o escutavam. Ele era uma presença calmante em cada crise, o voto decisivo em cada debate. Eu podia confiar-lhe qualquer segredo, mesmo a confecção da estátua de execração de Apófis, a qual eu não podia contar ao meu tio. Se Walt morresse...

— Eu não vou deixar acontecer — Eu disse — Eu me recuso.

Vários pensamentos passaram por minha mente: Talvez Anúbis estivesse mentindo para Walt sobre sua morte iminente, tentando afasta-lo de Sadie. (Ok, pouco provável, Sadie não era um prêmio tão bom)

[Sim Sadie, eu disse isso. Só checando pra saber se você ainda estava prestando atenção.]

Talvez Walt pudesse vencer as probabilidades. Pessoas se recuperam milagrosamente de câncer, porque não de maldições antigas? Talvez pudéssemos mantê-lo em animação suspensa, como Iskandar fez com Zia, até que encontrássemos um antídoto. Claro, a família dele havia procurado por uma cura sem sucesso por séculos. Jaz, nossa melhor curandeira, havia tentado de tudo, sem sorte. Talvez tivéssemos esquecido alguma coisa.

— Carter, você vai me deixar terminar? — Walt disse — Temos que planejar...

— Como você pode estar tão calmo? — Eu demandei.

Walt passou os dedos pelo seu colar *Shen,* o gêmeo do que ele deu a Sadie. — Eu sei da minha maldição há anos. Isso não vai me impedir de fazer o que tem que ser feito. De um jeito ou de outro eu vou te ajudar a derrotar Apófis.

— Como? — Eu disse — Você acabou de me dizer...

— Anúbis tem uma ideia — Walt disse — Ele tem me ajudado a entender meus próprios poderes.

— Você quer dizer... — eu olhei pras mãos de Walt. Várias vezes ele havia transformado objetos em cinzas simplesmente por tocá-los, como ele havia feito com a Crioesfinge em Dallas. Esse poder não vinha de nenhum item mágico. Nenhum de nós o entendia e, ao passo que sua doença progredia, ele parecia cada vez menos capaz de controlá-lo, o que me fazia pensar duas vezes antes de encostar nele.

Walt flexionou os dedos. — Anúbis acha que entende por que eu tenho essa habilidade. E tem mais. Ele acha que talvez haja um jeito de estender meu tempo de vida.

Essas notícias eram tão boas que eu dei uma trêmula gargalhada. — Por que você não disse isso antes? Ele pode te curar?

— Não — Walt disse — Não é uma cura, e é arriscado, nunca foi feito antes.

— Era sobre isso que você estava conversando com Tot.

Walt assentiu. — Mesmo que o plano de Anúbis funcione pode haver... Efeitos colaterais. Você pode não gostar. — Ele baixou seu tom de voz. — Sadie pode não gostar.

Infelizmente eu tinha uma imaginação fértil. Eu imaginei Walt como algum tipo de criatura morto-vivo – uma múmia seca, um fantasmagórico *ba* ou um demônio desfigurado. Na magia egípcia efeitos colaterais podiam ser bem extremos.

Eu tentei não transparecer minhas emoções. — Nós queremos que você viva. Não se preocupe com a Sadie.

Eu podia ver nos olhos dele que ele se preocupava muito com ela. Falando sério, o que ele viu na minha irmã?

[Pare de me bater Sadie, eu só estou sendo honesto.]

Walt flexionou os dedos. Talvez fosse só minha imaginação, mas eu pensei ter visto nuvens de vapor cinza saírem das mãos dele, como se apenas falar sobre seu estranho poder o tivesse ativado.

— Eu não vou tomar minha decisão ainda. — Walt disse. — Não até meu ultimo suspiro. Eu quero falar com a Sadie primeiro. Explicar para ela...

Ele pousou a mão na lateral do barco, o que foi um erro. A madeira se acinzentou ao seu toque.

— Walt, Pare! — Eu gritei

Ele tirou a mão do barco, mas era tarde demais. O Barco se desfez em cinzas.

Nós pulamos para as cordas. Felizmente elas não se desfizeram, talvez porque Walt estivesse prestando mais atenção agora. Freak guinchava enquanto o barco desaparecia e de repente Walt e eu estávamos sob o ventre do grifo, segurando naquelas cordas por nossas vidas enquanto esbarrávamos um no outro acima dos arranha-céus de Manhattan.

— Walt! — Eu gritei para me fazer ouvir sobre o vento. — Você *realmente* precisa aprender a controlar isso!

— Desculpa! — Ele gritou de volta.

Meus braços estavam doloridos, mas nós chegamos a Casa do Brooklyn sem despencar para a morte. Freak nos deixou no telhado onde Bastet nos esperava de boca aberta.

— Por que vocês estavam balançando em cordas? — Ela exigiu.

— Porque é muito divertido. — Eu resmunguei — Novidades?

De trás das chaminés uma voz frágil gorjeava — Oláaaa!

O ancião deus do sol Rá apareceu. Ele nos deu um sorriso desdentado e saiu mancando pelo telhado, murmurando:

— Doninhas, doninhas. Biscoito, biscoito, biscoito. — Ele pegou de sua tanga migalhas de biscoito e as jogou no ar como se fosse confete, e sim, foi tão nojento quanto parece.

Bastet tencionou os braços e suas facas pularam para suas mãos. Provavelmente só um reflexo involuntário, mas ela parecia tentada a usar aquelas facas em alguém – qualquer um. Relutantemente ela colocou as facas de volta nas mangas.

— As novidades? — Ela disse — Eu estou servindo de babá graças ao seu tio Amós, que me pediu um favor. E o *shabti* da Sadie está esperando por nós lá embaixo. Podemos?

Explicações mais detalhadas sobre minha irmã Sadie e seu *shabti* iriam requerer uma gravação a parte.

Minha irmã não tinha nenhum talento para a confecção de itens mágicos, mas isso não a impedia de tentar. Ela teve a brilhante ideia de que ela podia criar um *shabti* perfeito para ser seu avatar, falar com a sua voz e fazer todas as suas tarefas como um robô de controle remoto. Todas as suas tentativas anteriores haviam explodido ou entrado em pane, aterrorizando Khufu e os iniciados. Na semana passada ela criara uma garrafa térmica magica que levitava pela sala gritando "Exterminar! Exterminar!" até que me bateu na cabeça.

O ultimo *shabti* era a *Sadie Junior* – O pesadelo de um jardineiro.

Não sendo uma artista muito boa, ela tinha criado uma figura vagamente humanóide a partir de vasos de plantas, mantidos juntos por magia, cola e fita adesiva. O rosto era um vaso de cabeça para baixo com uma carinha desenhada com marcador preto.

— Até que enfim! — A criatura de vaso estava esperando no meu quarto quando Walt e eu entramos. Sua boca não se mexia, mas a voz da minha irmã saia do vaso/cabeça como se a Sadie estivesse presa dentro do *shabti.* Esse pensamento me deixou feliz.

— Pare de sorrir! — Ela ordenou — Eu posso te ver, Carter. E... é... Oi Walt.

O monstro vaso fez barulhos de trituração enquanto ficava em pé. Um braço inexistente levantou-se e tentou consertar seu inexistente cabelo. Sadie sempre fica sem jeito perto de garotos, mesmo quando ela é feita de vasos e fita adesiva.

Nós trocamos relatos. Sadie nos contou sobre o ataque iminente ao Primeiro Nomo, que deveria acontecer no nascer do sol do equinócio e a aliança entre as forças de Sarah Jacobi e Apófis. Noticias maravilhosas. Justamente o que precisávamos.

Em troca, eu contei a ela sobre nossa visita a Tot. Eu compartilhei as visões que Apófis tinha me mostrado sobre a situação precária da nossa mãe no Duat (o que fez o monstro de vasos estremecer) e sobre o fim do mundo (o que não pareceu surpreendê-la nem um pouco). Eu não contei a ela sobre a proposta de Apófis de me poupar se eu entregasse Rá. Eu não me senti confortável para mencionar isso com Rá do outro lado da porta, cantando músicas sobre biscoitos. Mas eu contei sobre o maligno fantasma Setne, cujo julgamento ocorreria ao pôr do sol no Salão do Julgamento.

— Tio Vinnie — Sadie disse.

— Como? — Perguntei.

— O rosto que falou comigo no Museu de Dallas. — Ela disse. — Era obviamente o próprio Setne. Ele me avisou que precisaríamos de sua ajuda para entender o feitiço de execração da sombra. Ele disse que precisaríamos ‘mexer uns pauzinhos’ para libertá-lo até o pôr do sol de hoje. Ele estava falando do julgamento. Temos que convencer o papai a libertá-lo.

— Eu mencionei que Tot disse que ele é um assassino psicopata, certo?

O monstro de vaso fez um som de cacarejo. — Carter, tudo vai ficar bem. Fazer amizade com psicopatas é uma das nossas especialidades.

Ela virou sua cabeça de vaso de plantas para Walt. — Você virá conosco, eu espero?

Seu tom tinha um vestígio de reprovação, como se ela ainda estivesse chateada por ele não ter ido ao baile escolar.

— Eu estarei lá. — Ele prometeu. — Eu estou bem.

Ele me lançou um olhar de aviso, mas eu não iria contradizê-lo. O que quer que ele e Anúbis estivessem planejando, eu poderia esperar até que ele contasse a Sadie. Pular no drama Sadie-Walt-Anúbis me parecia tão divertido quanto pular num triturador de lixo.

— Certo — Sadie disse. — Nós encontramos vocês no Salão do Julgamento antes do pôr do sol hoje a noite. Isso deve nos dar tempo de terminar.

— Terminar? — Eu perguntei — E *nós* quem?

É difícil ler as expressões de um vaso, mas a hesitação de Sadie me disse o suficiente. — Você não está mais no Primeiro Nomo, — Eu supus — O que você esta fazendo?

— Entregando um recado. — Sadie disse. — Eu estou indo ver Bes.

Eu franzi a testa. Sadie ia ver Bes na sua casa de repouso quase toda semana, o que estava bem, mas por que agora? — Você entende que estamos com pressa.

— É necessário. — Ela insistiu. — Eu tenho uma ideia que pode nos ajudar com o projeto da sombra. Não se agite. Zia está comigo.

— Zia? — Agora era minha vez de ficar sem jeito. Se eu fosse um vaso de plantas eu teria mexido no cabelo. — É por isso que Bastet está tomando conta de Rá hoje? Por que exatamente você e Zia estão...?

— Pare de se preocupar. — Sadie repreendeu. — Eu irei tomar conta dela. E não Carter, ela não falou de você. Eu não tenho ideia sobre como ela se sente sobre você.

— O que? — Eu queria socar a Sadie Junior na cara. — Eu não disse nada disso!

— Bem, bem —, ela censurou. — Eu acho que Zia não liga para o que você irá vestir. Não é um encontro. Mas por favor, escove ser dentes uma vez na vida.

— Eu vou te matar! — Eu disse

— Também te amo, querido irmão. Tchau!

A criatura de vasos se despedaçou deixando um monte de cacos e um rosto vermelho de cerâmica olhando pra mim.

Walt e eu nos juntamos a Bastet do lado de fora da sala. Nós nos debruçamos sobre o parapeito olhando para o Grande Salão, enquanto Rá pulava para frente e para trás cantando canções de ninar em egípcio antigo.

Lá em baixo, nossos iniciados se aprontavam para outro dia de aula. Julian tinha uma salsicha do café da manhã na boca enquanto remexia na sua mochila. Felix e Sean estavam discutindo sobre quem roubou o livro de matemática de quem. Shelby estava correndo atrás das outras criancinhas com a mão cheia de giz de cera que soltavam coloridas faíscas.

Eu nunca tive uma família muito grande, mas morando na Casa do Brooklyn eu me sentia como se tivesse uma dúzia de irmãos e irmãs. Apesar da loucura, eu gostava disso... o que tornou minha decisão seguinte ainda mais difícil.

Eu contei a Bastet sobre os nossos planos de visitar o Salão do Julgamento.

— Eu não gosto disso. — Ela disse.

Walt chegou a rir. — E você tem um plano do qual goste mais?

Ela inclinou a cabeça. — Agora que você mencionou, não. Eu não gosto de planos, eu sou um gata. Ainda assim, se metade do que eu ouvi sobre Setne for verdade...

— Eu sei. — Eu disse — Mas é nossa única chance.

Ela enrugou o nariz. — Tem certeza de que não quer que eu vá? Certeza mesmo? Talvez eu possa pedir a Nut ou Shu para vigiar Rá...

— Não. — Eu disse. — Amós vai precisar da sua ajuda no Primeiro Nomo. Ele não tem números para rechaçar um ataque de ambos, Apófis e os magos rebeldes ao mesmo tempo.

Bastet assentiu. — Eu não posso entrar no Primeiro Nomo, mas eu posso patrulhar do lado de fora. Se Apófis aparecer eu irei enfrentá-lo.

— Ele estará com força total. — Walt avisou. — Ele está cada vez mais forte.

Ela levantou o queixo em desafio. — Eu o enfrentei antes, Walt Stone. Eu o conheço melhor do que qualquer um. Além do mais, eu devo isso a família Carter. E ao Lorde Rá.

— Gatinho! — Rá apareceu por trás de nós, deu um tapinha na cabeça de Bastet e saiu. — Miau, Miau, Miau!

Vendo-o saltar por aí eu tinha vontade de gritar e arremessar coisas. Nós arriscamos tudo para reviver o antigo deus do Sol Rá, esperando conseguir um Faraó divino que pudesse lutar de igual pra igual com Apófis. Ao invés disso conseguimos um troll enrugado e careca numa tanga.

Me dê Rá, Apófis havia exortado. *Eu sei que você o odeia.*

Eu tentei tirar isso da cabeça, mas eu não podia eliminar completamente a imagem da minha cabeça: Uma ilha no Mar do Caos – um paraíso pessoal onde eu e aqueles que amo estariam seguros. Eu sabia que era uma mentira. Apófis nunca pagaria esta promessa. Mas eu podia entender como Sarah Jacobi e Kwai foram tentados.

Além disso, Apófis sabia como mexer com os nervos dos outros. Eu *realmente* me ressentia de Rá por ser tão fraco. Hórus concordava comigo.

Nós não precisamos desse velho tolo. A voz do deus da guerra falava em minha cabeça. *Eu não estou dizendo que você deveria entregá-lo para Apófis, mas ele é inútil. Nós devíamos colocá-lo de lado e tomar o trono dos deuses para nós mesmos.*

Ele fez isso soar tão tentador – como se fosse uma solução tão obvia.

Mas, não. Se Apófis queria que eu entregasse Rá, então Rá deve ser valioso de alguma forma. O deus do sol ainda tinha seu papel a cumprir, eu só tinha que descobrir que papel era esse.

— Carter — Bastet franziu o cenho — Eu sei que você está preocupado comigo, mas seus pais me tiraram do Abismo por uma

razão. Sua mãe previu que eu faria a diferença na batalha final. Eu irei lutar contra Apófis. Até a morte, se necessário. Ele não irá passar por mim.

Eu hesitei. Bastet já havia nos ajudado tanto. Ela quase havia sido destruída lutando com o deus crocodilo Sobek. Ela havia alistado seu amigo Bes para nos ajudar, e então o viu se transformar em uma casca vazia, ela havia nos ajudado a restaurar seu antigo mestre, Rá, ao mundo e agora ela estava presa como babá dele. Eu não queria pedir a ela que enfrentasse Apófis de novo, mas ela estava certa. Ela conhecia o inimigo melhor que ninguém – exceto talvez Rá, quando ele estava com a cabeça no lugar.

— Certo. — Eu disse — Mas Amós vai precisar de mais ajuda do que você pode oferecer, Bastet. Ele precisará de magos!

Walt franziu a testa. — Quem? Depois do desastre de Dallas nós não temos muitos amigos sobrando. Nós poderíamos contatar São Paulo e Vancouver, eles ainda estão conosco, mas eles não poderão mandar muitas pessoas. Eles estarão preocupados em proteger seus próprios Nomos.

Eu sacudi a cabeça. — Amós precisa de magos que conheçam o Caminho dos Deuses. Ele precisa de nós. Todos nós!

Walt digeriu isso silenciosamente. — Você quer dizer... abandonar a Casa do Brooklyn?

Abaixo de nós, as criancinhas gritavam com alegria enquanto Shelby tentava marcá-las com seu giz de cera faiscante. Khufu estava sentado na cornija da lareira comendo Cheerios e assistindo o Tucker, um garotinho de 10 anos, arremessar uma bola de basquete na estátua de Tot. Jaz estava pondo um curativo na testa de Alyssa (provavelmente ela havia sido atacada pela garrafa térmica selvagem

da Sadie, que ainda estava à solta). E no meio de tudo isso Cléo estava sentada no sofá, absorta em um livro.

A Casa do Brooklyn foi o primeiro verdadeiro lar para muitos deles. Nós prometemos que os manteríamos seguros e os ensinaríamos a usar seus poderes. Agora, eu estava prestes a enviá-los, despreparados, para a maior batalha de todos os tempos.

— Carter —, Bastet disse — Eles não estão prontos.

— Eles *têm* que estar, se o Primeiro Nomo cair, estará tudo acabado. Apófis irá atacar no Egito, a raiz de nossos poderes. Nós temos que resistir em conjunto com o Chefe Leitor.

— Uma última batalha. — Walt olhou tristemente para o Grande Salão abaixo, provavelmente imaginando se ele estaria ou não vivo para participar da batalha. — Devemos contar tudo para eles?

— Agora não, — eu disse — o ataque dos magos rebeldes ao Primeiro Nomo não irá acontecer até amanhã. Deixe as crianças terem um último dia de aula. Bastet, quando eles voltarem pra casa essa tarde eu quero que você os leve para o Egito. Use Freak, use qualquer magia que você tiver que usar. Se tudo der certo no Mundo Inferior, Sadie e eu iremos nos juntar a vocês antes do ataque.

— Se tudo der certo — Bastet disse secamente — Sim, isso acontece muito.

Ela olhou de relance para o deus do sol, que estava tentando comer a maçaneta do quarto da Sadie. — E quanto a Rá? — Ela perguntou — Se Apófis vai atacar em dois dias...

— Rá tem que continuar fazendo sua jornada diária. — Eu disse — Isso é parte do Ma’at. Não podemos mudar isso. Mas na

manhã do Equinócio ele tem que estar no Egito. Ele tem que enfrentar Apófis.

— *Desse jeito*? — Bastet gesticulou em direção ao velho deus — De tanga?

— Eu sei. — Admiti — Isso parece loucura. Mas Apófis ainda pensa em Rá como uma ameaça. Talvez enfrentar Apófis lembre Rá de quem ele é. Ele pode aceitar o desafio e se tornar... o que ele costumava ser.

Walt e Bastet não responderam. Eu podia dizer pelas suas expressões que eu não os convencera. Eu nem *me* convencera. Rá estava mastigando a maçaneta do quarto de Sadie com instintos assassinos, mas isso não iria ajudar muito contra o Senhor do Caos.

Ainda assim, eu me sentia bem por ter um plano de ação. Era muito melhor do que ficar parado, mortificando-nos do desespero de nossa situação.

— Use o dia para se organizar. — Eu disse a Bastet. — Junte os mais valiosos pergaminhos, amuletos, armas – qualquer coisa que possa ajudar a defender o Primeiro Nomo. Deixe Amós saber que nós estamos indo. Walt e eu iremos para o Mundo Inferior para encontrar Sadie. Nós nos vemos no Cairo.

Bastet cerrou os lábios. — Certo, Carter. Mas tome cuidado com Setne. Não importa o quão mal você pense que ele é, ele é dez vezes pior.

— Ei, nós derrotamos o Deus do Mal. — Eu lembrei a ela

Bastet balançou a cabeça. — Set é um deus, ele não muda. Mesmo sendo o deus do Caos você pode facilmente predizer como ele irá agir. Setne por outro lado... ele tem ambos, poder e a imprevisibilidade humana. Não confie nele. Me prometa isso.

— Isso é fácil. — Eu disse — Eu prometo.

Walt cruzou os braços — Então, como iremos chegar ao Mundo Inferior? Portais são pouco confiáveis, estamos deixando Freak aqui e o barco foi destruído.

— Eu tenho outro barco em mente. — Eu disse, tentando me convencer de que aquilo era uma boa ideia. — Eu vou invocar um velho amigo.

9. Zia Separa Uma Luta de Lava

Eu havia me tornado uma especialista em visitar a casa divina de enfermagem o que é uma declaração triste em minha vida.

A primeira vez que Carter e eu estivemos lá, nós tivemos que viajar pelo Rio da Noite, mergulhar numa cachoeira de fogo e quase morrer num lago de lava. Desde então, eu descobri que podia simplesmente chamar Ísis para me transportar, já que ela pode abrir portas para muitos locais do Duat. Honestamente, no entanto, lidar com Ísis era quase tão irritante como nadar através do fogo.

Após minha conversa *shabti* com Carter, me encontrei com Zia em um penhasco de calcário com vista para o Nilo. Já era meio-dia no Egito. Começando com o lapso do portal que tinha me levado mais longe do que eu esperava. Depois de mudar para roupas mais sensatas, eu tive um almoço rápido e uma conversa mais estratégica com Amós no Hall das Eras. Em seguida, Zia e eu havíamos subido de volta a superfície. Agora estávamos em um santuário em ruínas para Ísis no rio ao sul de Cairo. Era um bom lugar para chamar a deusa, mas não tínhamos muito tempo.

Zia ainda usava seu traje de combate – calças cargo camufladas, e um top verde-oliva. Seu cajado estava jogado sobre suas costas, e sua varinha pendurada no seu cinto. Ela vasculhou a mochila, verificando seus suprimentos uma ultima vez.

— O que Carter disse? —, ela perguntou.

[Isso mesmo, querido irmão. Eu saí de perto dela antes de entrar em contato com você, então Zia não tinha ouvido nenhum desses comentários provocantes. Honestamente, eu não sou *tão* má.]

Eu disse a ela o que nós havíamos discutido, mas eu não lhe disse sobre como o espírito da minha mãe estava em perigo. Eu conhecia o problema em termos gerais, desde que eu tinha falado com Anúbis, é claro, mas saber que o fantasma de nossa mãe estava encolhido sob um penhasco em algum lugar no Duat, resistindo à força da sombra da serpente – bem, aquele pedaço de informação havia se apresentado no meu peito como uma bala. Se eu tentasse tocá-lo, eu temia que iria direto ao meu coração e me mataria.

Expliquei sobre meu amigo vilão fantasma, tio Vinnie, e como pretendemos solicitar a sua ajuda.

Zia parecia chocada. — Setne? O Setne? Carter percebeu...?

— Sim.

— E Tot sugeriu isso?

— Sim.

— E você está realmente indo junto com ele?

— Sim.

Ela olhou para baixo, para o Nilo. Talvez ela estivesse pensando em sua aldeia, que tinha ficado nas margens deste rio, até

que fosse destruída pelas forças de Apófis. Talvez ela estivesse imaginando sua terra natal inteira desmoronando no Mar do Caos.

Eu esperava que ela me dissesse que o nosso plano era insano. Pensei que ela poderia me abandonar e voltar para o Primeiro Nomo. Mas acho que ela se acostumou com a família Kane, pobre menina. Ela deve ter reconhecido agora que todos os nossos planos são loucos.

— Tudo bem —, disse ela. — Como chegamos a essa... casa de repouso dos deuses?

— Só um minuto. — Fechei os olhos e me concentrei.

Oláa, Ísis? Pensei. *Alguém em casa?*

Sadie, a deusa respondeu imediatamente.

Na minha mente, ela apareceu como uma mulher real com as escuras tranças. Seu vestido era leve e branco. Suas asas prismáticas brilhavam como o sol ondulando através da água clara.

Eu queria bater nela.

Ora, ora, eu disse. *Se não é minha boa amiga que decide quem pode e não pode namorar.*

Ela teve a coragem de parecer surpresa. *Você está falando de Anúbis?*

Acertou, na primeira tentativa! Eu deveria ter deixado quieto, já que eu precisava da ajuda de Ísis. Mas vê-la flutuante lá toda brilhante e rainha me deixou mais irritada do que nunca. *Quando você começou com o descaramento, hein? Agindo pelas minhas costas, pressionando para manter Anúbis longe de mim. Qual é o seu negócio?*

Surpreendentemente, Ísis manteve a calma. *Sadie, há coisas que você não entende. Existem regras.*

Regras? Exigi. *O mundo está prestes a terminar, e você está preocupada com quais meninos são socialmente aceitáveis para mim?*

Ísis estendeu os dedos. *As duas questões são mais conectadas do que você imagina. As tradições do Ma'at devem ser seguidas, ou o Caos ganha. Os imortais e mortais podem apenas interagir de formas específicas e limitadas. Além disso, você não pode se dar ao luxo de ser distraída. Eu estou lhe fazendo um favor.*

Um favor! Eu disse. *Se você quiser me fazer um favor real, precisamos de passagem para a Quarta Casa da Noite – a Casa de Repouso, Acres Ensolarados, ou do que você quiser chamá-la. Depois disso você pode se manter fora da minha vida privada!*

Talvez tivesse sido rude de minha parte, mas Ísis passou dos limites. Além disso, por que eu deveria agir adequadamente com uma deusa que já tinha alugado um espaço na minha cabeça? Ísis deveria ter me conhecido melhor!

A deusa suspirou. *Sadie, a proximidade com os deuses é perigosa. Deve ser regulada com o máximo de cuidado. Você sabe disso. Seu tio ainda está contaminado por sua experiência com Set. Mesmo sua amiga Zia está lutando.*

O que você quer dizer? Eu perguntei.

Se você se juntar a mim, você compreenderá, Ísis prometeu. *Sua mente ficará clara. Já passou da hora de nos unirmos novamente e combinarmos a nossa força.*

Lá estava ele: o discurso de vendas. Todas as vezes que eu chamava Ísis ela tentava me convencer a me fundir com ela como

havíamos feito antes, mortal e deus que habitam um corpo, agindo com uma única vontade, todas as vezes eu disse que não.

Então, eu me aventurei, *a proximidade com os deuses é perigosa, mas você está ansiosa para unir forças comigo novamente. Estou feliz por você estar olhando pela minha segurança.*

Ísis estreitou os olhos. *Nossa situação é diferente, Sadie. Você precisa da minha força.*

Certamente era tentador. Ter o poder de uma deusa ao meu comando foi bastante útil. Com o Olho de Ísis, eu me sentiria confiante, imparável, completamente sem medo. Alguém poderia ficar viciado nesse poder, e esse era o problema.

Ísis poderia ser uma boa amiga, mas sua agenda não era sempre melhor para o mundo mortal – ou para Sadie Kane.

Ela era impulsionada por sua lealdade para com seu filho Hórus. Ela faria qualquer coisa para vê-lo no trono dos deuses. Ela era ambiciosa, vingativa e sedenta de poder e invejava quem podia ter mais magia do que ela.

Ela alegou em minha mente que ficaria mais claro se eu a deixasse entrar. O que ela realmente quis dizer foi que eu começaria a ver as coisas à sua maneira. Seria mais difícil de separar meus pensamentos do dela. Eu poderia até mesmo vir a acreditar que ela estava certa, mantendo Anúbis distante de mim. (Ideia assustadora.)

Infelizmente, Ísis tinha razão sobre a união de forças. Mais cedo ou mais tarde teríamos que nos unir. Não havia outra maneira de eu ter poderes para desafiar Apófis.

Mas agora não era o momento. Eu queria permanecer Sadie Kane o máximo possível, apenas meu próprio eu maravilhosa sem qualquer carona divina.

Logo, eu disse a Ísis. *Eu tenho coisas para fazer antes. Eu preciso ter certeza de que minhas decisões são minhas. Agora, sobre essa porta de entrada para a Casa de Repouso...*

Ísis era muito boa em parecer desaprovada e magoada ao mesmo tempo, o que deve fazer dela uma mãe impossível. Eu quase senti pena de Hórus.

Sadie Kane, disse ela, *você é a minha mortal favorita, minha maga escolhida. E ainda assim você não confia em mim.*

Eu não me incomodei em contradizê-la. Ísis sabia como eu me sentia.

A deusa abriu os braços com resignação. *Muito bem. Mas o caminho dos deuses é a única resposta. Para todos os Kanes, e ela.* Ela assentiu com a cabeça na direção de Zia. *Você vai precisar aconselhá-la, Sadie. Ela deve aprender o caminho rapidamente.*

O que você quer dizer? Perguntei de novo. Eu realmente queria que ela parasse de falar em enigmas. Deuses são tão irritantes assim.

Zia era uma maga muito mais experiente do que eu. Eu não sabia como eu poderia aconselhá-la. Além disso, Zia era uma elementar de fogo. Ela nos tolerava, os Kanes, mas ela nunca havia mostrado o menor interesse no caminho dos deuses.

Boa sorte, Ísis disse. *Vou aguardar o seu chamado.*

A imagem da deusa ondulou e desapareceu. Quando eu abri meus olhos, um quadrado de escuridão do tamanho de uma porta pairava no ar.

— Sadie? — Zia pediu. — Você esteve em silêncio por tanto tempo, eu estava ficando preocupada.

— Não há necessidade. — Eu tentei fazer um sorriso. — Ísis só gosta de falar. Próxima parada, a Quarta Casa da Noite.

Vou ser sincera. Eu nunca entendi muito bem a diferença entre os rodopiantes portais de areia que os magos podem invocar com artefatos e as portas das trevas que os deuses são capazes de conjurar. Talvez os deuses usem uma rede sem fio mais avançada. Talvez eles simplesmente tenham melhor pontaria.

Seja qual for a razão, o portal de Ísis funcionou com muito mais segurança do que o que eu tinha criado para chegar ao Cairo. Fomos depositadas direto no saguão dos Acres Ensolarados.

Assim que atravessou, Zia olhou o ambiente e franziu a testa. — Onde estão todos?

Boa pergunta. Nós tínhamos chegado à casa de enfermagem divina correta – com as mesmas plantas em vasos, o mesmo lobby enorme com janelas com vista para o Lago de Fogo, as mesmas linhas de colunas de calcário cobertas de cartazes e folhetos de idosos sorridentes e lemas como: *Estes são os seus Séculos de Ouro!*

Mas o posto de enfermagem estava vazio. Suportes de soro estavam agrupados em um canto como se eles estivessem tendo uma conferência. Os sofás estavam vazios. As mesas estavam cheias de meio-jogado jogos de damas e senet. Ugh, eu *odeio* senet.

Olhei para uma cadeira de rodas vazia, imaginando onde o seu ocupante tinha ido, quando de repente a cadeira explodiu em chamas, se rompendo em uma pilha de couro queimado e aço meio derretido. Eu tropecei para trás. Atrás de mim, Zia fazia uma bola de fogo incandescente na mão. Seus olhos eram tão selvagens como um animal encurralado.

— Você está louca? —, Eu gritei. — O que você...?

Ela arremessou a segunda bola de fogo no posto de enfermagem. Um vaso cheio de margaridas explodiu em uma chuva de pétalas de fogo de cerâmicas e cacos.

— Zia!

Ela parecia não me ouvir. Ela convocou uma outra bola de fogo e teve por objetivo os sofás.

Eu deveria ter corrido para me esconder. Eu não estava preparada para morrer gravemente salvando móveis estofados. Em vez disso, corri para ela e agarrei seu pulso.

— Zia, pare com isso!

Ela olhou para mim com chamas nos olhos e quero dizer, literalmente. Suas íris se tornaram discos de fogo laranja.

Isso foi terrível, é claro, mas eu mantive minha posição. Durante o ano passado eu obtive bastante surpresas, como a minha gata ser uma deusa, meu irmão ser transformando em um falcão, e Felix produzindo pinguins na lareira várias vezes por semana.

— Zia —, eu disse com firmeza. — Não podemos queimar a casa de repouso. O que deu em você?

Um olhar de confusão passou sobre o seu rosto. Ela parou de lutar. Seus olhos voltaram ao normal.

Ela olhou para a cadeira de rodas derretida, em seguida, os fumegantes restos de flores no tapete. — Será que eu...?

— Decidiu que essas margaridas necessitam morrer? — Eu terminei. — Sim, você fez.

Ela extinguiu a bola de fogo, o que foi uma sorte, porque estava começando a assar o meu rosto.

— Sinto muito —, ela murmurou. — Eu... eu pensei que tinha tudo sob controle...

— Sob controle? — Eu soltei a mão dela. — Você quer dizer que você está jogando um monte de bolas de fogo aleatórias ultimamente?

Ela ainda parecia confusa, seu olhar derivava em torno do lobby.

— N-não... talvez. Eu tenho tido apagões. Eu tenho, e eu não me lembro o que eu fiz.

— Como o que aconteceu agora?

Ela assentiu com a cabeça. — Amós disse... no início ele pensou que poderia ser um efeito colateral do meu tempo no túmulo.

Ah, o túmulo. Durante meses, Zia tinha estado presa em um sarcófago, enquanto seu *shabti* corria representando-a. O Chefe Leitor Iskandar achava que isso iria proteger a Zia verdadeira – de Set? De Apófis? Nós ainda não tínhamos certeza. De qualquer forma, isso não me pareceu a ideia mais brilhante para um supostamente sábio mago de dois mil anos de idade ter. Durante seu sono, Zia tinha sofrido pesadelos horríveis sobre sua aldeia queimando e Apófis destruindo o mundo. Suponho que poderia levar a algum estresse pós-traumático desagradável.

— Você disse que Amós pensou isso a *princípio* —, eu disse. — Há mais nesta história, então?

Zia olhou para a cadeira de rodas derretida. A luz que vinha do exterior deixou o cabelo da cor de ferro enferrujado.

— Ele estava aqui —, ela murmurou. — Ele esteve aqui por eras, preso.

Eu levei um momento para processar isso. — Você quer dizer, Rá.

— Ele foi infeliz e sozinho —, disse ela. — Ele tinha sido forçado a abdicar do trono. Ele deixou o mundo mortal e perdeu a vontade de viver.

Eu chutei uma margarida fumegante no carpete. — Eu não sabia, Zia. Ele parecia muito feliz quando o acordei cantando e sorrindo e assim por diante.

— Não. — Zia caminhou em direção à janela, como se atraída pela bela vista de enxofre. — Sua mente ainda está dormindo. Eu passei um tempo com ele, Sadie. Eu vi suas expressões enquanto ele cochila. Eu tenho ouvido-o gemer e resmungar. Esse velho corpo é uma jaula, uma prisão. O Rá verdadeiro está aprisionado no interior.

Ela estava começando a me preocupar agora. Com bolas de fogo eu poderia lidar. Com divagações incoerentes nem tanto.

— Acho que faz sentido que você tenha simpatia por Rá, — eu aventurei. — Você é uma elementarista do fogo. Ele é uma espécie de deus do fogo. Você esteve presa em túmulo. Rá foi preso em uma casa de repouso. Talvez seja isso que causou o seu apagão agora. Este lugar lembrou-a de sua própria prisão.

Isso mesmo, Sadie Kane, psicóloga júnior. E por que não? Eu tinha passado tempo suficiente diagnosticando minhas enlouquecidas companheiras Liz e Emma em Londres.

Zia olhou para o lago ardente. Tive a sensação de que minha tentativa de terapia pode não ter sido tão terapêutica.

— Amós tentou me ajudar —, disse ela. — Ele sabe o que eu estou passando. Ele lançou um feitiço em mim para concentrar a minha mente, mas... — Ela sacudiu a cabeça. — Tem sido cada vez pior. Este é o primeiro dia em semanas que eu ainda *não* cuidei de Rá, e quanto mais tempo eu passo com ele, os meus pensamentos mais confusos ficam. Quando eu chamo o fogo agora, eu tenho dificuldade para controlá-lo. Mesmo magias simples que eu fiz por anos, eu canalizo muito poder. Se isso acontecer durante um apagão...

Eu entendi porque ela parecia assustada. Magos tem que ter cuidado com feitiços. Se canalizar muito poder, poderíamos inadvertidamente esgotar nossas reservas. Em seguida o feitiço iria explorar diretamente a força de vida do mago, com desagradáveis consequências.

Você vai precisar aconselhá-la, Ísis tinha dito*. Ela deve aprender o caminho rapidamente.*

Um pensamento incômodo começou a se formar. Lembrei-me da alegria de Rá quando ele conheceu Zia, a forma como ele tentou dar para ela o seu último escaravelho remanescente. Ele balbuciou e balbuciou sobre zebras, possivelmente querendo dizer Zia. E agora Zia estava começando a simpatizar com o velho deus, e mesmo tentou queimar a casa de repouso onde ele tinha ficado preso por tanto tempo. Isso não poderia ser bom. Mas como eu poderia aconselhá-la quando eu nem tinha ideia do que estava acontecendo?

O aviso de Ísis sacudiu na minha cabeça: O caminho dos deuses era a resposta para todos os Kanes. Zia estava se esforçando. Amós ainda estava manchado pelo seu tempo com Set.

— Zia... — eu hesitei. — Você disse que Amós sabe o que você está passando. É por isso que ele pediu a Bastet para cuidar de Rá hoje? Para lhe dar tempo longe do deus sol?

— E...eu acho que sim.

Eu tentei ritmar minha respiração. Então eu fiz a pergunta mais difícil. — Na sala de guerra, Amós disse que ele poderia ter que usar outros meios para lutar contra seus inimigos. Ele não tem... hum, não tem tido problemas com Set?

Zia não me olhava nos olhos. — Sadie, eu prometi a ele...

— Oh, deuses do Egito! Ele está *chamando* set? Tentando canalizar seu poder, depois de tudo que Set fez com ele? Por favor, não.

Ela não respondeu, o que era uma resposta em si.

— Ele vai ser dominado! — Eu chorei. — Se os magos rebeldes descobrirem que o Chefe Leitor está se intrometendo com o deus do mal, assim como eles suspeitavam...

— Set não é apenas o deus do mal, — Zia me lembrou. — Ele é o tenente de Rá. Ele defendeu o deus do sol contra Apófis.

— Você acha que isso faz tudo melhor? — Eu balancei a cabeça em descrença. — E agora Amós pensa que você está tendo problemas com Rá? Será que ele pensa que Rá está tentando... —, eu apontei para a cabeça de Zia.

— Sadie, por favor... — Sua voz foi sumindo com angustia.

Acho que não era justo que eu a pressionasse. Ela parecia mesmo mais confusa do que eu. Ainda assim, eu odiava a ideia de Zia sendo desorientada tão perto de nossa batalha – tendo apagões, atirando bolas de fogo aleatórias, perdendo o controle de seu

próprio poder. Ainda pior era a possibilidade de que Amós tinha algum tipo de ligação com Set, de que ele poderia realmente ter escolhido deixar o deus horrível voltar para sua cabeça.

O pensamento emaranhou minhas entranhas em *tyets* – nós de Ísis.

Imaginei meu velho inimigo Michel Desjardins carrancudo. *Não pode ver, Sadie Kane? Isto é o que vem do caminho dos deuses. É por isso que a magia era proibida.*

Eu chutei os restos derretidos da cadeira de rodas. Uma roda dobrada rangeu e oscilou.

— Nós vamos ter que conversar depois —, eu decidi. — Estamos correndo contra o tempo. Agora... onde todos os velhos foram?

Zia apontou para a janela. — Lá,— ela disse calmamente. — Eles estão tendo um dia de praia.

Nós fomos até a praia de areia preta do Lago de Fogo. Não teria sido o meu ápice de lugar de férias, mas deuses idosos estavam descansando em cadeiras de praia sob guarda-chuvas coloridos e brilhantes. Outros roncavam em toalhas de praia ou estavam sentados em suas cadeiras de rodas e olhavam para a vista de ebulição.

Uma deusa com cabeça de pássaro enrugado em uma peça de banho estava construindo uma pirâmide de areia. Dois homens velhos – eu assumi que eram deuses do fogo – estavam até a cintura nas ondas em chamas, rindo e espirrando lava no rosto um do outro.

Tawaret a zeladora sorriu quando nos viu.

— Sadie! — Ela chamou. — Você veio cedo nesta semana! E trouxe uma amiga!

Normalmente eu não teria ficado parada enquanto uma hipopótamo fêmea sorridente vinha de pé em minha direção para um abraço, mas eu me acostumei com Tawaret.

Ela havia trocado seus saltos altos para chinelos. Ao contrário, ela estava vestida em seu habitual uniforme de enfermeira branco. Seu rímel e batom estavam feitos com bom gosto, para um hipopótamo, e seu cabelo preto luxuriante estava preso sob um gorro de enfermeira. Sua blusa mal ajustada se abria sobre uma enorme barriga – possivelmente um sinal de gravidez permanente, já que ela era a deusa do parto, ou possivelmente um sinal de comer bolinhos demais. Eu nunca tive muita certeza.

Ela me abraçou sem me esmagar, o que eu gostei muito. Seu perfume lavanda me fazia lembrar da minha avó, e o tom de enxofre em sua roupa me lembrava vovô.

— Tawaret, — Eu disse, — esta é Zia Rashid.

O sorriso de Tawaret se apagou. — Oh... Oh, eu vejo.

Eu nunca tinha visto a deusa hipopótamo tão desconfortável. Será que ela sabia de alguma forma que Zia havia derretido sua cadeira de rodas e incendiado suas margaridas?

Como o silêncio ficou estranho, Tawaret recuperou seu sorriso. — Desculpe, sim. Olá, Zia. É só que você parece... bem, não importa! Você é amiga do Bes também?

— Uh, não realmente, — Zia admitiu. — Quer dizer, eu suponho, mas...

— Estamos aqui em uma missão —, disse. — As coisas no mundo superior estão um pouco instáveis.

Eu contei a Tawaret sobre os magos rebeldes, os planos de ataque de Apófis, e nosso esquema louco para encontrar a sombra da serpente e bater nela até a morte.

Tawaret amassou suas mãos de hipopótamo juntas. — Oh, querida. Dia do juízo final amanhã? A noite do bingo era para ser sexta-feira. Meus pobres queridos ficarão tão decepcionados...

Ela olhou para a praia para seus protegidos senis, alguns dos quais estavam babando durante o sono ou comendo areia preta ou tentando falar com a lava. Tawaret suspirou.

— Acho que seria mais gentil não dizer a eles. Eles estiveram aqui por muito tempo, esquecidos pelo mundo mortal. Agora eles têm de perecer juntamente com todos os outros. Eles não merecem tal destino.

Eu queria lembrar-lhe que *ninguém* merecia tal destino nem meus amigos, nem a minha família, e certamente nem uma jovem e brilhante mulher chamada Sadie Kane, que tinha sua vida inteira pela frente. Mas Tawaret era tão bondosa que eu não quis parecer egoísta. Ela não parecia preocupada consigo mesma apesar de tudo, só com os deuses desvanecidos que ela cuidava.

— Nós não vamos desistir ainda —, eu prometi.

— Mas esse plano de vocês! — Tawaret estremeceu, causando um tsunami de carne de hipopótamo balançando. — É impossível!

— Da mesma forma que reviver o deus do sol? — Eu perguntei.

Ela reconheceu isso, com um encolher de ombros. — Muito bem, querida. Eu vou admitir você fez o impossível antes. No entanto... — Ela olhou para Zia, como se a presença de minha amiga ainda a deixasse nervosa. — Bem, eu tenho certeza que você sabe o que está fazendo. Como posso ajudar?

— Podemos ver Bes? — Eu perguntei.

— Claro... mas eu receio que ele não mudou.

Ela nos levou até a praia. Nos últimos meses eu visitei Bes pelo menos uma vez por semana, então eu conhecia de vista muitos dos deuses idosos. Vi Heket a deusa sapo empoleirada no topo de um guarda-chuva na praia como se fosse uma almofada de lírio. Sua língua se atirou para pegar alguma coisa do ar. Será que eles têm moscas no Duat?

Mais adiante, vi o deus do ganso Gengen-Wer, cujo nome – não estou brincando –significava Great Honker[22]. Na primeira vez que Tawaret me disse, eu quase vomitei chá. O Honkiness Supremo estava gingando ao longo da praia, gritando com os outros deuses e surpreendendo-os para fora de seu sono.

No entanto, cada vez que eu visitava, a multidão mudava. Alguns deuses desapareciam. Outros apareciam – deuses das cidades que já não existiam; deuses que só haviam sido adorados por alguns séculos antes de serem substituídos por outros deuses; deuses tão velhos que haviam esquecido os seus próprios nomes. A maioria das civilizações deixou para trás fragmentos de cerâmica ou

[22] Great = Grande
Já para Honker achei traduções como uma espécie de ganso do Canadá, ou então uma expressão popular que quer dizer “tesão, ereção”, ou até mesmo “nariz grande”, e ainda um tipo de cerveja belga. Possivelmente uma dessas opções de tradução acabou fazendo Sadie engasgar. rs

monumentos ou literatura. O Egito era tão velho, que tinha deixado para trás um valoroso aterro de divindades.

A meio caminho da praia, passamos pelos dois velhos excêntricos que estavam jogando na lava. Agora eles estavam lutando no lago pela altura da cintura. Um atacava o outro com um *ankh* e gorjeava:

— É o *meu* pudim! *Meu* pudim!

— Oh, querido —, disse Tawaret. — Fire-embracer [23]e Pé Quente estão nisso de novo.

Eu sufoquei uma risada. — Pé quente? Que tipo de nome de deus é esse?

Tawaret estudou as ondas de fogo, como se estivesse procurando uma maneira de navegar por ele sem ser incinerada.

— Eles são deuses do Salão de Julgamento, querida. Coitados. Costumava haver quarenta e dois deles, cada um encarregado de julgar um crime diferente. Mesmo nos velhos tempos, nunca pudemos mantê-los todos já linha. Agora... — Ela encolheu os ombros. — Eles estão muito esquecidos, infelizmente. Fire-embracer, é aquele com o *ankh*, ele costumava ser o deus dos roubos. Receio que isso o deixou paranoico. Ele sempre acha que Pé Quente roubou seu pudim. Vou ter que separar a briga.

— Eu vou, — afirmou Zia.

Tawaret enrijeceu. — Você, minha... querida?

Eu tive a sensação de que ela ia dizer outra coisa que não *querida*.

---

[23] Fire-embracer: algo como Abraçador de fogo.

— O fogo não me incomoda —, Zia assegurou-lhe. — Vocês duas vão na frente.

Eu não tinha certeza de como Zia podia estar tão confiante. Talvez ela tivesse preferido a natação em chamas, à ver Bes em seu atual estado. Se assim fosse, eu não podia culpá-la. A experiência era perturbadora.

Seja qual for o caso, Zia caminhou em direção às ondas e entrou em linha reta como um salva-vidas.

Tawaret e eu continuamos ao longo da praia. Chegamos ao píer onde o barco do sol de Rá havia sido ancorado na primeira vez que Carter e eu tínhamos visitado este lugar.

Bes estava sentado no final do cais em uma cadeira de couro confortável, que Tawaret deve ter trazido especialmente para ele. Ele vestia uma camisa havaiana azul e bermuda caqui. Seu rosto estava mais fino do que tinha estado na primavera passada, mas por outro lado ele parecia inalterado – o mesmo ninho desgrenhado de cabelos negros, a mesma juba eriçada que se passava por uma barba, o mesmo rosto amavelmente grotesco que me lembrava de um cão pug[24].

Mas a alma de Bes tinha ido embora. Ele olhou vagamente para o lago, sem nenhuma reação quando me ajoelhei ao lado dele e segurei sua mão peluda.

Lembrei-me da primeira vez que ele salvou a minha vida apanhando-me em uma limusine cheia de lixo, me levando da ponte de Waterloo, em seguida, afugentando dois deuses que tinham me perseguindo. Ele havia saltado para fora do carro vestindo apenas uma sunga e gritado, “Boo!”

---

[24] Raça de cachorro cujo rosto parece amassado.

Sim, ele tinha sido um verdadeiro amigo.

— Querido Bes, — Eu disse, — vamos tentar ajudá-lo.

Contei-lhe tudo o que havia acontecido desde a minha última visita. Eu sabia que ele não podia me ouvir. Desde que seu nome secreto havia sido roubado, sua mente simplesmente não estava lá. Mas conversar com ele me fazia sentir melhor.

Tawaret fungou. Eu sabia que ela sempre tinha amado Bes, embora Bes nem sempre tivesse retornado seus sentimentos. Ele não poderia ter tido ninguém melhor para cuidar dele.

— Oh, Sadie... — A deusa hipopótamo enxugou uma lágrima. — Se você realmente poderia ajudá-lo, eu... eu não faço nada. Mas como é possível?

— Sombras —, eu disse. — Este sujeito, Setne... ele encontrou uma maneira de usar sombras em um encanto de execração. Se o *sheut* é uma cópia de segurança da alma, e se a magia de Setne puder ser usada no sentido inverso...

Os olhos de Tawaret se arregalaram. — Você acredita que poderia usar a sombra de Bes para trazê-lo de volta?

— Sim. — Eu sabia que parecia loucura, mas eu *tinha* que acreditar. Dizer isso alto para Tawaret, que se preocupava com Bes ainda mais do que eu... bem, eu simplesmente não poderia decepcioná-la. Além disso, se pudéssemos fazer isso para Bes, então quem sabe? Talvez nós poderíamos usar a mesma mágica para trazer o deus do sol Rá de volta à forma de combate. Primeiras coisas primeiro, no entanto. Eu pretendia manter a minha promessa ao deus anão.

— Aqui está a parte complicada, — eu disse. — Eu esperava que você pudesse me ajudar a localizar a sombra de Bes. Eu não sei

muito sobre os deuses e seus *sheuts* e tudo o mais. Eu entendo que muitas vezes vocês escondem?

Tawaret se mexeu nervosamente, rangendo os pés nas placas do píer. — Hum, sim...

— Eu esperava que eles fossem um pouco como nomes secretos, — Eu continuei. — Como eu não posso perguntar a Bes onde ele mantém a sua sombra, eu pensei em perguntar à pessoa que é mais próximo a ele. Eu pensei que você teria a melhor chance de saber.

Ver um hipopótamo corar é muito estranho. Isso quase fez Tawaret parecer delicada – de um jeito massivo.

— Eu... eu vi a sombra dele uma vez, — ela admitiu. — Durante um dos nossos melhores momentos juntos. Estávamos sentados na parede do templo em Saïs.

— Onde?

— Uma cidade no Delta do Nilo —, Tawaret explicou. — A casa de uma amiga nossa, a deusa da caça Neith. Ela gostava de convidar Bes e eu em suas excursões de caça. Nós, ah, agitávamos a presa para ela.

Imaginei Tawaret e Bes, dois deuses com super-horrível poderes, abrindo caminho com a mão em pântanos gritando *“Boo!”* para assustar galinhas de codorna. Decidi manter essa imagem para mim.

— De qualquer forma, — Tawaret continuou, — uma noite depois do jantar, Bes e eu estávamos sentados sozinhos nas paredes do templo de Neith, observando a lua subir ao longo do Nilo.

Ela olhou para o deus anão com olhos adoráveis, eu não pude deixar de me imaginar na parede do templo, compartilhando uma noite romântica com Anúbis... não, Walt... não... Gah! Minha vida era horrível.

Suspirei infeliz. — Continue, por favor.

— Nós não conversamos sobre nada em particular —, Tawaret lembrou. — Estávamos de mãos dadas. Isso era tudo. Mas eu me senti tão próxima à ele. Apenas por um momento, olhei para a parede de tijolos de barro ao nosso lado, e vi a sombra de Bes à luz das tochas. Normalmente deuses não mantêm suas sombras tão perto. Ele deve ter confiado muito em mim para revelá-la. Perguntei a ele sobre isso, e ele riu. Ele disse, 'Esse é um bom lugar para a minha sombra. Acho que vou deixá-la aqui. Dessa forma, ela pode sempre ser feliz, mesmo quando eu não estou'.

A história era tão doce e triste, eu mal podia suportar.

Descendo a encosta, o velho deus Fire-embracer gritou algo sobre o pudim. Zia estava nas ondas, tentando manter os dois deuses separados à medida que eles espirravam lava nela de ambos os lados. Surpreendentemente, não parecia incomodá-la.

Virei-me para Tawaret. — Aquela noite, em Saïs... há quanto tempo foi isso?

— Alguns milhares de anos.

Meu coração se afundou. —Alguma chance da sombra ainda estar lá?

Ela deu de ombros, impotente. — Saïs foi destruída séculos atrás. O templo está desaparecido. Agricultores derrubaram os edifícios antigos e usaram os tijolos de barro como fertilizantes. A maior parte da terra foi revertida em pântanos.

Credo. Eu nunca fui fã de ruínas egípcias. Às vezes, eu ficava tentada a derrubar alguns templos eu mesma. Mas dessa vez, eu queria que as ruínas tivessem sobrevivido. Eu queria algemar aqueles agricultores.

— Então não há esperança? — Eu perguntei.

— Oh, sempre há esperança —, disse Tawaret. — Você pode procurar na área, chamando a sombra de Bes. Você é amiga dele. Ela poderia aparecer se ainda estiver lá. E, se Neith ainda estiver na área, ela pode ser capaz de ajudar. Quer dizer, se ela não caçar você ao invés...

Decidi não me basear nessa possibilidade. Eu tinha problemas suficientes. — Nós vamos ter que tentar. Se pudermos encontrar a sombra e decifrar o encanto adequado...

— Mas, Sadie, — a deusa disse, — você tem tão pouco tempo. Você tem que parar Apófis! Como você pode ajudar Bes, também?

Olhei para o deus anão. Então me abaixei e beijei sua testa deformada. — Fiz uma promessa —, disse. — Além disso, vamos precisar dele se formos ganhar.

Será que eu realmente acreditava nisso? Eu sabia que não poderia assustar Apófis simplesmente com Bes gritando "Boo!", não importa o quão medonho ele parecia em sua cueca. No tipo de batalha que estávamos enfrentando eu não tinha certeza se um deus a mais iria mesmo fazer a diferença. Eu tinha menos certeza ainda que essa ideia de reverter a sombra poderia ajudar Rá. Mas eu tinha que tentar em Bes. Se o mundo terminava no dia depois de amanha, eu não iria pra minha morte sem antes saber que tinha feito tudo que podia para salvar meu amigo.

De todas as deusas que eu conhecia, Tawaret era a mais provável que entendesse os meus motivos.

Ela colocou as mãos protetoramente sobre os ombros de Bes. — Nesse caso, Sadie Kane, desejo-lhe sorte... para Bes, e para todos nós.

Deixei-a no cais, em pé atrás de Bes como se os dois deuses estivessem desfrutando de um romântico pôr do sol juntos.

Na praia, eu me juntei à Zia, que estava tirando cinzas de seu cabelo. Exceto por alguns buracos de queimaduras em suas calças, ela parecia perfeitamente bem. Ela apontou para Fire-embracer e Pé Quente, que estava novamente jogando amigavelmente na lava.

— Eles não são tão ruins —, afirmou Zia. — Eles só precisam de alguma atenção.

— Como animais de estimação, — eu disse. — Ou o meu irmão.

Zia realmente sorriu. — Você achou a informação que você precisa?

— Eu acho que sim —, eu disse. — Mas, primeiro, precisamos chegar ao Salão de Julgamento. Está quase na hora do julgamento de Setne.

— Como é que vamos chegar lá? — Zia perguntou. — Outra porta?

Eu olhei através do Lago de Fogo, ponderando nesse problema. Eu me lembrava do Salão do Julgamento estar em uma ilha em algum lugar no lago, mas a geografia no Duat é um pouco duvidosa. Por tudo que eu sabia, o salão estava em um nível totalmente diferente do Duat, ou o lago tinha seis bilhões de

quilômetros de largura. Eu não gostava da ideia de andar em torno da terra através de um território desconhecido, ou dar um mergulho. E eu certamente estava sem vontade de discutir com Ísis novamente.

Então eu vi alguma coisa através das ondas de fogo, a silhueta de um barco a vapor familiar se aproximando, chaminés gêmeas soltando fumaça dourada luminosa e uma roda de pás se agitando através da lava.

Meu irmão – abençoado seja – era absolutamente louco.

— Problema resolvido, — eu disse a Zia. — Carter vai nos dar uma carona.

10. “Leve Sua Filha para um Dia no Trabalho” Acontece Horrivelmente Errado

Enquanto se aproximavam da doca, Carter e Walt acenaram para nós da proa do Egyptian Queen. Ao lado deles estava o capitão, Bloodstained Blade, que parecia um tanto quanto impetuoso no seu uniforme de piloto de barco, exceto pelo fato de que sua cabeça era um machado de dois gumes sujo de sangue.

— Isso é um demônio, — Disse Zia angustiada.

— Sim — Eu concordei.

— É seguro?

Eu levantei uma sobrancelha para ela.

— Claro que não, — ela murmurou. — Eu estou viajando com os Kanes.

A tripulação de esferas brilhantes circulava pelo barco, puxando cordas e abaixando a prancha.

Carter parecia cansado. Ele usava calça jeans e uma blusa amarrotada com manchas de molho barbecue. Seu cabelo estava

molhado e achatado de um lado, como se ele tivesse caído no sono durante o banho.

Walt parecia muito melhor – bem, de fato, não havia competição. Ele usava sua blusa sem mangas, costumeira, e calças de malhar, ele conseguiu sorrir para mim, mesmo sua postura deixando óbvio que ele sentia dor. O encantamento *shen* no meu colar parecia esquentar, ou então talvez fosse só minha temperatura corporal subindo.

Zia e eu subimos na prancha. Bloodstained Blade curvou-se, o que era um pouco incômodo, já que sua cabeça poderia partir uma melancia ao meio.

— Bem vinda a bordo senhorita Kane. — Sua voz era um grunhido metálico que saia a partir da borda da sua lâmina frontal. — Eu estou ao seu serviço.

— Muitíssimo obrigada, — eu disse. — Carter, posso falar com você?

Eu agarrei a orelha dele e o levei em direção à cabine do convés.

— Ai! — Ele reclamou enquanto eu o puxava pelo caminho. Eu acredito que fazer isso na frente de Zia não foi legal, mas eu achei que seria bom para mostrar a ela a melhor maneira de lidar com meu irmão.

Walt e Zia nos seguiram até a sala de jantar. Como de costume a mesa de mogno estava repleta de pratos com comida fresca. O lustre iluminava as paredes coloridas repletas com murais de deuses egípcios, as colunas douradas e o teto ornamentado.

Eu soltei a orelha de Carter e rosnei, — Você ficou louco?

— Ai! — Ele gritou de novo. — Qual é o seu problema?

— O meu problema, — falei abaixando meu tom de voz. — É que você convocou esse barco de novo e esse capitão demônio, o qual Bastet te avisou que iria cortar sua garganta se tivesse a oportunidade!

— Ele está sob obrigação mágica, — Carter argumentou. — Ele foi *bem* da ultima vez.

— Da ultima vez *Bastet* estava com a gente — Eu o lembrei — E se você acha que eu confio em um demônio chamado Bloodstained Blade mais do que eu...

— Pessoal, — Walt interrompeu.

Bloodstained Blade entrou na sala de jantar, abaixando sua cabeça de lâmina sob o portal da porta. — Senhor e Senhora Kane, a viagem é curta por aqui. Nós iremos chegar ao Salão do Julgamento em aproximadamente 20 minutos.

— Obrigado BSB[25]. — Carter disse enquanto coçava sua orelha. — Iremos nos juntar a você no deck logo.

— Muito bem, — disse o demônio. — Quais são as ordens para quando chegarmos?

Eu fiquei tensa, esperando que Carter tivesse planejado o que faria. Bastet tinha nos avisado que demônios precisam de ordens muito claras para mantê-los sob controle.

— Você irá nos esperar enquanto visitamos o Salão do Julgamento, — anunciou Carter. — Quando voltarmos, você irá nos levar para onde desejarmos ir.

[25] BSB sigla para Bloodstained Blood.

— Como você disser. — Pelo tom de voz de Bloodstained Blade, ele parecia desapontado. Ou era só minha imaginação?

Depois que ele saiu, Zia fez uma careta. — Carter, nesse caso eu concordo com Sadie. Como você pode confiar naquela criatura? Aonde você pegou esse barco?

— Ele pertencia aos nossos pais. — Carter disse.

Eu e ele compartilhamos um olhar, concordando silenciosamente que aquilo era suficiente. Nossos pais velejaram nesse barco do Tâmisa até a Agulha de Cleópatra na noite que mamãe morreu libertando Bastet do abismo. Depois papai tinha sentado nesse mesmo cômodo, de luto, com somente a deusa gato e o capitão demônio como companhia.

Bloodstained Blood havia nos aceitado como seus novos mestres. Ele havia seguido nossas ordens antes, mas era de pouco consolo. Eu não confiava nele. Eu não gostava de estar naquele barco.

Mas por outro lado, nós precisávamos chegar ao Salão do Julgamento. Eu estava com fome e com sede, e eu acreditava que poderia aquentar uma viagem de vinte minutos, se isso significasse aproveitar um suco gelado e um prato de frango com naan[26].

Nós quatro nos sentamos envolta da mesa. Comemos enquanto comparávamos as nossas histórias. Era bem possível que esse tinha sido o encontro duplo mais estranho de todos os tempos. Não tínhamos nenhum assunto sério para discutir, mas a tensão no ambiente estava tão forte quanto o ar poluído do Cairo.

Carter não tinha visto Zia em pessoa à meses. Eu conseguia perceber que ele estava tentando não encarar. Zia estava

---

[26] Tipo de pão indiano.

visivelmente desconfortável se sentando tão próxima dele. Ela se inclinava para longe toda hora, o que sem dúvidas feria os sentimentos dele. Talvez ela só estivesse preocupada que acontecesse outro episódio de arremesso de bolas de fogo. Quanto a mim, eu estava exaltada por estar ao lado de Walt, mas ao mesmo tempo, desesperadamente preocupada com ele. Eu não conseguia esquecer sua aparência quando estava enrolado no linho brilhante de múmia, e me perguntei o que Amós queria me dizer sobre a situação de Walt. Walt tentava esconder, mas ele obviamente sentia dor. Suas mãos tremiam quando foi pegar seu sanduíche de pasta de amendoim.

Carter me contou sobre a pendência da evacuação da Casa no Brooklyn, que Bastet estava vigiando. Meu coração quase se partiu em pedaços ao pensar na pequena Shelby, o bobo maravilhoso do Felix, a tímida Cleo, indo defender o primeiro Nomo contra um ataque impossível, mas eu sabia que Carter estava certo. Não havia outra opção.

Carter continuava hesitando, como se esperasse que Walt contribuísse com informações. Walt permaneceu em silêncio. Claramente ele estava escondendo alguma coisa. De alguma maneira tinha que pegá-lo sozinho e retirar as informações dele.

Em troca, eu contei a Carter sobre a Casa de Repouso. Eu lhe contei sobre minha suspeita de que Amós tinha invocado Set, por causa do poder extra. Zia não me contradisse, e meu irmão não aceitou muito bem a notícia. Após alguns minutos falando palavrões e quebrando coisas da sala, ele finalmente se acalmou e disse:

— Nós não podemos deixar isso acontecer. Ele vai ser destruído.

— Eu sei, — eu falei. — Mas iremos ajudar mais se seguirmos em frente.

Eu não mencionei o apagão de Zia na casa de repouso. No presente estado de espírito de Carter, eu achei que poderia ser demais para ele. Mas eu de fato lhe contei sobre o que Tawaret tinha dito a respeito da possível localização da sombra de Bes.

— As ruínas de *Saïs...* — Ele murmurou. — Acho que papai mencionou esse lugar. Ele disse que não havia sobrado muita coisa. Mas mesmo se pudéssemos encontrar a sombra, nós não temos tempo. Temos que impedir Apófis.

— Eu prometi, — eu disse. — Além do mais, precisamos de Bes. Pense nisso como um período experimental. Salvando a sombra dele teremos tempo para praticar esse tipo de magia, antes de usá-la em Apóf... hum, ao contrário, lógico. Pode até nos levar ao caminho para ressuscitar *Rá*.

— Mas...

— Ela tem um ponto, — Walt interrompeu.

Eu não sei quem ficou mais surpreso Carter ou eu.

— Mesmo se conseguirmos a ajuda de Setne, — falou Walt, — prender uma sombra em uma estátua vai ser difícil. Eu me sentiria melhor se pudéssemos testar primeiro em um alvo amigável. Eu posso te mostrar como se faz enquanto... enquanto eu ainda tenho tempo.

— Walt, — falei, — por favor, não fale assim.

— Quando você enfrentar Apófis, — ele continuou. — Você só terá uma chance para fazer o feitiço certo. Seria melhor se tivéssemos alguma prática.

Quando você enfrentar Apófis, ele falou isso tão calmo, mas o significado era claro: ele não estaria por perto quando acontecesse.

Carter cutucou seu pedaço de pizza meio comido. — Eu só... Eu só não consigo imaginar como vamos fazer tudo isso a tempo. Eu sei que é uma missão pessoal para você *Sadie*, mas...

— Ela tem que fazer, — Zia falou gentilmente. — Carter, você uma vez foi em uma missão pessoal no meio de uma crise, não foi? E funcionou. — Ela colocou sua mão em Carter — Às vezes você tem que seguir seu coração.

Pela expressão de Carter parecia que ele estava tentando engolir uma bola de golfe. Antes que ele pudesse responder qualquer coisa, o sino do barco tocou. No canto da sala de jantar, o auto falante chiou, e a voz de Bloodstained Blood anunciou:

— Meus senhores e senhoras, chegamos ao Salão do Julgamento.

O templo negro estava exatamente do jeito que me lembrava. Subimos os degraus da doca e passamos entre as fileiras de colunas de obsidiana que seguiam em frente até se perderem na escuridão. Cenas sinistras sobre a vida de baixo da terra brilhavam no chão e nos frisos circulando os pilares. Desenhos negros em pedras pretas. Fora as tochas vermelhas que queimavam a cada poucos metros, o ar estava tão nebuloso por causa das cinzas vulcânicas, que não conseguíamos enxergar muito a nossa frente.

Conforme íamos mais fundo no templo, vozes sussurravam ao nosso redor. Com o canto do meu olho, eu vi grupos de espíritos à deriva através do pavilhão – formas fantasmagóricas camufladas no ar enfumaçado. Alguns se moviam sem rumo – chorando baixinho ou

rasgando suas roupas em desespero. Outros carregavam braçadas de rolos de papiro. Estes fantasmas pareciam mais sólidos e importantes, como se estivessem esperando por algo.

— Peticionários, — disse Walt. — Eles trouxeram seus arquivos de caso, na esperança de uma audiência com Osíris. Ele ficou fora por muito tempo... deve haver um verdadeiro atraso de casos.

Os passos de Walt pareciam mais leves. Seus olhos pareciam mais alertas, seu corpo menos curvado por causa da dor. Ele estava tão perto da morte que eu temia que esta viagem ao mundo inferior pudesse ser difícil para ele, mas ele parecia mais à vontade do que o resto de nós.

— Como você sabe? — Eu perguntei.

Walt hesitou. — Eu não tenho certeza. Parece apenas... correto.

— E os fantasmas sem pergaminhos?

— Refugiados —, disse ele. — Eles estão esperando que este lugar vá protegê-los.

Eu não perguntei do que. Lembrei-me do fantasma no baile da Academia do Brooklyn que tinha sido envolvido por tentáculos pretos e arrastado para o subterrâneo. Pensei sobre a visão que Carter descreveu – a nossa mãe encolhida debaixo de um penhasco em algum lugar do *Duat*, resistindo à atração de uma força escura à distância.

— Nós precisamos nos apressar. — Eu comecei a andar para frente, mas Zia agarrou meu braço.

— Não —, disse ela. — Olha.

A fumaça se separou. Vinte metros à frente havia um enorme conjunto de portas de obsidiana. Na frente delas, um animal do tamanho de um galgo sentado em suas ancas – um chacal enorme com pelo preto e grosso, macias orelhas pontudas e uma cara em algum lugar entre uma raposa e um lobo. Seus olhos cor de lua brilhavam na escuridão.

Ele rosnou para nós, mas não foi postergado. Eu posso ser influenciada, mas acho que os chacais são bonitos e fofinhos, mesmo que eles fossem conhecidos por cavar sepulturas no Egito Antigo.

— É apenas Anúbis —, eu disse, esperançosa. — Este é o lugar onde nós o encontramos pela última vez.

— Isso não é Anúbis —, Walt avisou.

— Claro que é —, disse para ele. — Veja.

— Sadie, não —, disse Carter, mas eu caminhava em direção ao guardião.

— Alô, Anúbis, — eu chamei. — Sou só eu, Sadie.

O chacal bonitinho e felpudo mostrou suas presas. Sua boca começou a espumar. Seus adoráveis olhos amarelos enviaram, uma mensagem inconfundível: *Um passo a mais, e eu vou mastigar sua cabeça.*

Eu congelei. — Certo... isso não é Anúbis, a menos que ele esteja tendo um dia realmente ruim.

— Este é o lugar onde nós encontramos ele antes —, disse Carter. — Por que ele não está aqui?

— É um de seus servos, — Walt arriscou. — Anúbis deve estar... em outro lugar.

Mais uma vez, ele parecia muito certo, e eu senti uma pontada estranha de ciúmes. Walt e Anúbis pareciam ter passado mais tempo falando um com o outro do que comigo. Walt era de repente um especialista em todas as coisas de morte. Enquanto isso, eu não podia nem mesmo estar perto de Anúbis sem invocar a ira de seu acompanhante Shu, o deus do ar quente. Isso não era justo!

Zia se moveu para o meu lado, segurando seu cajado. — Então, e agora? Não temos que derrotá-lo para passar?

Imaginei-a arremessando algumas de suas bolas de fogo destruidoras de margaridas. Isso era tudo o que precisávamos – um chacal latindo, flamejante correndo através do pátio de meu pai.

— Não —, Walt disse, dando um passo a frente. — É apenas um porteiro. Ele precisa conhecer o nosso assunto.

— Walt —, disse Carter, — se você estiver errado...

Walt levantou as mãos e lentamente se aproximou do chacal. — Eu sou Walt Stone, — ele disse. — Este é o Carter e Sadie Kane. E esta é Zia...

— Rashid, — Zia terminou.

— Temos negócios no Salão do Julgamento —, disse Walt.

O chacal rosnou, mas parecia mais curioso, não tão com o seu hostil mastigar-a-nossa-cabeça.

— Temos um testemunho a oferecer —, Walt continuou. — Informação relevante para o julgamento de Setne.

— Walt —, Carter sussurrou. — Quando você se tornou um advogado júnior?

Eu o silenciei. O plano de Walt parecia estar funcionando. O chacal inclinou a cabeça como se estivesse ouvindo, depois se

levantou e caminhou para dentro da escuridão. As portas duplas de obsidiana se abriram silenciosamente.

— Bem feito, Walt, — eu disse. — Como é que você...?

Ele me encarou, e meu coração deu um salto mortal. Apenas por um momento eu pensei que ele parecia... Não. Obviamente minhas emoções misturadas estavam brincando com minha mente. — Hum, como você sabia o que dizer?

Walt deu de ombros. — Eu tomei um palpite.

Tão rapidamente como elas se abriram, as portas começaram a se fechar.

— Depressa! — Carter avisou. Nós corremos para a sala do tribunal dos mortos.

No início do semestre de Outono – minha primeira experiência em uma escola americana – nosso professor nos pediu para escrever a informação de contato de nossos pais e o que eles faziam para viver, no caso de eles poderem ajudar com o dia das profissões. Eu nunca tinha ouvido falar do dia das profissões. Quando entendi o que era, eu não consegui parar de rir.

Poderia seu pai vir falar sobre o seu trabalho? Eu imaginava a diretora pedindo.

Possivelmente, Sra. Laird... eu diria. *Só que ele está morto, você vê. Bem, não completamente morto. Ele é mais como um deus ressuscitado. Ele julga espíritos mortais e alimenta o seu monstro de estimação com os corações dos ímpios. Ah, e ele tem a pele azul. Tenho certeza que ele ia fazer uma grande impressão no dia das*

profissões, para todos os estudantes que aspiram crescer e se tornar antigas divindades egípcias.

O Salão de Julgamento havia mudado desde a minha última visita. A sala tende a espelhar os pensamentos de Osíris, por isso, muitas vezes parecia uma réplica fantasmagórica do antigo apartamento da minha família em Los Angeles, nos tempos mais felizes quando todos viviam juntos.

Agora, possivelmente porque papai estava em serviço, o local era totalmente egípcio. A câmara circular estava forrada com pilares de pedra esculpido com desenhos de flores de lótus. Braseiros de fogo mágico lavavam as paredes em verde claro e azul. No centro da sala havia a balança da justiça, dois grandes discos de ouro equilibrados em um T de ferro.

Ajoelhado diante das balanças estava o fantasma de um homem em um terno risca de giz, nervoso, recitando de um pergaminho. Eu entendia porque ele estava tenso. Em cada lado dele havia um grande demônio réptil com pele verde, uma cabeça de cobra, e um perverso cajado posicionado sobre a cabeça do fantasma.

Papai se sentava na extremidade da sala em um estrado de ouro, com um atendente egípcio de pele azul ao seu lado. Ver o meu pai no Duat sempre foi confuso, porque ele parecia ser duas pessoas ao mesmo tempo. Por um lado, parecia como ele era em vida – um homem bonito e musculoso, com pele marrom-chocolate, um couro cabeludo careca, e um cavanhaque bem aparado. Ele usava um terno de seda e um casaco escuro de viagem, como um empresário prestes a embarcar em um jato particular.

Em um nível mais profundo da realidade, no entanto, ele aparecia como Osíris, deus dos mortos. Ele estava vestido como um

faraó em sandálias, um saiote bordado em linho e as linhas de ouro e corais de pescoço em seu peito nu. Sua pele era da cor de um céu de verão. Em seu colo estava um cajado e o mangual – os símbolos da realeza egípcia.

Por mais estranho que era ver meu pai com a pele azul e uma saia, eu estava tão feliz de estar perto dele de novo que eu quase esqueci sobre os julgamentos.

— Pai! — Eu corri em direção a ele.

(Carter diz que eu fui tola, mas meu pai era o rei do tribunal, não era? Porque eu não deveria ter permissão para correr e dizer olá?)

Eu estava na metade do caminho, quando as cobras demônios cruzaram seus cajados e bloquearam o meu caminho.

— Está tudo bem —, disse papai, parecendo um pouco assustado. — Deixe-a passar.

Eu voei em seus braços, derrubando o cajado e o mangual para fora de seu colo.

Ele me abraçou calorosamente, sorrindo com carinho. Por um momento, eu me senti como uma garotinha de novo, segura em seu abraço. Então ele me segurou no comprimento do braço, e eu pude ver como ele estava cansado. Ele tinha bolsas sob os olhos. Seu rosto estava magro. Mesmo a poderosa aura azul de Osíris, que normalmente o rodeava como a coroa de uma estrela, tremeluzia fracamente.

— Sadie, meu amor —, ele disse em uma voz tensa. — Por que você veio? Eu estou trabalhando.

Eu tentei não me sentir mal. — Mas, pai, isso é importante!

Carter, Walt e Zia se aproximaram do estrado. A expressão de meu pai ficou sombria.

— Eu vejo —, disse ele. — Primeiro, deixe-me terminar este julgamento. Crianças fiquem aqui à minha direita. E por favor, não me interrompam.

Atendente do meu pai bateu o pé. — Meu senhor, isso é muito irregular!

Ele era um companheiro de aparência estranha – um homem azul idoso, egípcio, com um pergaminho enorme em seus braços. Muito sólido para ser um fantasma, muito azul para ser humano, ele estava quase tão decrépito como Rá, vestindo apenas uma tanga, sandálias e uma peruca mal ajustada. Suponho que o cabelo falso preto brilhante em formato de cunha era para parecer viril em uma antiga forma egípcia, mas junto com o delineador kohl e o rouge em suas bochechas, o velho parecia um imitador de Cleópatra grotesco.

O rolo de papiro que ele segurava era simplesmente enorme. Anos atrás, eu tinha ido à sinagoga com minha amiga Liz, e o Torá que eles mantinham lá era *pequeno*, em comparação.

— Está tudo bem, Perturbador —, meu pai disse a ele. — Podemos continuar agora.

— Mas, meu senhor..., — O velho (seria Perturbador realmente o nome dele?) ficou tão agitado que ele perdeu o controle de seu rolo. O fundo caiu e se desenrolou, saltando os degraus como um tapete de papiro.

— Oh, incomoda, incomoda, incomoda! — Perturbador se esforçou para rebobinar seu documento.

Meu pai reprimiu um sorriso. Ele se voltou para o fantasma de terno de risca de giz, que ainda estava ajoelhado nas balanças. —

Minhas desculpas, Robert Windham. Você pode terminar o seu testemunho.

O fantasma curvou-se e engasgou. — S... sim, Senhor Osíris.

Ele se referiu a suas notas e começou a despejar uma lista de crimes que ele não era culpado – assassinato, roubo e venda de gado sob falsos pretextos.

Eu me virei para Walt e sussurrei:

— Ele é um cara moderno, não é? O que ele está fazendo no tribunal de Osíris?

Fiquei um pouco preocupada ao descobrir que Walt mais uma vez tinha uma resposta.

— A vida após a morte aparece diferente para cada alma —, disse ele, — dependendo do que eles acreditam. Para aquele cara, o Egito deve ter feito uma forte impressão. Talvez ele tivesse lido as histórias quando era jovem.

— E se alguém não acredita em nenhuma vida após a morte — , eu perguntei.

Walt me deu um olhar triste. — Então, isso é o que eles experimentam.

Do outro lado do tablado, o deus azul Perturbador assobiou para nós ficarmos quietos. Por que é que quando os adultos tentam silenciar as crianças, eles sempre fazem mais barulho do que o barulho que eles estão tentando parar?

O fantasma de Robert Windham parecia estar terminando o seu testemunho. — Eu não dei falso testemunho contra os meus vizinhos. Hum, desculpe, eu não posso ler esta última linha...

— Peixe! — Perturbador gritou irritado. — Você roubou qualquer peixe dos lagos sagrados?

— Eu morava em Kansas, — o fantasma disse. — Então... não.

Meu pai se levantou de seu trono. — Muito bem. Deixe seu coração ser pesado.

Um dos demônios cobra produziu um pedaço de linho do tamanho do punho de uma criança.

Perto de mim, Carter inalou bruscamente. — O coração dele está lá?

— Shh! — Perturbador disse tão alto que sua peruca quase caiu. — Tragam o Destruidor de Almas!

Na parede do fundo da câmara, uma porta de cãozinho se abriu. Ammit correu para a sala em grande excitação. O pobre coitado não era muito coordenado. Seu peito de leão em miniatura e antebraços eram elegantes e ágeis, mas sua metade de trás era um atarracado e muito menos ágil traseiro de hipopótamo. Ele continuou deslizando para o lado, desviando em pilares e derrubando braseiros. Cada vez que ele caía, ele balançava sua juba de leão e focinho de crocodilo e latia alegremente.

(Carter está me repreendendo, como sempre. Ele diz que Ammit é fêmea. Admito que não posso provar isso de qualquer maneira, mas eu sempre pensei em Ammit como um monstro macho. Ele é muito diferente, e do jeito que ele marca seu território... mas não importa.)

— Lá está o meu bebê! — Eu chorei, muito alto. — Lá está meu Poochiekins[27]!

Ammit correu para mim e pulou em meus braços, aninhando-me com seu focinho áspero.

— Meu senhor Osíris! — Perturbador perdeu o fundo de seu rolo novamente, que se desenrolou em torno de suas pernas. — Isso é um ultraje!

— Sadie —, papai disse com firmeza, — por favor, não se refira ao Devorador de Almas como Poochiekins.

— Desculpe, — eu murmurei, e deixei Ammit descer.

Um dos demônios cobra colocou o coração de Robert Windham sobre a balança da justiça. Eu tinha visto muitas fotos de Anúbis fazendo esse dever, e eu queria que ele estivesse aqui agora. Anúbis teria sido muito mais interessante de assistir do que algum demônio cobra.

Na balança oposta, a Pena da Verdade apareceu. (Não me fale sobre a Pena da Verdade.)

As balanças vacilaram. Os dois discos pararam, na mesma direção. O fantasma de risca de giz chorou de alívio. Ammit choramingou decepcionada.

— Muito impressionante, — meu pai disse. — Robert Windham, você foi considerado suficientemente virtuoso, apesar do fato de que você era um banqueiro de investimento.

— Doações para Cruz Vermelha, baby! — O fantasma gritou.

---

[27] Poochiekins: A tradução para “poochie” pode ser cachorrinho, Poochiekins deve ser algum apelido carinhoso para animais de estimação.

— Sim, bem, — meu pai disse secamente, — você pode continuar a vida após a morte.

Uma porta se abriu para a esquerda do estrado. Os demônios cobra levantaram Robert Windham de pé.

— Obrigado —, ele gritou, com os demônios o escoltando para fora.

— E se você precisar de algum conselho financeiro, Senhor Osíris, eu ainda acredito na viabilidade a longo prazo do mercado...

A porta se fechou atrás dele.

Perturbador cheirou indignado. — Homem horrível.

Meu pai deu de ombros. — Uma alma moderna que apreciava os meios do antigo Egito. Ele não poderia ser de todo ruim. — Papai virou-se para nós. — Crianças, esse é Perturbador, um dos meus conselheiros e deuses de julgamento.

— Desculpe? — Eu fingi que não ouvi. — Você disse que ele é perturbado?

— Perturbador é o meu nome! — O deus gritou com raiva. — Eu julgo aqueles que são culpados de perder a paciência!

— Sim. — Apesar do cansaço de meu pai, seus olhos brilhavam com diversão. — Esse era o dever tradicional de Perturbador, embora agora que ele seja meu último ministro, ele me ajuda com todos os meus casos. Costumava haver 42 deuses de julgamentos por crimes diferentes, você vê, mas...

— Como Pé Quente e Fire-embracer —, afirmou Zia.

Perturbador engasgou. — Como você sabe deles?

— Nós os vimos —, afirmou Zia. — Na Quarta Casa da Noite.

— Você viu... — Perturbador quase derrubou seu pergaminho completamente. — Senhor Osíris, devemos salvá-los imediatamente! Meus irmãos...

— Vamos discutir isso —, papai prometeu. — Primeiro, eu quero ouvir o que trouxe meus filhos para o Duat.

Nós nos revezamos explicando: os magos rebeldes e sua aliança secreta com Apófis, o ataque iminente sobre o Primeiro Nomo, e nossa esperança de encontrar um novo tipo de feitiço de execração que poderia parar Apófis.

Algumas de nossas notícias surpreenderam e perturbaram nosso pai – como o fato de que muitos magos tinham fugido do Primeiro Nomo, deixando-o tão mal defendido que tínhamos enviado nossos iniciados da Casa do Brooklyn para ajudar, e que Amós estava flertando com os poderes de Set.

— Não —, disse o pai. — Não, ele não pode! Estes magos, que já o abandonaram... Imperdoável! A Casa da Vida deve se reagrupar ao Leitor Chefe. — Ele começou a se levantar. — Eu deveria ir para o meu irmão...

— Meu senhor, — Perturbador disse, — você não é mais um mago. Você é Osíris.

Papai fez uma careta, mas ele recuou para seu trono. — Sim. Sim, é claro. Por favor, crianças, continuem.

Algumas de nossas notícias, papai já conhecia. Seus ombros caíram quando mencionamos os espíritos dos mortos que estavam desaparecendo, e com a visão de nossa mãe perdida em algum lugar no profundo do Duat, lutando contra a força de uma escuridão que Carter e eu estávamos certo ser a sombra de Apófis.

— Tenho procurado por sua mãe em todos os lugares —, disse papai desanimado. — Esta força que está levando os espíritos... se é a sombra da serpente ou algo ou... eu não posso parar. Eu não posso nem mesmo encontrar isso. Sua mãe...

Sua expressão se tornou frágil como o gelo. Eu entendi o que ele estava sentindo. Durante anos, ele viveu com a culpa por não conseguir evitar a morte de nossa mãe. Agora ela estava em perigo de novo, e mesmo que ele era o senhor dos mortos, ele se sentia impotente para salvá-la.

— Nós podemos encontrá-la —, eu prometi. — Tudo isso está ligado, pai. Nós temos um plano.

Carter e eu explicamos sobre o *sheut*, e como ele poderia ser usado para um feitiço de execração gigante.

Meu pai se sentou mais à frente. Seus olhos se estreitaram. — Anúbis lhe *disse* isso? Ele revelou a natureza do *sheut* a um mortal?

Sua aura azul cintilou perigosamente. Eu nunca tinha estado com medo do meu pai, mas eu admito que dei um passo para trás. — Bem... não foi só Anúbis.

— Tot ajudou —, disse Carter. — E alguns de nós adivinhamos...

— Tot! — Meu pai cuspiu. — Este é um conhecimento perigoso, crianças. Muito perigoso. Eu não vou ter vocês...

— Pai —, gritei. Eu acho que o surpreendeu, mas minha paciência finalmente estalou. Eu tive o bastante de deuses me dizendo o que não devia ou não podia fazer. — A sombra de Apófis é o que está atraindo as almas dos mortos. Tem que ser! Ele está se alimentando delas, ficando mais forte conforme Apófis se prepara para subir.

Eu realmente não tinha processado a ideia antes, mas quando eu disse as palavras, elas se pareceram com a verdade – horrível, mas a verdade.

— Temos que encontrar a sombra e capturá-la —, eu insisti. — Então nós podemos usá-la para banir a serpente. É nossa única chance... a menos que você queira que a gente use uma execração padrão. Nós temos a estátua pronta para fazer isso, não temos, Carter?

Carter deu um tapinha em sua mochila. — O feitiço vai nos matar —, disse ele. — E provavelmente não vai funcionar. Mas se essa é a nossa única opção...

Zia pareceu horrorizada. — Carter, você não me disse! Você fez uma estátua de... dele? Você iria sacrificar-se para...

— Não —, nosso pai disse. A raiva se drenando para fora dele. Ele caiu para frente e colocou seu rosto entre as mãos. — Não, você está certa, Sadie. Uma pequena chance é melhor do que nenhuma. Eu não poderia suportar se vocês... — Ele sentou-se e respirou fundo, tentando recuperar a compostura. — Como posso ajudar? Eu suponho que vocês vieram aqui por uma razão, mas vocês estão pedindo magia que eu não possuo.

— Sim, bem, — eu disse, — essa é a parte difícil.

Antes que eu pudesse dizer mais, o som de um gongo reverberou através da câmara. As portas principais começaram a abrir.

— Meu senhor, — Perturbador disse, — o julgamento começa.

— Agora não! — Meu pai agarrou. — Não é possível ser adiado?

— Não, meu senhor. — O deus azul baixou a voz. — Este é o *seu* julgamento. Você sabe...

— Ah, pelas doze portas da noite! — Papai amaldiçoou. — Crianças, este julgamento é muito grave.

— Sim —, eu disse. — Na verdade, isso é o que...

— Nós vamos conversar depois —, papai me cortou. — E, por favor, o que quer que você faça, não fale com o acusado ou tenha contato com os olhos dele. Este espírito é particularmente...

O gongo soou outra vez. Uma tropa de demônios marcharam em volta, cercando o acusado. Eu não tive que perguntar quem ele era.

Setne tinha chegado.

Os guardas estavam intimidantes o suficiente – seis guerreiros de pele vermelha com lâminas de guilhotina nas cabeças.

Mesmo sem eles, eu poderia dizer que Setne era perigoso por todas as precauções mágicas. Hieróglifos brilhavam em espiral em torno dele como os anéis de Saturno – uma coleção de símbolos anti-magia como: *Reprimir, Amortecer, Fique, Cale-se, Impotente e Nem Sequer Pensar Nisso.*

Os pulsos de Setne estavam unidos com tiras de pano rosa. Duas faixas mais rosa estavam amarradas em torno de sua cintura. Uma delas estava presa em volta do pescoço, e mais duas uniam os tornozelos então ele se arrastava conforme ele andava. Para o observador casual, as fitas cor de rosa podem ter parecido como um kit de jogo de encarceramento da Hello Kitty, mas eu sabia por

experiência própria que elas eram alguns dos vínculos mágicos mais poderosos do mundo.

— As Sete Fitas de Hathor, — Walt sussurrou. — Eu gostaria de poder fazer algumas dessas.

— Eu tenho algumas, — Zia murmurou. — Mas o tempo de recarga é muito longo. A minha não estará pronta até dezembro.

Walt olhou para ela com admiração.

Os demônios guilhotina se espalharam em cada lado do acusado.

O próprio Setne não parecia problema, certamente não alguém digno de tanta segurança. Ele era muito pequeno – não pequeno como *Bes*, veja bem, mas ainda um homem diminuto. Seus braços e pernas eram magros. Seu peito era um xilofone de costelas. No entanto, ele estendeu o queixo e sorriu com confiança, como se fosse o dono do mundo – o que não é fácil quando se está usando apenas uma tanga e algumas fitas cor de rosa.

Sem dúvida, seu rosto era o mesmo que eu tinha visto na parede do Museu de Dallas, e outra vez no Salão das Eras. Ele tinha sido o sacerdote que sacrificou o touro na visão brilhante do Novo Reino.

Ele tinha o mesmo nariz aquilino, olhos de pálpebras pesadas e lábios finos cruéis. A maioria dos sacerdotes dos tempos antigos eram carecas, mas o cabelo de Setne era escuro e grosso, penteado para trás com óleo como um garoto difícil dos anos 50. Se eu tivesse visto ele na Piccadilly Circus[28] (com mais roupas, espero) eu o teria evitado, assumindo que ele estava distribuindo anúncios ou tentando

[28] Piccadilly Circus: Famosa praça de Londres, ponto bastante movimentado.

vender ingressos para um show no West End[29]. Desprezível e irritante? Sim. Perigoso? Não de verdade.

Os demônios guilhotina o empurraram de joelhos. Setne parecia achar isso divertido. Seus olhos brilharam sobre a sala, registrando cada um de nós. Tentei não fazer contato visual, mas era difícil. Setne me reconheceu e piscou. De alguma forma, eu sabia que ele podia ler minhas emoções misturadas muito bem, e que ele as achou engraçadas.

Ele inclinou a cabeça para o trono. — Senhor Osíris, todo este alarido para mim? Você não deveria.

Meu pai não respondeu. Com uma expressão sombria, ele fez um gesto para Perturbador, que vasculhou seu pergaminho até encontrar o local adequado.

— Setne, também conhecido como Príncipe Khaemwaset...

— Oh, uau... — Setne sorriu para mim, e eu lutei contra a vontade de sorrir de volta. —Não ouvia esse nome havia tempo. Isso é história antiga, bem ali!

Perturbador bufou. — Você é acusado de crimes hediondos! Você blasfemou contra os deuses quatro mil e noventa e duas vezes.

— Noventa e um, — Setne corrigiu. — Aquela rachadura sobre Senhor Hórus, aquilo foi apenas um mal-entendido. — Ele piscou para Carter. — Estou certo, amigo?

Como diabos ele sabia sobre Carter e Hórus?

---

[29] West End: Área na região central de Londres, Inglaterra, que contém muitas das principais atrações turísticas da cidade, bem como diversas sedes de empresas e os célebres teatros do West End.

Perturbador embaralhou seu rolo. — Você usou a magia para o mal, incluindo 23 assassinatos...

— Auto-defesa! — Setne tentou espalhar suas mãos, mas as fitas o contiveram.

— ...Incluindo um incidente em que foi pago para matar com magia, — perturbador disse.

Setne encolheu os ombros. — Isso foi legítima defesa para o meu empregador.

— Você conspirou contra três faraós diferentes, — Perturbador continuou. — Você tentou derrubar a Casa da Vida em seis ocasiões. Mais grave que tudo, você roubou os túmulos dos mortos para roubar livros de magia.

Setne ria com facilidade. Ele olhou para mim como se dissesse: Você acredita nesse cara?

— Olha, Perturbador —, disse ele, — esse é o seu nome, certo? Um bonito deus de julgamento inteligente como você... você deve estar sobrecarregado e subvalorizado. Eu sinto por você, eu realmente sinto. Você tem coisas melhores a fazer do que cavar minha história antiga. Além disso, todas essas acusações... já lhes respondi em meus julgamentos anteriores.

— Ah. — Perturbador parecia confuso. Ele ajustou a peruca conscientemente e se virou para o meu pai. — Devemos deixá-lo ir, então, meu senhor?

— Não, Perturbador. — Papai se sentou para frente. — O prisioneiro está usando palavras divinas para influenciar sua mente, distorcendo a magia mais sagrada do Ma'at. Mesmo em seus vínculos, ele é perigoso.

Setne examinou suas unhas. — Senhor Osíris, estou lisonjeado, mas, sinceramente, essas acusações...

— Silêncio! — Papai empurrou a mão em direção ao prisioneiro. Os hieróglifos em espiral brilharam mais em torno dele. As Fitas de Hathor se apertaram.

Setne começou a engasgar. Sua expressão presunçosa derreteu, substituída por ódio absoluto. Eu podia sentir sua raiva. Ele queria matar meu pai, matar todos nós.

— Pai! —, Eu disse. — Por favor, não!

Meu pai franziu a testa para mim, claramente descontente com a interrupção. Ele estalou os dedos, e os vínculos de Setne relaxaram. O mágico fantasma tossiu e vomitou.

— Khaemwaset, filho de Ramsés, — meu pai disse calmamente, — você foi condenado ao esquecimento mais de uma vez. Na primeira vez você conseguiu implorar por uma redução da pena, se voluntariando para servir ao faraó com a sua magia...

— Sim —, Setne resmungou. Ele tentou recuperar o seu equilíbrio, mas seu sorriso estava torcido de dor. — Eu sou mão de obra qualificada, meu senhor. Seria um crime me destruir.

— No entanto, você escapou a caminho —, disse meu pai. — Você matou seus guardas e passou os 300 anos seguintes semeando o caos em todo o Egito.

Setne encolheu os ombros. — Não foi tão ruim assim. Apenas um pouco de diversão.

— Você foi capturado e sentenciado novamente, — meu pai continuou, — mais três vezes. Em cada caso, você foi conivente com seu caminho para a liberdade. E desde que os deuses estiveram

ausentes do mundo, você correu solto, fazendo o que te satisfaz, cometendo crimes e aterrorizando os mortais.

— Meu senhor, isso é injusto —, Setne protestou. — Primeiro de tudo, eu *senti falta* de vocês deuses. Honestamente, foi um milênio um pouco maçante sem vocês. Quanto a estes ditos crimes, bem, algumas pessoas podem dizer que a Revolução Francesa foi uma festa de primeira classe! Eu sei que eu me diverti muito. E arquiduque Ferdinando? Um total furo. Se você o conhecesse, você teria assassinado ele também.

— Basta! — Disse papai. — Está feito. Eu sou o hospedeiro de Osíris agora. Eu não vou tolerar a existência de um vilão como você, até mesmo como um espírito. Desta vez, você está sem truques.

Ammit latiu animadamente. Os guardas guilhotina picaram suas lâminas para cima e para baixo como se estivessem batendo palmas. Perturbador gritou: — Ouçam, ouçam!

Quanto a Setne... ele jogou a cabeça para trás e riu.

Meu pai pareceu espantado, depois indignado. Ele levantou a mão para apertar as fitas de Hathor, mas Setne disse:

— Espere, meu senhor. Aqui está a coisa. Eu *não* estou sem truques. Pergunte a seus filhos ali. Pergunte a seus amigos. Essas crianças precisam de minha ajuda.

— Sem mais mentiras, — meu pai rosnou. — Seu coração deve ser pesado, *de novo*, e Ammit vai devorar...

— Pai! — Eu gritei. — Ele está certo! Nós *precisamos* dele.

Meu pai se virou para mim. Eu praticamente podia ver a dor e a raiva se agitando dentro dele. Ele tinha perdido a sua mulher. Ele estava impotente para ajudar seu irmão. A batalha do fim do mundo

estava prestes a começar, e seus filhos estavam na linha de frente. Papai precisava fazer a justiça neste mago fantasma. Ele precisava sentir que ele poderia fazer algo certo.

— Pai, por favor, ouça, — eu disse. — Eu sei que é perigoso. Eu sei que você odeia isso. Mas nós viemos aqui por causa de Setne. O que disse antes sobre o nosso plano... Setne está com o conhecimento de que precisamos.

—Sadie está certa, — disse Carter. — Por favor, pai. Você perguntou como poderia ajudar. Dê-nos a custódia de Setne. Ele é a chave para derrotar Apófis.

Ao som daquele nome, um vento frio soprou o tribunal. Os braseiros estalaram. Ammit choramingou e colocou as patas sobre o seu focinho. Até mesmo os demônios guilhotina se embaralharam nervosamente.

— Não —, disse papai. — Absolutamente não. Setne está influenciando você com sua magia. Ele é um servo do Caos.

— Meu senhor, — Setne disse, seu tom de repente suave e respeitoso, — Eu sou um monte de coisas, mas um servo da cobra? Não. Eu não quero o mundo destruído. Não há nada nisso para mim. Ouça a menina. Deixe-a dizer-lhe o seu plano.

As palavras fizeram seu caminho em minha mente. Percebi que Setne estava usando magia, comandando-me a falar. Eu me endureci contra o desejo. Infelizmente, Setne estava ordenando-me a fazer algo que eu amava – falar. Tudo veio derramando: Como nós tentamos salvar o Livro da Derrota de Apófis, em Dallas, como Setne tinha falado comigo lá, como nós encontramos a caixa de sombra e batemos na ideia de usar o *sheut*. Expliquei minhas esperanças de reviver Bes e destruir Apófis.

— É impossível —, disse papai. — Mesmo se não fosse, Setne não pode ser confiável. Eu nunca iria soltá-lo, especialmente para meus filhos. Ele os mataria na primeira oportunidade!

— Pai, — Carter disse, — nós não somos mais crianças. Nós podemos fazer isso.

A agonia no rosto do meu pai era difícil de suportar. Forcei as lágrimas e me aproximei do trono.

— Pai, eu sei que você nos ama. — Eu segurei sua mão. — Eu sei que você quer nos proteger, mas você arriscou tudo para nos dar uma chance de salvar o mundo. Agora é hora de fazermos isso. Este é o único caminho.

— Ela está certa. — Setne conseguiu parecer arrependido, como se ele lamentasse que ele pudesse obter uma prorrogação. — Além disso, meu senhor, é a única maneira de salvar os espíritos dos mortos antes da sombra de Apófis destruir tudo, inclusive sua esposa.

O rosto do meu pai passou de céu azul para índigo profundo. Ele agarrou o trono como se quisesse arrancar os braços.

Pensei que Setne tinha ido longe demais.

Então as mãos de meu pai relaxaram. A raiva nos olhos dele mudou para desespero e fome.

— Guardas —, disse ele, — dê ao prisioneiro a Pena da Verdade. Ele vai segurá-la enquanto ele se explica. Se ele mentir, ele vai perecer em chamas.

Um dos demônios guilhotina arrancou a pena da balança da justiça. Setne parecia despreocupado quando a pluma brilhante foi colocada em suas mãos.

— Certo —, ele começou. — Então, os seus filhos estão corretos. Eu criei um feitiço de execração da sombra. Em teoria, isto poderia ser utilizado para destruir um deus... ou mesmo Apófis. Eu nunca tentei. Infelizmente, ele só pode ser lançado por um mago vivo. Eu morri antes que eu pudesse testá-lo. Não que eu queria matar qualquer deus, meu senhor. Eu estava pensando em usá-lo para chantageá-los, para vocês fazerem as minhas ordens.

— Chantagear... os deuses, — Papai rosnou.

Setne sorriu culpado. — Isso foi em minha juventude equivocada. De qualquer forma, eu gravei a fórmula em vários exemplares do Livro da Derrota de Apófis.

Walt resmungou. — Que foram todos destruídos.

— Ok —, Setne disse, — mas minhas notas originais ainda estão nas margens do Livro de Tot que eu... que eu roubei. Veja? Sou honesto. Eu garanto que Apófis ainda não encontrou esse livro. Eu escondi muito bem. Posso mostrar-lhes onde está. O livro explica como encontrar a sombra de Apófis, como capturá-la, e como converter a execração.

— Você não pode simplesmente dizer-nos como? — Carter pediu.

Setne fez beicinho. — Jovem mestre, eu adoraria. Mas eu não tenho o livro todo decorado. E tem sido milênios desde que eu escrevi aquela magia. Se eu lhe disser uma palavra errada no encantamento, bem... nós não queremos cometer erros. Mas eu posso levá-lo para o livro. Assim que conseguir...

— *Nós*? — Zia perguntou. — Porque você não pode apenas nos dar instruções para chegar no livro? Por que você precisa vir junto?

O fantasma sorriu. — Porque, boneca, eu sou o único que pode recuperá-lo. Armadilhas, maldições... você sabe. Além disso, você vai precisar da minha ajuda para decifrar as notas. O feitiço é complicado! Mas não se preocupe. Tudo o que você precisa fazer é manter essas fitas de Hathor em mim. É Zia, certo? Você tem experiência com elas.

— Como você sabe...?

— Se eu não lhes causar nenhum problema —, Setne continuou, — você pode me amarrar bem como um presente de Dia da Colheita. Mas eu não vou tentar escapar, pelo menos não até eu levar você até o Livro de Tot e depois levá-los em segurança para a sombra de Apófis. Ninguém conhece os níveis mais profundos da Duat como eu. Eu sou sua melhor esperança para um guia.

A pena da verdade não reagiu. Setne não ficou em chamas, então eu imaginei que ele não estava mentindo.

— Quatro de nós —, disse Carter. — Ele é só um.

— Só que ele matou seus guardas da última vez —, Walt apontou.

— Então, nós vamos ter mais cuidado —, disse Carter. — Todos nós juntos devemos ser capazes de mantê-lo sob controle.

Setne estremeceu. — Oh, exceto... veja, Sadie tem sua pequena tarefa um pouco de lado, não é? Ela tem que encontrar a sombra de Bes. E, na verdade, é uma boa ideia.

Eu pisquei. — É mesmo?

— Absolutamente, boneca —, Setne disse. — Nós não temos muito tempo. Mais especificamente, o seu amigo Walt não tem muito tempo.

Eu queria matar o fantasma, só que ele já estava morto. De repente eu odiava aquele sorriso presunçoso.

Eu cerrei os dentes. — Vá em frente.

— Walt Stone... Sinto muito, amigo, mas você não vai sobreviver o tempo suficiente para obter o Livro de Tot, viajar para a sombra de Apófis, e usar o feitiço. Simplesmente não há tempo restante em seu relógio. Mas conseguir a sombra de Bes... Isso não vai demorar tanto tempo. Vai ser um bom teste para a magia. Se funcionar, ótimo! Se isso não acontecer... bem, nós só perdemos um deus anão.

Eu queria bater no rosto dele, mas ele fez um gesto para paciência.

— O que eu estou pensando —, disse ele, — é nos separarmos. Carter e Zia, vocês dois vão comigo para obter o Livro de Tot. Enquanto isso, Sadie leva Walt para as ruínas de Saïs para encontrar sombra do anão. Eu vou dar-lhes algumas notas sobre como capturá-la, mas a magia é apenas uma teoria. Na prática, você vai precisar da habilidade de encantamentos de Walt para retirá-la. Ele vai ter que improvisar, se alguma coisa der errado. Se Walt tiver êxito, Sadie vai saber como capturar uma sombra. Se Walt morrer depois... e eu sinto muito, mas lançar um feitiço como esse provavelmente vai fazê-lo morrer. Em seguida, Sadie pode encontrar com nós no Duat, e vamos caçar a sombra da cobra. Todo mundo ganha!

Eu não tinha certeza se chorava ou gritava. Eu só consegui manter a calma, porque eu sentia que Setne iria achar qualquer reação extremamente engraçado.

Ele enfrentou meu pai. — O que você diz, Senhor Osíris? É uma chance de obter sua esposa de volta, derrotar Apófis, restaurar a

alma de Bes, salvar o mundo! Tudo que eu peço é que, quando eu voltar, o tribunal leve minhas boas ações em consideração quando você me sentenciar. Como isso é justo, né?

A câmara estava em silêncio, exceto pelos fogos crepitando nos braseiros.

Finalmente Perturbador parecia agitar-se de um transe.

— Meu senhor... qual é a sua decisão?

Papai olhou para mim. Eu poderia dizer que ele odiava este plano. Mas Setne tinha tentado ele com a única coisa que ele não podia deixar passar: a chance de salvar a nossa mãe. O fantasma vil me prometeu um último dia sozinho com Walt, que eu queria mais do que qualquer coisa, e uma chance de salvar Bes, a segunda coisa que eu mais queria. Ele colocou Carter e Zia juntos e prometeu-lhes uma chance de salvar o mundo.

Ele ia colocar ganchos em todos nós e nos pescar como peixes de um lago sagrado. Mas, apesar do fato de eu saber que estava sendo usada, eu não poderia encontrar uma razão para dizer não.

— Nós temos que fazer, pai —, eu disse.

Ele abaixou a cabeça. — Sim, nós temos. Que o Ma'at nos proteja a todos.

— Ah, vamos nos divertir! — Setne disse alegremente. — Devemos ir? O Fim do Mundo não vai esperar!

11. Don't Worry, Be Hapi[30]

Típico.

Sadie e Walt saem à procura de uma sombra amigável, enquanto Zia e eu temos de escoltar um fantasma assassino psicótico para o seu esconderijo cheio de armadilhas de magia proibida. Pô, quem levou a melhor afinal?

O Egyptian Queen saiu do Mundo Inferior para o rio Nilo como um salto de uma baleia. Sua roda de pás agitando através da água azul. De suas chaminés subia fumaça cor de ouro no ar do deserto. Depois da escuridão do Duat, a luz do sol era ofuscante. Quando meus olhos se ajustaram, vi que estávamos navegando rio abaixo, rumo ao norte, então devemos ter aparecido em algum lugar no sul de Memphis.

De cada lado, margens verdes pantanosas com colunas de palmeiras esticadas na névoa úmida. Algumas casas se espalhavam pela paisagem. Na estrada ribeirinha uma picape roncou baixo. Um veleiro deslizava a bombordo. Ninguém prestava atenção em nós.

---

[30] Famosa frase de música de Bob Marley, que significa: Não se preocupe, seja feliz. O “Hapi” está grafado de forma incorreta, mas isso se esclarecerá mais à frente do capítulo.

Eu não tinha certeza de onde estávamos. Poderia ser em qualquer lugar ao longo do Nilo. Julgando pela posição do sol, já no final da manhã. Nós comemos e dormimos no domínio do meu pai, descobrindo que não conseguiríamos pregar os olhos enquanto tivéssemos a custódia de Setne. Não foi muito como um descanso, mas obviamente passamos mais tempo no Mundo Inferior do que eu imaginei. O dia estava passando. Amanhã de madrugada os rebeldes iriam atacar o Primeiro Nomo e Apófis irá ascender.

Zia ficou ao meu lado na proa. Ela tomou banho, vestiu um conjunto extra de roupas de combate – top camuflado e calças de oliva enfiadas em suas botas. Talvez não soe glamoroso, mas na luz da manhã ela estava linda. O melhor de tudo, ela estava aqui em pessoa – não um reflexo da tigela de vidência, não um *shabti*. Quando o vento mudou de direção eu peguei o cheiro de seu xampu de limão. Nossos antebraços se tocaram enquanto encostávamos no anteparo, mas ela não pareceu se importar. Sua pele estava febrilmente quente.

— O quê você está pensando? — Perguntei

Ela tinha dificuldades para se focar em mim. De perto, as manchas de verde e preto em seus olhos cor de âmbar eram meio que hipnotizantes.

— Eu estava pensando sobre Rá —, ela disse. — Imaginando quem irá tomar conta dele hoje.

— Tenho certeza que ele está bem.

Mas eu me senti um pouco desapontado. Pessoalmente, eu estava pensando sobre o momento quando Zia havia pegado na minha mão na sala de jantar noite passada: *Às vezes você tem que seguir seu coração*. Este deve ser nosso último dia na Terra. Se fosse, eu realmente deveria dizer a Zia como eu me sinto sobre ela. Quero

dizer, acho que ela sabia, mas eu não *sabia* se ela sabia então... Ah cara, que dor de cabeça.

Comecei a dizer, — Zia...

Setne se materializou do nosso lado. — Bem melhor!

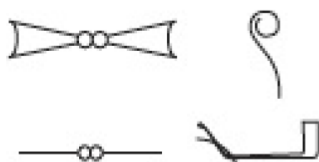
Na luz do dia, ele parecia quase de carne e osso, mas quando ele se virava em círculo, mostrando suas novas roupas, suas mãos e face tremulavam holograficamente. Eu lhe dei permissão para colocar algo além da tanga. De fato, eu insisti. Mas não esperava uma roupa tão incompreensível.

Talvez ele estivesse tentando trazer à vida o apelido que Sadie deu para ele: Tio Vinnie. Ele usava um paletó preto com ombreiras, uma camiseta vermelha, um par de jeans, e um par incrivelmente ofuscante de sapatos de correr brancos. Em seu pescoço estava uma corrente de ouro *ankhs*. Em cada dedo mindinho ele usava um anel do tamanho de um quebra-nozes, com o símbolo de poder "*foi*" incrustado em diamantes. Seu cabelo estava penteado ainda mais para trás com o que parecia graxa. Seus olhos estavam delineados com Kohl. Ele parecia um antigo egípcio mafioso.

Aí eu notei algo faltando em seu traje. Ele não parecia estar usando as Fitas de Hathor.

Eu admito: entrei em pânico. Eu gritei a palavra de comando que Zia me ensinou:

— *Tas*!

O símbolo para *Amarrar* apareceu na frente de Setne:

As Fitas de Hathor reaparecerem ao redor de seu pescoço, pulsos, tornozelos, peito e cintura. Elas se expandiram agressivamente, enrolando Setne em um rolo rosa até que ele estava como uma múmia, sem nada à mostra a não ser seus olhos.

— Mm! — Ele protestou.

Eu respirei profundamente. Quando estalei meus dedos, as amarras voltaram para seu tamanho normal.

— Por que você fez *isso*? — Setne retrucou.

— Eu não vi as fitas.

— Você não... — Setne começou a rir. — Carter, Carter, Carter. Qual é cara. Isso é só uma ilusão... uma mudança estética. Eu não posso *realmente* sair dessas coisas.

Ele estendeu seus pulsos. As fitas desapareceram, então reapareceram.

— Viu? Estou apenas escondendo-as, rosa não combina com minha roupa.

Zia bufou. — Nada combina com essa roupa.

Setne olhou para ela irritado.

— Não precisa ir para o lado pessoal, boneca, apenas relaxe, ok? Você viu o quê acontece, uma palavrinha sua, e fico todo amarrado. Sem problema.

Seu tom soou razoável. Setne não era um problema. Setne iria cooperar. Eu poderia relaxar.

Atrás de minha cabeça, a voz de Hórus disse: *cuidado*.

Eu levantei minha guarda mental. De repente eu estava consciente de hieróglifos flutuando ao meu redor – tufos de fumaça meio visíveis. Eu quis que eles desaparecessem, e eles fracassaram como mosquitos em um mata-mosquito.

— Pare com as palavras mágicas, Setne. Eu irei relaxar quando seu trabalho for feito e você voltar para a custódia do meu pai. Agora onde estamos indo?

Um momento de surpresa passou sobre o rosto de Setne. Ele escondeu um sorriso.

— Claro, sem problema. Feliz em ver que a magia do caminho dos deuses está funcionando em você. Como você está aí Hórus?

Zia rosnou impaciente.

— Apenas responda a pergunta, seu verme, antes que eu exploda esse sorriso da sua cara.

Ela estendeu sua mão. Chamas cobriram seus dedos.

— Zia, calma aí — Eu disse.

Eu já a vi com raiva antes, mas a tática *explodir-seu-sorriso* pareceu um pouco dura para ela. Setne não parecia preocupado. Da sua jaqueta ele puxou um estranho pente – aquilo eram dedos humanos? – e penteou seu cabelo gorduroso.

— Pobre Zia — Ele disse. — Aquele cara velho está pegando no seu pé, não é? Tendo algum problema com, ah, controle de temperatura ainda? Eu já vi algumas pessoas na sua situação ter uma combustão espontânea. Não é bonito.

Suas palavras obviamente incomodaram Zia. Seus olhos fervilhavam com ódio, mas ela fechou sua mão e extinguiu as chamas.

— Seu vil, desprezível...

— Fique calma, boneca — Setne disse. — Estou apenas demonstrando preocupação. Quanto a onde estamos indo... sul de Cairo, ruínas de Memphis.

Imaginei o quê ele quis dizer sobre Zia. Decidi que não era hora para perguntar. Eu não queria as chamas de Zia na minha cara.

Tentei lembrar o que eu sabia sobre Memphis. Lembrei-me que era uma das velhas capitais do Egito, mas havia sido destruída séculos atrás. A maior parte está queimada de baixo da Cairo moderna. Outras partes estavam dispersas no deserto ao sul. Meu pai provavelmente me levou em locais de escavação naquela área uma ou duas vezes, mas eu não tinha uma lembrança clara. Depois de uns anos, todos os locais de escavações meio que se misturaram.

— Onde exatamente? — Perguntei. — Memphis era um lugar grande.

Setne levantou suas sobrancelhas.

— Você está certo. Cara, os tempos que eu passava em Gambler's Alley... mas não importa. Quanto menos você saber colega, melhor. Não queremos nosso amigo cobra Caos colhendo informações da sua mente, queremos? Falando nisso, é um milagre que ele ainda não descobriu nossos planos e enviou alguns monstros desagradáveis para pará-los. Você precisa seriamente trabalhar na sua defesa mental. Ler sua mente é muito fácil. Agora, quanto a sua namorada aqui...

Ele inclinou-se para mim com um sorriso.

— Você gostaria de saber o que *ela* está pensando?

Zia entendia das Fitas de Hathor melhor do que eu. Instantaneamente, a faixa apertou ao redor do pescoço de Setne, se tornando um lindo colar rosa. Setne pestanejou e colocou a mão na sua garganta. Zia agarrou a outra extremidade da faixa.

— Setne, nós dois estamos indo para a cabine —, Ela anunciou. — Você irá dar a informação exata para onde estamos indo ou você não irá respirar de novo. Entendeu?

Ela não esperou por uma resposta. Ele não poderia dar uma de qualquer jeito. Ela o arrastou pelo convés como se fosse um cachorro mal.

Assim que eles desapareceram pelo convés, alguém perto de mim riu.

— Me lembre de não ir para o lado negro da força *dela*.

Os instintos de Hórus entraram. Antes de eu perceber o que estava acontecendo, eu convoquei o meu *Khopesh* direto do Duat e descansei a aresta curva contra a garganta do meu visitante.

— Sério? — disse o deus do caos. — É assim que você cumprimenta um velho amigo?

Set inclinou-se casualmente contra o parapeito em uma roupa preta de três peças com um chapéu porkpie combinando. A roupa era impressionante contra sua pele vermelho-sangue. A última vez que eu o vi, ele estava careca. Agora ele tinha trancinhas decoradas com rubis. Seus olhos negros brilhavam por trás de pequenos óculos redondos. Com um calafrio, percebi que ele estava representando Amós.

— Pare com isso. — Eu pressionei minha espada contra sua garganta. — Pare de zombar do meu tio!

Set pareceu ofendido. — Zombar? Meu caro rapaz, a imitação é a forma mais sincera de lisonja! Agora, por favor, podemos conversar como seres semi-divinos civilizados?

Com um dedo, ele empurrou o *khopesh* para longe de seu pescoço. Eu abaixei minha lâmina. Agora que eu estava por cima do meu choque inicial, eu tive que admitir que estava curioso sobre o que ele queria.

— Por que você está aqui? — Eu exigi.

— Ah, escolha um motivo. O mundo acaba amanhã. Talvez eu queria dizer adeus. — Ele sorriu e acenou. — Bye-bye! Ou talvez eu queira explicar. Ou dar-lhe um aviso.

Olhei para a cabine. Eu não podia ver Zia. Nenhum alarme estava tocando. Ninguém parecia ter notado que o deus do mal tinha acabado de se materializar em nosso barco.

Set seguiu o meu olhar. — O que acha sobre Setne, hein? Eu amo esse cara.

— Você ama —, eu murmurei. — Ele foi nomeado por sua causa?

— Nah. Setne é apenas o seu apelido. Seu nome real é Khaemwaset, assim você pode ver por que ele gosta mais de Setne. Espero que ele não lhe mate imediatamente. Ele é muito divertido... até que ele te mata.

— É isso que você queria explicar?

Set ajeitou os óculos. — Não, não. É a coisa com Amós. Você não entendeu.

— Você quer dizer sobre que você o possuiu e tentou destruí-lo? Eu perguntei. — Que você quase quebrou sua mente? E que agora você quer fazer isso de novo?

— As duas primeiras sim. A última não. Amós me chamou, garoto. Você tem que entender, eu nunca poderia ter invadido sua mente primeiramente se ele não partilhasse algumas das minhas qualidades. Ele me entende.

Eu apertei a minha espada. — Eu entendo você, também. Você é mal.

Set riu. — Você descobriu isso sozinho? O deus do mal é mal? Claro que eu sou, mas não puro mal. Não puro caos, também. Depois que eu passei algum tempo na cabeça de Amós, ele entendeu. Eu sou como aquela improvisação de jazz que ele ama - o caos com a ordem. Essa é a nossa conexão. E eu ainda sou um deus, Carter. Eu sou... o que você pode chamar? A *oposição leal*.

— Leal. Sim, certo.

Set me deu um sorriso malicioso. — Ok, eu quero dominar o mundo. Destruir qualquer um que esteja no meu caminho? Claro. Mas aquela cobra Apófis, ele leva as coisas longe demais. Ele quer puxar o conjunto da criação para baixo em uma grande sopa de confusão primordial. Onde está a diversão nisso? Se tratando de Rá ou Apófis, eu luto ao lado de Rá. É por isso que Amós e eu temos um acordo. Ele está aprendendo o caminho de Set. Vou ajudá-lo.

Meus braços tremiam. Eu queria cortar a cabeça de Set fora, mas eu não sabia se tinha a força. Eu também não tinha certeza se conseguiria machucá-lo. Eu sabia de Hórus que os deuses tendiam a rir de lesões simples, como decapitação.

— Você espera que eu acredite que você vai cooperar com Amós? — Eu perguntei. — Sem tentar dominá-lo?

— Claro, eu vou *tentar*. Mas você deve ter mais fé em seu tio. Ele é mais forte do que você pensa. Quem você acha que me enviou aqui para explicar?

Uma carga elétrica passou pelo meu corpo. Eu queria acreditar que Amós tinha tudo sob controle, mas isso era *Set* falando. Ele me lembrava muito do mago fantasma Setne, e que isso não era coisa boa.

— Você já fez a sua explicação, — eu disse. — Agora você pode sair.

Set encolheu os ombros. — Ok, mas parece que havia mais uma coisa... — Ele tocou seu queixo. — Oh, certo. O aviso.

— O aviso? — Repeti.

— Porque geralmente quando Hórus e eu lutamos, seria eu quem seria responsável por estar prestes a te matar. Mas desta vez, não é. Eu acho que você deveria saber. Apófis está copiando meus movimentos, mas como eu disse... — Ele tirou o chapéu porkpie e curvou-se, os rubis brilharam em suas trancinhas. — A imitação é a lisonja.

— Do que você está...?

O barco balançou e gemeu como se tivéssemos atingido um banco de areia. Na cabine, o alarme tocou. A equipe de órbitas brilhantes ziguezaguearam em torno da plataforma em pânico.

— O que está acontecendo? — Eu peguei no parapeito.

— Oh, isso seria o hipopótamo gigante, — Set disse casualmente. — Boa sorte!

Ele desapareceu em uma nuvem de fumaça vermelha enquanto uma forma monstruosa se levantava do Nilo.

Você não poderia pensar que um hipopótamo pudesse inspirar terror. Gritar “Hipopótamo!” não tem o mesmo impacto que gritar “Tubarão!” Mas eu estou lhe dizendo, quando o Egyptian Queen tombou para um lado e sua roda de pás levantou completamente fora da água e vi um monstro surgir das profundezas, eu quase descobri quais eram os hieróglifos para *acidente em minhas calças*.

A criatura era facilmente tão grande quanto o nosso barco. Sua pele brilhava roxa e cinza. Quando ele subiu perto da proa, ele fixou os seus olhos em mim com inconfundível malícia e abriu uma bocarra do tamanho do hangar de um avião. Seus dentes inferiores eram mais altos do que eu. Olhando para baixo na garganta da criatura, eu senti como se estivesse vendo um túnel brilhante rosa direto para o Mundo Inferior. O monstro poderia ter me comido ali, juntamente com a metade dianteira do barco. Eu estaria paralisado demais para reagir.

Em vez disso, o hipopótamo berrou. Imagine alguém acelerando uma moto suja, em seguida, soprando uma trombeta. Agora imagine aqueles sons amplificados vinte vezes, chegando até você em uma explosão de ar que cheirava a peixe podre e escória de lagoa. É assim que é o grito de guerra de um hipopótamo gigante.

Em algum lugar atrás de mim, Zia gritou:

— Hipopótamo!

O que na minha opinião foi um pouco tarde.

Ela tropeçou em direção a mim sobre o convés oscilante, a ponta de seu cabelo chamuscado. Nosso amigo fantasmagórico Setne flutuava atrás dela, sorrindo com prazer.

— Aí está! — Setne sacudiu os anéis de diamante do dedo mindinho. — Eu te disse que Apófis poderia enviar um monstro para matá-lo.

— Você é tão inteligente! —, Gritei. — Agora, como é que vamos pará-lo?

— BRRRAAHHHHH! — O hipopótamo empurrou seu rosto contra o Egyptian Queen. Eu caí para trás e bati contra a cabine.

Pelo canto do olho vi que Zia tinha jogado uma coluna de fogo no rosto da criatura. As chamas foram direto até a sua narina esquerda, deixando o hipopótamo louco. Ele bufou e bateu no navio mais forte, catapultando Zia no rio.

— Não! — Eu cambaleei com meus pés. Tentei invocar o avatar de Hórus, mas minha cabeça latejava. Meu foco estava ruim.

— Quer um conselho? — Setne flutuava ao meu lado, sem se afetar pelo balanço do navio. — Eu poderia lhe dar um feitiço para usar.

Seu sorriso do mal não me encheu exatamente de confiança.

— Apenas fique parado! — Eu apontei para as suas mãos e gritei: — *Tas*!

As fitas de Hathor amarraram seus pulsos juntos.

— Oh, vamos lá! —, ele reclamou. — Como é que eu vou pentear o cabelo assim?

O hipopótamo olhou para mim sobre o parapeito – seus olhos como um gorduroso prato preto. Na cabine, Bloodstained Blade tocou o alarme e gritou para a tripulação:

— Dano a bombordo! Dano a bombordo!

Em algum lugar pela lateral, ouvi Zia engasgar e espirrar, o que, pelo menos, significava que ela estava viva, mas eu tinha que manter o hipopótamo longe dela e dar tempo para desengatar o Egyptian Queen. Eu peguei minha espada, corri até o deck inclinado, e saltei direto sobre a cabeça do monstro.

Minha primeira descoberta: os hipopótamos são escorregadios. Eu lutei por um apoio – o que não é fácil enquanto se empunha uma espada – e quase escorreguei para o outro lado da cabeça do hipopótamo antes de colocar meu braço livre em torno da sua orelha.

O hipopótamo rugiu e me sacudiu como um brinco de argola. Eu tive um vislumbre de um barco de pesca navegando com calma como se nada estivesse errado. A tripulação do Egyptian Queen se fechou em torno de uma grande rachadura na popa. Apenas por um momento, eu vi Zia se debatendo na água, a cerca de 20 metros rio abaixo. Em seguida, a cabeça dela foi para baixo. Eu invoquei toda a minha força e abaixei minha espada no ouvido do hipopótamo.

— *BRRRAAHHHHH!* — O monstro balançou a sua cabeça. Perdi meu aperto e fui lançado pelo rio como um tiro de três pontos.

Eu teria atingido a água dura, mas no último segundo eu me transformei em um falcão.

Eu sei que parece... Loucura. *Ah, a propósito, apenas aconteceu de eu conseguir me transformar em um falcão.* Mas foi magicamente fácil para mim, já que o falcão era o animal sagrado de

Hórus. De repente, em vez de cair, eu estava voando sobre o Nilo. Minha visão era tão afiada que pude ver ratos do campo nos pântanos. Eu podia ver Zia lutando na água, assim como todos os pelos no focinho do hipopótamo.

Eu mergulhei no olho do monstro, arranhando com minhas garras.

Infelizmente, tinha uma espécie de tampa, estava coberto com uma membrana de algum tipo. O hipopótamo pestanejou e berrou em aborrecimento, mas eu não tinha feito nenhum dano real.

O monstro virou-se para mim. Eu era muito mais rápido. Eu voei para o navio e pousei no telhado da popa, tentando recuperar meu fôlego. O Egyptian Queen tinha conseguido voltar ao normal. Estava lentamente criando distância entre ele e o monstro, mas o casco tinha sérios danos. Uma grande nuvem de fumaça estava saindo das rachaduras na popa. Estávamos inclinando a estibordo, e Bloodstained Blade continuava a tocar o alarme, o que era realmente irritante.

Zia estava trabalhando para se manter fora d'água, mas ela havia se afastado rio abaixo do hipopótamo e não parecia estar em perigo imediato. Ela tentou invocar o fogo – o que não é fácil de fazer quando você está afundando em um rio.

O hipopótamo se balançava para frente e para trás, aparentemente procurando a irritante ave que tinha cutucado em seu olho. O ouvido do monstro ainda estava sangrando, embora a minha espada não estivesse mais lá – talvez no fundo do rio em algum lugar. Finalmente, o hipopótamo virou sua atenção para o navio.

Setne se materializou ao meu lado. Seus braços ainda estavam amarrados, mas ele parecia que estava se divertindo.

— Você está pronto para o conselho agora, colega? Eu não posso lançar o feitiço porque eu estou morto e tudo mais, mas eu posso te contar o que dizer.

O hipopótamo atacou. Estava menos de cinquenta metros de distância, nadando rápido. Se acertasse o navio naquela velocidade, o Egyptian Queen iria quebrar como um graveto.

O tempo pareceu andar mais devagar. Tentei reunir o meu foco. As emoções são ruins para a magia, e eu estava completamente em pânico, mas eu sabia que tinha apenas uma chance. Eu abri minhas asas e voei diretamente para o hipopótamo. No meio do caminho, eu me transformei novamente em um humano, cai como uma pedra, e convoquei o avatar de Hórus.

Se não tivesse funcionado, eu teria acabado com minha vida como uma mancha de gordura insignificante no peito de um hipopótamo assassino.

Felizmente, a aura azul piscou em torno de mim. Caí no rio envolto no corpo brilhante de um guerreiro cabeça de falcão de 20 metros de altura. Comparado com o hipopótamo, eu ainda era pequeno, mas eu tive sua atenção quando eu dirigi o meu punho para seu focinho.

Isso funcionou muito bem durante cerca de dois segundos. O monstro se esqueceu do navio. Eu contornei e o fiz voltar-se para mim, mas eu estava muito lento. Vadear o rio em forma de avatar era tão fácil como correr através de uma sala cheia de bolinhas.

O monstro avançou. Ele torceu a cabeça e fechou a boca em torno da minha cintura. Eu cambaleei, tentando me libertar, mas suas mandíbulas eram como um aperto de ferro. Seus dentes afundaram na blindagem mágica. Eu não tenha minha espada. Tudo

que eu podia fazer era bater em sua cabeça com meus brilhantes punhos azuis, mas o meu poder estava enfraquecendo rapidamente.

— Carter! — Zia gritou.

Eu tinha uns dez segundos de vida. Em seguida, o avatar iria entrar em colapso, e eu seria engolido ou seria mordido pela metade.

— Setne! — Eu gritei. — Qual é o feitiço?

— Ah, agora você quer o feitiço —, Setne falou de cima do navio. — Repitam comigo: *Hapi, u-ha ey pwah*.

Eu não sabia o que aquilo significava. Setne poderia ter me enganado para eu fazer uma autodestruição ou me transformado em um pedaço de queijo suíço. Mas eu estava sem opções. Eu gritei:

— *Hapi, u-ha ey pwah!*

Hieróglifos azuis – os mais brilhantes que eu já tinha convocado – arderam em cima da cabeça do hipopótamo:

Ao vê-los escritos, compreendi o significado: *Hapi, levante-se e ataque.* Mas o que isso significava?

Pelo menos eles distraíram o hipopótamo. Ele me soltou e bateu nos hieróglifos. Meu avatar falhou. Mergulhei na água, a minha magia ficou exausta, minhas defesas se foram – apenas um pequeno e minúsculo Carter Kane na sombra de um hipopótamo de 16 toneladas.

O monstro engoliu os hieróglifos e bufou. Ele sacudiu sua cabeça como se tivesse acabado de engolir uma pimenta chili.

Ótimo, eu pensei. *A magia incrível de Setne convocou um aperitivo para o hipopótamo mal.*

Então, do barco, Setne gritou:

— Espere! Três, dois, um...

O Nilo ferveu ao meu redor. Uma enorme massa de algas castanhas surgiu debaixo de mim e me levantou em direção ao céu. Instintivamente eu me segurei nisso, lentamente percebendo que as algas não eram algas. Era *cabelo* no topo de uma cabeça colossal. O homem gigante subiu do Nilo, maior e maior, até o hipopótamo parecia quase bonito em comparação. Eu não podia dizer muito sobre o gigante do topo de sua cabeça, mas sua pele era de um azul mais escuro do que o de meu pai. Ele tinha o cabelo castanho desgrenhado cheio de lama do rio. Sua barriga estava enormemente inchada, e ele parecia que estava vestindo nada mais que uma tanga feita de escamas de peixe.

— *BRRRAAHHHHH!* — O hipopótamo atacou, mas o gigante azul agarrou seus dentes traseiros e o parou. A força do impacto quase me jogou da cabeça.

— Yay! — O gigante azul berrou. — Lançamento de hipopótamos! Eu amo este jogo! — Ele balançou os braços em um movimento de balanço de golfe e lançou o monstro para fora da água.

Poucas coisas são mais estranhas do que assistir a um hipopótamo gigante voar. Ele se mexeu descontroladamente, chutando suas pernas grossas enquanto navegava ao longo do pântano. Finalmente ele caiu em um penhasco de calcário na

distância, causando uma avalanche de menor importância. Pedregulhos desabaram sobre o hipopótamo. Quando a poeira baixou, não havia nenhum sinal do monstro. Carros continuavam dirigindo pela estrada do rio. Barcos de pesca continuaram seus negócios, como se gigantes azuis que lutam contra hipopótamos fosse algo normal neste trecho do rio Nilo.

— Legal! — O gigante azul aplaudiu. — Agora, quem me invocou?

— Aqui em cima! —, Eu gritei.

O gigante congelou. Ele tocou com cuidado o couro cabeludo até que ele me encontrou. Então ele me pegou com dois dedos, nadou até a margem, e gentilmente me depositou.

Ele apontou para Zia, que lutava para chegar à costa, e para o Egyptian Queen, que estava à deriva rio abaixo, fumaça vindo da popa.

— Aqueles são seus amigos?

— Sim —, eu disse. — Você poderia ajudá-los?

O gigante sorriu. — Volto já!

Poucos minutos depois, o Egyptian Queen estava seguramente atracado.

Zia sentou ao meu lado na margem da água do Nilo, torcendo seu cabelo.

Setne pairou próximo a nós, parecendo muito presunçoso, apesar de seus braços ainda estarem amarrados.

— Então, talvez da próxima vez você vá confiar em mim, Carter Kane! — Ele acenou para o gigante, que pairava sobre nós, ainda

sorrindo como se ele estivesse *realmente* animado por estar aqui. — Posso apresentar o meu velho amigo, Hapi!

O gigante azul acenou para nós. — Oi!

Seus olhos eram completamente dilatados. Seus dentes eram brancos brilhantes. Uma massa de cabelos pegajosos castanhos caia sobre os ombros, e sua pele ondulava em diferentes tons de azul. Sua barriga era grande demais para seu corpo. Ela cedia sobre sua saia de escama de peixe como se ele estivesse grávido ou tivesse engolido um dirigível. Ele era, sem dúvida, o mais alto, mais gordo, mais azul, mais alegre gigante hippie que eu já tinha conhecido.

Eu tentei entender seu nome, mas eu não pude.

— Hapi? — Eu perguntei.

— Por que, sim, eu sou feliz! — Hapi gritou. — Eu estou sempre feliz porque eu sou Hapi! Você está feliz?

Olhei para Setne, que parecia achar isso tudo terrivelmente divertido.

— Hapi é o deus do Nilo, — o fantasma explicou. — Junto com suas outras tarefas, Hapi é o provedor de colheitas abundantes e todas as coisas boas, e por isso ele está sempre...

— Feliz —, adivinhei.

Zia franziu a testa para o gigante. — Por que ele tem que ser tão grande?

O deus riu. Imediatamente ele encolheu para o tamanho humano, embora o olhar louco alegre em seu rosto ainda fosse muito enervante.

— Então! — Hapi esfregou as mãos com antecipação. — Posso fazer mais alguma coisa por vocês, crianças? Há séculos desde que

alguém me chamou. Desde que eles construíram aquela estúpida represa de Aswan, assim o Nilo não inundaria a cada ano como costumava. Ninguém depende de mim mais. Eu poderia *matar* esses mortais!

Ele disse isso com um sorriso, como se ele tivesse sugerido trazer para os mortais alguns biscoitos caseiros.

Eu tive alguns pensamentos rápidos. Não é sempre que um deus se oferece para fazer favores – mesmo que esse deus esteja psicologicamente com excesso de cafeína.

— Na verdade, sim, — eu disse. — Veja, Setne sugeriu que eu lhe invocasse para lidar com o hipopótamo, mas...

— Oh, Setne! — Hapi riu e empurrou o fantasma brincalhão. — Eu odeio esse cara. Absolutamente o desprezo! Ele é o único mago que já aprendeu o meu nome secreto. Ha!

Setne encolheu os ombros. — Não foi nada, realmente. E eu tenho que dizer, você veio a calhar muitas vezes nos velhos tempos.

— Ha, ha! — O sorriso de Hapi tornou-se dolorosamente largo. — Eu adoraria rasgar os seus braços e pernas, Setne. Isso seria incrível!

Setne permaneceu calmo, mas ele se afastou um pouco do deus risonho.

— Hum, mesmo assim, — eu disse. — Estamos em uma busca. Precisamos encontrar este livro de magia para derrotar Apófis. Setne estava nos levando para as ruínas de Memphis, mas agora o nosso barco está preso. O que você acha?

— Oh! — Hapi aplaudiu com entusiasmo. — O mundo vai acabar amanhã. Eu esqueci!

Zia e eu trocamos olhares.

— Certo... —, eu disse. — Então, se Setne lhe dissesse exatamente onde nós estamos indo, você poderia nos levar lá? E, hum, se ele não lhe contar, então você pode rasgar seus membros. Isso seria ótimo.

— Yay! — Hapi gritou.

Setne me deu um olhar assassino. — Sim, claro. Nós vamos ao *serapeum,* o templo do Touro Apis.

Hapi bateu em seu joelho. — Eu devia ter imaginado! Brilhante lugar para esconder alguma coisa. Isso é muito longe no interior, mas com certeza, posso lhe mandar lá se quiser. E só para você saber, Apófis tem demônios de limpeza nas margens dos rios. Você nunca iria chegar a Memphis sem a minha ajuda. Você ficaria dividido em milhões de pedaços!

Ele parecia genuinamente satisfeito por compartilhar essa notícia.

Zia pigarreou. — Ok, então. Nós adoraríamos sua ajuda.

Eu me virei para o Egyptian Queen, onde Bloodstained Blade estava no parapeito, à espera de novas ordens. — Capitão, — Eu o chamei. — espere aqui e continue com a reparação do navio. Nós vamos...

— Oh, o navio pode ir também! — Hapi interrompeu. — Isso não é problema.

Eu fiz uma careta. Eu não tinha certeza de como o deus-rio iria fazer para mover o navio, especialmente desde que ele nos disse Memphis é no interior, mas resolvi não perguntar.

— Mantenha a ordem, — Eu disse para o capitão. — O navio está indo com a gente. Assim que chegarmos a Memphis, você vai continuar os reparos e aguardar novas ordens.

O capitão hesitou. Então, ele abaixou sua cabeça de lâmina. — Eu obedecerei, meu senhor.

— Ótimo! — Hapi disse.

Ele estendeu a palma da mão, que continha duas esferas pretas viscosas como ovos de peixes. — Engula isso. Cada um.

Zia franziu o nariz. — O que é isso?

— Eles vão te levar aonde você quer ir! — O deus prometeu. — São comprimidos Hapi.

Eu pisquei. — O que agora?

O fantasma de Setne limpou a garganta. Parecia que ele estava tentando não rir. — Sim, você sabe. Hapi inventou. Então é assim que eles são chamados.

— Basta comer! — Hapi disse. — Você vai ver.

Relutantemente, Zia e eu tomamos as pílulas. Provaram ser ainda pior do que pareciam. Imediatamente, eu me senti tonto. O mundo cintilou como água.

— Foi bom te conhecer! — Hapi gritou, sua voz se tornando turva e distante. — Você percebe que você está indo para uma armadilha, não é? Ok! Boa sorte!

Com isso, minha visão ficou azul, e meu corpo derreteu como líquido.

12. Touros com Raios Laser Malucos

Ser liquidado não é divertido. Eu nunca vou ser capaz de andar em outra liquidação sem começar a ficar enjoado e sentir como se meus ossos viraram tapioca.

Eu sei que eu vou soar como um anúncio de serviço público, mas para todas as crianças em casa: se alguém oferecer para você pílulas Hapi, apenas diga, “Não!”

Eu me senti entrando no meio da lama, viajando em uma velocidade incrível. Quando eu bati na areia quente, eu evaporei, erguendo-me do solo como uma nuvem de umidade, empurrado para o oeste pelos ventos entrando no deserto. Eu não podia ver normalmente, mas eu podia sentir o movimento e a temperatura. Minhas moléculas se agitavam como se o sol me dispersasse.

De repente a temperatura caiu de novo. Eu senti pedra fria ao meu redor – uma caverna ou uma sala no subsolo, talvez. Eu me aglutinei em umidade, espalhado no chão como uma poça, então eu levantei e me solidifiquei em Carter Kane mais uma vez.

Em seguida, eu cai de joelhos e perdi meu café da manhã.

Zia ficou ao meu lado, abraçando seu estômago. Nós parecíamos estar na entrada de um túnel de uma tumba. Ao nosso redor, pedras nos guiavam para dentro da escuridão. A poucos metros, o sol do deserto brilhava.

— Isso foi horrível. — Zia ofegou.

Eu só podia acenar com a cabeça. Agora eu entendi a lição de ciências que meu pai me ensinou uma vez nas minhas aulas em casa – a matéria tem três formas: sólida, líquida, e gasosa. Nos últimos minutos eu fui todas três. E eu não gostei.

Setne se materializou fora da porta, sorrindo para nós. — Então, eu acertei de novo, ou o quê?

Eu não me lembrava de ter afrouxado suas amarras, mas seus braços estavam livres agora. Isso teria me preocupado mais se eu não estivesse me sentindo tão doente.

Zia e eu ainda estávamos molhados e enlameados do nosso mergulho no Nilo, mas Setne parecia imaculado – jeans e blusa recém engomadas, cabelo do Elvis perfeito, nem mesmo uma mancha no seu sapato de corrida branco. Isso me aborreceu muito, eu cambaleei até a luz solar e vomitei nele. Infelizmente, meu estômago estava praticamente vazio e ele era um fantasma, então nada demais aconteceu.

— Hey, camarada. — Setne ajeitou seu colar *ankh* dourado e endireitou sua jaqueta. — Algum respeito, certo? Eu fiz um favor para você.

— Um favor? — eu engoli em seco o gosto horrível na minha boca. — Nunca... *mais*...

— Nunca mais Hapi de novo. — Zia finalizou para mim. — Nunca.

— Ah, por favor. — Setne estendeu suas mãos. — Esta foi uma viagem suave! Olhe, até seu navio a fez.

Eu apertei os olhos. Nós estávamos cercados principalmente por deserto, rochas, como a superfície de Marte, mas encalhado em uma duna de areia nas proximidades, estava um barco ligeiramente quebrado – o Egyptian Queen. A cabine não estava mais pegando fogo, mas o navio parecia ter sofrido mais danos durante a viagem. Uma seção de corrimões estava quebrada. Uma das chaminés estava perigosamente inclinada. Por alguma razão, uma lona enorme e viscosa de escamas de peixe estava pendurada fora da cabine como um paraquedas enroscado.

Zia murmurou. — Oh, deuses do Egito... por favor, não deixe aquilo ser a tanga do Hapi.

Bloodstained Blade estava na proa, olhando para a nossa direção. Ele não tinha expressão, sendo uma cabeça de machado, mas pelo jeito que seus braços estavam cruzados, eu pude dizer que ele não era um campista Hapi.

— Você pode consertar o navio? — Eu disse para ele.

— Sim, meu mestre. — Ele disse. — Dê-me algumas horas. Infelizmente, nós parecemos estar presos no meio do deserto.

— Nós nos preocupamos com isso depois. — Eu disse. — Conserte o navio. Espere o nosso retorno aqui. Você receberá mais instruções quando voltarmos.

— Como você disser. — Bloodstained Blade se virou e começou a falar com as esferas brilhantes em uma língua que eu não entendia. A tripulação se agitou com as atividades.

Setne sorriu. — Vê? Tudo está bem!

— Exceto que nós estamos correndo contra o tempo. — Eu olhei para o sol. Percebi que era uma ou duas da tarde, e nós tínhamos muito a fazer antes do fim do mundo amanhã de manhã. — Aonde aquele túnel vai? O que é um *serapeum*? E por que Hapi disse que era uma armadilha?

— Tantas perguntas. — Setne disse. — Vamos lá, você verá. Você amará esse lugar.

Eu não amei aquele lugar.

Os passos abaixo nos levaram a um amplo salão esculpido a partir de rocha dourada. O teto era muito baixo, eu podia tocá-lo sem esticar meus braços. Eu podia dizer que os arqueólogos estiveram aqui, por causa das lâmpadas que deixavam sombras nos arcos. Vigas metálicas apoiavam as paredes, mas as rachaduras no teto não me ajudaram a me sentir seguro. Eu nunca me senti confortável em lugares fechados.

A cada 10 metros ou mais, nichos quadrados se abriam nos dois lados do corredor. Cada nicho segurava uma pedra maciça de sarcófagos.

Depois de passar pelo quarto caixão, eu parei. — Essas coisas são muito grandes para humanos. O que tem aí dentro?

— Touro. — Setne disse.

— Como?

A risada de Setne ecoou através do corredor. Eu percebi que se tivesse algum monstro dormindo nesse lugar, ele iria acordar agora.

— Essas são as câmaras de enterro do Touro Apis. — Setne mostrou ao seu redor orgulhoso. — Eu construí tudo isso, você sabe, quando eu era o Príncipe Khaemwaset.

Zia moveu sua mão ao longo da pedra branca que cobria os sarcófagos. — O Touro Apis. Meus ancestrais pensavam que ele era a encarnação de Osíris no mundo mortal.

— *Pensavam*? — Setne bufou. — Era a encarnação dele, boneca. Pelo menos por um tempo... como dias de festas e outras coisas. Nós levávamos nosso Touro Apis muito a sério naquela época.

Ele deu um tapinha no caixão como se tivesse mostrando um carro. — Esse garoto malvado aqui? Ele tinha uma vida perfeita. Toda a comida que podia comer. Tinha um harém de vacas, oferendas queimadas, um tecido de ouro para suas costas... todas as regalias. Só tinha que se mostrar em público poucas vezes no ano em grandes festivais. Quando ele fez vinte e cinco anos, ele foi massacrado em uma grande cerimônia, mumificado como um rei, e colocado aqui em baixo. Então um novo touro pegou seu lugar. Boa apresentação, não é?

— Morto aos vinte e cinco anos.— Eu disse. — Parece incrível.

Eu imaginei quantos touros mumificados tinham aqui em baixo no corredor. Eu não queria descobrir. Eu gostaria de ficar bem aqui, onde eu ainda podia ver o fim e a luz do sol lá fora. — Então porque esse lugar é chamado de... o que era mesmo?

— *Serapeum*. — Zia respondeu. Sua face estava iluminada por uma luz dourada – provavelmente apenas as lâmpadas refletindo na pedra, mas parecia que ela estava brilhando. — Iskandar, meu antigo professor... ele me contou sobre este lugar. O Touro Apis era um receptáculo para Osíris. Nos tempos antigos. Os nomes eram mesclados: Osíris-Apis. Então os gregos encurtaram para Serapis.

Setne zombou. — Gregos estúpidos. Mexendo em nosso território. Assumindo os nossos deuses. Eu vou te dizer, eu não tenho nenhum amor por esses caras. Mas sim, isso foi o que aconteceu. Esse lugar se tornou conhecido como um serapeum – uma casa para deuses touros mortos. Eu queria chamar de Memorial Khaemwaset de Pura Grandiosidade, mas meu pai não deixou.

— Seu pai? — Eu perguntei.

Setne deixou de lado a pergunta. — De qualquer forma, eu escondi o Livro de Tot aqui embaixo antes de eu morrer, pois eu sabia que ninguém iria perturbá-lo. Você teria que ser um louco espumando pela boca para mexer com a tumba sagrada do Touro Apis.

— Ótimo. — Eu senti que estava me tornando um líquido de novo.

Zia franziu a testa para o fantasma. — Não me diga que você escondeu o livro em um desses sarcófagos com um touro mumificado, e o touro irá ressuscitar se nós o perturbarmos?

Setne piscou para ela. — Oh, eu fiz melhor que isso, boneca. Arqueólogos descobriram *esta* parte do complexo. — Ele mostrou as lâmpadas e os metais de suporte. — Mas eu vou levar você para um passeio *por trás das cenas*.

As catacumbas pareciam não ter fim. Corredores enormes se dividiam em direções diferentes, todos eles alinhados com sarcófagos para vacas sagradas. Depois de descer uma rampa longa, nós passamos através de uma passagem secreta atrás de uma parede iluminada.

Por outro lado, não tinha luzes elétricas. Nenhuma viga de aço segurando o teto rachado. Zia conjurou fogo no topo do seu cajado e queimou várias teias de aranha. Nossas pegadas eram as únicas marcas no piso sujo.

— Nós estamos perto? — Eu perguntei.

Setne riu. — Está ficando bom.

Ele nos deixou mais para dentro do labirinto. De vez em quando, ele parava para desativar armadilhas com um comando ou toque. Às vezes ele me deixava fazer isso – supostamente porque ele não podia realizar certos feitiços, estando morto – embora eu tivesse a sensação que ele acharia incrivelmente engraçado se eu falhasse e morresse.

— Como você pode tocar algumas coisas e outras não? — Eu perguntei. — Você parece ter uma incrível habilidade seletiva.

Setne encolheu os ombros. — Eu não faço as regras do mundo espiritual, camarada. Nós podemos tocar em dinheiro e joias. Recolher o lixo e mexer com espinhos envenenados, não. Nós temos que deixar esse trabalho sujo para os vivos.

Sempre que as armadilhas estavam desativadas, hieróglifos escondidos brilhavam ou sumiam. Às vezes nós tínhamos que pular poços abertos no chão, ou desviar de flechas atiradas do teto. Pinturas de deuses e faraós descansavam nas paredes, transformadas em guardiões fantasmagóricos e desbotados. O tempo todo, Setne mantinha um breve comentário.

— Aquela maldição teria feito seus pés apodrecer. — Ele explicou. — Esta aqui? Conjuraria uma praga de pulgas. E essa... oh, cara. Esta é uma das minhas favoritas. Transforma você em um anão! Eu odeio aqueles carinhas pequenos.

Eu fiz uma careta. Setne era menor do que eu, mas essa eu deixei passar.

— Sim, de fato. — Ele continuou. — Vocês são sortudos de me ter aqui junto, caras. Agora, você seria um anão com picadas de pulgas e nenhum pé. E você ainda não viu a pior. Por aqui.

Eu não tinha certeza de como Setne se lembrava de tantos detalhes sobre este lugar de tantos anos atrás, mas ele estava obviamente orgulhoso dessas catacumbas. Ele deve ter apreciado projetar horríveis armadilhas para matar os intrusos.

Nós viramos em outro corredor. O chão inclinou de novo. O teto ficou baixo, eu tive que me abaixar. Eu tentei ficar calmo, mas eu estava tendo problemas na respiração. Tudo que eu podia pensar era nas toneladas de pedras acima da minha cabeça, prontas para entrar em colapso a qualquer momento.

Zia pegou minha mão. O túnel estava tão estreito, que nós estávamos andando em fila indiana; mas eu olhei para ela.

— Você está bem? — Eu perguntei.

Ela sussurrou as palavras: *Preste atenção nele.*

Eu acenei. Seja qual for a armadilha que Hapi nos advertiu, eu tinha o pressentimento que nós não a vimos ainda, mesmo que nós estivéssemos rodeados de armadilhas. Nós estávamos sozinhos com um fantasma assassino, no subsolo do seu território. Eu não tinha mais a minha *khopesh*. Por alguma razão, eu não era capaz de invocá-la do Duat. E eu não podia usar meu avatar guerreiro em um túnel tão pequeno. Se Setne se virasse contra nós, minhas opções seriam limitadas.

Finalmente o corredor alargou. Nós alcançamos um beco sem saída – uma parede sólida guardada por duas estátuas do meu pai... Quero dizer, Osíris.

Setne se virou. — Ok, aqui é o nosso destino, caras. Eu vou ter que fazer um desencantamento para abrir essa parede. O feitiço demora alguns minutos. Eu não quero vocês pirando no meio disso e nem me amarrando com fitas rosa, ou as coisas vão ficar feias. Na metade final da magia aqui, todo esse túnel poderá entrar em colapso no topo das nossas cabeças.

Eu evitei gritar como uma garota – mas apenas por pouco.

Zia ajeitou o fogo do cajado dela para branco quente. — Cuidado, Setne. Eu sei como um desencantamento soa. Se eu suspeitar que você esteja fazendo outra coisa, eu irei te explodir em pó de ectoplasma.

— Relaxa boneca. — Setne estalou os dedos. Seu anel de diamantes rosados brilhou na luz do fogo. — Você tem que manter aquele escaravelho sob controle, ou você irá nos transformar em cinzas.

Eu fiz uma careta. — Escaravelho?

Setne olhou para trás e para frente entre nós e riu. — Quer dizer que ela não te contou? E você não percebeu? Essas crianças de hoje! Eu amo a ignorância!

Ele se virou para a parede e começou o encantamento. O fogo de Zia suavizou para uma chama vermelha. Eu lancei meu olhar questionador para ela.

Ela hesitou – então tocou a base da sua garganta. Ela não estava usando um colar antes. Eu tinha certeza disso. Mas quando ela tocou sua garganta, um amuleto apareceu para a existência – um

escaravelho brilhante de ouro em uma corrente de ouro. Ela deve tê-lo escondido com um feitiço – uma mágica de ilusão como Setne tinha feito com as Fitas de Hathor.

O escaravelho parecia de metal, mas eu percebi que já o tinha visto antes, e eu o tinha visto ao vivo. Quando Rá aprisionou Apófis no mundo inferior, ele deixou uma parte de sua alma – sua encarnação como Khepri, o escaravelho do sol do amanhecer – para manter seu inimigo preso. Ele tinha enterrado Apófis em uma avalanche de besouros vivos.

Quando Sadie e eu encontramos a prisão na primavera passada, milhões de escaravelhos tinham sidos reduzidos a conchas. Quando Apófis se libertou, só um besouro dourado sobreviveu: o último poder remanescente de Khepri.

Rá tentou engolir o escaravelho. (Sim, nojento. Eu sei.) Quando isso não funcionou... Ele o ofereceu a Zia.

Eu não lembrava que Zia tinha mantido o escaravelho, mas de alguma forma eu sabia que aquele amuleto era o mesmo inseto.

— Zia...

Ela balançou a cabeça com firmeza. — Mais tarde.

Ela gesticulou para Setne, que estava no meio do feitiço.

Ok, provavelmente não era o melhor momento para conversar. Eu não queria que o túnel caísse sobre nossas cabeças. Mas a minha mente estava cambaleando.

Você não percebeu? Setne me insultou.

Eu sabia que Rá estava fascinado por Zia. Ela era sua babá preferida. Setne mencionou que Zia estava tendo problemas com o controle da temperatura. O velho está gostando de você, ele disse. E

Rá deu o escaravelho para Zia – literalmente uma parte de sua alma – como se ela fosse sua maior sacerdotisa... Ou talvez alguém mais importante.

O túnel roncou. A parede sem saída virou poeira, revelando uma câmara através dela.

Setne se virou para nós com um sorriso. — Hora do show, crianças.

Nós o seguimos em um salão circular que me lembrou da biblioteca da Casa do Brooklyn. O piso era um mosaico brilhante de pastagens e rios. Nas paredes, os sacerdotes foram pintados decorando as vacas pintadas com flores e cocares de penas de algum tipo de festival, enquanto os antigos egípcios agitavam ramos e balançavam um apito de bronze chamado de *sistrums*. O teto abobadado retratava Osíris em seu trono, julgando mais de um touro. Por um momento absurdo, eu me perguntava se Ammit devorou os corações de vacas más, e se ele gostava do sabor carnudo. No meio da câmara, num pedestal em forma de caixão, havia uma estátua em tamanho real do Touro Apis. Era feito de uma pedra escura – basalto, talvez – mas pintada com tanta habilidade, que parecia estar viva. Os olhos pareciam me seguir. Sua pele brilhava preto exceto por um pequeno diamante branco na frente de seu peito, e sobre suas costas um cobertor de ouro cortado e bordado para parecer com asas de um falcão. Entre seus chifres estava um Frisbee de ouro – uma coroa de disco solar. Abaixo dele, saindo da testa do touro como um chifre de unicórnio encaracolado, estava uma cobra se erguendo.

Um ano atrás eu diria. “Estranho, mas é apenas uma estátua.” Agora eu tive um monte de experiências com estátuas egípcias voltando à vida e tentando me matar.

Setne não parecia estar preocupado. Ele caminhou até a pedra do touro e acariciou sua perna. — O Santuário de Apis! Eu construí essa câmara apenas para meus sacerdotes escolhidos e eu. Agora nós só temos que esperar.

— Esperar pelo quê? — Zia perguntou. Sendo uma garota esperta, ela estava pendurada de volta na entrada comigo.

Setne checou seu relógio que não existia. — Não demorará muito. Apenas um timer, mais ou menos isso. Entrem! Sintam-se a vontade.

Eu me movi para dentro. Eu esperei que a porta se solidificasse atrás de mim, mas continuou aberta. — Você tem certeza que o livro está aqui?

— Oh, sim. — Setne andou ao redor da estátua, chegando à base. — Eu só preciso lembrar qual desses painéis sobre o estrado irá abrir. Eu queria fazer esse salão todo de ouro, você sabe? Isso seria muito mais legal. Mas meu pai cortou meu financiamento.

— Seu pai. — Zia veio até mim e escorregou sua mão até a minha, eu não me importei. O colar do escaravelho de ouro apareceu ao redor do seu pescoço. — Você quer dizer Ramsés, o Grande?

A boca de Setne se contorceu em um sorriso cruel. — Sim, assim é como o departamento de relações públicas o chama. Eu gosto de chamá-lo de Ramsés II, ou Ramsés Número Dois.

— Ramsés? — Eu disse. — Seu pai é *o* Ramsés?

Eu suponho que eu não processei como Setne entrava na história egípcia. Olhando para esse carinha magricelo com seu cabelo gorduroso, sua jaqueta com ombro acolchoado e seu ridículo ornamento, eu não podia acreditar que ele era parente de uma pessoa tão famosa. E para piorar, isso faz dele meu parente, já que o

lado da família da nossa mãe tinha a herança de magia de Ramsés, o Grande.

(Sadie diz que ela pode ver uma semelhança familiar entre Setne e eu. [Cala a boca, Sadie]).

Eu acho que Setne não gostou do meu olhar surpreso. Ele empinou o nariz no ar. — Você saberia como é, Carter Kane... crescer na sombra de um pai famoso. Sempre tentando viver de acordo com sua lenda. Olhe para você. Filho do grande Dr. Julius Kane. Você finalmente está fazendo um nome para você como um grande mago, o que o seu pai faz? Ele vai e se torna um deus.

Setne riu friamente. Eu nunca senti qualquer ressentimento em relação ao meu pai antes; eu sempre pensei que era legal ser o filho do Dr. Kane. Mas as palavras de Setne rolaram por mim, e raiva começou a crescer no meu peito.

Ele está jogando com você, disse a voz de Hórus.

Eu sabia que Hórus estava certo, mas não me fazia me sentir melhor.

— Onde está o livro, Setne? — Eu perguntei. — Sem mais atrasos.

— Não deforme sua varinha, camarada. Não irá demorar muito. — Ele contemplou a pintura de Osíris no teto. — Aqui está ele! O cara de azul. Eu estou te dizendo, Carter, você e eu somos muito parecidos. Eu não posso ir a qualquer lugar do Egito sem ver a cara do meu pai, também. Abu Simbel? Tem o papai Ramsés em cima de mim – quatro cópias dele, com 18 metros de altura. É como num pesadelo. Metade dos templos do Egito? Ele encomendou e colocou estátuas de si mesmo. É de se admirar que eu quisesse ser o maior mágico do mundo? — Ele inflou seu peito magro. — E eu o fiz. O que

eu não entendo Carter Kane é o porquê você não tomou o trono do faraó ainda. Você tem Hórus ao seu lado, ansiando por poder. Você deve se fundir com o deus, tornar-se o faraó do mundo, e, ah... — Ele deu um tapinha na estátua de Apis. — Pegue o touro pelos chifres.

Ele está certo. Hórus disse. *Esse humano é sábio.*

Ajeite a sua mente. Eu reclamei.

— Carter, não o escute. — Zia disse. — Setne, o que você estiver armando... pare. Agora.

— O que *eu* armaria? Olhe boneca...

— Não me chame assim! — Zia disse.

— Ei, eu estou do seu lado. — Setne garantiu. — O livro está aqui nesse estrado. Assim que o touro se mexer...

— O touro se mexer? — Eu perguntei.

Setne estreitou os olhos. — Eu não mencionei isso? Eu peguei a ideia desse feriado que nós costumávamos ter nos tempos antigos, o festival de Sed. Muita diversão! Você nunca esteve na corrida dos touros, onde é mesmo, Espanha?

— Pamplona. — Eu disse. Outra onda de ressentimento levou o melhor de mim. Meu pai me levou à Pamplona uma vez, mas ele não me deixou ir para a rua enquanto os touros estavam correndo nela. Ele disse que era muito perigoso – como se sua vida secreta como um mago não fosse mais perigosa que isso.

— Certo, Pamplona. — Setne concordou. — Bem, você sabe onde essa tradição começou? Egito. O faraó costumava fazer essa corrida ritual com o Touro Apis para renovar seu poder real, provando sua força, sendo abençoado pelos deuses... toda essa

porcaria. Nos tempos antigos, se tornou apenas uma brincadeira, sem perigo real. Mas no começo, era a coisa real. Vida e morte.

Na palavra *morte*, a estátua de touro se moveu. Ele curvou as pernas rigidamente. Então ele levantou sua cabeça e me encarou, cheirando a nuvem de poeira.

— Setne! — Eu invoquei minha espada, mas é claro que não estava lá. — Faça isso parar, ou eu vou envolvê-lo tão rápido...

— Oh, eu não faria isso. — Setne avisou. — Veja, eu sou o único que pode pegar o livro sem ser atingido por dezesseis maldições diferentes.

Entre os chifres do touro, estava um disco de sol de ouro. Na sua cabeça, a cobra veio à vida, assobiando e cuspindo gotas de fogo.

Zia chamou sua varinha. Era a minha imaginação, ou de seu colar de escaravelho começou a sair fumaça? — Chame de volta essa criatura, Setne. Ou eu juro...

— Eu não posso, boneca. Desculpe. — Ele sorriu para nós entre os estrados dos touros. Ele não parecia se importar. — Isso é parte do sistema de segurança, vê? Se você quer o livro, você tem que distrair o touro e sair daqui, enquanto eu abro o estrado e pego o Livro de Tot. Eu tenho total fé em você.

O touro escavou o pedestal e pulou para fora. Zia me puxou de volta para o corredor.

— É isso! — Setne disse. — Do mesmo jeito que o festival de Sed. Prove que você merece o trono de faraó, criança. Corra ou morra!

O touro atacou.

Uma espada seria muito boa. Eu teria me resolvido com uma capa de toureiro e uma lança. Ou um rifle. Em vez disso, Zia e eu corremos através das catacumbas e rapidamente percebemos que nós estávamos perdidos. Deixar Setne nos guiar por esse labirinto foi uma ideia estúpida. Eu deveria ter deixado cair migalhas de pão ou marcado hieróglifos nas paredes ou algo assim.

Eu esperava que os túneis fossem estreitos para o Touro Apis. Sem muita sorte. Eu ouvi uma parede de rochas cair atrás de nós enquanto o touro se movia pelo caminho até nós. Teve outro som que eu não gostei muito – um profundo zumbido seguido de uma explosão. Eu não sabia o que era, mas era um bom incentivo para correr mais rápido.

Nós provavelmente passamos por dezenas de corredores. Cada um com vinte ou trinta sarcófagos. Eu não podia acreditar quantos Apis tinham sido mumificados aqui embaixo – centenas de touros. Atrás de nós, nosso monstruoso amigo de pedra nos seguia esmagando tudo em seu caminho no túnel.

Eu olhei para trás uma vez e me arrependi. O touro estava se aproximando rápido, a cobra na sua testa expelindo fogo.

— Por aqui! — Zia gritou.

Ela me puxou para um corredor lateral. No outro extremo, o que parecia ser a luz do dia saia de uma porta aberta. Nós corremos em direção a ela.

Eu estava esperando que fosse uma saída. Em vez disso chegamos à outra câmara circular. Nessa não tinha nenhuma estátua de touro no meio, mas ao redor da circunferência estavam quatro sarcófagos de pedra gigantes. As paredes estavam pintadas com pinturas do paraíso bovino – vacas sendo alimentadas, vacas brincando em prados, vacas sendo adoradas por seres humanos

pequenos e idiotas. A luz do dia saía de um buraco no teto, seis metros acima. Um feixe de luz do sol cortava o ar empoeirado e batia no meio do chão como um refletor, mas não havia nenhuma maneira de nós usarmos a fenda para escapar. Mesmo que eu virasse um falcão, a abertura era muito estreita, e eu não iria sair e deixar Zia sozinha.

— Fim da linha. — Ela disse.

— *HRUUUFF!* — O Touro Apis apareceu na porta, bloqueando a nossa saída. Seu ornamento de cobra sibilou.

Nós entramos no salão até ficarmos na quente luz do dia. Parecia cruel morrer aqui, presos embaixo de toneladas de pedra, mas capazes de ver o sol.

O touro escavou o chão. Ele deu um passo à frente, então hesitou, como se a luz do sol o incomodasse.

— Talvez eu possa falar com ele. — Eu disse. — Ele está conectado a Osíris, certo?

Zia me olhou como se eu fosse louco – e eu era – mas eu não tive outras ideias.

Ela invocou sua varinha e cajado. — Eu te dou cobertura.

Eu andei até o monstro e mostrei minhas mãos vazias. — Bom touro. Eu sou Carter Kane. Osíris é meu pai, quase. Que tal uma trégua e...

A cobra cuspiu fogo na minha cara.

Eu teria me transformado em um Carter extra-crocante, mas Zia gritou um comando. Quando eu tropecei para trás, seu cajado absorveu a explosão, sugando as chamas como um limpador a vácuo. Ela cortou o ar com sua varinha, e uma parede vermelha cintilante de

fogo irrompeu em torno do Touro Apis. Infelizmente, o touro ficou lá e olhou para nós, completamente ileso.

Zia praguejou. — Parece que nós estamos em um impasse com o fogo mágico.

O touro baixou seus chifres.

Meus instintos de deus da guerra tomaram o controle. — Proteja-se.

Zia mergulhou para um lado. E eu para o outro. O disco de sol do touro brilhou e zumbiu, então um tiro de raio dourado de calor foi para o lugar onde nós estávamos. Eu mal coube atrás do sarcófago. Minhas roupas estavam cozinhando. Os solados dos meus sapatos estavam derretidos. Onde o laser tinha atingido, o chão estava enegrecido e borbulhante, como se a rocha tivesse entrando em ebulição.

— Vacas com lasers? — Eu protestei. — Isso é *completamente* injusto!

— Carter! — Zia me chamou do outro lado do salão. — Você está ok?

— Nós temos que nos separar! — Eu gritei de volta. — Eu irei distraí-lo. Saia daqui!

— O que? Não!

O touro virou para o som da voz dela. Eu tive que me mover rápido.

Meu avatar não seria de grande ajuda em um lugar fechado e pequeno como esse, mas eu precisava da força e velocidade do deus da guerra. Eu invoquei o poder de Hórus. Luz azul tremulou ao meu redor. Minha pele era como aço, esmurrei o sarcófago e o reduzi a

uma pilha de pedra e poeira de múmia. Eu peguei um pedaço da tampa – uma pedra tipo escudo de cento e trinta e seis quilos – e investi no touro.

Nós colidimos um com o outro. De alguma forma eu aguentei, mas isso tomou um pouco de força mágica. O touro berrou e puxou. A cobra cuspia chamas que passavam pelo meu escudo.

— Zia, saia daqui! — Eu gritei.

— Eu não vou te deixar!

— Você tem que ir! Eu não posso...

Os cabelos dos meus braços se arrepiaram antes que eu ouvisse o som sibilante. Meu bloco de pedra se desintegrou em um flash de ouro, e eu mergulhei para trás, batendo em outro sarcófago.

Minha visão embaçou. Eu ouvi Zia gritar. Quando meus olhos puderam se focar de novo, eu a vi parada no meio do salão, envolta da luz do sol, fazendo um feitiço que eu não reconheci. Ela tinha conseguido a atenção do touro, o que provavelmente salvou a minha vida. Mas antes que eu pudesse gritar, o touro apontou o seu disco do sol e atirou um laser superaquecido direto em Zia.

— Não! — Eu gritei.

A luz me cegou. A explosão sugou todo o oxigênio dos meus pulmões. Não tinha nenhum jeito de Zia ter sobrevivido a essa temperatura.

Mas quando a luz dourada desapareceu, Zia ainda estava lá. Em torno dela queimava um escudo maciço na forma de... de uma carapaça de escaravelho. Seus olhos brilhavam com um fogo laranja. Chamas giravam ao seu redor. Ela olhou para o touro e falou com uma voz profunda e áspera que definitivamente não era dela:

— Eu sou Khepri, o sol do amanhecer. Eu não serei renegado.

Só depois eu percebi que ela estava falando em Egípcio Antigo.

Ela estendeu sua mão. Um cometa em miniatura foi atirado no Touro Apis e o monstro queimou em chamas, girando e batendo, de repente em pânico. Suas pernas se desintegraram. Ele entrou em colapso e se quebrou em uma pilha de fumaça de escombros carbonizados.

O salão estava de repente quieto. Eu estava receoso de me mexer. Zia ainda estava coberta de fogo, e parecia estar ficando mais quente – queimando amarelo, então branco. Ela parecia estar em transe. O escaravelho dourado no pescoço dela estava definitivamente fumegando agora.

— Zia! — Minha cabeça palpitava, mas eu consegui me erguer.

Ela se virou para mim e ergueu outra bola de fogo.

— Zia, não! — Eu disse. — Sou eu. Carter.

Ela hesitou. — Carter...? — Sua expressão ficou confusa, então com medo. As chamas laranja enfraqueceram nos seus olhos, e ela caiu no raio de sol.

Eu corri até ela. Eu tentei pegá-la em meus braços, mas a sua pele estava muito quente. O escaravelho dourado deixou uma queimadura desagradável em sua garganta.

— Água. — Eu murmurei para eu mesmo. — Eu preciso de água.

Eu nunca fui bom com palavras divinas, mas eu gritei:

— *Maw!*

O símbolo brilhou ao nosso redor:

Muitos galões de água se materializaram no ar e caíram em nós. O rosto de Zia vaporizou. Ela tossiu e balbuciou, mas ela não acordou. A febre ainda estava perigosamente alta.

— Eu tenho que te tirar daqui. — Eu prometi, levantando-a em meus braços.

Eu não precisava da força de Hórus. Eu tinha muita adrenalina circulando pelo meu corpo, eu não sentia nenhum dos meus ferimentos. Eu corri para Setne quando ele passou por mim no corredor.

— Ei, camarada. — Ele se virou e correu até mim, acenando com um espesso rolo de papiro. — Bom trabalho! Eu peguei o Livro de Tot!

— Você quase matou Zia! — Eu reclamei. — Tire-nos daqui... AGORA!

— Ok, ok. — Setne disse. — Se acalme.

— Eu vou te levar de volta para a sala de tribunal do meu pai. — Eu rosnei. — Eu vou *pessoalmente* te enfiar na boca do Ammit, como um galho em um destroçador de madeira.

— Whoa, grandão. — Setne me levou até uma inclinada passagem de volta para os túneis escavados com iluminação. — Que tal nós sairmos daqui primeiro, huh? Lembre-se, você ainda precisa de mim para decifrar o livro e encontrar a sombra da serpente. E então nós vamos ver o destroçador de madeira, ok?

— Ela não pode morrer. — Eu insisti.

— Certo, eu entendi. — Setne me levou por mais túneis, aumentando a velocidade. Zia parecia não pesar nada. Minha dor de cabeça tinha desaparecido. Finalmente nós encontramos a luz do sol e corremos para o Egyptian Queen.

Eu vou admitir que não estava pensando corretamente.

Quando nós subimos no barco, Bloodstained Blade reportou os reparos do navio, mas eu nem o ouvi. Eu passei direto por ele e levei Zia para a cabine mais próxima. Eu a deitei na cama e mexi na minha bolsa procurando por material médico – uma garrafa de água, um pouco de pomada mágica que Jaz tinha me dado, alguns poucos encantos escritos. Eu não era um *rekhet* como Jaz. Meus poderes de cura consistiam basicamente em ataduras e aspirinas, mas eu comecei a trabalhar.

— Vamos lá. — Eu murmurei. — Vamos lá, Zia. Você vai ficar bem.

Ela estava tão quente, suas roupas encharcadas tinham quase secado. Seus olhos estavam rolando na sua cabeça. Ela começou a resmungar, e eu podia jurar que ela disse. — Bolas de esterco. Tempo para rolar as bolas de esterco.

Pode parecer engraçado – exceto pelo fato que ela estava morrendo.

— Esse é Khepri falando. — Setne explicou. — Ele é o escaravelho divino, rolando o sol através do céu.

Eu não queria processar isso – a ideia que a garota que eu gostava tinha sido possuída por um escaravelho e estava tendo sonhos sobre puxar uma gigante esfera de chamas através do céu.

Mas não havia dúvidas: Zia usou o caminho dos deuses. Ela canalizou Rá – ou pelo menos uma de suas encarnações, Khepri.

Rá a tinha escolhido, como Hórus tinha me escolhido.

De repente fez sentido que Apófis tivesse destruído a vila de Zia quando ela era pequena, e que o antigo Chefe Leitor Iskandar tivesse ido tão longe em seu treinamento e então a escondido num sono mágico. Se ela tinha o segredo para acordar o deus do sol...

Eu passei pomada na garganta dela. Eu pressionei um pano molhado na cabeça dela, mas não parecia ajudar.

Eu me virei para Setne. — Cure-a!

— Oh, hum... — Ele estremeceu. — Veja, mágica de cura não é realmente minha praia. Mas pelo menos você tem o Livro de Tot! Se ela morrer, não será por nada...

— Se ela morrer. — Eu o avisei. — Eu vou... eu vou... — Eu não pude pensar em uma tortura dolorosa o bastante.

— Eu vejo que você precisa de um pouco de tempo. — Setne disse. — Sem problema. Que tal eu ir dizer ao seu capitão aonde nós vamos? Nós temos que voltar para o Duat, de volta para o Rio da Noite o mais rápido possível. Eu tenho sua permissão para dar ordens a ele?

— Certo. — Eu disse bruscamente. — Apenas saia da minha vista.

Eu não sei quanto tempo se passou. A febre de Zia parecia diminuir. Ela começou a respirar mais facilmente e mudou para um

sono sossegado. Eu beijei sua testa e fiquei ao seu lado, segurando sua mão.

Eu estava vagamente consciente do movimento do navio. Nós caímos momentaneamente em queda livre, então o bater de água formou um arrepio um pouco alto. Eu senti um rio correndo sob o casco, mais uma vez, e pelo formigamento na barriga, achei que estávamos de volta ao Duat.

A porta abriu atrás de mim, mas eu mantive os olhos em Zia.

Eu esperei que Setne dissesse algo – provavelmente para vangloriar-se sobre o quão bem ele estava nos fazendo navegar de volta ao Rio da Noite – mas ele ficou em silêncio.

— E então? — Eu perguntei.

O som de fragmentação de madeira me fez pular.

Setne não estava na porta. Em vez dele, Bloodstained Blade se elevava sobre mim, sua cabeça de machado tinha acabado de se separar da porta. Seus punhos estavam cerrados.

Ele falou em um zumbido, irritado e frio. — Senhor Kane, é hora de morrer.

13. Um Jogo Amigável de Esconde-esconde (Com Pontos de Bônus para Morte Dolorosa!)

Eu vejo. Terminando com o demônio homicida. Tentando fazer a minha parte da história parecer chata, hein? Carter, você gosta de chamar *tanta* atenção.

Bem, enquanto vocês iam de cruzeiro pelo Nilo em um barco luxuoso, Walt e eu estávamos viajando em um estilo um pouco menos espalhafatoso.

Do reino dos mortos, eu me aventurei a outra conversa com Ísis para negociar uma porta de entrada para o Delta do Nilo. Ísis devia ter ficado zangada comigo (eu não posso imaginar o porquê), pois ela depositou Walt e eu até a cintura em um pântano, nossos pés completamente presos na lama.

— Obrigada! — Eu gritei para o céu.

Tentei me mover, mas não consegui. Nuvens de mosquitos se recolheram em torno de nós. O rio estava vivo, borbulhando e espirrando ruídos, o que me fez pensar em um peixe tigre dentuço e nos elementais da água que Carter havia descrito para mim.

— Alguma ideia? — Eu perguntei para Walt.

Agora que ele estava de volta ao mundo mortal, ele parecia perder sua vitalidade. Ele parecia... Acho que a palavra seria *oco*. Suas roupas se encaixavam de maneira mais folgada. Os brancos de seus olhos estavam tingidos de um amarelo doentio. Os ombros curvados, como se os amuletos em volta do pescoço pesassem. Vê-lo assim me deu vontade de chorar, o que não é algo que faço com facilidade.

— Sim —, disse ele, vasculhando sua bolsa. — Eu tenho a coisa certa.

Ele pegou um *shabti* – a estatueta de cera branca de um crocodilo.

— Oh, você não fez —, eu disse. — Seu garoto travesso maravilhoso.

Walt sorriu. Por um momento ele quase parecia seu antigo eu.

— Todo mundo estava abandonando a Casa do Brooklyn. Achei que não seria certo deixá-lo para trás.

Ele jogou a estatueta no rio e falou uma palavra de comando. Philip da Macedônia irrompeu da água.

Ser surpreendido por um crocodilo gigante no Nilo é algo que você geralmente deseja evitar, mas Philip era uma visão bem-vinda. Ele sorriu para mim com seus enormes croco-dentes, seus olhos de uma cor rosa brilhante e sua pele branca escamosa flutuando logo acima da superfície.

Walt e eu o agarramos. Em menos de um momento, Philip tinha nos puxado livres da lama. Logo nos empoleiramos em suas costas, fazendo o nosso caminho rio acima. Eu estava na frente,

agarrando os ombros de Philip. Walt sentou atrás na seção do meio de Philip. Philip era um crocodilo espaçoso o que deixou um espaço considerável entre Walt e eu – possivelmente mais do que eu teria preferido. No entanto, tivemos um lindo passeio, exceto por sermos encharcados, endurecidos de lama e cercados de mosquitos.

A paisagem era um labirinto de canais, ilhas gramadas, juncais e bancos de areia lamacentos. Era impossível dizer onde o rio acabava e a terra começava. Ocasionalmente, na distância víamos campos arados ou os telhados de pequenas aldeias, mas principalmente tivemos o rio para nós mesmos. Nós vimos vários crocodilos, mas todos eles nos evitaram. Eles seriam muito loucos em incomodar Philip.

Como Carter e Zia, nós demoramos a deixar o Mundo Inferior. Eu estava assustada com o quanto o sol já tinha subido no céu. O calor se transformava no ar como uma névoa pastosa. Minha camisa e calças estavam encharcadas. Eu gostaria de ter trazido uma muda de roupas, porém não teria feito muita diferença, já que minha mochila estava úmida também. Além disso, com Walt por perto, não havia lugar para me trocar.

Depois de um tempo fiquei entediada em observar o Delta. Virei e me sentei de pernas cruzadas, de frente para Walt. — Se tivéssemos um pouco de madeira, poderíamos começar uma fogueira nas costas de Philip.

Walt riu. — Eu não acho que ele gostaria disso. Além disso, eu não tenho certeza se queremos enviar sinais de fumaça.

— Você acha que estamos sendo vigiados?

Sua expressão ficou séria. — Se eu fosse Apófis, ou mesmo Sarah Jacobi...

Ele não precisava terminar esse pensamento. Um número qualquer de vilões nos queriam mortos. *Claro* que estariam nos vigiando. Walt vasculhou sua coleção de colares. Eu não observei as curvas suaves de sua boca, ou como sua camisa agarrou-se ao seu peito no ar úmido. Não – só negócios, essa sou eu.

Ele escolheu um amuleto em forma de íbis – o animal sagrado de Tot. Walt sussurrou para ele e atirou-o no ar. O encanto expandiu-se em um belo pássaro branco com um bico longo e curvo com preto nas pontas das asas. Ele circulou acima de nós, esbofeteando meu rosto com o vento, em seguida, voou devagar e graciosamente sobre as zonas úmidas. Ele me lembrou de uma cegonha daqueles antigos desenhos animados em que as aves traziam bebês em trouxas. Por alguma razão ridícula, este pensamento me fez corar.

— Você irá enviá-lo para explorar a frente? — Eu adivinhei.

Walt assentiu. — Ele vai procurar as ruínas de Saïs. Esperançosamente estarão por perto.

A menos que Ísis tenha nos mandado para o lado errado do Delta, eu pensei. Isis não respondeu, o que era prova suficiente de que ela estava irritada.Nós deslizamos rio acima à bordo da Cruzeiros Crocodilo. Normalmente eu não teria me sentido desconfortável com a quantidade de tempo com Walt, mas não havia muito a dizer, e nenhuma boa maneira de dizê-lo. Amanhã de manhã, de uma forma ou de outra, a nossa longa luta contra Apófis estaria terminada.

Claro que eu estava preocupada com todos nós. Eu tinha deixado Carter com o fantasma sociopata do tio Vinnie. Eu não tive coragem para lhe dizer que Zia tornava-se, ocasionalmente, uma arremessadora de bolas de fogo – maníaca. Eu me preocupava com Amós e sua luta com Set. Eu me preocupava com nossos iniciados jovens, praticamente sozinhos no Primeiro Nomo e não duvido,

aterrorizados. Senti o coração partido por meu pai, que estava sentado em seu trono no Mundo Inferior de luto por nossa mãe mais uma vez e é claro que eu temia pelo espírito de minha mãe, à beira da destruição em algum lugar no Duat.

Mais do que tudo, eu estava preocupada com Walt. O resto de nós tinha alguma chance de sobreviver, porém pequena. Mesmo se vencêssemos Walt estaria condenado. De acordo com Setne, Walt talvez não iria nem mesmo sobreviver a nossa viagem para Saïs.

Eu não precisava de ninguém para me dizer isso. Tudo o que eu tinha que fazer era baixar minha visão para o Duat. A aura cinza doentia girava em torno de Walt, ficando cada vez mais fraca. Quanto tempo, eu me perguntava, antes que ele se transformasse na visão mumificada que eu tinha visto em Dallas?

Então, novamente, houve a outra visão que eu tinha visto no Salão do Julgamento. Depois de falar com o guardião chacal, Walt se voltou para mim, e só por um momento, eu achava que ele era...

— Anúbis queria estar lá — Walt interrompeu meus pensamentos. — Quero dizer, no Salão do Julgamento, ele queria estar lá por você, se isso é o que você estava pensando a respeito.

Fiz uma careta. — Eu estava pensando sobre você, Walt Stone. Você está correndo contra o tempo, e nós não tivemos uma conversa boa sobre isso.

Mesmo dizer isso era difícil.

Walt arrastou os pés na água. Ele colocou seus sapatos para secar na cauda de Filipe. Os pés dos garotos não são algo que eu acho atraente, especialmente quando acabaram de ser tirados de meias sujas. No entanto, os pés de Walt eram bastante agradáveis. Seus dedos tinham quase a mesma cor do lodo girando no Nilo.

(Carter está se queixando de meus comentários sobre os pés de Walt. Bem, perdoem-me. Era mais fácil se concentrar em seus dedos do pé do que no olhar triste de seu rosto!)

— Hoje, o mais tardar —, disse ele. — Mas, Sadie, está tudo bem.

A raiva cresceu dentro de mim, me pegando de surpresa.

— Pare com isso! — Eu rebati. — Não está nem um pouco perto de tudo bem! Oh, sim, você me disse que você é grato por ter me conhecido, e por ter aprendido magia na Casa do Brooklin, e ajudado na luta contra Apófis. Tudo muito nobre. Mas não está... — a minha voz se quebrou. — Não está tudo bem.

Bati meu punho nas costas escamosas de Philip, o que não era justo com o crocodilo. Gritar com Walt não era justo também. Mas eu estava cansada de tragédias. Não fui projetada para toda essa perda, sacrifício e tristeza horríveis. Eu queria jogar meus braços em torno de Walt, mas havia um muro entre nós, esse conhecimento que ele estava condenado. Meus sentimentos por ele eram tão misturados, eu não sabia se eu era impulsionada pela simples atração, ou culpa ou (se assim posso dizer) amor ou determinação obstinada para não perder alguém com quem eu me importava.

— Sadie... — Walt olhou através dos pântanos. Ele parecia bastante desamparado, e eu suponho que eu não podia culpá-lo. Eu estava sendo um pouco impossível.

— Se eu morrer por algo que eu acredito... tudo bem para mim. Mas a morte não tem que ser o fim. Estive conversando com Anúbis, e...

— Deuses do Egito, isso de novo não! — Eu disse. — Por favor, não fale sobre ele. Eu sei exatamente o que ele está lhe dizendo.

Walt pareceu surpreso. — Você sabe? E... você não gosta da ideia?

— Claro que não! —, Eu gritei.

Walt parecia absolutamente cabisbaixo.

— Oh, saia dessa! — Eu disse. — Eu sei que Anúbis é o guia dos mortos. Ele está preparando-o para a vida futura. Ele lhe disse que vai estar tudo bem. Você vai morrer de uma morte nobre, obter um julgamento rápido, e ir em linha reta para o Paraíso do Antigo Egito. Maravilhosamente sanguinário! Você vai ser um fantasma como a minha pobre mãe. Talvez não seja o fim do mundo para *você*. Se isso faz você se sentir melhor sobre o seu destino, então tudo bem. Mas eu não quero ouvir sobre isso. Eu não preciso de outra... outra pessoa que eu não posso estar junto.

Meu rosto estava queimando. Já era ruim o suficiente que minha mãe fosse um espírito. Eu nunca poderia abraçá-la corretamente novamente, nunca ir às compras com ela, nunca poderia obter aconselhamento sobre coisas de garotas. Ruim o suficiente que eu tinha sido cortada de Anúbis, o horrivelmente frustrante deus lindo que tinha enrolado o meu coração em nós. No fundo, eu sempre soube que um relacionamento com ele era impossível dada a nossa diferença de idade – cinco mil anos ou algo assim – mas os outros deuses terem-no decretado fora dos limites apenas esfregava sal na ferida.

Agora pensar em Walt como um espírito, também fora do alcance era simplesmente demais.

Eu olhei para ele, com medo de que meu comportamento malcriado o fizesse se sentir ainda pior.

Para minha surpresa, ele abriu um sorriso. Então ele riu.

— O quê? — Eu exigi.

Ele dobrou-se, ainda rindo, o que eu achei bastante imprudente.

— Você acha isso engraçado? —, Gritei. — Walt Stone!

— Não... — Ele abraçou seus lados. — Não, é só... Você não entende. Não é bem assim.

— Bem, então como é que é?

Ele conseguiu o controle de si mesmo. Ele parecia estar juntando seus pensamentos quando seu íbis branco mergulhou do céu. Ele desembarcou na cabeça de Philip, bateu suas asas e grasnou.

O sorriso de Walt derreteu. — Estamos aqui. As ruínas de Saïs.

Philip nos levou à praia. Nós colocamos os nossos sapatos e atravessamos o terreno pantanoso. À nossa frente estendia-se uma floresta de palmeiras, nebulosa na luz da tarde. Garças voaram. Abelhas pretas e laranjas pairavam sobre as plantas de papiro.

Uma abelha pousou no braço de Walt. Várias outras circularam sua cabeça.

Walt parecia mais perplexo do que preocupado. — A deusa que deve viver por aqui, Neith... ela não tem algo a ver com abelhas?

— Não faço ideia. — Eu admiti. Por alguma razão, eu senti o desejo de falar calmamente.

[Sim, Carter. Foi a *primeira vez* para mim. Obrigado por perguntar.]

Olhei através da floresta de palmeiras. Ao longe, eu pensei que vi uma clareira com alguns grupos de tijolos de barro que furavam acima da grama como dentes podres.

Eu os mostrei para Walt. — Os restos de um templo?

Walt deve ter sentido o mesmo instinto de cautela que eu tive. Ele agachou na grama, tentando diminuir o seu perfil. Então ele olhou de volta nervosamente para Philip da Macedônia.

— Talvez a gente não devesse ter um crocodilo de três mil quilos pisando na floresta com a gente.

— Concordo. — Eu disse.

Ele sussurrou uma palavra de comando. Philip encolheu-se em uma estatueta de cera pequena. Walt embolsou nosso crocodilo, e começamos a ir furtivamente em direção às ruínas.

Quanto mais perto chegávamos, mais abelhas enchiam o ar. Quando chegamos à clareira, encontramos uma colônia inteira, como um tapete vivendo ao longo de um conjunto de ruínas de paredes de tijolos de barro.

Ao lado delas, sentada em um bloco de pedra, uma mulher inclinava-se sobre um arco, desenhando na sujeira com uma flecha.

Ela era linda de certo jeito – forma fina e pálida, com altas maçãs do rosto, olhos encovados, e as sobrancelhas arqueadas, como uma supermodelo andando na linha entre glamorosa e desnutrida. Seu cabelo era preto brilhante, trançado em ambos os lados com pedras com pontas de seta. Sua expressão altiva parecia dizer: *Eu sou muito legal para até olhar para você.*

Não havia nada de glamoroso em suas roupas, no entanto. Ela estava vestida para caçar no deserto, de cor uniforme – bege,

marrom e ocre. Várias facas estavam penduradas no seu cinto. Uma aljava estava amarrada às suas costas, e seu arco parecia uma arma muito séria polida em madeira entalhada com hieróglifos do poder.

O mais preocupante de tudo, ela parecia estar esperando por nós.

— Vocês são barulhentos — ela reclamou. — Eu poderia ter lhes matado uma dúzia de vezes.

Olhei para Walt, depois de volta para a caçadora. — Hm... obrigada? Por não nos matar, eu quero dizer.

A mulher bufou. — Não me agradeça. Você terá que fazer melhor do que isso, se você quiser sobreviver.

Eu não gostei do som disso, mas de um modo geral, eu não perguntava à mulheres fortemente armadas sobre tais declarações.

Walt apontou para o símbolo que a caçadora estava desenhando na sujeira – quatro pontos ovais, como ovos.

— Você é Neith — Walt falou adivinhando. — Esse é o seu símbolo, o escudo com setas cruzadas.

A deusa ergueu as sobrancelhas. — Pensou muito? É claro que sou Neith. E, sim, esse é o meu símbolo.

— Parece um besouro —, eu disse.

— Não é um besouro! — Neith rosnou. Atrás dela, as abelhas tornaram-se agitadas, rastejando sobre os tijolos de barro.

— Você está certa — eu decidi. — Não é um besouro.

Walt estalou o dedo como se tivesse acabado de ter um pensamento. — As abelhas... eu me lembro agora. Esse era o nome de seu templo... A Casa da Abelha.

— As abelhas são caçadoras incansáveis — Neith disse. — Guerreiras destemidas. Eu sou como as abelhas.

— Uh, quem não é? — Eu ofereci. — Pequenas, charmosas... barulhentas. Mas veja, estamos aqui em uma missão.

Comecei a explicar sobre Bes e sua sombra. Neith me cortou com um aceno de sua seta. — Eu sei por que você está aqui. Os outros me disseram.

Eu umedeci meus lábios. — Os outros?

— Magos da Rússia —, disse ela. — Eles eram presas terríveis. Depois deles, alguns demônios apareceram. Eles não eram muito melhores. Todos eles queriam matá-los.

Eu andei um passo mais perto de Walt. — Entendo. E assim você...

— Os destruí, é claro, — Neith disse.

Walt fez um som que estava entre um grunhido e um choramingar. — Os destruiu por que... eram maus? — Disse esperançoso. — Você sabia que os demônios e os magos estavam trabalhando para Apófis, certo? É uma conspiração.

— Claro que é uma conspiração — Neith disse. — Estão todos dentro dela... os mortais, os magos, os demônios, os coletores de impostos. Mas eu sei qual a deles. Qualquer pessoa que invade meu território paga. — Ela me deu um sorriso rígido. — Eu pego troféus.

De sob a gola de sua jaqueta militar, ela cavou um colar. Eu estremeci, esperando ver alguns pedaços sangrentos de... Bem, eu nem sequer quero dizer. Em vez disso, o cordão estava amarrado com esfarrapados quadrados de tecido – brim, linho, seda.

— Bolsos — confidenciou Neith, com um brilho perverso em seus olhos.

As mãos de Walt foram instintivamente para os lados de suas calças de treino. — Você, hum... tomou seus bolsos?

— Você me acha cruel? — Neith perguntou. — Oh, sim, eu recolhi os bolsos dos meus inimigos.

— Assustador — eu disse. — Eu não sabia que os demônios tinham bolsos.

— Oh, sim. — Neith olhou em qualquer direção, aparentemente para ter certeza de que ninguém estava escutando. — Você apenas tem que saber onde olhar.

— Certo... — eu disse. — Enfim, nós viemos para encontrar a sombra de Bes.

— Sim — disse a deusa.

— E eu entendo que você é uma amiga de Bes e de Tawaret.

— Isso é verdade. Eu gosto deles. Eles são feios. Eu não acho que eles são da conspiração.

— Oh, definitivamente não! Então você poderia, talvez, nos mostrar onde a sombra de Bes está?

— Eu poderia. Ela habita em meu reino... nas sombras dos tempos antigos.

— Mas... o que *agora*?

Eu me arrependi *tanto* de perguntar.

Neith pegou sua flecha e atirou em direção ao céu. Quando navegou para cima, o ar ondulou. Uma propagação de ondas de

choque se espalhou em toda a paisagem, e eu me senti momentaneamente tonta.

Quando eu pisquei, descobri que o céu da tarde tinha virado um azul mais brilhante, listrado com as nuvens de laranja. O ar estava fresco e limpo. Bandos de gansos voavam acima. As palmeiras estavam mais altas, a grama estava mais verde.

[Sim, Carter, eu sei que parece bobagem. Mas a grama era realmente *mais* verde do outro lado.]

Onde havia ruínas de tijolos de barro, agora estava um templo altivo. Walt, Neith e eu estávamos fora das muralhas, que subia dez metros e brilhava branca e brilhante sob o sol. Todo o complexo deveria ter pelo menos um quilômetro quadrado. Meio caminho para baixo na parede à esquerda, uma porta brilhava com filigranas de ouro. Uma estrada forrada com esfinges de pedra levava para o rio, onde veleiros estavam ancorados.

Desorientador? Sim. Mas eu tive uma experiência semelhante uma vez antes, quando eu tinha tocado nas cortinas de luz no Salão das Eras.

— Estamos no passado? — Eu imaginei.

— Uma sombra dele — Neith disse. — A memória. Este é o meu refúgio. Pode ser o seu cemitério, a menos que sobrevivam da caça.

Eu fiquei tensa. — Você quer dizer... você irá nos caçar? Mas não somos seus inimigos! Bes é seu amigo. Você deveria estar nos ajudando!

— Sadie está certa — disse Walt. — Apófis é seu inimigo. Ele vai tentar destruir o mundo amanhã de manhã.

Neith bufou. — O fim do mundo? Eu vi isso vindo por eras. Vocês simples mortais tem ignorado os sinais de alerta, mas eu estou preparada. Eu tenho um abrigo subterrâneo estocado com alimentos, água limpa, armas e munições suficientes para segurar um exército zumbi.

Walt ergueu as sobrancelhas. — Um exército zumbi?

— Você nunca sabe! — Neith rebateu. — O ponto é, eu vou sobreviver ao apocalipse. Eu posso viver fora da terra! — Ela apontou um dedo para mim. — Você sabia que a palmeira tem seis diferentes partes comestíveis?

— Hm...

— E eu nunca vou ficar entediada, — Neith continuou — já que eu também sou a deusa da tecelagem. Eu tenho cordas o suficiente para um milênio de macramê!

Eu não tinha nenhuma resposta, já que eu não tinha certeza do que era macramê.

Walt levantou as mãos. — Neith, isso é ótimo, mas Apófis está se erguendo amanhã. Ele vai engolir o sol, mergulhar o mundo em trevas, e deixar toda a terra desmoronar de volta para o mar de Caos.

— Estarei a salvo no meu abrigo — Neith insistiu. — Se você puder provar para mim que você é amigo e não inimigo, talvez eu vá te ajudar com Bes. Depois, vocês podem se juntar a mim no abrigo. Eu vou lhes ensinar habilidades de sobrevivência. Vamos comer rações e tecer roupas novas com os bolsos dos nossos inimigos!

Walt e eu trocamos olhares. A deusa era maluca. Infelizmente, precisávamos de sua ajuda.

— Então você quer nos caçar — disse. — E supostamente temos que sobreviver...

— Até o pôr do sol — disse ela. — Evite-me neste tempo, e você pode viver no meu abrigo.

— Eu tenho uma contraproposta — eu disse rapidamente. — Sem abrigo. Se nós ganharmos, você nos ajuda a encontrar a sombra de Bes, mas você também vai lutar no nosso lado contra Apófis. Se você é realmente uma deusa da guerra e uma caçadora e tudo isso, você deve desfrutar de uma boa batalha.

Neith sorriu. — Feito! Eu vou mesmo dar-lhe uma vantagem de cinco minutos para começar. Mas devo avisá-los: Eu nunca perdi. Quando eu os matar, eu vou ter seus bolsos!

— Você conduz uma barganha difícil — disse. — Mas tudo bem.

Walt me deu uma cotovelada. — Hum, Sadie...

Eu atirei para ele um olhar de advertência. Tanto quanto eu via, não havia nenhuma maneira de que nós poderíamos escapar desta caça, mas eu tinha uma ideia de como poderíamos nos manter vivos.

— Vamos começar! — Neith chorou. — Você pode ir a qualquer lugar no meu território, que é basicamente o delta inteiro. Não importa. Eu vou encontrá-los.

Walt disse, — Mas...

— Quatro minutos agora — Neith disse.

Fizemos a única coisa sensata. Nos viramos e corremos.

— O que é macramê? — Eu gritei enquanto corríamos através dos juncos.

— Uma espécie de tecelagem — disse Walt. — Por que estamos falando disso?

— Não sei — eu admiti. — Apenas co...

O mundo virou de cabeça para baixo, ou melhor, eu virei. Encontrei-me pendurada em uma rede de fio áspero com meus pés no ar.

— *Isso* é macramê. — disse Walt.

— Adorável. Tire-me daqui!

Ele puxou uma faca de sua mochila – garoto prático – e conseguiu libertar-me, mas eu contei que tínhamos perdido a maior parte de nossa vantagem. O sol estava mais baixo no horizonte, mas quanto tempo teríamos para sobreviver? Trinta minutos? Uma hora?

Walt vasculhou sua mochila e considerou brevemente o crocodilo branco de cera. — Philip, talvez?

— Não, — eu disse. — Não podemos lutar com Neith só com as mãos. Temos que evitá-la. Podemos nos dividir...

— Tigre. Barco. Esfinge. Camelos. Invisibilidade não — Walt murmurou, examinando seus amuletos. — Por que eu não tenho um amuleto para invisibilidade?

Estremeci. A última vez que eu tentei invisibilidade, não tinha ido muito bem.

— Walt, ela é uma deusa da caça. Nós provavelmente não poderíamos enganá-la com qualquer tipo de feitiço de ocultação, mesmo se você tivesse um.

— Então o quê? — Perguntou ele.

Eu coloquei meu dedo no peito de Walt e bati no amuleto que ele não estava considerando – um colar que era o irmão gêmeo do meu.

— Os amuletos *shen*? — Ele piscou. — Mas como eles podem ajudar?

— Nós nos dividimos e ganhamos tempo — eu disse. — Podemos compartilhar pensamentos através dos amuletos, certo?

— Bem... sim.

— E eles podem nos teletransportar um ao lado do outro, certo?

Walt franziu a testa. — Eu... eu os projetei para isso, mas...

— Se nos separamos — eu disse — Neith terá que escolher um de nós para acompanhar. Ficamos tão distantes quanto possível. Se ela me encontrar primeiro, você me teletransporta para fora de perigo, com o amuleto. Ou vice versa. Em seguida, dividimo-nos novamente, e nós continuamos.

— É brilhante — Walt admitiu. — Se os amuletos funcionarem rápido o suficiente. E se pudermos manter a conexão mental. E se Neith não matar um de nós antes que possamos pedir ajuda. E...

Eu coloquei meu dedo em seus lábios. — Vamos deixar por 'isso é brilhante'.

Ele balançou a cabeça, então me deu um beijo apressado. — Boa sorte.

O garoto bobo não deveria fazer coisas como essa quando eu preciso ficar focada. Ele partiu para o norte e, depois de um momento confuso, eu corri para o sul.

Botas macias de combate não são as melhores para se esgueirar por aí.

Eu considerei vadear no rio, pensando que talvez a água fosse obscurecer meu caminho, mas eu não queria ir para um mergulho sem saber o que estava sob a superfície – cobras, crocodilos, espíritos do mal. Carter me disse uma vez que os egípcios mais antigos não sabiam nadar, o que pareceu ridículo para mim na época. Como pessoas vivendo ao lado de um rio poderiam não saber nadar? Agora eu entendi. Ninguém em sua sanidade quer dar um mergulho naquela água.

(Carter diz que um mergulho no Tamisa ou no Rio East seria quase tão ruim para sua saúde quanto. Tudo bem, ele tem um ponto. [Agora se cale, querido irmão, e deixe-me voltar para a brilhante parte de Sadie-salva-o-dia.])

Corri ao longo das margens, através dos juncos quebrados, pulando através de um crocodilo tomando sol. Eu não me preocupei em verificar se ele estava me perseguindo. Eu tinha predadores maiores com que me preocupar.

Eu não sei quanto tempo eu corri. Pareciam várias milhas. À medida que o rio aumentou, eu desviei para o interior, tentando ficar sob a cobertura das palmeiras. Eu não ouvi nenhum sinal de perseguição, mas eu tinha uma constante coceira no meio de meus ombros, onde eu esperava uma seta.

Eu tropecei através de uma clareira onde alguns egípcios antigos em tangas estavam cozinhando sobre uma fogueira ao lado de uma pequena cabana de palha. Talvez os egípcios fossem apenas sombras do passado, mas eles pareciam reais o suficiente. Eles pareciam bastante surpresos ao ver uma menina loira com roupas de combate tropeçar em seu acampamento. Então eles viram meu

cajado e varinha, e imediatamente se curvaram, colocando suas cabeças na sujeira e murmurando algo sobre *Per Ankh* – Casa da Vida.

— Hum, sim, — eu disse. — Negócios oficiais de *Per Ankh*. Sigam em frente. Tchau.

Eu corri. Eu me perguntava se eu iria aparecer em uma pintura da parede do templo – uma menina loira egípcia com reflexos púrpura no cabelo correndo lateralmente por entre as palmeiras, gritando "Caramba!" em hieróglifos enquanto Neith me perseguia. O pensamento de alguns pobres arqueólogos tentando decifrar isso quase levantou meu ânimo.

Cheguei à beira da floresta de palmeiras e tropecei, parando. Atrás de mim, campos arados espalhavam-se para longe. Nenhum lugar para correr ou esconder.

Eu me voltei.

THUNK!

Uma flecha atingiu a árvore mais próxima com tal força que choveu folhas na minha cabeça.

Walt, pensei desesperadamente, *agora, por favor.*

A vinte metros de distância, Neith levantou-se da grama. Ela tinha lama do rio borrada no rosto. Havia folhas de palmeiras presas em seu cabelo como orelhas de coelho.

— Eu tenho caçado porcos selvagens com mais habilidade do que você —, ela reclamou. — Eu tenho caçado plantas de papiro com mais habilidade!

Agora Walt, pensei. *Querido, querido Walt. Agora.*

Neith balançou a cabeça em desgosto. Ela colocou uma seta no arco. Eu senti uma sensação de puxão no meu estômago, como se eu estivesse em um carro e o motorista de repente pisou nos freios.

Eu encontrei-me sentada em uma árvore ao lado de Walt, em um galho menor de um sicômoro grande.

— Funcionou — ele disse.

Maravilhoso Walt!

Beijei-o apropriadamente – ou tão apropriadamente quanto possível dada a nossa situação. Havia um cheiro doce sobre ele que eu não tinha notado antes, como se tivesse comido flores de lótus. Eu imaginei aquela velha rima escolar:

— Walt e Sadie / sentados em uma árvore / B-E-I-J-A-N-D-O.[31]

Felizmente, alguém que pudesse me provocar ainda estava cinco mil anos no futuro.

Walt respirou fundo. — É um agradecimento?

— Você parece melhor — eu notei. Seus olhos não estavam tão amarelos. Ele parecia estar se movendo com menos dor. Isto deveria deleitar-me, mas em vez disso, fiquei preocupada.

— Aquele cheiro de lótus... você bebeu alguma coisa?

— Eu estou bem. — Ele olhou para longe de mim. — É melhor dividir-nos e tentar novamente.

Isso não me deixou menos preocupada, mas ele estava certo. Nós não tínhamos tempo para conversar. Nós dois saltamos para o chão e partimos em direções opostas.

---

[31] A frase em inglês rima.

O sol estava quase tocando o horizonte. Comecei a sentir-me esperançosa. Certamente não teríamos de aguentar por muito mais tempo.

Eu quase tropecei em outra rede de macramê, mas felizmente eu estava à procura das artes e projetos de artesanato de Neith. Eu evitei a armadilha, empurrando através de um suporte de plantas de papiro, e encontrei-me de volta no templo de Neith.

Os portões dourados estavam abertos. A larga avenida de esfinges levava direto para o complexo. Não havia guardas... Sem sacerdotes. Talvez Neith tivesse matado todos eles e recolhidos seus bolsos, ou talvez eles estivessem todos para baixo no abrigo, se preparando para uma invasão zumbi.

Hmm. Eu considerei que o último lugar que Neith poderia me procurar era em sua base. Além disso, Tawaret tinha visto a sombra de Bes naquelas muralhas. Se eu pudesse encontrar a sombra sem a ajuda de Neith, melhor.

Corri para as portas, mantendo um olhar desconfiado sobre as esfinges. Nenhuma delas veio à vida. Dentro do massivo pátio havia dois obeliscos autônomos com pontas de ouro. Entre eles uma estátua de Neith em trajes do Antigo Egito encarava zangada. Escudos e flechas estavam empilhados ao redor de seus pés como despojos de guerra.

Olhei para as paredes circundantes. Várias escadas levavam até as muralhas. O sol poente criava várias sombras longas, mas eu não vi quaisquer silhuetas anãs óbvias. Tawaret tinha sugerido que eu chamasse a sombra. Eu estava prestes a tentar quando ouvi a voz de Walt em minha mente: *Sadie!*

É muito difícil se concentrar quando a vida de alguém depende de você.

Eu segurei o amuleto *shen* e murmurei:

— Vamos lá. Vamos lá.

Imaginei Walt de pé ao meu lado, de preferência sem setas nele. Eu pisquei e lá estava ele. Ele quase me derrubou com um abraço.

— Ela... ela já teria me matado — Walt engasgou. — Mas ela queria falar primeiro. Ela disse que gostou do nosso truque. Ela ia ter orgulho de matar-nos e tomar nossos bolsos.

— Super — eu disse. — Dividir novamente?

Walt olhou por cima do meu ombro. — Sadie, olhe.

Ele apontou para o canto noroeste das paredes, onde uma torre se projetava das muralhas. Conforme o céu ficou vermelho, sombras lentamente derreteram a partir do lado da torre, mas uma sombra manteve-se – a silhueta de um homem corpulento, com um pouco de cabelo crespo.

Fiquei com medo por termos esquecido o nosso plano. Juntos, corremos para os degraus e escalamos a parede. Em um momento, nós estávamos no parapeito, olhando para a sombra de Bes.

Eu percebi que este deveria ter sido o local exato onde Tawaret e Bes haviam dado as mãos, que Tawaret havia descrito. Bes tinha dito a verdade – ele deixou sua sombra aqui para que ela pudesse ser feliz, mesmo quando ele não estava.

— Oh, Bes... — Meu coração parecia que estava encolhendo em uma cera shabti. — Walt, como é que vamos capturá-lo?

Uma voz atrás de nós disse:

— Vocês não vão.

Viramos. A poucos metros, Neith estava nas muralhas. Duas setas estavam colocadas em seu arco. Nesse intervalo, eu imaginava que ela não teria nenhuma dificuldade para acertar nós dois ao mesmo tempo.

— Uma boa tentativa — ela admitiu. — Mas eu sempre ganho a caça.

14. Diversão com Dupla Personalidade

Um excelente momento para chamar Ísis?

Talvez. Mas mesmo que Ísis me respondesse, duvido que eu pudesse convocar qualquer magia mais rápido do que Neith. E sem chance de eu realmente poder derrotar a caçadora, também tinha o pressentimento que Neith consideraria traição se eu usasse outro poder de deusa contra ela. Provavelmente ela decidiria que eu era parte da conspiração Russa /zumbi /coletor de impostos.

Mesmo tão louca como era Neith, precisávamos de sua ajuda. Ela seria muito mais útil atirando flechas em Apófis do que sentada em seu abrigo fazendo casacos groseiros e fora de moda.

Minha mente vagueou. Como vencer uma caçadora? Eu não sabia muito sobre caçadoras, exceto pelo velho major McNeil, avô do meu amigo, que morava no asilo dos militares reformados e que costumava contar histórias sobre elas... Ah.

— É realmente uma pena, — eu falei.

Neith hesitou como eu esperava que fizesse.

— O que? —, Perguntou ela.

— Seis partes comestíveis de uma palmeira. — Eu ri. — São sete na verdade.

Neith franziu a testa. — Impossível!

— Ah, é? — Eu levantei minhas sobrancelhas. — Alguma vez você já morou em Covent Garden? Alguma vez você já caminhou através das selvas de Camden Lock e viveu para contar sobre isso?

Neith baixou o arco ligeiramente. — Eu não conheço esses lugares.

— Eu achei que não! — Eu disse triunfante. — Oh, as histórias que poderiamos ter compartilhado, Neith. As dicas de sobrevivência. Uma vez eu passei uma semana sem nada, sobrevivendo apenas de biscoitos velhos e suco de Ribena.

— É uma planta?— Neith perguntou.

— Sim, e com todos os nutrientes que você necessita para sobreviver —, eu disse. — Se você souber onde comprar... quero dizer, colher.

Eu levantei a minha varinha, esperando que ela visse isso como uma mudança dramática, não uma ameaça. — Uma vez, no meu abrigo na Estação Charing Cross, eu persegui uma presa mortal conhecida como Jelly Babies[32].

Neith arregalou os olhos. — Eles são perigosos?

— Horríveis —, eu concordei. — Oh, eles parecem pequenos e sozinhos, mas depois aparecem em grande número. Gordinhos, pegajosos, muito mortais. Lá estava eu, sozinha, com apenas duas libras e uma passagem de metrô, cercada por Jelly Babies, quando...

---

[32] Marca de doce.

Ah, mas esquece. Quando os Jelly Babies te encontrarem... você vai dar o seu jeito.

Ela abaixou o arco. — Diga-me. Eu preciso saber como caçar Jelly Babies.

Olhei gravemente para Walt. — Há quantos meses tenho treinado você, Walt?

— Sete —, disse ele. — Quase oito na verdade.

— E eu já te considerei digno de caçar Jelly Babies comigo?

— Uh... não.

— É disso que eu estou falando! — Ajoelhei-me e começei a riscar o chão com minha varinha. — Mesmo Walt não está pronto para tal conhecimento. Eu poderia desenhar para você aqui uma imagem do temido Jelly Babies, ou até mesmo o Deus proibido! - Jacob Digestive Cream[33]. Mas esse conhecimento pode destruir uma caçadora inexperiente.

— Eu sou a deusa da caça! — Neith avançou mais para perto, olhando com admiração para as brilhantes marcas, aparentemente não percebendo que eu estava fazendo hieróglifos de proteção. — Eu sei.

— Bem... — Eu olhei para o horizonte. — Primeiro, você deve compreender a importância do momento.

— Sim! — Neith disse ansiosamente. — Diga-me mais sobre isto.—

— Por exemplo... — Eu bati nos hieróglifos e ativei o meu encanto. — É o pôr do sol. Ainda estamos vivos. Nós ganhamos.

[33] Marca de bolacha.

A expressão de Neith endureceu. — Trapaça!

Ela avançou para mim, mas os glifos de proteção queimaram empurrando a deusa. Ela ergueu seu arco e atirou suas flechas.

O que aconteceu a seguir foi muito surpreendente.

Primeiro, as setas deviam estar muito encantadas, porque eles passaram direito através de minhas defesas. Em segundo lugar, Walt avançou com velocidade impossível. Mais rápido do que eu poderia gritar (*o que eu fiz*), Walt arrebatou as flechas no ar. Elas se desfiizeram em pó cinzento, se espalhando com o vento.

Neith recuou de horror. — É você. Isto é injusto!

— Nós vencemos —, disse Walt. — Honre o seu acordo.

Um olhar passou entre eles que eu não entendi muito bem, uma espécie de embate de força de vontade.

Neith sibilou entre dentes cerrados. — Muito bem. Você pode ir. Quando Apófis chegar, eu vou lutar ao seu lado. Mas eu não vou esquecer que você entrou em meu território, criança de Set. E você...

Ela olhou para mim. — Rogo esta maldição de caçadora: um dia você vai ser enganada por sua presa como eu fui enganada hoje. Que você seja atacada por um bando de selvagens Jelly Babies!

Com essa ameaça terrível, Neith dissolveu-se em uma pilha de barbante.

— Criança de Set? — Apertei os olhos para Walt. — O que significa isso exatamente?

— Cuidado! — Ele alertou. O templo à nossa volta começou a desmoronar. O ar ondulava como em ondas de choque de magia, transformando a paisagem de volta no Egito atual.

Nós mal chegamos à base das escadas. A última parede do templo foi reduzida a um monte de lama de tijolos, mas a sombra de Bes ainda era visível contra ela, lentamente desaparecendo à medida que o sol se punha.

— Precisamos nos apressar —, disse Walt.

— Sim, mas como é que vamos capturá-lo?

Atrás de nós alguém limpou a garganta.

Anúbis inclinou-se contra uma palmeira nas proximidades, com uma expressão sombria. — Sinto muito me intrometer. Mas, Walt... está na hora.

Anúbis estava vestido com uma roupa sport egípcia. Ele usava um colar de ouro, um kilt preto, sandálias e nada mais. Como já mencionei antes, não existem muitos garotos que possam usar esse visual, principalmente com os olhos delineados, mas Anúbis podia.

De repente, sua expressão mudou para alarme. Ele correu para nós. Por um momento eu tive uma visão absurda de mim mesmo na capa de um livro de antigos romances, onde uma pequena donzela está nos braços de um cara semi-vestido e musculoso, enquanto outra fica lançando olhares desejosos. Oh, que escolhas horríveis uma garota tem que fazer! Eu gostaria de ter tido um momento para me limpar. Eu ainda estava coberta de lama seca do rio, barbante e grama, como se eu tivesse entrado num barril de piche e depois jogassem penas em cima de mim.

Então Anúbis me empurrou e agarrou Walt pelos ombros. Bem... Foi inesperado.

No entanto, eu logo percebi que ele queria impedir Walt de entrar em colapso. O rosto de Walt estava encharcado de suor. Sua cabeça caiu para o lado e seus joelhos cederam. Anúbis abaixou-o suavemente até o chão.

— Walt, fique comigo, — Anúbis insistiu. — Temos negócios para terminar.

— Negócios para terminar? — Eu resmunguei. Eu não sei o que aconteceu comigo, mas senti como se fosse apagada da capa do meu próprio livro. E se havia uma coisa que eu não me acostumava era ser ignorada. — Anúbis, o que você está *fazendo aqui*? O que está acontecendo entre vocês dois? *E que maldito negocio é este?*

Anúbis franziu a testa para mim, como se tivesse esquecido minha presença. Isso não fez muito para ajudar o meu humor. — Sadie...

— Eu tentei dizer para ela, — Walt gemeu. Anúbis o ajudou a sentar-se, apesar de Walt ainda parecer horrível.

— Eu compreendo —, disse Anúbis. — Não teve a oportunidade de dizer nada, não foi?

Walt conseguiu dar um sorriso fraco. — Você devia tê-la visto falando para Neith sobre os Jelly Babies. Ela era como... eu não sei... um trem de carga verbal. A deusa nunca teve uma chance.

— Sim, eu vi —, disse Anúbis. — Foi bem legal, mas tipo meio irritante.

— Desculpe? — Eu não tinha certeza qual deles que eu deveria estapear primeiro.

— E quando ela fica vermelha daquele jeito, — Anúbis acrescentou, como se eu fosse um espécime interessante.

— Fofa —, Walt concordou.

— Então você já decidiu? — Anúbis perguntou a ele. — Esta é a nossa última chance.

— Sim. Eu não posso deixá-la.

Anúbis balançou a cabeça e apertou o seu ombro. — Nem eu posso. Mas a sombra primeiro certo?

Walt tossiu, seu rosto se contorcendo de dor. — Sim. Antes que seja tarde demais.

Eu não podia fingir que eu estava pensando claramente, mas uma coisa era óbvia: os dois haviam conversado pelas minhas costas muito mais do que eu percebi. O que por deuses eles haviam conversado sobre mim? Esqueça Apófis engolir o sol – *Este* era o meu maior pesadelo.

Como eles *ambos* não podiam me deixar? Ouvir isso de um garoto moribundo e um deus da morte, parecia bastante ameaçador. Eles formaram uma espécie de conspiração...

Oh, deuses. Eu estava começando a pensar como Neith. Logo eu estaria amontoada em um abrigo subterrâneo comendo rações do exército e dando risadas enquanto costurava juntos os bolsos de todos os meninos que tinham me abandonado.

Com dificuldade, Anúbis ajudou Walt a com a sombra de Bes, que agora desaparecia rapidamente no crepúsculo.

— Você pode fazer isso? — Anúbis perguntou.

Walt murmurou algo que eu não consegui entender. Suas mãos tremiam, mas ele puxou um bloco de cera de sua bolsa e começou a moldá-lo em um *shabti*. — Setne faz isso parecer tão

complicado, mas eu não acho. É simples. Não admira que os deuses queiram que esse conhecimento fique fora de mãos mortais.

— Desculpe-me, — eu interrompi.

Ambos olharam para mim.

— Oi, eu sou Sadie Kane, — eu disse. — Eu não quero interromper essa conversa íntima, mas que *droga* vocês estão fazendo?

— Capturando a sombra do Bes, — Anúbis me disse.

— Mas... — Eu não conseguia falar nada. Eu havia sido uma locomotiva verbal e agora eu me tornei uma locomotiva verbal descarrilhada. — Mas, se esse é o negócio que vocês estavam falando, então o que era tudo aquilo sobre uma *decisão*, e me *deixar*, e...

— Sadie —, Walt disse, — vamos perder a sombra se eu não agir agora. Você precisa observar o feitiço, assim você pode fazer o mesmo com a sombra da serpente.

— Você não vai morrer, Walt Stone. Eu o proíbo.

— É um encantamento simples —, continuou ele, ignorando completamente o meu apelo. — São convocações normais, com as palavras *sombra de Bes* substituído por Bes. Depois, a sombra é absorvida e você vai precisar de um feitiço para prendê-la. Em seguida...

— Walt, pare com isso!

Ele estava tremendo tanto que seus dentes batiam. Como ele poderia pensar em dar-me uma lição magia agora?

— ...em seguida, para a execração —, disse ele, — você precisa estar na frente de Apófis. O ritual é exatamente o mesmo. Setne

mentiu sobre essa parte, não há nada especial sobre o seu encantamento. A única parte difícil é encontrar a sombra. Para Bes, basta inverter o feitiço. Você deve ser capaz de lançá-lo à distância, já que é um feitiço benéfico. A sombra vai querer ajudá-lo. Mande o *sheut* para encontrar Bes, e isso deve... deve trazê-lo de volta.

— Mas...

— Sadie. — Anúbis colocou os braços em volta de mim. Seus olhos castanhos estavam cheios de compaixão. — Não o faça falar mais do que ele deve. Ele precisa da força dele para esta magia.

Walt começou a cantar. Ele ergueu o pedaço de cera, que agora se assemelhava a um Bes em miniatura, e apertou-a contra a sombra na parede.

Eu soluçava. — Mas ele vai morrer!

Anúbis me segurou. Ele cheirava a incenso de templo e âmbar e outras fragrâncias antigas.

— Ele nasceu sob a sombra da morte, — Anúbis disse. — É por isso que nós nos entendemos. Ele teria desmoronado muito antes de agora, mas Jaz deu-lhe uma ultima poção para conter a dor... para dar-lhe uma explosão final de energia em caso de emergência.

Lembrei-me do cheiro doce de lótus no hálito de Walt. — Ele tomou apenas agora. Quando estávamos correndo de Neith.

Anúbis assentiu. — Ele está esgotado, só vai ter energia suficiente para terminar este o feitiço.

— Não! — Eu quis gritar e bater nele, mas tive medo de derreter e chorei ao invés disso. Anúbis abrigou-me em seus braços, e eu gritei como uma garotinha.

Eu não tenho nenhuma desculpa. Eu simplesmente não podia suportar a ideia de perder Walt, mesmo para trazer de volta Bes. Só por uma vez, eu não poderia ter sucesso em algo sem um sacrifício enorme?

— Você tem que assistir. — Anúbis me disse. — Aprenda o feitiço. É a única maneira de salvar Bes. E você vai precisar do mesmo encanto para capturar a sombra da serpente.

— Eu não me importo! — Eu chorei, mas eu assisti.

Então conforme Walt cantou, a estatueta absorveu a sombra do Bes, como uma esponja absorvendo o líquido. A cera ficou negra como Kohl.

— Não se preocupe, — Anúbis disse suavemente. — A morte não será o fim para ele.

Bati no peito dele sem muita força. — Eu não quero ouvir isso! Você não deveria nem estar aqui. Os deuses não colocaram uma ordem de restrição em você?

— Eu não deveria estar perto de você — concordou Anúbis. — Porque eu não tenho uma forma mortal.

— Como, então? Não há nenhum cemitério. Este não é o seu templo.

— Não — Anúbis admitiu. Ele acenou para Walt. — Olha.

Walt terminou seu feitiço. Ele falou uma palavra de comando:

— *Hi-Nehm*.

O hieróglifo para Junte-se brilhou prateado contra a cera escura:

Foi o mesmo comando que eu tinha usado para reparar a loja de presentes em Dallas, o mesmo comando que tio Amós tinha usado no Natal passado quando ele demonstrou como consertar um pires quebrado. E com uma certeza horrível, eu sabia que seria a último feitiço que Walt iria lançar.

Ele caiu para frente e eu corri para o lado dele. Embalei sua cabeça em meus braços. Sua respiração era irregular.

— Funcionou —, ele murmurou. — Agora... envie a sombra de Bes. Você vai ter que...

— Walt, por favor, — eu disse. — Podemos chegar ao Primeiro Nomo. Os curandeiros podem ser capazes de...

— Não, Sadie... — Ele apertou a estatueta em minhas mãos. — Rápido.

Eu tentei me concentrar. Isso foi quase impossível, mas eu consegui reverter à formulação de uma execração. Eu canalizei poder na estatueta e imaginei Bes como ele um dia foi. Instiguei a sombra para encontrar seu mestre, para despertar a sua alma. Em vez de apagar Bes deste mundo, eu tentei trazê-lo de volta, desta vez com tinta permanente.

A estatuleta de cera se transformou em fumaça e desapareceu.

— Funcionou? — Eu perguntei.

Walt não respondeu. Seus olhos estavam fechados. Ele permaneceu imóvel.

— Oh, por favor... não. — Eu abracei sua cabeça, que foi rapidamente esfriando — Anúbis, faça alguma coisa!

Nenhuma resposta. Eu me virei e Anúbis tinha sumido.

— Anúbis —, eu gritei tão alto que ecoou pelas falésias distantes.

Eu coloquei Walt no chão tão delicadamente quanto pude. Levantei-me e fiz um círculo em volta do seu corpo, meus punhos cerrados. — É isso? — Eu gritei para o vazio. — Você leva a alma dele e desaparece? Eu te odeio!

De repente Walt tossiu e abriu os olhos.

Eu soluçava de alívio.

— Walt! — Ajoelhei-me ao lado dele.

— O portão —, disse ele com urgência.

Eu não sabia o que ele queria dizer. Talvez ele estivesse tendo algum tipo de visão de quase-morte? Sua voz soou mais clara, livre de dor, mas ainda fraca. — Sadie, rápido. Você sabe o feitiço agora. Ele vai funcionar na... na sombra da serpente.

— Walt, o que aconteceu? — Eu esfreguei as lágrimas do meu rosto. — Que portão?

Ele apontou debilmente. A poucos metros, um portal de trevas pairava no ar. — A missão toda era uma armadilha —, disse ele. — Setne... Eu vejo seu plano agora. Seu irmão precisa de sua ajuda.

— Mas e você? Venha comigo!

Ele balançou a cabeça. — Eu ainda estou muito fraco. Eu farei o meu melhor para convocar reforços para você no Duat, pois você vai precisar deles, mas eu mal consigo me mover. Vou te encontrar

ao amanhecer, no Primeiro Nomo, se tiver certeza de que não me odeia.

— Te odeio? — Eu estava completamente perplexa. — Por que diabos eu iria odiar você?

Ele sorriu tristemente, um sorriso que não era bem dele.

— Olhe —, disse ele.

Levei um momento para entender. Um sentimento frio tomou conta de mim. Como Walt sobreviveu? Onde estava Anúbis? E o que eles estiveram conspirando?

Neith tinha chamado Walt de criança de Set, mas ele não era. A única criança de Set era Anúbis.

Tentei dizer a ela, Walt disse.

Ele nasceu sob a sombra da morte, Anúbis disse para mim. *É por isso que nós nos entendemos.*

Eu não queria, mas eu baixei minha visão para o Duat e onde Walt estava deitado vi uma pessoa diferente, como uma imagem sobreposta... Um jovem deitado fraco e pálido, com um colar de ouro e um kilt egípcio preto, com familiares olhos castanhos e um sorriso triste. Ainda mais profundo, eu vi o brilho cinza incandescente de um deus – a forma com cabeça de chacal de Anúbis.

— Ah não... não. — Levantei-me e tropecei para longe dele. *Deles*. Muitas peças do quebra-cabeça se encaixaram de uma vez. Minha cabeça estava girando. A habilidade de Walt transformar as coisas em pó... Era o caminho de Anúbis. Ele estava canalizando o poder do deus durante meses. A amizade deles, as discussões, a *outra* maneira que Anúbis sugeriu para salvar Walt...

— O que você fez? — Eu olhei para ele com horror. Eu não estava certa nem do que chamá-lo.

— Sadie, sou eu —, disse Walt. — Continuo sendo eu.

No Duat, Anúbis falou em uníssono:

— Continuo sendo eu.

— Não! — Minhas pernas tremiam. Eu me senti traída e enganada. Senti como se o mundo já estivesse se desintegrando no mar de caos.

— Eu posso explicar —, disse ele em duas vozes. — Mas Carter precisa de sua ajudar. Por favor, Sadie...

— Pare com isso! — Eu não estou orgulhosa de como eu agi, mas eu me virei e fugi, pulando direto pelo portal de trevas. Naquele momento eu nem sequer me importava aonde ele iria me levar, só que fosse longe daquela criatura imortal que eu tinha pensado que amava.

15. Eu me Torno um Chipanzé Roxo

Jelly Babies? Sério?

Eu não tinha ouvido essa parte. Minha irmã nunca para de me surpreender – [e não, Sadie, isso também não foi um elogio.]

De qualquer modo, enquanto Sadie estava tendo seu problema sobrenatural com caras, eu estava enfrentando um capitão de barco machado assassino que aparentemente queria mudar seu nome para Lâmina-Ainda-Mais-Ensanguentada.

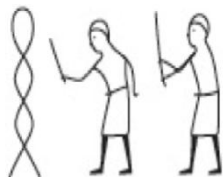
— Para trás, — eu disse ao demônio. — Isso é uma ordem.

Bloodstained Blade fez um zumbido que poderia ser uma risada. Ele balançou sua cabeça para a esquerda – como um movimento do Elvis – e fez um buraco na parede. Depois ele voltou a olhar para mim, com lascas sobre seus ombros.

— Eu tenho outras ordens, — ele zumbiu. — Ordens para matar.

Ele investiu como um touro. Depois de toda a bagunça pela qual passamos no *Serapeum*, um touro era a última coisa com a qual eu queria lidar.

Eu ergui meu punho. — *Há-wi*!

O hieróglifo para *Bater* brilhou entre nós:

Um punho de energia azul se chocou contra Bloodstained Blade, empurrando-o direto pela porta e através da parede da cabine em frente. Um golpe como esse teria nocauteado um humano, mas eu podia ouvir Bloodstained Blade se levantando dos escombros, resmungando com raiva.

Eu tentei pensar. Teria sido bom continuar atacando-o com aquele hieróglifo de novo e de novo, mas a magia não funciona desse jeito. Uma vez dita, uma palavra divina não pode ser usada novamente por vários minutos, às vezes até horas.

Além disso, as palavras divinas são magias top de linha. Alguns mágicos demoram anos para dominar um único hieróglifo. Eu aprendi da pior maneira que dizê-las muitas vezes faz você gastar energia muito rápido, e eu não tinha muita para gastar.

Primeiro problema: manter o demônio longe de Zia. Ela ainda estava semiconsciente e totalmente indefesa. Eu invoquei o máximo de magia que eu consegui e disse:

— N'dah! — Proteção.

Energia azul brilhou ao redor dela. Eu tive uma lembrança horrível de quando eu a encontrei em sua tumba aquática na primavera passada. Se ela acordasse envolta em energia azul e pensasse que estava aprisionada de novo...

— Ah, Zia, — eu disse. — Eu não queria...

— Matar! — Bloodstained Blade se levantou dos destroços do quarto oposto. Um travesseiro de penas estava empalado em sua cabeça, derramando penas de ganso em todo seu uniforme.

E corri para a sala e fui em direção as escadas, olhando para trás para ter certeza de que o capitão estava vindo atrás de mim e não de Zia. Para minha sorte – ele estava bem na minha cola.

Eu cheguei ao convés e gritei:

— Setne!

O fantasma não podia ser visto em lugar nenhum. A tripulação de luzes estava enlouquecida, zumbindo por ali freneticamente, indo de encontro com as paredes, fazendo giros em volta das chaminés, abaixando e levantando a prancha sem razão alguma. Eu acho que sem Bloodstained Blade para lhes dar direções, eles estavam perdidos.

O barco começou a descer o Rio da Noite, tecendo a corrente como um bêbado. Nós deslizamos por entre duas pedras irregulares que teriam pulverizado o casco, e nós caímos em uma cascata com um tremor que me fez bater os dentes. Eu olhei para a cabine do leme e não vi ninguém dirigindo o barco. Era um milagre nós ainda não termos batido. Eu tinha que tomar o controle do barco.

Eu corri para as escadas.

Quando eu estava na metade do caminho, Bloodstained Blade apareceu do nada, ele usou sua cabeça para me golpear na barriga, fazendo um corte na minha camisa. Seu eu tivesse uma barriga grande – não, eu não quero pensar sobre isso. Eu tropecei para trás, pressionando minha mão sobre minha barriga. Ele tinha apenas cortado minha pele, mas a visão do meu sangue em meus dedos me fez me sentir fraco.

Pouco guerreiro, eu me repreendi.

Felizmente, Bloodstained Blade tinha prendido sua cabeça de machado na parede. Ele ainda estava tentando soltá-la, resmungando.

— Novas ordens: *Mate Carter Kane. Levê-o até a Terra dos Demônios. Tenha certeza de que seja uma viagem só de ida.*

A Terra dos Demônios?

Eu subi as escadas e entrei na cabine do leme.

Em toda volta do barco, o rio tinha se transformado em corredeiras. Um pilar de pedra surgiu do nevoeiro e raspou o barco à estibordo, arrancando parte do gradeamento do barco. Nós giramos para os lados e tomamos velocidade. Em algum lugar à nossa frente, eu ouvi a som de milhões de litros de água caindo no esquecimento. Nós estávamos indo em direção a uma cachoeira.

Eu procurei desesperadamente pela margem. Era difícil ver através da neblina densa e do cinza sombrio do Duat, mas à um centena de metros mais ou menos fora da curva, eu pensei ter visto fogueiras, e uma linha escura que poderia ser a praia.

A Terra dos Demônios soava má, mas não tão ruim do que cair de uma cachoeira e ser esmagado em pedaços. Eu arranquei o cabo do alarme e o amarei ao leme na posição que nos levaria à costa.

— Matar Kane!

A bota bem polida do capitão me acertou nas costelas me enviando direto pela janela da porta. Vidro quebrado arranhou minhas costas e minhas pernas. Eu ricocheteei em uma das quentes chaminés e caí duro no deck.

Minha visão ficou embaçada. O corte no meu estômago estava pinicando. Eu sentia como se minhas pernas tivessem sido usadas como brinquedo de mastigar de um tigre, e julgando pela dor quente no meu lado, eu podia ter quebrado algumas costelas durante a queda.

De todas, essa não era minha melhor experiência de combate.

Olá? Hórus falou na minha mente. *Alguma intenção de pedir ajuda, ou você está feliz em morrer por conta própria?*

É, eu disse de volta para ele. *O sarcasmo é realmente útil.*

Sinceramente, eu não achava que tinha forças suficientes para usar meu avatar, mesmo com a ajuda de Hórus. Minha luta com o Touro Apis tinha quase me feito desmaiar, e isso foi antes de eu ser perseguido por um demônio machado e ser chutado para fora de uma janela.

Eu podia ouvir Bloodstained Blade pisando, de volta, descendo as escadas. Eu tentei me levantar, e quase desmaiei com a dor.

Uma arma, eu disse à Hórus. *Eu preciso de uma arma.*

Eu alcancei o Duat e retirei uma pena de avestruz.

— Sério? — Eu gritei.

Hórus não respondeu.

Enquanto isso, a tripulação de luzes se uniu ali perto em pânico, enquanto o barco ia em direção à margem. A praia estava fácil de se ver agora – areias negras com ossos e colunas atirando para cima gás vulcânico de fendas de fogo. Ah, deus. Justamente o tipo de lugar no qual eu queria parar.

Eu abaixei a pena de avestruz e alcancei o Duat de novo.

Dessa vez eu trouxe de volta um par de armas familiares – o cajado e o mangual, os símbolos do faraó. O cajado era um vara de pastor dourada e vermelha com o final curvado. O mangual era um pedaço de vara com três correntes espinhentas que pareciam perigosas. Eu já tinha visto muitas armas parecidas. Cada faraó tinha um conjunto. Mas essas pareciam perturbadoramente com o par original – as armas do deus do sol que eu encontrei na última primavera enterradas na tumba de Zia.

— O que essas armas estão fazendo aqui? — Eu exigi. — Elas deveriam estar com Rá.

Hórus continuou em silêncio. Eu tive a impressão de que ele estava tão surpreso como eu.

Bloodstained Blade estorou de um dos lados da sala do leme. Seu uniforme estava rasgado e coberto de penas. Sua lâmina tinha alguns novos entalhes, e ele tinha o sino de emergência preso à sua bota esquerda então ele fazia barulho enquanto ele andava. Mas ele ainda parecia melhor que eu.

— Já chega — ele zumbiu. — Eu tenho servido os Kane a muito tempo!

Na direção da proa do navio, eu ouvi o *crank, crank, crank* da prancha de desembarque sendo abaixada. Eu olhei e vi Setne atravessando calmamente a prancha com o rio abaixo dele. Ele parou no final da prancha e esperou até que o barco chegasse na praia de areia negra. Ele estava se preparando para pular em segurança. E debaixo do seu braço estava um grande pergaminho de papiro – O Livro de Tot.

— Setne! — Eu gritei.

Ele se virou e acenou, sorrindo agradavelmente. — Vai ficar tudo bem Carter! Eu já volto!

— *Tas*! — Eu gritei.

Instantaneamente as Fitas de Hathor o envolveram, o enrolando todo, e Setne caiu fora do barco na água.

Eu não tinha planejado isso, mas eu não tinha tempo para me preocupar. Bloodstained Blade investiu contra mim, com seu pé esquerdo fazendo *clump Boing!, clump Boing!* Eu rolei para o lado e sua cabeça de machado cortou o chão, mas ele se recuperou mais rápido do que eu poderia. Eu senti como se minhas costelas tivessem sido mergulhadas em ácidos. Meu braço estava muito fraco até mesmo para levantar o mangual de Rá. Eu levantei o cajado para me defender, mas eu não tinha ideia de como usá-lo.

Bloodstained Blade estava sobre mim, repleto de uma satisfação maligna. Eu sabia que não poderia fugir de outro ataque. Eu estava prestes a me transformar em duas partes separadas de Carter Kane.

— Nós conseguimos! — Ele berrou.

De repente, ele explodiu em uma coluna de fogo. Seu corpo se vaporizou. Sua cabeça de machado caiu no chão, empalando-se no convés entre meus pés.

Eu pisquei, me perguntando se esse não era só um truque do demônio, mas Bloodstained Blade estava verdadeira e completamente acabado. Ao lado de sua cabeça de machado, tudo o que havia sobrados eram suas botas polidas, o sino de alarme ligeiramente derretido, e algumas penas de ganso chamuscadas flutuando no ar.

A poucos metros dali, Zia estava apoiada na casa de leme. Sua mão direita estava envolta em chamas.

— Sim, — Zia murmurou para a lâmina de machado fumegante. — Nós terminamos.

Ela extinguiu seu fogo, em seguida tropeçou e me abraçou. Eu estava tão aliviado que eu quase podia ignorar a dor lancinante no meu lado.

— Você está bem, — eu disse, o que soava idiota diante daquelas circunstâncias, mas ela me retribuiu com um sorriso.

— Ótima, — ela disse. — Tive um momento de pânico. Acordar com a energia azul me envolvendo, mas...

Por acaso eu olhei para trás dela, e meu estômago se virou do avesso.

— Aguenta aí! — Eu gritei.

O Egyptian Queen bateu contra a praia em velocidade máxima.

Eu agora entendo toda a coisa sobre usar cinto de segurança.

Ficar pendurados não era absolutamente nada de bom. O barco encalhou com tanta força que Zia e eu fomos arremessados como balas de canhão humanas. O casco rachou no meio atrás de nós com um poderoso *Ka-blam!* Eu estava indo em direção à paisagem. Eu tinha a metade de um segundo para decidir se eu morreria por bater no chão ou por cair em uma fenda flamejante. Então, de cima de mim, Zia agarrou meu braço e me levou em direção ao céu.

Tive um deslumbre dela, com o rosto sombrio em determinação, me segurando com uma mão e com a outra segurando a garra de um abutre gigante. Seu amuleto. Eu não pensava nisso em meses, mas Zia tinha um amuleto de abutre. Ela tinha dado algum jeito de ativá-lo, porque ela era realmente fantástica.

Infelizmente, o abutre não era forte o suficiente para aguentar duas pessoas. Ele só poderia desacelerar nossa queda, então ao invés de sermos esmagados no chão, Zia e eu rolamos sobre o negro chão arenoso, caindo um sobre o outro bem à borda de uma fenda de fogo.

Eu sentia como se meu peito tivesse sido pisoteado. Cada músculo no meu corpo doía, e eu estava com visão dupla. Mas para minha surpresa, o cajado e o mangual do deus do sol estavam seguros com força na minha mão direita. Eu não havia percebido que eu ainda estava com eles.

Zia devia estar melhor que eu (é claro, eu já tinha visto atropelados em melhor estado do que eu). Ela encontrou forças para me tirar para longe da fissura, para mais abaixo na praia.

— Ai, — eu disse.

— Fique deitado. — Ela disse uma palavra de comando, e seu abutre voltou a ser um amuleto. Ela vasculhou sua mochila.

Ela tirou para fora um pequeno jarro de cerâmica e começou a espalhar uma pasta azul nos meus cortes, queimaduras e hematomas que cobriam todo o meu corpo. A dor no meu lado melhorou imediatamente. As feridas desapareceram. As mãos de Zia estavam suaves e quentes. O unguento mágico cheirava a madressilvas florescendo. Essa não era a pior experiência que eu tive no dia.

Ela tirou mais um pouco de pomada e olhou para o longo corte no meu estômago.

— Hum... você deveria fazer essa parte.

Ela passou a pasta para os meus dedos e me deixou aplicá-la. O dano foi reparado. Eu me sentei devagar e dei uma olhada nos cortes de vidro das minhas pernas. Dentro do meu peito eu podia jurar que sentia minhas costelas se remendando. Eu respirei fundo e fiquei aliviado por não sentir mais dor.

— Obrigado, — eu disse. — O que é essa coisa?

— Bálsamo de Nefertem, — ela disse.

— É uma bomba?

A risada dela me fez sentir quase tão bem quanto o unguento fez. — Bálsamo *curativo*, Carter. É feito de flores de lótus azuis, coentro, Mandrake, malaquita do chão, e alguns outros ingredientes especiais. Muito raro, e esse é o meu único jarro. Então, não se machuque mais.

— Sim, madame.

Eu estava agradecido de que minha cabeça tinha parado de rodar. Minha visão dupla estava voltando ao normal.

O Egyptian Quenn não estava em um estado tão bom. Os restos do casco estavam espalhados pela praia – tábuas e grades, cordas e vidro, misturadas com os ossos que já estavam lá antes. A casa do leme tinha implodido. Com fogo saindo de suas janelas quebradas. As chaminés caídas borbulhavam fumaça dourada no rio.

Enquanto nós assistíamos, a popa rachou e deslizou para debaixo d'água, arrastando as esferas brilhantes de luz com ela. Talvez a tripulação mágica estivesse presa ao navio. Talvez eles nem estivessem mesmo vivos. Mas eu me senti triste por eles enquanto eles desapareciam dentro da superfície escura.

— Nós não vamos poder voltar desse jeito, — eu disse.

— Não, — Zia concordou. — Onde nós estamos? O que aconteceu com Setne?

Setne. Eu tinha quase me esquecido do desprezível fantasma. Para mim tudo bem se ficasse no fundo do rio, só que ele estava com o Livro de Tot.

Eu fiz uma varredura na praia. Para minha surpresa, eu vi uma múmia rosa ligeiramente danificada a cerca de vinte metros abaixo na praia, se contorcendo e lutando entre os destroços, como uma lagarta, aparentemente tentando se libertar.

Eu o mostrei a Zia. — Nós poderíamos deixá-lo assim, mas ele está com o Livro de Tot. — Ela me deu um daqueles sorrisos cruéis que me deixavam feliz por ela não ser minha inimiga. — Não se apresse. Ele não vai muito longe. Que tal um piquenique?

— Eu gosto do seu modo de pensar.

Nós espalhamos os nossos suprimentos e tentamos os limpar o melhor que pudemos. Eu peguei algumas garrafas de água e barras de proteínas – é, olhem para mim, o escoteiro.

Nós comemos e bebemos e assistimos o embrulho de presente fantasma rosa tentando rastejar para longe.

— Como nós chegamos aqui, exatamente? — Zia perguntou. Seu escaravelho de ouro ainda brilhava em sua garganta. — Eu me lembro do *Serapeum*, do Touro Apis e da sala com a luz do sol. Depois disso, está tudo confuso.

Eu descrevi o que aconteceu do melhor jeito que eu pude – seu escudo de escaravelho mágico, e de repente seus

impressionantes poderes de Khepri, o modo como ela tinha fritado o Touro Apis e quase entrado em combustão. Eu expliquei como eu a tinha trazido de volta ao navio, e como Bloodstained Blade tinha se tornado um psicopata.

Zia estremeceu. — Você deu a Setne permissão para dar ordens à Bloodstained Blade?

— É, talvez não tenha sido minha melhor ideia.

— E ele nos trouxe até aqui... a Terra dos Demônios, a parte mais perigosa do Duat.

Eu já tinha ouvido sobre a Terra dos Demônios, mas eu não sabia muito sobre ela. E naquele momento, eu não queria saber. Eu tinha acabado de escapar da morte muitas vezes hoje, eu só queria sentar ali, descansar, e conversar com Zia – e talvez desfrutar de luta de Setne para chegar em algum lugar com o seu casulo.

— Você, ah, está se sentindo bem? — eu perguntei à Zia. — Quero dizer, sobre essa coisa com o deus do sol...

Ela olhou através da paisagem furada de areia preta, ossos e fogo. Não são muitas as pessoas que conseguiam parecer bem na luz de nuvens de gases vulcânicos superaquecidos. Zia conseguia.

— Carter, eu queria te dizer, mas eu não entendia o que estava acontecendo comigo. Eu estava com medo.

— Está tudo bem, — eu disse. — Eu era o Olho de Hórus. Eu entendo.

Zia apertou seus lábios. — Porém Rá é diferente. Ele é muito mais velho, muito mais perigoso para canalizar. E ele está preso naquela casca velha de corpo. Ele não pode reiniciar seu ciclo de renascimento.

— É por isso que ele precisa de você. — Eu adivinhei. — Ele acordou falando de zebras... você. Ele ofereceu a você aquele escaravelho na primeira vez que ele te encontrou. Ele quer que você seja seu hospedeiro.

Uma fenda soprou fogo. O reflexo nos olhos de Zia me lembraram de como ela parecia quando ela se fundiu com Khepri – suas pupilas preenchidas com chamas laranjas.

— Quando eu estava presa naquele... sarcófago, — Zia disse. — Eu quase enlouqueci, Carter. Eu ainda tenho pesadelos. E quando eu encostei no poder de Rá, eu tive o mesmo sentimento de pânico. Ele se sente aprisionado, sem esperanças. Chegar até ele é como… é como tentar salvar alguém que está afundando. Eles agarram em você e te puxam para baixo com eles. — Zia balançou sua cabeça. — Talvez não faça sentido. Mas seu poder tenta escapar através de mim, e eu mal posso controlá-lo. Toda vez que eu apago, isso fica pior.

— Toda vez? — eu disse. — Então você já apagou antes?

Ela explicou o que tinha acontecido na Casa de Repouso quando ela tentou destruir a enfermaria com suas bolas de fogo. Só um pequeno detalhe que Sadie esqueceu de me contar.

— Rá é muito poderoso, — ela disse. — Eu sou muito fraca para controlá-lo. Nas catacumbas com o Touro Apis, eu poderia ter matado você.

— Mas você não matou, — eu disse. — Você salvou minha vida – de novo. Eu sei que é difícil, mas você tem que controlar o poder. Rá precisa fugir de sua prisão. Toda a ideia da sombra mágica que Sadie quer tentar com Bes? Eu sinto que isso não vá funcionar com Rá. O deus do sol precisa renascer. Você entende como é isso. Eu acho que é o porquê de ele ter te dado Khepri, O sol nascente. — Eu apontei para o seu amuleto de escaravelho. — Você é a chave para trazê-lo de volta.

Zia deu uma mordida na sua barra de proteína. — Isso tem gosto de isopor.

— É — eu admiti. — Não é tão bom quanto Nachos. Eu ainda te devo aquele encontro na praça de alimentação do shopping.

Ela riu um pouco. — Eu queria que nós pudéssemos fazer isso agora.

— Normalmente as garotas são estão tão dispostas a sair comigo. Hum... não que eu já tenha perguntado...

Ela se inclinou em minha direção e me beijou.

Eu tinha imaginado isso muitas vezes, mas eu estava tão despreparado, eu não agi de um modo muito legal com isso. Eu abaixei minha barra de proteína e respirei o perfume de canela dela. Quando ela parou eu estava com a boca aberta como um peixe. Eu disse alguma coisa como:

— Humuh-hu.

— Você é gentil, Carter, — ela disse. — E divertido. E apesar do fato de você ter acabado de ser empurrado para fora de uma janela e atirado por uma explosão, você é mesmo bonito. Você tem sido tão paciente comigo. Mas eu tenho medo. Eu nunca fui capaz de cuidar de ninguém que eu goste – meus pais, Iskandar... Se eu for muito fraca para controlar o poder de Rá e eu acabar machucando você...

— Não, — eu disse imediatamente. — Você não vai Zia. Rá não escolheu você porque você é fraca. Ele escolheu você porque você é forte. E, hum… — Eu olhei para o cajado e o mangual deitados ao meu lado. — Eles meio que apareceram... Eu acho que eles apareceram por uma razão, você deve ficar com eles. Eu tentei passá-los à ela mas ela fechou meus dedos sobre eles.

— Continue com eles, — ela disse. — Você está certo: eles não apareceram por acidente, mas eles apareceram nas suas mãos. Eles podem ser de Rá, mas Hórus deve ser o faraó.

As armas pareceram esquentar, ou talvez fosse por Zia estar segurando minhas mãos. A ideia de usar o cajado e o mangual me deixava nervoso. Eu havia perdido meu *khopesh* – a espada usada pelos guardas do faraó – e ganho as armas do próprio faraó. E não de qualquer faraó... eu estava segurando os instrumentos de Rá, o primeiro rei dos deuses.

Eu, Carter Kane, um garoto de 15 anos, que estudou a vida toda em casa, que ainda estava aprendendo a fazer a barba, e que mal conseguia me vestir para uma baile – de alguma forma tinha sido considerado digno das armas mágicas mais poderosas da criação. — Como você pode ter certeza? — eu perguntei. — Como elas podem ser para mim?

Zia sorriu. — Talvez eu esteja ficando melhor em entender Rá. Ele precisa da ajuda de Hórus. Ele precisa de você.

Eu tentei pensar no que dizer, e se eu teria coragem de pedir outro beijo. Eu nunca imaginei que meu primeiro encontro seria na margem de um rio cheio de ossos na Terra dos Demônios, mas naquele momento não havia nenhum outro lugar onde eu quisesse estar.

Então eu ouvi um *bonk* – o som da cabeça de alguém batendo em um pedaço de madeira maciça. Setne xingou uma maldição abafada. Ele tinha conseguido rastejar até o local dos escombros. Atordoado e fora de equilíbrio, ele rolou até a água e começou a afundar.

— É melhor nós pescarmos ele, — eu disse.

— Sim, — Zia concordou. — Nós não queremos que o Livro de Tot seja danificado.

Nós trouxemos Setne até a praia. Zia cuidadosamente abriu as fitas em volta do peito dele para que pudesse tirar o livro de seus braços. Felizmente o rolo de papiro parecia intacto.

Setne disse, — Mmm-hmmpfh!

— Desculpe, não estamos interessados! — eu disse. — Nós pegamos o livro, e então vamos deixar você aqui agora. Não estou mais a fim de ser apunhalado pelas costas ou de ouvir suas mentiras.

Setne rolou os olhos. Ele balançou a cabeça vigorosamente, murmurando o que era provavelmente uma explicação muito boa do

porque de ele tomar o direito de virar meu servo demônio contra mim.

Zia abriu o pergaminho e estudou a escrita. Depois de algumas linhas, ela começou a franzir as sobrancelhas.

— Carter, isso é… uma coisa realmente perigosa. Só estou olhando por alto, mas eu vejo descrições dos palácios secretos dos deuses, feitiços para fazê-los revelar seus verdadeiros nomes, informação de como reconhecer todos os deuses, não importando qual forma eles tentem assumir...

Ela me olhou assustada. — Com esse conhecimento, Setne poderia ter causado muito estrago. A única coisa boa... o quanto eu consigo dizer, a maioria dos feitiços só podem ser usados por um mágico vivo. Um fantasma não seria capaz de fazê-los.

— Talvez seja o porquê de ele ter nos mantido vivo até agora, — eu disse.

— Ele precisava de nossa ajuda para pegar o livro. Depois ele planejava nos prender fazendo-nos fazer os feitiços que ele quisesse. — Setne gemeu em protesto.

— Nós podemos encontrar a Sombra de Apófis sem ele? — eu perguntei a Zia.

— Mm-mm! — Setne disse, mas eu o ignorei,

Zia estudou mais algumas linhas. — Apófis... o *sheut* de Apófis . Sim, aqui está. Ela descansa na Terra dos Demônios. Então nós estamos no lugar certo. Mas esse mapa… — Ela me mostrou uma parte do pergaminho, que estava cheia de hieróglifos e figuras. Eu não poderia nem dizer que era um mapa. — Eu não tenho ideia de como lê-lo. A Terra dos Demônios é imensa. E pelo que está escrito aqui ela está constantemente mudando, se partindo e se reformando. E é cheia de demônios.

— Eu imaginei. — Eu tentei engolir o pedaço da barra que estava na minha boca. — Nós vamos ser tão forasteiros aqui como os

demônios são no mundo mortal. Nós não seremos capazes de ir a lugar nenhum sem sermos vistos, e qualquer coisa que nos encontrar vai querer nos matar.

— Sim, — Zia disse. — E nós estamos correndo contra o tempo.

Ela estava certa. Eu não sabia exatamente que horas eram no mundo mortal, mas nós tínhamos descido ao Duat no final da tarde. Até agora, o sol já deveria ter se posto. Não era provável que Walt sobrevivesse até depois do pôr do sol. Pelo que eu sabia, ele poderia estar morrendo agora mesmo, e minha pobre irmã... Não. Era muito doloroso pensar sobre isso.

Mas na madrugada de amanhã, Apófis se reergueria. Os magos rebeldes atacariam o Primeiro Nomo. Nós não tínhamos o luxo de ficar vagando por aí em uma terra hostil, lutando contra tudo o que aparecesse em nosso caminho até que nós encontrássemos o que nós estávamos procurando.

Eu olhei para baixo para Setne. — Eu estou supondo que você pode nos guiar até a sombra.

Ele balançou a cabeça.

Eu me virei para Zia. — Se ele disser ou fizer alguma coisa de que você não gostar, incinere-o.

— Com prazer.

Eu fiz as fitas liberarem apenas a boca dele.

— Santo Hórus, amigo! — ele reclamou. — Porque você me amarrou?

— Bem, vamos ver... talvez porque você tentou me matar?

— Ah, isso? — Setne suspirou. — Olha, amigo, se você for ter uma reação exagerada toda vez que eu tentar te matar...

— *Exagerada*? — Zia conjurou uma bola de fogo branco quentíssima na sua mão.

— Ok,Ok! — Setne disse. — Olha, aquele capitão demônio ia se voltar contra você de qualquer maneira, eu só apressei as coisas. E eu fiz isso por uma razão! Nós precisávamos chegar aqui, à Terra dos Demônios, certo? O seu capitão nunca concordaria em mudar o curso para cá a menos que ele pensasse que poderia matar você. Essa é a pátria dele! Demônios nunca trazem mortais aqui se eles não forem seus lanches.

Eu tinha que me lembrar que Setne era um mestre mentiroso. Todo o que ele me disse era completa e absolutamente da qualidade do Touro Apis. Eu endureci minha força de vontade contra as palavras dele, mas ainda era muito difícil não achá-las razoáveis.

— Então você estava deixando Bloodstained Blade me matar, — eu disse. — Mas era por uma boa causa.

— Ah, eu sabia que você podia cuidar dele, — disse Setne.

Zia levantou o pergaminho. — E é por isso que você estava fugindo com o Livro de Tot?

— Fugindo? Eu estava indo explorar mais a frente! Eu queria encontrar a sombra, então eu poderia levá-los até ela! Mas isso não é importante. Se vocês me deixarem ir, eu ainda posso levá-los até ela.

— Como? — Zia perguntou.

Setne fungou indignado. — Eu tenho estado praticando magia desde que os seus ancestrais estavam nas fraldas, boneca. E, embora seja verdade que eu não posso fazer todos os feitiços mortais que eu gostaria... — Ele olhou melancolicamente para o Livro de Tot. — Eu peguei alguns truques que só fantasmas podem fazer. Me desamarre e eu vou te mostrar.

Eu olhei para Zia. Eu poderia dizer que nós estávamos pensando na mesma coisa: péssima ideia, mas nós não tínhamos uma melhor.

— Eu não acredito que você realmente considerou isso,— ela resmungou.

Setne sorriu. — Ei, você está sendo esperto. Essa é a sua melhor escolha. Além disso, eu *quero* que vocês tenham êxito! Como eu disse, eu não quero que Apófis me destrua. Você não vai se arrepender.

— Eu tenho certeza de que vou. — Eu estalei meu dedos e as Fitas de Hathor sumiram.

O plano brilhante de Setne? Ele nos transformou em demônios.

Bem, tá bom... era só um encantamento, então nós parecíamos com demônios, mas essa era a melhor ilusão mágica que eu já tinha visto.

Zia me deu uma olhada e começou a rir. Eu não podia ver meu próprio rosto, mas ela me disse que a agora eu tinha um grande abridor de garrafas no lugar da cabeça. Eu percebi que minha pele estava roxa, e que eu tinha pernas peludas arqueadas como as de um chipanzé.

Eu não culpava Zia por rir, mas ela não parecia muito melhor. Ela agora era uma garota demônio musculosa com a pele verde brilhante, um vestido com listras de zebras, e a cabeça de uma piranha.

— Perfeito, — Setne disse. — Vocês vão se misturar.

— E quanto a você? — eu perguntei.

Ele estendeu suas mãos. Ele ainda estava vestindo seus jeans, tênis brancos, e jaqueta preta. Seus anéis de diamantes rosa e o amuleto *ankh* dourado refletia a luz vulcânica. A única diferença era que em sua camisa vermelha agora estava escrito: VÃO DEMÔNIOS!

— Você não pode melhorar a perfeição, amigo. Essa roupa funciona em qualquer lugar. Os demônios não vão nem bater o olho em mim... assumindo que eles tenham olhos. Agora, venham!

Ele adentrou a ilha, sem esperar para ver se nós estávamos o seguindo.

De vez em quando, Setne checava o Livro de Tot procurando por direções. Ele explicou que seria impossível encontrar a sombra nessa paisagem móvel sem consultar o livro, que servia como uma combinação de bússola, guia turístico e almanaque de cronogramas de fazendeiro.

Ele nos prometeu que essa seria uma viagem curta, mas ela parecia bem longa para mim. Um pouco mais de tempo na Terra dos Demônios, e eu não tenho certeza se eu teria saído de lá são. A paisagem era como uma ilusão ótica. Nós vimos uma cadeia de montanhas à distância, depois andamos 50 metros e descobrimos que as montanhas eram tão pequenas que nós poderíamos pular por cima delas. Eu parei em uma pequena poça e depois me vi afundando em um sumidouro afundado de cerca de 50 metros de profundidade. Imensos templos egípcios se derrubavam, e depois se reerguiam como se algum gigante invisível estivesse brincando com blocos de montar. Paredões de calcário explodiam do nada, já esculpidos com estátuas monumentais de monstros grotescos. Os rostos de pedra se viraram e nos assistiam enquanto passávamos.

E, havia os demônios. Eu havia visto muitos deles em baixo da montanha Camelback, onde Set construiu sua Pirâmide vermelha, mas aqui em seu habitat natural, eles estavam em um número muito maior e eram ainda mais horríveis. Alguns pareciam vítimas de torturas, com feridas abertas e membros contorcidos. Outros tinham asas de insetos, ou muitos braços, ou tentáculos feitos de trevas. Quanto às cabeças, praticamente todos os animais do zoológico e todas as partes de um canivete suíço estavam ali sendo bem representados.

Os demônios vagavam em hordas por toda a paisagem escura. Alguns construíam fortalezas. Outros às botavam a baixo. Nós vimos pelo menos uma dúzia de batalhas em larga escala. Demônios alados circulavam no ar fumacento, ocasionalmente descendo e capturando monstros menores distraídos e os levando embora.

Mas nenhum deles se preocupou conosco.

À medida que caminhávamos com dificuldades, eu me tornava cada vez mais consciente da presença do Caos. A agitação começou com um frio na minha barriga, e depois, espalhando-se pelas minhas pernas como se as minhas células sanguíneas tivessem congelado. Eu tinha sentido isso antes na prisão de Apófis , quando a doença do Caos tinha quase me matado, mas esse lugar parecia ainda mais venenoso.

Depois de um tempo, eu percebi que tudo na Terra dos Demônios estava sendo puxado na direção em que estávamos viajando. Toda a paisagem estava inclinada e desmoronando, o tecido da matéria estava se desemaranhando. Eu sabia que a mesma força estava puxando as moléculas do meu corpo.

Zia e eu devíamos estar mortos. Mas mesmo com o frio e as náuseas parecendo muito ruins, eu achava que elas seriam piores se fosse o caso. Alguma coisa estava nos protegendo, uma camada de calor invisível que estava mantendo o Caos fora.

É ela, disse a voz de Hórus, com um respeito relutante. *Rá está nos sustentando*.

Eu olhei para Zia. Ela ainda parecia ser uma garota-demônio-verde-com-cabeça-de-piranha, mas o ar em volta dela brilhava como vapor que sai de uma estrada quente.

Setne continuava olhando para trás. A cada vez, ele parecia surpreso em descobrir que nós ainda estávamos vivos. Mas ele dava de ombros e continuava.

O número de demônios diminuiu e eles estavam mais espalhados uns dos outros. A paisagem se tornou ainda mais retorcida. Formações rochosas, dunas de areias, árvores mortas, até mesmo pilares de fogo, tudo estava inclinado na direção no horizonte.

Chegamos a um campo de crateras, cheia do que pareciam ser enormes flores lótus negras. Elas se levantavam rapidamente,

espalhavam suas pétalas e explodiam. Só quando nós chegamos perto que eu percebi que eram bolas de tentáculos de sombras entrelaçados, como Sadie havia descrito no baile da Academia do Brooklyn. Cada vez que uma explodia, ela cuspia um espírito que havia sido arrastado do mundo superior. Esses fantasmas, não mais que pedaços claros de névoa, agarravam desesperadamente por algo que pudesse ancorá-los, mas eles eram rapidamente dispersados e sugados na direção em que estávamos viajando.

Zia franziu a testa para Setne. — Você não está sendo afetado?

O mago fantasma se virou. Pela primeira vez sua expressão estava sombria. Sua cor estava pálida e suas roupas e joias estavam desbotando. — Vamos só seguir em frente, hein? Eu odeio esse lugar.

Eu congelei. À nossa frente estava um penhasco e eu o reconheci – era o mesmo que eu vi na visão que Apófis havia me mostrado. Só que agora não havia nenhum espírito se abrigando nele.

— Minha mãe estava ali, — eu disse.

Zia pareceu entender. Ela pegou minha mão. — Esse deve ser um penhasco diferente. A paisagem está sempre mudando.

De algum modo eu sabia que esse era o mesmo lugar. Eu sentia que Apófis o tinha mantido ali para me provocar.

Setne mexeu seus anéis rosados. — A sombra da Serpente se alimenta de espíritos, amigo. Nenhum deles dura muito. Se sua mãe estava aqui...

— Ela era forte, — eu insisti. — Um maga, como você. Se você pode lutar contra isso, ela também poderia.

Setne hesitou. Depois ele deu de ombros. — Claro, amigo. Nós estamos perto agora. É melhor continuar em frente.

Logo eu ouvi um rugido ao longe. O horizonte brilhava vermelho. Nós parecíamos estar nos movendo mais rápido, como se nós tivéssemos pisado em uma passarela rolante.

Então nós chegamos na crista de uma colina e nós vimos nosso destino.

— Chegamos, — Setne disse. — O Mar do Caos. — Diante de nós espalhava-se um oceano de névoa, fogo ou água era impossível dizer qual. Uma matéria agitada de vermelho cinzento, fervendo e fumegando, tudo subindo assim como o meu estômago. Ele se estendia até quão longe eu podia ver – e alguma coisa me dizia que não tinha fim.

A borda do oceano parecia mais uma cachoeira invertida do que uma praia. O terreno sólido que encostava no oceano desaparecia. Uma pedra do tamanho de uma casa veio sobre a colina à nossa direita, rolou até a praia e se dissolveu no oceano. Pedaços de terra, árvores, construções e estátuas voavam constantemente por cima de nossas cabeças em direção ao oceano, e se vaporizavam quando tocavam as ondas. Nem mesmo os demônios eram imunes. Alguns alados desviaram da praia, e tarde demais perceberam que haviam voado perto demais, e desapareceram gritando no meio naquele turbilhão enevoado.

Nós também estávamos sendo puxados. Em vez de andar para frente, eu estava instintivamente indo para trás, só para ficar no lugar. Se nós chegássemos mais perto, eu tinha medo de que não seríamos capazes de parar.

Só uma coisa me dava esperança. A algumas centenas de metros ao norte, sobressaindo-se das ondas, havia uma contínua faixa de terra, como um píer. Na extremidade havia um obelisco branco como o Monumento Washington. O pináculo brilhava com luz. Eu sentia que era antigo – ainda mais velho que os deuses. Tão bonito como o obelisco era, eu não pude deixar de pensar na Agulha de Cleópatra nas margens do Rio Tamisa, onde minha mãe tinha morrido.

— Nós não podemos ir lá embaixo, — eu disse.

Setne riu. — O Mar do Caos? Isso é de onde todos nós viemos, amigo. Você não ouviu como o Egito foi formado?

— Ele ergueu-se desse mar, — Zia disse, quase em transe. — O *Ma'at* apareceu do Caos... a primeira terra, a criação vinda da destruição.

— Sim, — Setne disse. — As duas grandes forças do universo. E ali estão elas.

— Aquele obelisco é… a primeira terra? Eu perguntei.

— Não sei, — Setne disse. — Eu não estava lá. Mas é o símbolo do Ma'at com certeza. Todo resto, é o poder de Apófis, sempre tentando engolir a criação, sempre comendo e destruindo. Você me diz, qual força é mais poderosa?

Eu tentei engolir. — Onde está a Sombra de Apófis?

Setne riu. — Ah, está aqui. Mas para vê-la, para capturá-la, você vai ter que fazer o feitiço dali – da ponta do píer.

— Nós nunca vamos conseguir, — Zia disse. — Um passo em falta...

— Claro, — Setne concordou alegremente. — Isso vai ser divertido!

16. Sadie Anda no Banco do Passageiro. (Pior. Ideia. De Todas.)

Aqui vai um conselho gratuito: Não ande em direção ao Caos.

A cada passo, eu me sentia como se estivesse sendo dragado por um buraco negro. Árvores, pedras e demônios passavam voando por nós e eram sugados pelo oceano. Enquanto raios cintilavam através da névoa vermelho-cinzenta. Debaixo dos nossos pés, pedaços de terra continuavam rachando e deslizando para a maré.

Eu segurei o cajado e o mangual com uma mão e a mão de Zia com a outra. Setne assobiava e flutuava do nosso lado. Ele tentava parecer descolado, mas, já que suas cores estavam desaparecendo e seus cabelos untados apontavam em direção ao mar como uma cauda de cometa, eu percebi que ele estava passando por uma hora difícil se segurando à terra.

Depois de eu ter perdido meu equilíbrio. Eu quase caí na rebentação, mas Zia me puxou de volta. Poucos passos depois, um demônio com cabeça de peixe veio voando do nada e bateu em mim. Ele segurou minha perna, tentando desesperadamente evitar ser sugado. Antes que eu pudesse decidir se o ajudava ou não, ele acabou se soltando e desapareceu no mar.

A pior coisa sobre essa pequena viagem? Parte de mim estava tentada a desistir e deixar o Caos me puxar. Porque continuar

lutando? Porque não dar um fim à dor e à preocupação? E daí, se Carter Kane se dissolvesse em um trilhão de moléculas?

Eu sabia que esses pensamentos não eram realmente meus. A voz de Apófis estava sussurrando na minha cabeça, me tentando como tinha feito antes. Eu me concentrei no obelisco branco brilhante – nosso farol na tempestade do Caos. Eu não sabia se aquele pináculo era a primeira parte da criação, ou como aquele mito idiota do Big Bang, ou como Deus criando o mundo em sete dias, ou qualquer outra coisa que as pessoas possam acreditar. Talvez o obelisco fosse só a manifestação de uma coisa maior – alguma coisa que minha mente não podia entender. Qualquer que fosse o caso, eu sabia que o obelisco pertencia ao Ma'at, e eu tinha que me focar nele. De outro modo eu estaria perdido.

Chegamos até a base do píer. Eu me senti muito mais tranquilizado com o sólido caminho pedregoso abaixo dos meus pés, mas a força do Caos era forte em ambos os lados. À medida que avançávamos eu me lembrei dos construtores que construíam os Arranha-céus antigamente, atravessando sem medo vigas que estavam a 600 metros de altura sem cintos de segurança.

Eu me sentia desse modo, exceto que eu estava com medo. Os ventos me esbofeteavam O píer tinha 3 metros de largura, mas eu ainda me sentia como se fosse perder o equilíbrio e cair nas ondas. Eu tentei não olhar para baixo. O material de Caos agitado batia contra as rochas. Aquilo cheirava a ozônio, escapamento de carro e formol, tudo misturado. Só os gases já eram quase o suficiente para me fazer desmaiar.

— Só um pouco mais longe, — Setne disse.

Sua forma tremulava de forma irregular. O disfarce de demônio verde de Zia também estava falhando, ele ficava indo e voltando. Eu levantei meu braço e vi o encantamento que o encobria tremulando com o vento, ameaçando se desfazer. Eu não me importava de perder a aparência de chipanzé roxo com cabeça de

abridor de garrafa, mas eu esperava que o vento desfizesse apenas a minha ilusão, não minha pele real.

Finalmente, nós chegamos ao obelisco. Ele era esculpido com pequenos hieróglifos, milhares deles, branco no branco, então eles eram quase impossíveis de ler. Eu vi nomes de deuses, encantamentos para o Ma’at e algumas palavras divinas tão poderosas que elas quase me cegaram. À nossa volta o Mar do Caos se erguia. Toda vez que o vento soprava, um escudo brilhante em forma de escaravelho tremulava em volta de Zia – a carapaça mágica de Khepri, abrigando todos nós. Eu suspeitava de que aquilo era a única coisa nos impedia de morrer instantaneamente.

— E agora? — eu perguntei.

— Leia o feitiço, — Setne disse. — Você vai ver.

Zia me passou o pergaminho. Eu tentei achar as linhas certas, mas eu não conseguia enxergar direito. Os glifos estavam embaçados. Eu deveria ter previsto esse problema. Mesmo quando nós não estávamos em pé ao lado do Mar do Caos, eu nunca fui bom com encantamentos. Eu queria que Sadie estivesse aqui.

[Sim Sadie. Eu realmente disse isso. Não arqueje tão alto.]

— Eu... eu não consigo ler isso, — eu admiti.

— Deixe-me te ajudar, — Zia desceu seu dedo pelo pergaminho.

Quando ela encontrou os hieróglifos que ela procurava, ela franziu a testa.

— Esta é uma magia simples de invocação, — ela olhou para Setne. — Você disse que a magia era complicada. Você disse que nós precisávamos da sua ajuda. Como você mentiu enquanto segurava a Pena da Verdade?

— Eu não menti! — Setne disse. A magia é complicada pra mim. Eu sou um fantasma. Alguns feitiços... como feitiços de invocação... Eu não posso fazê-los. E vocês realmente precisavam da

minha ajuda para encontrar a sombra. Vocês precisavam do Livro de Tot para isso, e vocês precisavam de mim para interpretá-lo. — De outro modo, vocês ainda seriam náufragos no rio.

Eu odiava admitir isso, mas eu disse, — Ele está certo.

— Claro que estou, — Setne disse. — Agora que vocês estão aqui, o resto não é tão ruim. Só forcem a sombra à se mostrar, e depois eu... é... vocês a capturam.

Zia e eu trocamos um olhar nervoso. Eu imaginava que ela sentia a mesma coisa que eu. À beira da criação, diante do infinito Mar de Caos, a última coisa que eu queria fazer era um feitiço que conjuraria parte da alma de Apófis. Era como disparar um sinalizador, dizendo, *Ei, sombra gigante desagradável! Nós estamos aqui! Venha e nos mate!*

No entanto, eu não vi nenhuma outra escolha.

Zia fez as honras. Era uma invocação simples, do tipo que um mago podia usar para conjurar um *shabti*, ou um espanador encantado, ou qualquer criatura menor do Duat.

Quando Zia terminou, um tremor enorme veio de todas as direções, como se uma pedra gigante tivesse caído no Mar do Caos. A perturbação ondulou até a praia e por cima das colinas.

— Hum... o que foi aquilo? — eu perguntei.

— Sinal de socorro, — Setne disse. — Eu estou achando que a sombra acabou de chamar as forças do Caos para protegê-la.

— Maravilhoso, — eu disse. — Melhor nós nos apressarmos então. Onde está a...? Ah...

A sombra de Apófis era tão grande que levou um tempo para que eu entendesse o que eu estava olhando. O obelisco branco parecia jogar sua sombra sobre o oceano, mas enquanto a sombra escurecia, eu percebi que aquilo não era a silhueta do obelisco. Ao contrário, era uma sombra que se contorcia sobre a superfície da água como o corpo de uma serpente gigante. A sombra cresceu até a

cabeça da serpente alcançar o horizonte. Ela atacava o outro lado do mar, lançando sua língua e mordendo o nada.

Minhas mãos tremiam. Eu me sentia como se tivesse tomado um grande copo de água do Caos. A sombra da serpente era tão grande, irradiava tanto poder, que eu não via como seria possível capturá-la. No que eu estava pensando?

Só uma coisa me impedia de entrar em pânico.

A serpente não estava completamente livre. A cauda dela parecia estar ancorada ao obelisco, como se alguém tivesse enfiado um espinho nela e isso estivesse a impedindo de escapar.

Por um momento perturbador, eu senti os pensamentos da serpente. Eu vi as coisas do ponto de vista de Apófis. Ele estava preso pelo obelisco branco – fervendo de dor. Ele odiava o mundo dos mortais e deuses, que o prenderam ali retirando sua liberdade. Apófis odiava a criação do mesmo modo que eu odiaria um prego enferrujado que furasse o meu pé, me impedindo de andar.

Tudo o que Apófis queria era acabar com a luz ofuscante do obelisco. Ele queria aniquilar a terra, então ele poderia voltar à escuridão e nadar para sempre nas extensões infinitas do Caos. Eu precisei de toda minha força de vontade para não sentir pena da pequena serpente destruidora de mundos e devoradora de sóis.

— Bem, — eu disse com a voz rouca. — Nós encontramos a sombra. Agora, o que nós fazemos com ela?

Setne riu. — Eu posso assumir daqui. Vocês foram ótimos. *Tas*!

Se eu não tivesse tão distraído, eu poderia ter percebido o que ia acontecer, mas eu não percebi. Meu corpo de demônio encantado se transformou em sólidas bandagens de linho egípcio, cobrindo primeiro minha boca, envolvendo todo o meu corpo com uma velocidade incrível. Eu perdi o equilíbrio e caí, completamente encapsulado, exceto pelos meus olhos. Zia bateu nas pedras perto de mim, também encasulada. Eu tentei respirar, mas era como respirar através de um travesseiro.

Setne se inclinou sobre Zia. Ele pegou cuidadosamente o Livro de Tot de debaixo das bandagens e o botou embaixo do braço. Então ele sorriu para mim.

— Ah, Carter, Carter. — Ele balançou a cabeça como se estivesse um pouco desapontado. — Eu gosto de você, amigo. Eu realmente gosto. Mas você confiou demais. Depois de tudo aquilo que aconteceu no barco, você ainda me dá permissão para lançar um encantamento em você? Qual é! Transformar um encantamento em uma camisa de força é tão fácil.

— Mmm! — Eu grunhi.

— O que foi isso? — Setne fez uma concha com a mão no ouvido. — Difícil falar quando você está todo enfaixado, não é? Olha, isso não é pessoal, eu não poderia fazer o feitiço de invocação eu mesmo, ou já teria feito isso eras atrás. Eu precisava de vocês dois! Bem... um de vocês, de qualquer modo. Eu achava que seria capaz de matar você ou sua namorada ao longo do caminho, usando aquele que fosse mais fácil de eu manipular. Eu nunca pensei que *os dois* sobreviveriam até tão longe. Impressionante!

Eu me contorci e quase cai na água. Por alguma razão, Setne me puxou de volta à salvo. — Não, não, — ele repreendeu. — Não há nenhum motivo para você se matar amigo. Seu plano não está arruinado. Eu só vou alterá-lo. Eu vou prender a sombra. Essa parte eu posso fazer eu mesmo! Mas no lugar de realizar a execração, eu vou chantagear Apófis, vê? Ele só vai destruir o que eu o *deixar* destruir. Depois ele vai voltar para o Caos, ou sua sombra vai ser pisoteada, e a grande cobra vai dizer tchau-tchau.

— Mmm! — Eu protestei, mas estava ficando mais difícil de respirar.

— Sim, sim, — Setne suspirou. — Essa é a parte em que você diz, 'Você é maluco, Setne! Você nunca vai se safar dessa!' Mas a verdade é, eu vou. Eu tenho me safado de coisas impossíveis por milhares de anos. Eu tenho certeza que a serpente e eu podemos entrar em um acordo. Ah, eu vou deixá-la matar Rá e o resto dos

deuses. Grande negócio. Eu vou deixá-la destruir a Casa da Vida. Eu *definitivamente* vou deixá-la botar o Egito à baixo e também toda as malditas estátuas do meu pai, Ramsés. Eu quero aquele fanfarrão apagado da existência! Mas todo o mundo mortal? Não se preocupe com isso amigo. Eu vou poupar a maior parte dele. Eu tenho que ter algum lugar para comandar, não tenho?

Os olhos de Zia queimaram laranja. Suas bandagens começaram a esfumaçar, mas elas a prenderam rapidamente. Seu fogo diminuiu e ela caiu sem forças nas pedras.

Setne gargalhou. — Boa tentativa boneca. Vocês vão sentar e esperar. Se vocês tentarem alguma coisa, eu vou voltar e pegar vocês. Talvez vocês possam ser meus bobos ou alguma coisa. Vocês dois vão me divertir! Mas enquanto isso, eu tenho medo de que nós tenhamos acabado por aqui. Nenhum milagre vai cair do céu e salvar vocês.

Um retângulo de escuridão apareceu no ar bem acima da cabeça de Setne. Sadie saiu dele. Eu vou dizer uma coisa para a minha irmã: ela tem um timing perfeito, e ela é rápida no gatilho. Ela caiu em cima do fantasma e o deixou estatelado. Então ela percebeu que nós estávamos embrulhados como presentes, e percebeu rápido o que estava acontecendo e se virou para Setne.

— *Tas!* — ela gritou.

— Nãooooo! — Setne foi envolto por fitas rosas até ele ficar parecendo um garfo cheio de espaguete.

Sadie se levantou e se afastou de Setne. Seus olhos estavam inchados como se ela tivesse estado chorando. Suas roupas estavam cobertas de lama seca e folhas.

Walt não estava com ela. Meu coração apertou. Eu estava quase feliz por minha boca estar coberta, por que eu não sabia o que dizer.

Sadie absorveu a cena – o Mar do Caos, a sombra da serpente se contorcendo, o obelisco branco. Eu podia dizer que ela sentia a

força do Caos. Ela apoiou os pés, e se inclinou para longe do mar como alguém que está lutando em um cabo de guerra. Eu a conhecia bem o suficiente para dizer que ela estava se recompondo, suprimindo suas emoções e forçando a tristeza a ir.

— Olá querido irmão, — ela disse com a voz tremula. — Precisa de alguma ajuda?

Ela conseguiu tirar o encantamento de nós. Ela pareceu surpresa ao me descobrir segurando o cajado e o mangual de Rá.

— Como diabos...?

Zia explicou brevemente o que tinha acontecido até ali – da luta com o hipopótamo gigante até as mais recentes traições de Setne.

— Tudo isso, — Sadie se maravilhou, — e ainda você teve que carregar meu irmão até aqui? Coitadinha. Mas como nós podemos ao menos sobreviver aqui? O Poder do Caos... — Ela olhou para o pingente de escaravelho de Zia. — Ah, como eu sou estúpida. Não me surpreende que Tawaret olhou para você tão estranho. Você está canalizando o poder de Rá.

— Rá me escolheu, — Zia disse. — Eu não queria isso.

Sadie ficou muito quieta – o que não era do feitio dela.

— Irmãzinha, — eu disse, o mais gentilmente que eu consegui, — o que aconteceu com Walt?

Os olhos dela estavam tão cheios de dor que eu queria até mesmo me desculpar por ter perguntado. Eu não a via ficar desse jeito desde... bem, desde que nossa mãe morreu, quando Sadie era pequena.

— Ele não vai vir, — ela disse. — Ele se… foi.

— Sadie, eu sinto muito, — eu disse. — Você está...?

— Eu estou bem! — Ela retrucou.

Tradução: *Eu definitivamente não estou nada bem, mas se você perguntar de novo eu vou encher sua boca de cera.*

— Nós temos que nos apressar, — ela continuou, tentando modular a voz. — Eu sei como capturar a sombra. Só me dê a estatueta.

Eu tive um momento de pânico. Eu ainda tinha a estatueta de Apófis que Walt tinha feito? Vir por todo o caminho até aqui e esquecer ela teria sido a maior das cagadas.

Felizmente, ela ainda estava no fundo da minha mochila.

Eu o passei para Sadie, que ficou olhando para a estatueta vermelha cuidadosamente feita da serpente enrolada, com os hieróglifos de ligação em torno do nome de *Apófis*. Eu imaginei que ela estava pensando em Walt, e todo o seu esforço para fazer isso.

Ela ficou na ponta do píer, onde a base do obelisco se encontrava com a sombra.

— Sadie, — eu disse.

Ela congelou. — Sim?

Parecia que minha boca estava cheia de cola. Eu queria dizer para ela esquecer tudo aquilo.

Olhando para ela no obelisco, com a gigantesca sombra se debatendo no horizonte... Eu só sabia que alguma coisa iria dar errado. A sombra atacaria. Ou o feitiço iria sair pela culatra de algum modo.

Sadie me lembrava tanto nossa mãe. Eu não conseguia afastar a impressão de que nós estávamos repetindo a história. Nossos pais tinham tentado conter Apófis uma vez, na Agulha de Cleópatra, e nossa mãe tinha morrido. Eu tinha passado anos vendo nosso pai lidar com a sua culpa. Se eu ficasse parado enquanto Sadie se machucava...

Zia pegou minha mão. Seus dedos temiam, mas eu estava grato pela sua presença. — Isso vai funcionar, — ela prometeu.

Sadie soprou uma mecha de cabelo do rosto. — Escute a sua namorada Carter. E pare de me distrair.

Ela soava irritada, mas não havia irritação em seus olhos. Sadie compreendeu minhas preocupações tão claramente como ela sabia meu nome secreto. Ela só estava tão assustada como eu estava, mas da sua própria maneira irritante ela estava tentando me irritar.

— Posso continuar? — ela perguntou.

— Boa sorte, — eu consegui dizer.

Ela assentiu.

Ela tocou a estatueta da sombra e começou o encantamento.

Eu estava com medo de que as ondas do Caos pudessem dissolver a estatueta, ou pior, dissolver Sadie também. No lugar disso, a sombra da serpente começou a se debulhar. Lentamente ela começou a encolher, se debatendo e tentado agarrar com a boca como se ela tivesse sido perfurada por um arpão. Logo a sombra tinha sumido completamente, e estatueta ficou da cor preta da meia noite. Sadie disse um feitiço simples de ligação na estatueta. — *Hi-nehm*.

Um silvo longo escapou do mar – quase como um suspiro de alívio – e o som ecoou pelas colinas. As ondas revoltas se tornaram um tom mais claro de vermelho, como se um sedimento escuro tivesse sido dragado. A força do Caos parecia ter diminuído só um pouco.

Sadie ficou parada. — Certo. Nós estamos prontos.

Eu olhei para a minha irmã. Algumas vezes ela me importunava dizendo que ela, eventualmente, me alcançaria na idade e se tornara a mais velha. Olhando para ela agora, com aquele brilho determinado nos olhos e a confiança na voz, eu quase podia acreditar nela. — Isso foi maravilhoso, — eu disse. — Como você sabia o feitiço?

Ela fez uma careta. É claro, a resposta era óbvia: ela tinha visto Walt fazer o mesmo feitiço na sombra de Bes… antes do que quer que tenha acontecido com Walt.

— A execração vai ser fácil, — ela disse. — Nós temos que estar face a face com Apófis, mas tirando isso é o mesmo feitiço que nós estivemos praticando.

Zia cutucou Setne com o pé. — Essa é outra coisa sobre a qual esse verme mentiu. O que nós devemos fazer com ele? Nós vamos ter que tirar o Livro de Tot dessas bandagens, obviamente, mas depois disso, devemos empurrá-lo na mistura?

— MMM! — Setne protestou.

Sadie e eu trocamos olhares. Nós silenciosamente concordamos que não podíamos dissolver Setne – mesmo ele sendo tão horrível como ele era. Talvez nós já tivéssemos visto muitas coisas ruins ao longo dos últimos dias, e nós não precisássemos ver mais. Ou talvez nós soubéssemos que deveria ser Osíris quem teria que decidir a punição de Setne, já que nós prometemos que levaríamos o fantasma de volta ao Salão dos Julgamentos.

Talvez, ali perto do obelisco do Ma'at, cercados pelo Mar do Caos, nós dois percebemos que nos conter de nos vingar era o que nos diferenciava de Apófis. As regras tinham seu lugar. Elas nos impediam de nos enrolar.

— Arraste-o junto, — Sadie disse. — Ele é um fantasma. Não pode ser tão pesado.

Eu agarrei o pé dele, e nós fizemos nosso caminho de volta para o cais. A cabeça de Setne batia nas rochas, mas aquilo não me preocupava. Eu precisei de toda minha concentração para continuar colocando um pé a frente do outro. Ir para longe do Mar do Caos era ainda mais difícil do que ir para perto dele.

No momento em que chegamos na praia eu estava exausto. Minhas roupas estavam encharcadas de suor. Nós caminhamos pela praia e finalmente chegamos à crista da colina.

— Ah... — Eu proferi algumas palavras que *definitivamente* não eram divinas.

No campo de crateras abaixo de nós, demônios tinham se reunido – centenas deles, todos marchando em nossa direção. Como Setne tinha adivinhado, a sombra tinha enviado um sinal de socorro às forças de Apófis, e o chamado *tinha* sido respondido. Nós estávamos presos entre o Mar do Caos e um exército hostil.

Nesse momento eu estava começando a me perguntar, *Porque eu?*

Tudo o que eu queria era me infiltrar na parte mais perigosa do Duat, roubar a sombra do lorde primordial do Caos e salvar o mundo. Isso era muito para se pedir?

Os demônios estavam a mais ou menos dois campos de futebol de distância, vindo rápido. Eu estimava que houvesse pelo menos três ou quatro centenas deles, e mais continuavam a chegar ao campo. Várias dúzias de demônios alados estavam ainda mais perto, voando em círculos cada vez mais perto de nós. Contra esse exército nós tínhamos dois Kanes, Zia e um fantasma embrulhado para presente. Eu não gostava dessas probabilidades.

— Sadie, você poderia fazer uma porta para a superfície? — eu perguntei.

Ela fechou seus olhos e se concentrou. Ela balançou a cabeça. — Nenhum sinal de Ísis. Possivelmente nós estamos muito perto do Mar do Caos.

Esse era um pensamento assustador. Eu tentei conjurar o avatar de Hórus. Nada aconteceu. Eu acho que eu deveria saber que seria difícil canalizar seus poderes ali em baixo, especialmente depois de eu ter pedido a ele uma arma no barco, e o melhor que ele conseguiu foi uma pena de avestruz.

— Zia? — Eu disse. — Seus poderes de Khepri ainda estão funcionando. Você pode nos tirar daqui?

Ela agarrou seu amuleto de escaravelho. — Eu acho que não. Toda a energia de Khepri está sendo gasta nos protegendo do Caos. Ele não pode fazer mais nada.

Eu considerei correr de volta para o obelisco branco.

Talvez nós pudéssemos usá-lo para abrir um portal. Mas eu rapidamente me livrei da ideia. Os demônios podiam estar sobre nós antes de chegarmos lá.

— Nós não vamos sair dessa, — eu decidi. — Nós podemos fazer a execração de Apófis agora?

Zia e Sadie disseram ao mesmo tempo:

— Não.

Eu sabia que elas estavam certos. Nós tínhamos que estar face a face com Apófis para o feitiço funcionar. Mas eu não conseguia acreditar que nós tínhamos chegado até ali, só para pararmos agora.

— Pelo menos nós podemos morrer lutando. — Eu tirei o cajado e o mangual do meu cinto.

Sadie e Zia ergueram seus cajados e varinhas.

Então, no outro fim do campo, uma onda de confusão se espalhou pelas fileiras de demônios. Eles começaram a se virar lentamente para longe de nós, correndo em diferentes direções. Bolas de fogo iluminaram o céu. Nuvens de fumaça subiram das crateras recém abertas no chão. A batalha parecia estar acontecendo na extremidade errado do campo.

— Com quem eles estão lutando? — Eu perguntei. — Uns contra os outros?

— Não, — Zia apontou, com um sorriso se formando no seu rosto. — Olhem.

Era difícil de ver través do ar fumacento, mas um punhado de combatentes estava lentamente forçando seu caminho através das fileiras de demônios. Seu número era menor – talvez uma centena ou

mais – mas os demônios estavam lhes dando espaço. Aqueles que não eram cortados, pisoteados ou explodidos com fogos de artifícios.

— São os deuses! — Sadie disse.

— Isso é impossível, — eu disse. — Os deuses não marchariam para o Duat para nos resgatar!

— Os grandes deuses não. — Ela sorriu para mim. — Mas os velhos esquecidos da Casa de Repouso marchariam! Anúbis disse que ele estava chamando reforços.

— Anúbis? — Eu estava realmente confuso agora. Quando ela tinha visto Anúbis?

— Ali! — Sadie apontou. — Oh...!

Ela pareceu esquecer como falar. Ela só balançou seu dedo na direção dos nossos novos amigos. A linhas inimigas se abriram momentaneamente. Um carro preto elegante estava em combate. O motorista tinha que ser um maníaco. Ele estava arando as fileiras de demônios, saindo do caminho para bater neles. Ele saltou sobre as fendas de fogo e girou em círculos, com os faróis piscando e buzinando. Então ele veio direto para nós, até que as primeiras fileiras de demônios começaram a se dispersar. Só alguns poucos demônios alados tiveram a coragem de encará-lo.

Enquanto o carro chegava perto, eu pude ver que era uma limusine Mercedes. Ela subiu a colina, seguida por demônios morcegos, o carro gemeu ao parar em uma nuvem de poeira vermelha. A porta do motorista se abriu, e um pequeno homem peludo em uma Speedo azul, saiu.

Eu nunca tinha ficado tão feliz em ver alguém tão feio.

Bes, em toda sua verrugosa horrível glória, subiu no telhado do seu carro. Ele se virou para enfrentar os demônios morcegos. Seus olhos se arregalaram. Sua boca se abriu de um modo impossível. Seu cabelo se levantou como os pelos de um porco espinho, e ele gritou:

— BOO!

Os demônios alados gritaram e se desintegraram. — Bes! — Sadie correu na direção dele.

O deus anão se abriu em um sorriso. Ele deslizou para o capô, então ele estava quase com a altura de Sadie quando ela o abraçou.

— Aqui está minha garota! — ele disse. — E, Carter, traga essa sua pele lamentável até aqui!

Ele me abraçou também. Eu nem sequer me importei de ele esfregar os dedos na minha cabeça.

— E, Zia Rashid! — Bes gritou generosamente. — Eu tenho um abraço pra você também...

— Eu estou bem, — Zia disse, dando um passo para trás. — Obrigada.

Bes berrou rindo. — Você está certa. Tempo para alegria e entusiasmo depois. Nós temos que tirar vocês daqui!

— O... o feitiço da sombra? — Sadie gaguejou. — Ele realmente funcionou?

— É claro que funcionou, criança maluca! — Bes bateu no seu peito peludo, e de repente ele estava usando um uniforme de chofer. — Agora, entrem no carro!

Eu me virei para pegar Setne... e meu coração quase parou. — Ah, santo Hórus... — O mago tinha sumido. Eu vasculhei a terra em todas as direções, esperando que ele só tivesse rastejado por ali. Não havia sinal dele.

Zia explodiu uma bola de fogo no local onde ele havia estado deitado. Aparentemente, o fantasma não havia só ficado invisível, por que não houve grito.

— Setne estava bem ali! — Zia protestou. — Amarrado pelas Fitas de Hathor! Como ele pode simplesmente desaparecer?

Bes franziu a testa. —Setne, é? Eu odeio aquele doninha! Vocês pegaram a sombra da serpente?

— Sim, — eu disse, — mas Setne tem o Livro de Tot.

— Vocês pode realizar a execração sem ele? — Bes perguntou. Sadie e eu trocamos olhares.

— Sim, — nós dois dissemos.

— Então, nós vamos ter que nos preocupar com Setne depois, — Bes disse. — Nós não temos muito tempo!

Eu acho que se você tem que viajar pela Terra dos Demônios, uma limusine é o jeito de ir. Infelizmente, o novo sedan de Bes estava tão sujo quanto o que nós tínhamos deixado no fundo do mediterrâneo na última primavera. Eu me pergunto se ele já o encomendou repleto de potes de comida chinesa, revistas pisadas e roupa suja.

Sadie foi no banco do passageiro. Zia e eu fomos na parte de trás. Bes pisou no acelerador e jogou um jogo de acerte-o-demônio.

— Cinco pontos se você bater naquele cara com cabeça de facão! — Sadie gritou.

Boom! Cabeça de facão voa sobre o teto.

Sadie aplaudiu. — Dez pontos se você puder acertar aquelas coisas libélulas de uma só vez.

Boom, boom! Dois insetos muito grandes acertaram o para-brisa.

Sadie e Bes gargalhavam como loucos. Eu, eu estava muito ocupado gritando:

— Fenda! Cuidado! Geyser de fogo! Vai para a esquerda!

Me chame de prático. Eu queria viver. Eu agarrei a mão de Zia e tentei me segurar.

Quando nos aproximamos do centro da batalha. Eu pude ver os deuses empurrando os demônios de volta. Parecia que toda a Comunidade de Deuses Aposentados Acres Ensolarados havia

desencadeado sua ira geriátrica nas forças das trevas. Tawaret, a deusa hipopótamo, estava na liderança vestindo sua roupa de enfermeira e salto alto, balançando uma tocha na mão e uma agulha hipodérmica na outra. Ela acertou um demônio na cabeça, então deu uma injeção na garupa de outro, fazendo-o desmaiar imediatamente.

Dois caras velhos de tanga estavam mancando por ali, atirando bolas de fogo no céu e incinerando demônios voadores. Um dos caras ficava gritando, — Meu pudim! — Sem nenhuma razão aparente.

Heket a deusa sapo pulava pela batalha, derrubando demônios com a sua língua. Ela parecia preferir os demônios com cabeças de insetos. A poucos metros dali, o senil deus gato Mekhit estava partindo demônios com o seu andador, gritando, — Miau! — e silvando.

— Nós deveríamos ajudá-los? — Zia perguntou.

Bes deu uma risadinha. — Eles não precisam de ajuda. Essa é a maior diversão que eles têm em séculos. Eles têm um propósito de novo! Eles vão cobrir nossa retaguarda em quanto eu levo vocês até o rio.

— Mas nós não temos mais um barco! — Eu protestei.

Bes levantou uma de suas sobrancelhas peludas. — Você tem certeza disso? — Ele diminuiu a velocidade e abaixo o vidro da janela. — Ei docinho! Tudo bem aí?

Tawaret se virou e deu para ele um grande sorriso de hipopótamo. — Nós estamos bem, bolinho de mel! Boa sorte!

— Eu vou voltar! — ele prometeu. Ele jogou um beijo para ela, e eu pensei que Tawaret fosse desmaiar de felicidade.

A Mercedes cantou o pneu.

— Bolino de mel? — eu perguntei.

— Ei garoto, — Bes rosnou. — eu critico seus relacionamentos?

Eu não tive coragem de olhar para Zia, mas ela apertou minha mão. Sadie ficou quieta. Talvez ela estivesse pensando em Walt.

A Mercedes pulou uma última fenda de fogo e bateu na areia parando na praia de ossos.

Eu apontei para os destroços do Egyptian Queen. — Vê? Sem barco.

— Ah, sim? — Bes perguntou. — Então o que é aquilo?

Acima no rio, uma luz brilhava na escuridão.

Zia inalou bruscamente. — Rá, — ela disse. — O barco do sol se aproxima.

Enquanto a luz chegava mais perto, eu vi que ela estava certa. A vela branca e dourada se aproximava. Esferas brilhantes esvoaçavam ao redor do convés do barco. O deus com cabeça de crocodilo Sobek estava na proa, batendo com uma vara imensa ocasionalmente em monstros aleatórios no rio. E sentado em um trono de fogo no meio do barco do sol estava o velho deus Rá.

— Olááááá! — ele gritou por cima da água. — Nós temos biscoooitooosss!

Sadie beijou Bes na bochecha. — Você é brilhante!

— Ei, agora, — o anão resmungou. — Você vai deixar Tawaret com ciúmes. Isso só aconteceu porque chegamos na hora certa. Se nós tivéssemos perdido o barco do sol, nós teríamos ficado sem sorte.

Aquele pensamento me fez estremecer.

Por milênios, Rá tinha seguido seu ciclo – navegando no Duat no pôr do sol, viajando ao longo do Rio da Noite até ele emergir no mundo mortal ao amanhecer. Mas era uma vigem só de ida, e o barco mantinha um cronograma apertado. Assim que Rá passava pelas várias Casas da Noite, seus portões se fechavam até a próxima noite, tornando fácil para mortais como nós ficarmos presos. Sadie e eu tínhamos passado por isso antes, e não tinha sido legal.

Enquanto o barco se dirigia à costa, Bes nos deu um sorriso torto. — Prontos crianças? Eu tenho a impressão de que as coisas lá em cima no mundo mortal não vão estar muito bonitas.

Aquela foi a primeira coisa no dia que não me surpreendeu.

As luzes brilhantes baixaram a prancha, e nós subimos à bordo para o que poderia ser o último nascer do sol da história.

17. A Casa do Brooklyn Vai Para Guerra

Eu fique triste por sair da Terra dos Demônios.

[Sim, Carter, Eu estou falando muito sério.]

Afinal, eu tinha tido uma passagem bastante satisfatória por lá. Eu tinha salvado Zia e meu irmão daquele fantasma horrível, Setne. Eu tinha capturado a Sombra da Serpente. Eu tinha visto o Comando da Brigada dos Deuses Idosos em toda a sua glória, e mais que tudo, eu tinha me reunido com Bes. Porque eu não teria boas lembranças do lugar? Eu poderia até passar um feriado na praia lá qualquer dia, poderia alugar uma cabana no Mar do Caos. Porque não? A onda de atividade também tinha me distraído de pensamentos menos agradáveis. Mas uma vez que nós tínhamos chegado à margem do rio e que eu tive uns poucos momentos para respirar, eu comecei a pensar sobre como eu aprendi o feitiço para resgatar a sombra de Bes. Minha alegria se tornou desespero.

Walt – ah, Walt. O que você fez?

Eu me lembrei de como ele tinha ficado frio e sem vida, deitado em meus braços no meio das ruínas de tijolos de barro. Então de repente ele tinha aberto os olhos e suspirado.

Olha, ele tinha me dito.

Na superfície, eu tinha visto Walt como sempre eu o tinha conhecido. Mas no Duat... o deus garoto Anúbis tremeluzia, sua áurea cinza de fantasma sustentando a vida de Walt.

Ainda sou eu, eles disseram juntos. A voz dupla deles tinha feito minha pele formigar.

Eu vou te encontrar ao nascer do sol, eles tinham me prometido, *no Primeiro Nomo, se você estiver certa de que não me odeia.*

Eu odiava ele? Ou melhor, *eles*? Deuses do Egito, eu não tinha certeza nem de como chamá-los mais! Eu certamente não sabia como eu me sentia, ou se eu queria ver ele novamente.

Eu tentei botar esses pensamentos de lado. Nós ainda precisávamos derrotar Apófis. Mesmo com a sombra dele capturada, não havia garantia de que nós teríamos sucesso em realizar o feitiço. Eu duvidava que Apófis fosse ficar de braços cruzados enquanto nós tentávamos obliterá-lo do universo. E ainda era inteiramente possível que a execração pudesse requerer mais magia do que Carter e eu tínhamos combinadas. Se nós queimássemos, meu dilema com Walt dificilmente seria um problema.

No entanto, eu não conseguia parar de penar nele/neles – o modo como seus calorosos olhos castanhos tinham se mesclado tão perfeitamente, a como o sorriso natural de Anúbis tinha ficado no rosto de Walt.

Argh! Isso *não* estava ajudando.

Nós subimos a bordo do barco do sol – Carter, Zia, Bes e eu. Eu fiquei aliviada, além do que se possa dizer com palavras, que meu anão favorito fosse nos acompanhar na nossa batalha final. Eu precisava de um confiável deus feio na minha vida naquele momento.

No barco, nosso antigo inimigo Sobek me olhou com um sorriso de Crocodilo, o que eu supunha que era o único tipo de

sorriso que ele tinha. — Então... as pequenas crianças Kane retornaram.

— Então, — eu mandei de volta, — o deus crocodilo quer levar um chute nos dentes.

Sobek jogou para trás sua escamosa cabeça verde e gargalhou. — Muito bem, garota! Você tem ferro nos ossos.

Eu supus que aquilo foi dito como um elogio. Eu escolhi zombar dele e me virei.

Sobek só respeitava a força. No nosso primeiro encontro, ele afundou Carter dentro do Rio Grande e me chutou através da fronteira do Texas com o México. Nós não éramos muito próximos desde então. Pelo o que eu ouvi, ele só tinha concordado em se unir ao nosso lado porque Hórus e Ísis o tinham ameaçado com lesões corporais extremas. Isso não dizia muito sobre sua lealdade.

A tripulação de esferas brilhantes flutuou em volta de mim, cantarolando em minha mente – pequenos cumprimentos felizes: *Sadie. Sadie. Sadie.* Uma vez, eles *também* tinham querido me matar; mas desde que eu acordiu seu antigo mestre Rá, eles se tornaram bastante amigáveis.

— Sim, olá garotos, — eu murmurei. — Estou encantada por vê-los. Desculpem-me.

Eu segui Carter e Zia até o Trono de Fogo. Rá nos deu um sorriso desdentado. Ele ainda estava tão velho e enrugado como sempre, mas alguma coisa parecia diferente nos seus olhos. Antes seu olhar sempre deslizava por mim, como se eu fosse parte do cenário. Agora, eles estavam realmente focados no meu rosto.

Ele estendeu um prato de macaroons[34] e biscoitos de chocolate, os quais estavam meio derretidos por causa do calor do trono dele. — Biscoitos? Ebaaa!

— Ah, obrigado.— Carter pegou um macaroon.

---

[34] Tipo de doce, parecido com biscoitos ou merengues.

Naturalmente, eu optei pelo chocolate. Eu não comia comida de verdade desde que nós deixamos a tribunal do nosso pai. Rá abaixou o prato e balançou seus pés. Bes tentou ajudar, mas Rá acenou dizendo que não. Ele cambaleou em direção a Zia.

— Zia, — ele cantarolou alegremente, como se estivesse cantando uma canção de ninar. — Zia, Zia, Zia.

Com um sobressalto, eu percebi que era a primeira vez que eu ouvia ele usar o nome real dela.

Ele estendeu a mão para tocar o amuleto de escaravelho. Zia se afastou nervosa. Ela olhou para Carter procurando por segurança.

— Está tudo bem, —Carter prometeu.

Ela respirou fundo, depois ela tirou o colar e o pressionou dentro da mão do velho deus. Um brilho quente saiu do escaravelho, envolvendo Zia e Rá em uma brilhante luz dourada.

— Bom, bom, — Rá disse. — Bom...

Eu esperava que o velho deus melhorasse. Em vez disso, ele começou a se desfazer.

Isso foi uma das coisas mais alarmantes que eu já tinha visto no meu alarmante dia.

Primeiro suas orelhas caíram e se tornaram pó. Depois sua pele começou a se tornar areia.

— O que está acontecendo? — Eu chorei. — Nós não deveríamos fazer alguma coisa?

Os olhos de Carter se arregalaram de horror. A boca dele estava aberta, mas nenhuma palavra saia.

O rosto sorridente de Rá se dissolveu. Seus braços e pernas racharam em pedaços como uma escultura de areia ressecada. Suas partículas se espalharam pelo Rio da Noite.

Bes grunhiu. — Isso foi rápido. — Ele não parecia particularmente chocado. — Usualmente demora mais.

Eu o encarei. — Você já viu isso *antes*?

Bes me deu um sorriso torto. — Ei, eu pagava alguns turnos trabalhando no barco do sol nos dias antigos. Nós todos vimos Rá ir através de seu ciclo. Mas isso foi há muito, muito tempo atrás. Olhe.

Ele apontou para Zia.

O escaravelho tinha desaparecido das mãos dela, mas ela ainda irradiava luz dourada ao seu redor, como uma aureola de corpo inteiro. Ela se virou para mim com um sorriso brilhante. Eu nunca a tinha visto tão a vontade, tão feliz.

— Eu vejo agora. — A voz dela estava muito mais rica, um coro de tons descendo em oitava através do Duat.

— Isso é tudo sobre equilíbrio, não é? Meus pensamentos e os dele. Ou os meus e os dela...?

Ele riu como uma criança que anda de bicicleta pela primeira vez. — Renascido finalmente! Vocês estavam certos, Sadie e Carter! Depois de tantos éons na escuridão, eu estou finalmente renascido através da compaixão de Zia. Eu tinha me esquecido como era ser jovem e poderoso.

Carter deu um passo pra trás. Eu não podia culpá-lo. A lembrança da fusão de Walt e Anúbis ainda estava fresca na minha mente, então eu tinha uma ideia do que Carter estava sentindo; era mais do que um pouco estranho ver Zia falar de si mesma na terceira pessoa.

Eu baixei minha visão mais fundo no Duat. No lugar de Zia estava de pé um homem alto em uma armadura de couro e bronze. De alguns modos, ele ainda parecia com Rá. Ele ainda era careca. Seu rosto ainda era enrugado e desgastado pela idade, e ele ainda tinha o mesmo sorriso bondoso (só que com dentes). Agora, porém, sua postura estava ereta. Seu corpo estava musculoso. Sua pele brilhava como ouro derretido. Ele era o avó mais forte e dourado do mundo.

Bes se ajoelhou. — Meu senhor Rá.

— Ah, meu pequeno amigo. — Rá despenteou os cabelos do deus anão. — Se levante! É bom ver você.

Na proa, Sobek chamou a atenção, segurando seu longo cajado de ferro como um rifle. — Senhor Rá! Eu sabia que você retornaria. — Rá riu. — Sobek, seu reptil velho. Você me comeria no jantar se pensasse que conseguiria escapar disso. Hórus e Ísis te mantiveram na linha?

Sobek limpou sua garganta. — Como você diz, meu rei. — Ele deu de ombros. — Eu não consigo suprimir minha natureza.

— Não importa, — Rá disse. — Nós vamos precisar da sua força logo, logo. Estamos nos aproximando do nascer do sol?

— Sim meu rei. — Sobek apontou para a nossa frente.

Eu vi a luz no fim do túnel – literalmente. Quanto mais nos aproximávamos do fim do Duat, o Rio da Noite se alargava. Os portões finais estavam mais ou menos a um quilômetro a frente, flanqueados por estátuas do deus sol. Depois dele, a luz do sol brilhava. O rio se transformava em nuvens e vertia no céu da manhã.

— Muito bom — Rá disse. — Leve-nos para Gizé, Senhor Sobek.

— Sim meu rei, — O deus crocodilo enfiou seu cajado de ferro na água, nos levando como um gondoleiro.

Carter ainda não tinha se movido. O pobre garoto encarava o deus sol com um misto de fascínio e choque.

— Carter Kane, — Rá disse com afeição, — eu sei que é difícil para você, mas Zia se importa muito com você. Os sentimentos dela não mudaram nada.

Eu tossi. — Ah… um pedido? Por favor, não beije ele.

Rá riu. A imagem dele mudou, e eu vi Zia na minha frente de novo.

— Tudo bem Sadie, — ela prometeu. — Agora não seria momento para isso.

Carter se virou desajeitadamente. — Hum... Eu vou… estar ali. — Ele bateu no mastro e em seguida foi cambaleando em direção à popa do barco.

Zia franziu a testa preocupada. — Sadie, vai cuidar dele, sim? Nós vamos chegar ao mundo mortal em breve. Eu devo ficar vigilante.

Pela primeira vez eu não discuti. Eu fui checar meu irmão.

Ele estava sentado no leme, em posição fetal, com a cabeça entre os joelhos.

— Tudo bem? — Eu perguntei. Pergunta estúpida eu sei.

— Ela é um homem velho, — ele murmurou. — A garota de quem eu gosto é um homem velho amarelo com a voz mais profunda que a minha. Eu a beijei na praia e agora...

Eu me sentei perto dele. As esferas de luz flutuavam em torno de nós excitadas pelo navio estar se aproximando da luz do dia.

— Beijou ela, eh?— Eu disse. — Detalhes, por favor.

Eu pensei que ele podia se sentir melhor eu se o fizesse falar. Eu não tenho certeza se funcionou, mas pelo menos, isso tirou a cabeça dele do meio dos joelhos. Ele me contou sobre a viagem dele com Zia pelo *serapeum*, e a destruição do Egyptian Queen.

Rá – quero dizer Zia – estava na proa entre Sobek e Bes, tomando muito cuidado para não olhar para a gente.

— Então você disse a ela que tudo estava bem, — eu resumi. — Você a encorajou a ajudar Rá. E agora você se arrependeu.

— Você me culpa? — ele perguntou.

— Nós dois mesmos já hospedamos deuses, — eu disse. — Isso não tem que ser permanente. E ela ainda é a Zia. Além disso, nós estamos inda para uma batalha. Se nós não sobrevivermos, você quer passar suas ultimas horas se mantendo afastado dela?

Ele estudou minha expressão. — O que aconteceu com Walt?

Ah... *touché*. Algumas vezes, parecia que Carter sabia meu nome secreto tanto quanto eu sabia o dele.

— Eu... eu não sei exatamente. Ele está vivo, mas só porque...

— Ele está hospedando Anúbis,— Carter terminou.

— Você sabia?

Ele balançou a cabeça. — Não até eu ver aquele olhar no seu rosto. Mas isso faz sentido. Walt tem um talento especial para... o que quer que seja isso. Aquele toque obliterador cinza. Magia de morte.

Eu não podia responder. Eu tinha vindo para confortar Carter e assegurar para ele que tudo ficaria bem. Agora, de alguma forma, ele tinha virado a mesa.

Ele pôs sua mão brevemente sobre seu joelho. — Isso pode funcionar, irmãzinha. Anúbis pode manter Walt vivo. Walt pode viver uma vida normal.

— Você chama aquilo de *normal*?

— Anúbis nunca teve um hospedeiro mortal. Essa é a chance dele de ter um corpo verdadeiro, de ser de carne e osso.

Eu estremeci. — Carter, isso não é como a situação de Zia. Ela pode se separar quando quiser.

— Então deixe-me entender isso direito, — Carter disse. — Os dois caras que você gosta – um que estava morrendo e o outro que estava fora de alcance por ser um deus – são agora um único cara, que não está morrendo e fora de alcance. E você está reclamando.

— Não me faça soar ridícula! — eu gritei. — Eu não sou ridícula!

Os três deuses olharam para mim. Tudo bem. Certo. Isso soa ridículo.

— Olha, — Carter disse, — vamos concordar em pirar sobre isso depois, ok? Assumindo que não morreremos.

Eu respirei rápido. — Concordo.

Eu ajudei meu irmão a levantar. Juntos nós nos juntamos aos deuses na proa do barco enquanto o barco do sol emergia do Duat. O Rio da Noite desapareceu atrás de nós, e nós navegamos através da nuvens.

A paisagem egípcia espalhava-se à nossa frente, vermelha, dourada e verde na madrugada. No oeste, tempestades de areia rodopiavam pelo deserto. No leste, o Nilo serpenteava seu caminho através do Cairo. Diretamente abaixo de nós, na borda da cidade, três pirâmides se erguiam nas planícies de Gizé.

Sobek bateu seu cajado contra a proa do barco. Ele gritou como um arauto:

— Finalmente, Rá realmente está de volta! Deixem as pessoas se alegrarem! Deixem suas legiões de adoradores se reunirem!

Talvez Sobek tenha dito isso como uma formalidade, ou para puxar o saco de Rá, ou possivelmente só para fazer o velho deus sol se sentir pior. Qualquer que fosse o caso, ninguém abaixo de nós estava se reunindo. Definitivamente ninguém estava festejando. Eu tinha visto essa vista muitas vezes, mas alguma coisa estava errada. Incêndios queimavam pela cidade. As ruas pareciam estranhamente desertas. Não haviam turistas, nenhum humano estava em volta das pirâmides. Eu nunca tinha visto Gizé tão vazio.

— Onde estão todos? — Eu perguntei.

Sobek sibilou com nojo. — Eu deveria ter sabido. Os fracos seres humanos estão se escondendo, ou foram afugentados pela

instabilidade no Egito. Apófis planejou isso bem. A sua escolha de campo de batalha vai estar limpa de mortais aborrecedores.

Eu estremeci. Eu tinha ouvido sobre os problemas no Egito ultimamente, juntamente com os desastres naturais, mas eu não tinha imaginado que isso fosse parte do plano de Apófis.

Se esse fosse o campo de batalha que ele escolheu...

Eu olhei melhor para as planícies de Gizé. Perscrutando o Duat, eu percebi que a área estava completamente vazia. Circundando a base das Grandes Pirâmides estava uma enorme serpente formada por turbilhões de areia vermelha e escuridão. Seus olhos eram pontos de luz ferventes. Suas presas eram garfos de relâmpagos. O que quer que ela tocasse, fervia com o deserto, e as próprias pirâmides tremeram com uma ressonância horrível. Uma das mais antigas estruturas da história da humanidade estava para desabar.

Mesmo do alto, eu podia sentir a presença de Apófis. Ele irradiava pânico e medo tão fortemente, que eu podia sentir os mortais através do Cairo encolhidos em suas casas, com medo de sair. Toda a terra do Egito estava segurando o fôlego.

Enquanto nós assistíamos, a gigante cabeça de cobra de Apófis se ergueu do chão. Ela se chocou contra o chão do deserto, engolindo uma área do tamanho de uma casa na areia. Então ele recuou como se tivesse sido picado, e sibilou com raiva. No início eu não podia dizer contra o que ele estava lutando. Eu convoquei a visão da ave de rapina de Ísis e vi uma pequena ágil com um collant de pele de leopardo, com facas brilhando em ambas as mãos enquanto ela saltava com velocidade e agilidades desumanas, atacando a serpente e fugindo de sua mordida. Sozinha, Bastet estava segurando Apófis na baía.

Eu senti um gosto de moedas antigas na minha boca. — Ela está sozinha. Onde estão os outros?

— Eles esperam pelas ordens do faraó, — Rá disse. — O Caos os deixou divididos e confusos. Eles não vão marchar para a batalha sem um líder.

— Então os lidere! — eu exigi.

O deus sol se virou. Sua forma tremulou, e por um momento eu vi Zia na minha frente em vez dele. Eu me perguntei se ela iria acabar comigo. Eu tinha um pressentimento de que isso seria bem fácil para ela agora.

— Eu vou enfrentar meu antigo inimigo, — ela disse calmamente, ainda com a voz de Rá. — Eu não vou deixar minha leal gata lutar sozinha. Sobek, Bes, venham comigo.

— Sim meu rei, — Sobek disse.

Bes estalou os dedos. Sua roupa de motorista desapareceu, no lugar ficou somente seu Speedo Orgulho Anão.

— Caos... esteje pronto para conhecer o Feio.

— Espere, — Carter disse. — E quanto a nós? Nós temos a sombra da serpente.

O barco estava descendo rapidamente agora, indo pousar logo a sul das pirâmides.

— Primeiras coisas primeiro, Carter. — Zia apontou para a grande esfinge, que estava a trezentos metros das pirâmides. — Você e Sadie tem que ajudar seu tio.

Entre as patas da esfinge, uma linha de fumaça se erguia da entrada de um túnel. Meu coração parou. Zia tinha nos dito uma vez como aquele túnel tinha sido selado para que arqueólogos não encontrassem o caminho para o Primeiro Nomo. Obviamente, o túnel tinha sido aberto à força.

— O Primeiro Nomo está para cair, — Zia disse. Sua forma mudou novamente, e o deus sol estava em pé na minha frente. Eu realmente queria que ele/ela/eles pudessem se manter de um jeito.

— Eu vou segurar Apófis enquanto eu puder, — Rá disse. — Mas se vocês não ajudarem o seu tio e seus amigos imediatamente, não vai haver ninguém para salvar. A Casa da Vida vai desmoronar.

Eu pensei no pobre Amós e nos jovens iniciados, cercados por uma multidão de magos rebeldes. Nós não podíamos deixá-los serem abatidos.

— Ela está certa,— eu disse. — Er, *ele* está certo. O que quer que seja.

Carter concordou relutantemente. — Você vai precisar disso, Senhor Rá.

Ele ofereceu ao deus sol o cajado e o mangual, mas Rá balançou a cabeça. Ou Zia balançou a cabeça. Deuses do Egito, aquilo era confuso!

— Quando eu te disse que os deuses estavam esperando pelo faraó deles, — Rá disse, — eu quis dizer voê, Carter Kane, O Olho de Hórus. Eu estou aqui para enfrentar meu antigo inimigo, não para assumir o trono. Esse é o seu destino. Una a Casa da Vida, comande os deuses em meu nome. Nunca tema, eu vou segurar Apófis até você voltar.

Carter encarou a cajado e o mangual em suas mãos. Ele parecia tão aterrorizado como quando Rá se desfez em areia.

Eu não podia o culpar. Carter tinha acabado de ser ordenado a assumir o trono da criação e liderar um exército de magos e deuses na batalha. Um ano atrás, mesmo seis meses atrás, a ideia de meu irmão receber esse tipo de responsabilidade também iria me aterrorizar.

Estranhamente, eu não pensava mais assim. Pensar em Carter como faraó era na verdade confortante. Tenho certeza de que vou me arrepender de dizer isso, e eu tenho certeza de que Carter nunca vai me deixar esquecer isso, mas a verdade era que eu tenho estado contando com meu irmão desde que nós nos mudamos para a Casa do Brooklyn. Eu tinha passado a depender da força dele. Eu confiava

nele para tomar as decisões certas, mesmo quando ele não confiava nele mesmo. Quando eu tinha aprendido seu nome secreto, eu tinha visto um traço muito claro tecido em seu caráter: Liderança.

— Você está pronto, — eu disse a ele.

— Verdade, — Rá concordou.

Carter olhou para cima, um pouco atordoado, mas eu podia supor que ele sabia que eu não estava implicando com ele – não dessa vez.

Bes deu um soco no ombro dele. — Claro que você está pronto, garoto. Agora, pare de perder tempo e vá salvar seu tio!

Olhando para Bes, eu tentei não ficar com os olhos marejados. Eu já tinha o perdido uma vez.

Quanto a Rá, ele parecia tão confiante, mas ele ainda estava confinado na forma de Zia Rashid. Ela era uma maga forte, sim, mas ela era nova nesse negócio de hospedeiro. Se ela vacilasse, mesmo que ligeiramente, ou se extrapolasse...

— Boa sorte então. — Carter engoliu. — Eu espero…

Ele vacilou. Eu percebi que o pobre rapaz estava tentando dizer adeus à sua namorada, possivelmente pela última vez, e ele nem mesmo podia beijá-la sem beijar o deus sol.

Carter começou a mudar de forma. Suas roupas, sua mochila, mesmo o cajado e o mangual se transformaram em plumagem.

Sua forma encolheu até que ele era um falcão marrom e branco. Depois ele abriu suas asas e mergulhou para fora do barco.

— Ah, eu odeio essa parte, — eu murmurei.

Eu chamei Ísis e a convidei: *Agora. É hora de agirmos como uma.*

Imediatamente a magia dela fluiu em mim. Eu senti como se alguém tivesse ligado geradores elétricos suficientes para ligar uma

nação e canalizado todo o poder através de mim. Eu me tornei um papagaio e me lancei no ar.

Pela primeira vez, eu não tive nenhum problema em voltar a ser humana. Carter e eu nos encontramos aos pés da Grande Esfinge e estudamos a recém-explodida entrada do túnel. Os rebeldes não haviam sido muito sutis. Blocos de pedra do tamanho de carro tinham sido reduzidos a escombros. A areia circundante tinha escurecido e derretido em vidro. Ou Sarah Jacobi tinha usado um feitiço *ha-di* ou diversas bananas de dinamite

— Esse túnel... — eu disse. — A outra entrada não fica bem em frente ao Hall das Eras?

Carter acenou com a cabeça tristemente. Ele pegou o cajado e o mangual, que agora estavam brilhando com fogo fantasmagórico branco. Ele adentrou na escuridão. Eu convoquei meu cajado e minha varinha e o segui.

Enquanto nós descíamos, nós vimos evidências da batalha. Explosões tinham queimado as paredes e os degraus. Uma parte do teto tinha desmoronado. Carter foi capaz de limpar o caminho com a força de Hórus, mas assim que entramos no túnel a entrada atrás de nós desabou. Nós não sairíamos por ali.

Abaixo de nós, eu ouvi os sons do combate – palavras divinas sendo conjuradas; magias de fogo, água, e terra se chocando. Um leão rugiu. Metal se chocou contra metal.

Poucos metros à frente nós encontramos nossa primeira casualidade. Um homem jovem em um uniforme militar cinza esfarrapado estava encostado na parede, segurando seu estômago e respirando ofegante e dolorosamente.

— Leonid! — eu chorei.

Meu amigo russo estava pálido e ensanguentado. Eu botei minha mão na testa dele. Sua pele estava fria.

— Abaixo, — ele suspirou. — Muitos, eu tento...

— Fique aqui, — eu disse o que eu percebi que era bobagem, desde que ele mal podia se mexer. — Nós vamos voltar com ajuda.

Ele concordou bravamente, mas eu olhei para Carter e sabia que nós estávamos pensando a mesma coisa. Leonid podia não durar tanto. O casaco de seu uniforme estava encharcado de sangue. Ele mantinha a mão sobre sua barriga, mas ele claramente tinha sido atacado – por garras, facas ou alguma magia igualmente horrível.

Eu conjurei um feitiço de lentidão em Leonid, o que iria pelo menos estabilizar sua respiração e estancar o fluxo de sangue, mas isso não ia ajudar muito. O pobre rapaz tinha arriscado sua vida fugindo de São Petersburgo. Ele tinha vindo até o Brooklyn para me avisar sobre o ataque iminente. Agora ele tinha tentado defender o Primeiro Nomo de seus antigos mestres, e eles o cortaram e simplesmente passaram por ele, o deixando para sofrer uma morte lenta.

— Nós *vamos* voltar, — eu prometi de novo.

Carter e eu demos de cara com a batalha.

Nós chegamos ao fim das escadas e fomos jogados no meio da batalha. Um leão *shabti* pulou na minha cara.

Ísis reagiu mais rápido do que eu poderia. Ele me deu uma simples palavra para dizer:

— *Fah*!

E o hieróglifo para *Libertação* brilhou no ar.

O leão diminuiu até ser uma estatueta de cera e bateu inofensivamente contra o meu peito.

A nossa volta, o corredor estava em caos. Em todos os lugares os nossos iniciados estavam presos em combates contra magos inimigos. Bem na nossa frente, uma dúzia de rebeldes tinha formado um escudo bloqueando o Hall das Eras, e nossos amigos pareciam estar tentando passar por eles.

Por um momento, as coisas pareceram invertidas para mim. Não deveria ser o nosso lado defendendo as portas? Depois eu percebi o que deveria ter acontecido. O ataque ao túnel selado deve ter surpreendido nossos aliados. Eles tinham corrido de volta para ajudar Amós, mas na hora em que eles chegaram às portas os inimigos já deveriam estar dentro. Agora esse grupo estava impedindo os nossos reforços de alcançar Amós, enquanto nosso tio estava dentro do salão possivelmente sozinho, enfrentando Sarah Jacobi e seu esquadrão de elite.

Meu pulso correu. Eu investi em batalha, conjurando feitiços do menu diversificado de Ísis. Eu me senti bem de ser uma divindade de novo, eu tinha que admitir, mas eu tinha que manter minha energia cuidadosamente equilibrada. Se eu deixasse Ísis ter a rédea solta, ela iria destruir todos os nossos inimigos em segundos, mas ela também me queimaria no processo. Eu tinha que moderar sua inclinação em transformar os mortais insignificantes em pedaços.

Eu joguei minha varinha como um bumerangue e acertei um mago com uma barba muito grande que estavam gritando em russo enquanto lutava espada a espada contra Julian.

O russo desapareceu em uma luz dourada. Onde ele tinha estado, um hamster guinchou de medo e fugiu. Julian sorriu para mim. A lâmina de sua espada estava esfumaçando e as bainhas de suas calças estavam em chamas, mas por outro lado ele estava bem.

— Bem a tempo! — ele disse.

Outro mago investiu contra mim, e nós não tivemos mais tempo para conversar.

Carter estava mais a frente, balançando seu cajado e seu mangual como se tivesse treinado com eles durante toda a vida. Um mago inimigo conjurou um rinoceronte – o que eu achei bem rude já que nós estávamos naquele lugar apertado. Carter o atacou com seu mangual e cada corrente espinhosa se tornou uma corda de fogo. O rinoceronte desmoronou, cortado em três pedaços, e se desfez em uma poça de cera.

Nossos outros amigos também não estavam indo tão mal. Felix usou um feitiço de gelo que eu nunca tinha visto antes – encasulando seus inimigos em bonecos de neve, completos com narizes de cenouras e tubos para os braços. Seu exército de pinguins cambaleava ao seu redor, bicando magos inimigos e roubando varinhas.

Alyssa estava lutando com outra elementarista de terra, mas a mulher russa estava sendo claramente superada. Ela provavelmente nunca tinha enfrentado o poder de Geb antes. Assim que a russa conjurava uma criatura de pedra ou atirava rochas, seus ataques se dissolviam em escombros. Alyssa estalou os dedos e o chão abaixo dos pés da sua oponente virou areia movediça. A russa afundou até os ombros, bem presa.

No final norte do corredor, Jaz estava abaixada ao lado de Cleo, cuidando do braço dela, que tinha sido transformado em um girassol. No entanto Cleo tinha se saído melhor que o seu oponente. Aos seus pés estava um volume de um romance de *David Copperfield* do tamanho de uma pessoa, que me deu a impressão de já ter sido um mago inimigo antes.

(Carter me disse que David Copperfield é um mago. Ele achou isso engraçado por alguma razão. Só ignore ele. Eu ignoro.)

Até mesmo nossos pirralhos estavam agindo. A jovem Shelby havia jogado seus lápis de cor pelo corredor, uma armadilha para os inimigos. Agora ela estava segurando sua varinha como uma raquete de tênis, correndo entre as pernas dos magos adultos, esmagando seus pés e gritando, — Morre, morre, morre!

Não são crianças adoráveis?

Ela golpeou um grande guerreiro de metal, um *shabti* sem dúvidas, e ele se transformou em um porco barrigudo cor de arco-íris. Se nós sobrevivêssemos à esse dia, eu tinha um péssimo pressentimento de que ela iria querer ficar com ele.

Alguns residentes do Primeiro Nomo estavam nos ajudando, mas lamentavelmente eram poucos. Um punhado de magos velhos e vendedores desesperados jogando talismãs e refletindo feitiços.

Lenta mas seguramente, nós estávamos chegando até as portas, onde o grupo principal de inimigos parecia estar focado em um único atacante.

Quando eu percebi quem era, eu fiquei tentada a me transformar em um hamster e fugir dali, guinchando.

Walt estava de volta. Ele rompeu as linhas inimigas com as mãos nuas – jogando um mago rebelde corredor abaixo com uma força desumana, tocando outro e encasulando-o em linho de múmia. Ele segurou o cajado de um terceiro rebelde, e o transformou em pó. Finalmente ele acenou sua mão em direção aos magos restantes, e eles ficaram do tamanho de bonecos. Jarros Canopos – do tipo usado para se colocar os órgãos internos das múmias – surgiram em volta de cada um dos magos minúsculos, selando-os com tampas em forma de cabeças de animais. Os pobres magos gritavam desesperadamente, batendo nos recipientes e fazendo-os parecer uma linha de pinos de boliche muito infeliz.

Walt se virou para nossos amigos. — Está todo mundo bem?

Ele parecia com o antigo e normal Walt – alto e musculoso com o rosto confiante, olhos castanhos e mãos fortes. Mas suas roupas tinham mudado. Ele usava jeans, uma camisa dos Dead Weather[35] escura, e uma jaqueta de couro preta – as roupas de Anúbis, aumentadas para caber no porte físico de Walt. Tudo o que

[35] Grupo de rock.

eu tinha fazer era baixar minha visão no Duat, só um pouco, e via Anúbis em pé com toda sua usual suntuosidade irritante. Os dois – ocupando o mesmo espaço.

— Preparem-se, — Walt disse para as nossas tropas. — Eles selaram as portas, mas eu posso...

Então ele me notou, e sua voz falhou.

— Sadie, — ele disse. — Eu...

— Alguma coisa sobre como abrir as portas? — Eu exigi.

Ele balançou a cabeça em silêncio.

— Amós está lá? — eu perguntei. — Lutando contra Kwai e Jacobi e sabe-se lá quem mais?

Ele balançou a cabeça novamente.

— Então para de me encarar e *abra as portas*, garoto irritante!

Eu estava falando pros dois. Eu me senti bem natural. E me senti bem por deixar minha raiva sair. Eu tinha que lidar com aqueles dois – aquele um – o que quer que ele seja – mas depois. Agora meu tio precisava da minha ajuda.

Walt/Anúbis teve a coragem de sorrir.

Ele pôs suas mãos na porta. Toda a superfície dela ficou cheia de cinzas. O bronze desmoronou em poeira.

— Depois de você, — ele me disse, e nós entramos no Hall das Eras.

18. O Garoto da Morte ao Resgate

As boas notícias: Amós não estava inteiramente sozinho.

As más notícias: seu reforço era o deus do mal.

Enquanto nós corríamos para dentro do Hall das Eras, nossa tentativa de resgate parava. Nós não esperávamos ver um balé aéreo mortal com relâmpagos e facas. Os hieróglifos normais que flutuavam no salão desapareceram. As cortinas holográficas dos dois lados do salão tremeluziam fracamente. Algumas tinham caído por completo.

Como eu suspeitava, um time de assalto de magos inimigos tinha se fechado aqui com Amós, mas parecia que eles estavam se arrependendo da sua escolha.

Pairando no meio do centro do salão, Amós estava envolto de um avatar estranho que eu nunca vi. Uma forma humana o rodeava vagamente – uma parte de tempestade de areia, parte fogo, parecido como o gigante Apófis que vimos lá em cima, exceto que mais feliz. O guerreiro gigante vermelho ria enquanto lutava, rodando um cajado preto de dez metros com uma força descuidada. Suspenso em seu peito, Amós copiava os movimentos do gigante,

seu rosto frisado com suor. Eu não podia dizer se Amós estava direcionando Set ou tentando conter ele. Possivelmente os dois.

Os magos inimigos fizeram círculos ao seu redor. Kwai era fácil de detectar, com sua careca e túnica azul, correndo pelo ar como aqueles monges de arte marciais que podem desafiar a gravidade. Ele atirou raios de luz vermelhos no avatar de Set, mas eles não pareciam ter muito efeito.

Com o seu cabelo preto espetado e túnica branca, Sarah Jacobi parecia como uma Bruxa Esquizofrênica do Oeste, especialmente por que ela estava surfando em uma nuvem de tempestade como um tapete voador. Ela segurava duas facas pretas como navalhas de barbeiro, que ela jogava várias e várias vezes como um show de malabarismo, arremessando contra o avatar de Set, e pegando-as assim que elas retornam as suas mãos. Eu já tinha visto facas que nem aquelas antes – lâminas *netjeri*, feitas de aço de meteorito. Elas eram usadas na maioria das vezes em cerimônias de funeral, mas elas pareciam funcionar muito bem como armas. Com cada pancada, eles cortavam cada vez mais a pele de areia do avatar, vagarosamente desgastando-a. Enquanto eu a assistia jogar as suas facas, raiva se firmou em mim como um soco. Algum instinto me disse que Jacobi tinha emperrado meu amigo russo Leonid com aquelas facas antes de deixá-lo para morrer.

Os outros rebeldes não estavam tão satisfeitos com seus ataques, mas eles com certeza eram persistentes. Alguns jogavam em Set jatos de vento ou água. Outros lançavam criaturas de *shabti*, como grifos e escorpiões gigantes. Uma bola de gordura foi atirada em Amós com pedaços de queijo. Honestamente, eu não tenho certeza se eu teria escolhido um Mestre do Queijo para meu esquadrão de elite, mas talvez Sarah Jacobi ficasse com fome durante as batalhas.

Set parecia estar se divertindo. O gigante guerreiro vermelho lançou seu cajado de aço para dentro do peito de Kwai e o mandou pelo ar em uma espiral. Ele lançou outro mago dentro das cortinas holográficas da era romana, e o pobre homem entrou em colapso com visões de togas de festas.

Set empurrou com sua mão livre o Mestre do Queijo. O mago gordo estava tragado pela tempestade de areia e começou a gritar, mas rapidamente, Set relaxou sua mão. A tempestade parou. O mago caiu no chão como uma boneca de pano, inconsciente, mas ainda vivo.

— Bah! — O guerreiro vermelho berrou. — Vamos lá, Amós, me deixe ter alguma diversão. Eu só queria arrancar a carne dos ossos deles!

O rosto de Amós estava concentrado. Claramente ele estava fazendo seu melhor para controlar o deus, mas Set tinha muitos outros inimigos para brincar.

— Puxar! — O deus vermelho atirou um relâmpago em uma esfinge de pedra que virou poeira. Ele riu insanamente e golpeou seu cajado em Sarah Jacobi. — Isso é *diversão*, pequenos magos! Vocês não tem mais nenhum truque?

Eu não tinha certeza quanto tempo nós paramos na porta, assistindo a batalha. Provavelmente não mais que alguns segundos, mas pareceu como uma eternidade.

Finalmente Jaz sufocou um soluço. — Amós... ele está possuído de novo.

— Não. — Eu insisti. — Não, isso é diferente! Ele está no controle.

Nossos iniciados olharam para mim sem muita confiança. Eu entendia o pânico deles. Eu lembro melhor que todo mundo como Set quase destruiu a sanidade do meu tio. Era difícil de compreender que Amós voluntariamente tenha canalizado o poder do deus vermelho. Ainda que ele fizesse o impossível. Ele estava ganhando.

Entretanto, nem o Chefe Leitor não podia canalizar tanto poder por muito tempo.

— Olhem para ele! — Eu supliquei. — Nós temos que ajudá-lo! Amós não está possuído. Ele está controlando Set!

Walt franziu a testa. — Sadie, isso... isso é impossível. Set não pode ser controlado.

Carter ergueu seu cajado e mangual. — É óbvio que ele *pode*, por que Amós está conseguindo. Agora, vocês vão para a guerra, ou o quê?

Nós fomos para frente, mas nós hesitamos muito. Sarah Jacobi notou a nossa presença. Ela gritou para seus seguidores:

— Agora!

Ela podia ser má, mas ela não era boba. Seu ataque em Amós era simplesmente para distraí-lo e o enfraquecer. Com a sua deixa, o verdadeiro ataque começou. Kwai jogou relâmpagos na cara de Amós assim como os outros lançavam cordas mágicas no avatar de Set.

O guerreiro vermelho cambaleou quando as cordas o prenderam de uma vez, nas duas pernas e braços. Sarah Jacobi embainhou suas facas e fez um laço longo e preto. Dirigindo sua nuvem de tempestade acima do avatar, ela laçou com destreza a sua cabeça e puxou o laço apertado.

Set rugiu de indignação, mas o avatar começou a encolher. Antes que nós pudéssemos chegar mais perto, Amós estava ajoelhado no chão do Hall das Eras, rodeado por apenas um único escudo fino vermelho. As cordas mágicas o prendiam. Sarah Jacobi estava atrás dele, segurando o laço preto como uma coleira. Uma de suas *netjeri* estava pressionada contra o pescoço de Amós.

— Parem! — Ela mandou. — Isso acaba agora.

Meus amigos hesitaram. Os magos rebeldes viraram e nos encararam.

Ísis falou na minha mente: *Lamentável, mas nós precisamos deixá-lo morrer. Ele hospeda Set, nosso velho inimigo.*

Esse é meu tio! Eu respondi.

Ele foi corrompido. Ísis disse. *Ele já se foi.*

— Não! — eu gritei. Nossa conexão vacilou. Você não pode compartilhar a mente de um deus e ter um desacordo. Para ser o Olho, você precisa agir em perfeita sintonia.

Carter parecia ter o mesmo problema com Hórus. Ele invocou o guerreiro avatar, mas imediatamente se dissipou e jogou Carter no chão.

— Vamos lá, Hórus! — Ele reclamou. — Nós temos que ajudar.

A risada de Sarah Jacobi soou como um metal arrastado na areia.

— Vocês veem? — Ela puxou a corda apertada no pescoço de Amós. — *Isso* é o que vem do caminho dos deuses! Confusão. Caos. Set em pessoa no Hall das Eras! Até mesmo vocês tolos desorientados não podem negar que isso é errado!

Amós feriu sua garganta. Ele rosnou com ultraje, mas era a voz de Set que falava. — Eu tentei fazer algo bom, e é *assim* que me agradecem? Você deveria ter me deixado matar todos, Amós!

Eu dei um passo a frente, com cuidado para não fazer nenhum movimento brusco. — Jacobi, você não entende. Amós está canalizado o poder de Set, mas ele está no controle. Ele podia ter te matado, mas ele não o fez. Set era um tenente de Rá. Ele é uma ajuda usável, propriamente controlado.

Set bufou. — Usável, sim! Eu não sei sobre o negócio de *propriamente controlado*. Deixe me ir, punir magos, então eu posso te arrebentar!

Eu olhei para o meu tio. — Set! Não está ajudando!

A expressão de Amós mudou de raiva para consentimento. — Sadie! — Ele disse com a sua própria voz. — Vá: Lute contra Apófis. Me deixe aqui!

— Não. — Eu disse. — Você é o Chefe Leitor. Nós lutaremos pela Casa da Vida.

Eu não olhei para trás, mas eu esperava que meus amigos concordassem. Caso contrário, meu ultimo discurso seria curto, muito curto.

Jacobi zombou. — Seu tio é um servo de Set! Você e seu irmão estão sentenciados a morte. E o restante de vocês, abaixem suas armas. Como sua nova Chefe Leitora, eu irei lhes dar anistia. Então nós batalharemos contra Apófis juntos.

— Você tem uma *aliança* com Apófis! — Eu gritei.

A cara de Jacobi petrificou. —Traição.

Ela tirou seu cajado. — *Ha-di*.

Eu ergui minha varinha, mas Ísis não estava me ajudando nesse momento. Eu era apenas Sadie Kane, e minhas defesas eram vagarosas. A explosão invadiu meus escudos fracos e me jogou para dentro de uma cortina de luz. Imagens da Era dos Deuses crepitavam ao meu redor – a fundação do mundo, a coroação de Osíris, a batalha de Set e Hórus – como se eu tivesse sessenta diferentes filmes sendo baixados dentro do meu cérebro enquanto era eletrocutada. A luz se apagou, e eu fiquei no chão, atordoada e esgotada.

— Sadie! — Carter vinha em minha direção, mas Kwai lançou contra ele um relâmpago vermelho. Carter caiu de joelhos. Eu não tinha nem forças para gritar.

Jaz correu até mim. O pequeno Shelby gritou. — Parem! Parem! — Nossos outros iniciados pareciam atordoados, incapazes de se mexerem.

— Levantem. — Jacobi disse. Eu percebi que ela estava falando com palavras de poder, assim como o fantasma de Setne tinha feito. Ela estava usando magia para paralisar meus amigos. — Os Kanes não trouxeram nada para vocês além de problemas. É tempo de acabar com isso.

Ela levantou sua *netjeri* do pescoço de Amós. Rápida que nem a luz, ela a jogou em mim. Enquanto a lâmina flutuava, minha mente parecia se acelerar. Em um milésimo de segundo, eu entendi que Sarah Jacobi não perderia. Meu fim seria doloroso como o pobre Leonid, que foi sangrado para morrer sozinho no outro túnel. Eu não podia fazer nada para me defender.

Uma sombra passou na minha frente. Uma mão descoberta arrebatou a lâmina no ar. O ferro meteórico virou cinzas e desmoronou.

Os olhos de Jacobi se alargaram. Ela rapidamente pegou sua segunda faca.

— Quem é você? — Ela exigiu.

— Walt Stone. — Ele disse. — Sangue dos faraós. E Anúbis, deus da morte.

Ele avançou na minha frente, me protegendo dos inimigos. Talvez minha visão estivesse com problemas por que eu bati minha cabeça, mas eu vi os dois com a mesma clareza – os dois lindos e poderosos, os dois com raiva.

— Nós falamos em uma só voz. — Walt disse. — Especialmente nessa situação. *Ninguém* fere Sadie Kane.

Ele estendeu a mão. O chão se dividiu entre os pés de Sarah Jacobi, e as almas dos mortos surgiram como erva daninha – mãos esqueléticas, caras brilhantes, sombras com presas, e *ba's* com suas garras prolongadas. Eles encurralaram Sarah Jacobi, envolvendo-a em roupa de fantasma e arrastaram-na para o abismo gritando. O chão se fechou atrás dela, não deixando nenhum traço de que ela alguma vez tivesse existido.

O laço negro ao redor do pescoço de Amós afrouxou, e a voz de Set riu com prazer. — Esse é meu garoto!

— Cala a boca, Pai. — Anúbis disse.

No Duat, Anúbis parecia como ele sempre foi, com seu cabelo preto desgrenhado e olhos marrons amáveis, mas eu nunca o tinha visto preenchido de raiva. Eu percebi que se alguém se atrever a me machucar irá sofrer sua ira completa, e Walt não estava lá para pará-lo.

Jaz ajudou Carter a se levantar. Sua camisa estava queimada, mas ele parecia estar bem. Eu supus que o relâmpago não era a pior coisa que tinha acontecido com ele ultimamente.

— Magos! — Carter se ajeitou para se levantar e parecer confiante, abordando tanto os iniciados quanto os rebeldes. — Nós estamos perdendo tempo. Apófis está lá em cima, a ponto de destruir o mundo. Alguns deuses corajosos estão segurando-o por nossa causa, por causa do Egito e pelo mundo mortal, mas eles não podem fazer isso sozinhos. Jacobi e Kwai os levaram ao erro. Soltem o Chefe Leitor. Nós temos que trabalhar juntos.

Kwai rosnou. Eletricidade vermelha saiu entre os seus dedos. — Nunca. Nós não nos curvaremos para os deuses.

Eu me levantei.

— Ouçam meu irmão. — Eu disse. Vocês não confiam nos deuses? Eles já estão nos ajudando. Entretanto, Apófis quer que nós lutemos entre nós. Por que vocês acham que o ataque de vocês foi de manhã, no mesmo momento que Apófis está se levantando? Kwai e Jacobi venderam todos vocês. O inimigo está na frente de vocês!

Até os rebeldes agora se viraram para encarar Kwai. As cordas restantes caíram de Amós.

Kwai zombou. — Vocês estão muito atrasados.

Sua voz soava com poder. Suas vestes ficaram de azul para cor de sangue. Seus olhos brilharam, suas pupilas viraram reptilianas. — Até agora, meu mestre está destruindo os velhos deuses, entrando pelas fundações do seu mundo. Ele irá engolir o sol. Todos vocês irão morrer.

Amós ficou em pé. Areia vermelha girou ao seu redor, mas eu não tinha dúvidas de quem estava no comando agora. Suas vestes

brancas reluziam com poder. A capa de pele de leopardo de Chefe Leitor brilhava nos seus ombros. Ele mexeu seu cajado, e hieróglifos multicoloridos voaram pelo ar.

— Casa da Vida. — Ele disse. — Para a guerra!

Kwai não desistiu fácil.

Eu suponho que é o que acontece quando a Serpente do Caos está invadindo seus pensamentos e preenchendo-o com raiva e magia.

Kwai mandou uma corrente de raios vermelhos pelo salão, derrubando uma parte dos outros magos, incluindo seus seguidores. Ísis deve ter me protegido, pois um veio até mim sem nenhum efeito. Amós não parecia incomodado com o tornado vermelho. Walt tropeçou, mas por um instante. Até Carter em seu estado debilitado conseguiu desviar do raio com o seu cajado de faraó.

Os outros não foram tão sortudos. Jaz desabou. Depois Julian. Depois Felix e seu esquadrão de pinguins. Todos os iniciados e rebeldes estavam inconscientes no chão. Muito para um ofensiva maciça.

Eu invoquei o poder de Ísis. Eu comecei a conjurar um encanto de ligação; mas Kwai não tinha acabado com seus truques. Ele levantou suas mãos e criou sua própria tempestade de areia. Dezenas de turbilhões giravam pelo salão, formando criaturas de areia – esfinges, crocodilos, lobos e leões. Eles atacaram em todas as direções, até nos nossos amigos indefesos.

— Sadie! — Amós avisou. — Proteja-os!

Eu rapidamente mudei o feitiço – fazendo escudos rapidamente sobre os iniciados inconscientes. Amós explodiu os monstros um por um, mas eles continuavam se reformando.

Carter invocou seu avatar. Ele foi atrás de Kwai, mas o jato mágico vermelho o atingiu com um novo tipo de raio. Meu pobre irmão bateu em uma coluna de pedra, o que o deixou confuso. Eu podia apenas esperar que o seu avatar tivesse pegado a maior parte do impacto.

Walt defendeu uma dezena de magos de uma vez – suas esfinges, seus camelos, seus íbis, até Philip da Macedônia. Eles atacaram as criaturas de areia, tentando mantê-las longe dos magos caídos.

Então Walt se virou para Kwai.

— Anúbis. — Kwai sibilou. — Você deveria ter ficado em sua funerária, menino deus. Você será superado.

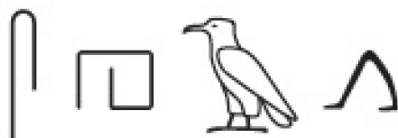
No momento da resposta, Walt estendeu as mãos. Em cada lado dele, o solo se abriu. Dois chacais pularam das fendas, com seus dentes arreganhados. A forma de Walt tremeluziu. De repente ele estava vestido com uma armadura egípcia, com um cajado *was* girando em suas mãos como um ventilador mortal.

Kwai rosnou. Ele atacou os chacais com ondas de areia. Ele arremessou raios e palavras de poder em Walt, mas Walt os rebateu com o cajado, reduzindo os ataques de Kwai em cinzas.

Os chacais cercaram Kwai de todos os lados, afundando os dentes na sua perna, enquanto Walt deu um passo a frente e mexeu seu cajado como um taco de golfe. Ela bateu tão forte em Kwai, eu imaginei que isso ecoou por todo o caminho do Duat. O mago caiu. Suas criaturas de areia sumiram.

Kwai poderia estar morto. Uma linha de sangue escorreu de sua boca. Seus olhos estavam vidrados. Mas enquanto eu estudava sua cara, ele pegou ar e deu uma risada fraca.

— Idiotas. — Ele disse asperamente. — *Sahei*.

Um hieróglifo vermelho sangue queimou contra seu peito:

Suas roupas queimaram em chamas. Diante de nossos olhos, ele se dissolveu em areia e uma onda fria – o poder do Caos – ondulou pelo Hall das Eras. Colunas sacudiram. Pedaços de pedras caíram do teto. Uma laje do tamanho de um forno se cochou contra o trono, quase se chocando no trono do faraó.

— *Trazer abaixo*. — Eu disse. Percebendo o que os hieróglifos significavam. Até Ísis parecia espantada pela invocação. — *Sahei* é *trazer abaixo.*

Amós praguejou em Egito antigo – algo sobre burros pisoteando o fantasma de Kwai. — Ele usou sua vida para lançar essa maldição. O salão está enfraquecido. Nós temos que ir antes que sejamos enterrados vivos.

Eu olhei para os magos caídos. Alguns dos nossos iniciados estavam começando a se mexer, mas não tinha nenhuma maneira de que nós pudéssemos tirá-los em segurança a tempo.

— Nós temos que parar isso! — Eu insisti. — Nós temos quatro deuses presentes! Não podemos salvar o salão?

Amós franziu o cenho. — O poder de Set não irá ajudar nisso. Ele só pode destruir, não restaurar.

Walt – que parecia calmo para um guerreiro com armadura – balançou sua cabeça. — Isso está além de Anúbis. Desculpe-me.

O chão tremeu. Nós só tínhamos alguns segundos de vida. Então nós seríamos apenas outros bando de egípcios em tumbas.

— Carter? — Eu perguntei.

Ele me olhava impotente. Ele ainda estava fraco, e eu percebi que a sua magia de batalha não seria de muita ajuda nesse momento.

Eu suspirei. — Então é comigo, como sempre. Tudo bem. Vocês três protejam os outros o melhor que conseguirem. Se isso não funcionar, vão embora rápido.

— Se o *que* não funcionar? — Amós disse, e mais pedaços de teto caíram em nós. — Sadie, o que você está planejando?

— Apenas uma palavra, querido tio.— Eu ergui meu cajado e chamei pelo poder de Ísis.

Ela imediatamente entendeu o que eu precisava. Juntas, nós tentamos acalmar o Caos. Eu me concentrei nos momentos pacíficos da minha vida – e não eram muitos. Eu me lembrei da minha festa do meu sexto aniversário em Los Angeles com Carter, meu pai e mãe – a última memória clara que eu tinha de todos nós juntos como uma família. Eu imaginei ouvir a música no meu quarto na Casa do Brooklyn enquanto Khufu comia Cheerios na minha cômoda. Eu me imaginei sentada na varanda com meus amigos, tendo um ótimo café da manhã enquanto Philip da Macedônia nadava na piscina – Muffin no meu colo, o jogo de rugby do vovô na televisão, e os biscoitos horríveis da vovó com chá fraco na mesa. Tempos bons, eram esses.

Mais importante, eu baixei o meu caos. Aceitei minha mistura de emoções sobre o tempo que morei em Londres ou Nova York,

enquanto era uma maga ou uma estudante. Eu era Sadie Kane, e se eu sobrevivesse hoje, eu poderia balancear tudo. E, sim, eu aceitei Walt e Anúbis... Eu larguei minha raiva e medo. Eu imaginei os dois comigo, e se era peculiar, então bem, isso se encaixava direito com o resto da minha vida. Eu fiquei em paz com a ideia. Walt estava vivo. Anúbis estava em carne e osso. Eu calei minha inquietação e deixei ir minhas dúvidas.

— *Ma'at,* — Eu disse.

Eu me senti como se eu estivesse presa contra as fundações da terra. Uma harmonia profunda ressoava pelos níveis do Duat.

O Hall das Eras se calou. Colunas se levantaram e se restauraram sozinhas. As rachaduras no teto se selaram. Cortinas holográficas de luz estavam mais uma vez de cada lado do salão, e hieróglifos mais uma vez preenchiam o ar.

Eu cai nos braços de Walt. Com minha visão embaçada, eu vi ele sorrindo para mim. Anúbis também. Eu podia ver os dois, e eu percebi que eu não tinha que escolher.

— Sadie, você conseguiu. — Ele disse. — Você é incrível.

— Uhum — Eu murmurei. — Boa noite.

Eles me disseram que eu fiquei fora por alguns segundos, mas pareceu séculos. Quando acordei, os outros magos estavam novamente em pé. Amós sorriu para mim. — Se levante, minha garota.

Ele me ajudou a ficar de pé. Carter me abraçou entusiasticamente, quase como se ele me apreciasse pela primeira vez.

— Isso não acabou. — Carter avisou. — Nós temos que conseguir chegar à superfície. Estão prontos?

Eu balancei a cabeça, nenhum de nós dois estava em boa forma. Nós usamos muita energia na luta no Hall das Eras. Até com os deuses ajudando, nós não estávamos em condições de encarar Apófis. Mas tínhamos uma pequena escolha.

— Carter. — Amós disse formalmente, gesticulando para o trono vazio. — Você é sangue dos faraós, Olho de Hórus. Você carrega o cajado e mangual, dados por Rá. O navio real é seu. Você nos liderará, deuses e mortais, contra o inimigo?

Carter ficou ereto. Eu podia ver a dúvida e medo nele, mas possivelmente isso era apenas por que eu o conhecia. Eu falei seu nome secreto. Por outro lado, ele parecia confiante, forte, adulto – até mesmo majestoso.

[Sim, eu disse isso. Não fique se achando, querido irmão. Você continua um grande idiota.]

— Eu liderarei vocês. — Carter disse. — Mas o trono terá que esperar. Agora, Rá precisa de nós. Nós temos que ir para a superfície. Você pode nos mostrar o caminho mais rápido?

Amós balançou a cabeça. — E o resto de vocês?

Os outros magos assentiram – até os rebeldes.

— Nós não somos muitos. — Walt observou. — Quais suas ordens, Carter?

— Primeiro nós temos que conseguir reforços. — Ele disse. — É hora de invocar uns deuses para a guerra.

19. Bem-Vindo ao Parque de Diversões do Mal

Sadie disse que eu parecia confiante?

Essa é boa.

Na verdade, a oferta de realeza do universo (ou comando supremo sobre deuses e magos, ou o que quer que seja) realmente abalou minhas bases.

Eu estava agradecido que isso tinha acontecido quando estávamos prestes a entrar em combate, assim eu não teria muito tempo para pensar sobre isso ou eu surtaria.

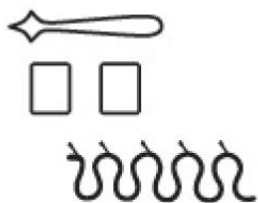
Vai fundo, Hórus disse. *Use minha coragem*.

Pela primeira vez eu estava contente em deixá-lo no comando. Caso contrário, quando nós alcançássemos a superfície e eu visse quão ruim as coisas estavam, eu poderia correr de volta pra dentro, gritando como uma criancinha.

(Sadie diz que isso não é justo. Nossas criancinhas não gritam. Elas estavam mais ansiosas para o combate do que nós).

De qualquer forma, nossa pequena gangue de magos surgiu de um túnel secreto na metade do caminho de Quéfren e olhamos para o fim do mundo.

Dizer que Apófis era enorme seria como dizer que o *Titanic* ocupava um pouco d'água. Desde que estávamos no subterrâneo, a serpente tinha crescido. Agora ele estava enrolado sobre o deserto por quilômetros, enroscado nas pirâmides e túneis sob os arredores do Cairo, elevando bairros inteiros como tapetes antigos.

Somente a cabeça da serpente estava acima do solo, mas ela surgiu tão grande quanto as pirâmides. Ela era formada por tempestade de areia e relâmpagos, como Sadie havia descrito; e quando se mostrava a crista da cobra, aparecia um hieróglifo ardente que nenhum mago jamais escreveria: *Isfet*, o sinal do Caos:

Os quatro deuses lutando contra Apófis pareciam minúsculos em comparação. Sobek montou nas costas da serpente, mordendo de novo e de novo com suas poderosas mandíbulas de crocodilo e esmagando tudo com seu cajado. Seus ataques eram conexos, mas não pareciam incomodar Apófis.

Bes dançava ao redor em sua Speedo, balançando um taco de madeira e gritando "Boo!" tão alto, que as pessoas do Cairo estavam provavelmente encolhidas sob suas camas. Mas a cobra gigante do Caos não parecia aterrorizada.

Nossa amiga gata Bastet não estava tendo muita sorte também. Ela saltou sobre a cabeça da serpente e golpeava descontroladamente com suas facas, então pulava antes que Apófis pudesse sacudi-la para fora, mas a serpente só parecia interessada num único alvo.

De pé no deserto entre a Grande Pirâmide e a Esfinge, Zia estava cercada em luz dourada brilhante. Era difícil olhar diretamente para ela, mas ela estava atirando bolas de fogo, como fogos de artifício – cada uma explodindo contra o corpo da serpente e interrompendo a sua forma. A serpente revidou, mordendo pedaços do deserto, mas ele não conseguia encontrar Zia. Sua localização mudava como uma miragem – sempre vários passos de distância de onde quer que Apófis atingisse.

Mesmo assim, ela não podia manter isso para sempre. Olhando pelo Duat, eu podia ver as auras dos quatro deuses enfraquecendo, e Apófis continuava crescendo e ficando mais forte.

— O que nós faremos? — perguntou Jaz nervosamente.

— Esperamos pelo meu sinal —, eu disse.

— Que é o quê? — perguntou Sadie.

— Eu ainda não sei. Eu voltarei.

Eu fechei meus olhos e enviei meu *ba* para os céus. De repente, eu estava na sala do trono dos deuses. Colunas de pedra elevavam-se acima. Braseiros de fogo mágico espalhados até longe, sua luz refletindo sobre o chão de mármore polido. No centro da sala, o barco do sol de Rá repousava sobre seus estrados. Seu trono de fogo estava vazio.

Eu parecia estar sozinho, até que eu chamei.

— Vinde a mim. — Hórus e eu falamos em uníssono. — Cumpram o seu juramento de lealdade.

Trilhas de fumaça brilhante entravam no ambiente como cometas em câmera lenta. Luzes brilhavam até criarem vida, girando entre as colunas. Ao meu redor, os deuses se materializaram.

Um enxame de escorpiões correu pelo chão e se fundiram para formar a deusa Serqet, que olhou para mim com desconfiança por debaixo de sua coroa em forma de escorpião. Babi, o deus babuíno, desceu da mais próxima coluna e mostrou suas presas. Nekhbet, a deusa abutre, empoleirou-se na proa do barco do sol. Shu, o deus do vento, entrou num sopro como uma poeira do mal, em seguida, tomou a aparência de um piloto da Segunda Guerra Mundial, com seu corpo criado inteiramente a partir de poeira, folhas e pedaços de papel.

Havia mais uma dúzia: o deus da lua Khonsu em seu terno prateado; a deusa do céu Nut, com sua pele azul galáctica brilhando com estrelas; Hapi, o hippie com sua saia verde de escamas de peixe e seu sorriso louco; e uma mulher de aspecto severo em roupas camufladas de caça, um arco ao seu lado, pintura de graxa no rosto, e duas folhas de palmeiras ridículas saindo de seu cabelo – Neith, eu assumi.

Eu esperava por mais rostos amigáveis, mas eu sabia que Osíris não poderia deixar o mundo inferior. Tot ainda estava preso em sua pirâmide. E muitos deuses – provavelmente aqueles mais susceptíveis à ajudar-me – também estavam sob cerco das forças do Caos. *Nós* teríamos que fazer dar certo.

Eu encarei os deuses reunidos e esperava que minhas pernas não estivessem tremendo muito. Eu ainda me sentia como Carter Kane, mas eu sabia que, quando olhavam para mim, eles estavam vendo Hórus, o Vingador.

Eu brandi o cajado e o mangual. — Esses são os símbolos do faraó, que me foram dados pelo próprio Rá. Ele me nomeou como seu líder. Mesmo agora, ele está enfrentando Apófis. Devemos nos juntar à batalha. Sigam-me e façam o seu dever.

Serqet assobiou. — Nós só seguimos os fortes. Você é forte?

Eu me movi com velocidade relâmpago. Atravessei o mangual através da deusa, cortando-a em uma pilha flamejante de escorpiões assados.

A poucas criaturas vivas corriam para fora dos destroços. Eles se moveram para uma distância segura e começaram a tomar forma novamente, até que a deusa estava inteira novamente, escondendo-se atrás de um braseiro de chamas azuis.

A deusa abutre Nekhbet gargalhou. — Ele é forte.

— Então venham —, eu disse.

Meu *ba* retornou à terra. Eu abri meus olhos.

Acima de pirâmide de Quéfren, nuvens de tempestade estavam reunidas. Com um trovão elas se separaram, e os deuses entraram para a batalha, alguns montando carruagens de guerra, alguns em navios de guerra flutuantes, alguns nas costas dos falcões gigantes. O deus babuíno Babi pousou no topo da Grande Pirâmide. Ele bateu no peito e gritou.

Eu virei para Sadie. — Que tal isso como sinal?

Nós escalamos a pirâmide e nos juntamos a luta.

Primeira dica numa luta contra uma serpente gigante do Caos: não lute.

Mesmo com um esquadrão de deuses e magos em sua volta, não é uma batalha que você provavelmente irá ganhar. Descobri isso enquanto nós chegamos mais perto e o mundo parecia rachar. Percebi que Apófis não estava apenas enrolando-se dentro e fora do deserto, enrolando-se em torno das pirâmides. Ele estava enrolando

para dentro e para fora do Duat, fragmentando a realidade em diferentes camadas. Tentar encontrá-lo era como correr por um Parque de Diversões cheio de espelhos, cada espelho leva a outro Parque de Diversões cheio de mais espelhos.

Nossos amigos começaram a dividir-se. Em torno de nós, deuses e magos ficaram isolados, alguns afundando mais fundo no Duat que outros. Nós lutávamos contra um único inimigo, mas cada um lutava apenas contra um fragmento de seu poder.

Na base da pirâmide, parte da serpente se enroscava em Walt. Ele tentou forçar seu caminho para fora, explodindo a serpente com luz cinzenta que transformou suas escamas em cinzas, mas a serpente simplesmente se regenerava, apertando mais e mais em torno de Walt. À poucos metros de distância, Julian tinha convocado um avatar de Hórus completo, um gigante guerreiro verde com cabeça de falcão com um *khopesh* em cada mão. Ele cortou fora a cauda da serpente – ou pelo menos uma versão dela – enquanto a cauda chicoteava em volta e tentava acertá-lo. Mais profundo no Duat, a deusa Serqet estava praticamente no mesmo lugar. Ela transformou-se em um gigante escorpião negro e foi confrontar outra imagem da cauda da serpente, desviando-a com seu ferrão em uma luta de espadas bizarra. Mesmo Amós tinha sido emboscado. Ele enfrentava a direção errada (ou pelo menos assim me parecia) e brandia seu cajado através do ar, gritando palavras de comando para o nada.

Eu esperava que estivéssemos enfraquecendo Apófis por força-lo a lidar com tantos de nós ao mesmo tempo, mas eu não conseguia ver nenhum sinal de sua força diminuindo.

— Ele está nos dividindo! — Sadie gritou. Mesmo estando do meu lado, ela parecia estar falando através de um túnel de vento barulhento.

— Segure firme! — Eu estendi o cajado do faraó. — Temos que ficar juntos!

Ela pegou a outra extremidade do cajado, e nós seguimos em frente.

Quanto mais perto chegávamos à cabeça da serpente, mais difícil era para se mover. Eu me senti como se estivéssemos passando por camadas de xarope límpido, cada uma mais espessa e mais resistente do que a anterior. Eu olhei ao nosso redor e percebi que a maioria dos nossos aliados tinha caído. Alguns eu não podia nem ver por causa da distorção do Caos.

Diante de nós, uma luz brilhante brilhou como se estivesse através da água.

— Nós temos que chegar até Rá —, eu disse. — Concentre-se nele!

O que eu realmente estava pensando: eu tenho que salvar Zia. Mas eu tinha certeza que Sadie sabia sem eu ter que dizer. Eu podia ouvir a voz de Zia, convocando ondas de fogo contra seu inimigo. Ela não poderia estar mais longe, talvez poucos metros de distância mortal? Através do Duat, poderiam ter sido milhares de quilômetros.

— Quase lá! — Eu disse.

Vocês estão muito atrasados, pequenos seres, a voz de Apófis zunia em meus ouvidos. *Rá será meu café-da-manhã hoje.*

Uma parte tão grande da cobra quanto um vagão do metrô bateu na areia aos nossos pés, quase nos esmagando. As escamas

ondulavam com energia do Caos, me fazendo querer dobrar com náuseas. Sem Hórus me protegendo, tenho certeza que eu teria sido vaporizado só estando tão perto dele. Balancei meu mangual. Três linhas de fogo atravessaram o couro da cobra, lançando-o em pedaços de névoa vermelha e cinza.

— Tudo bem? — perguntei à Sadie.

Ela parecia pálida, mas assentiu. Nós seguimos em frente.

Alguns dos deuses mais poderosos ainda lutavam ao nosso redor. Babi, o babuíno, estava montando uma versão de cabeça da serpente, batendo os punhos enormes entre os olhos de Apófis, mas a serpente parecia apenas levemente irritada. A deusa caçadora Neith se escondeu atrás de uma pilha de blocos de pedra, acertando em outra cabeça da cobra com suas flechas. Ela era muito fácil de identificar por causa das folhas de palmeiras em seu cabelo, e ela continuou gritando alguma coisa sobre uma conspiração de Jelly Baby. Mais adiante, a boca de outra serpente afundou suas presas em Nekhbet, a deusa abutre, que gritou de dor e explodiu em uma pilha de penas pretas.

— Nós estamos ficando sem deuses! — Sadie gritou.

Finalmente chegamos ao meio da tempestade de Caos. Paredes de fumaça vermelha e cinza giravam em torno de nós, mas o rugido morria no centro, como se tivéssemos entrado no olho de um furacão. Acima de nós surgiu a verdadeira cabeça da serpente, ou pelo menos a manifestação que detinha a maior parte de seu poder.

Como eu sabia disso? Sua pele parecia mais sólida, brilhando com escamas vermelho-douradas. Sua boca era uma caverna rosa com presas. Seus olhos brilhavam, e sua silhueta se espalhava tão amplamente que bloqueava um quarto do céu.

Diante dele estava Rá, uma aparição brilhante muito forte para se olhar diretamente. Se eu olhasse pelo canto do meu olho, no entanto, eu podia ver Zia no centro da luz. Ela agora usava as roupas de uma princesa egípcia – um vestido de seda branco e dourado, um colar de ouro e braçadeiras. Até mesmo seu cajado e varinha eram dourados. Sua imagem dançava como vapor quente, fazendo com que a serpente julgasse mal sua localização a cada vez que ele atacava.

Zia atirava bolas de fogo vermelho em direção a Apófis – cegando seus olhos e queimando manchas em sua pele – mas o dano parecia se curar quase que instantaneamente. Ele estava cada vez mais forte e maior. Zia não estava com tanta sorte. Se eu me concentrasse, podia sentir a sua força de vida, seu *ka*, cada vez mais fraco. O brilho luminoso no centro de seu peito ia se tornando menor e mais concentrado, como uma chama reduzida a uma luz piloto.

Enquanto isso, nossa amiga felina Bastet estava fazendo seu melhor para distrair seu velho inimigo. Mais e mais, ela pulava nas costas da serpente, cortando com suas facas e miando com raiva, mas Apófis apenas a sacudia para fora, a jogando de volta na tempestade.

Sadie observou a área com alarme. — Onde está Bes?

O deus anão tinha desaparecido. Eu estava começando a temer o pior quando uma voz rabugenta perto da borda da tempestade chamou:

— Uma ajudinha, talvez?

Eu não tinha prestado muita atenção às ruínas ao nosso redor. As planícies de Gizé estavam cheias de grandes blocos de pedra, valas e fundações de construções antigas de escavações anteriores.

Sob um bloco de calcário quase do tamanho de um carro, surgia a cabeça do deus anão.

— Bes! — Sadie gritou enquanto corria em sua direção. — Você está bem?

Ele olhou para nós. — Eu pareço bem para você, garota? Estou com um bloco de calcário de dez toneladas sobre meu peito. A respiração da serpente me abateu e fez cair essa coisa em cima de mim. Ato mais descarado de crueldade contra os anões de todos os tempos!

— Você pode mover isso? — Eu perguntei.

Ele me deu um olhar quase tão feio quanto sua cara de *Boo!* — Nossa, Carter, eu nem tinha pensado nisso. Está tão confortável aqui embaixo. *É Claro* que não posso mover, seu idiota! Blocos de pedra não se assustam tão facilmente. Ajude esse anão, sim?

— Se afaste —, eu disse para Sadie.

Eu convoquei a força de Hórus. Uma luz azul envolveu minha mão, e eu fatiei a pedra com um golpe de caratê. Rachou bem no meio, caindo de cada lado do deus anão.

Teria sido mais impressionante se eu não tivesse gemido como um cachorrinho e segurado meus dedos. Aparentemente, eu precisava trabalhar mais no truque caratê, porque a minha mão parecia que estava fervendo em óleo. Eu tinha certeza que havia quebrado alguns ossos.

— Tudo bem? — perguntou Sadie.

— Sim —, eu menti.

Bes se apoiou em seus pés. — Valeu, garoto. Agora é hora de lutar contra essa cobra no estilo Bes.

Nós corremos para ajudar Zia, o que se revelou uma má ideia. Ela espiou e nos viu – e, por um momento, ela ficou distraída.

— Carter, graças aos deuses! — Ela disse em uma harmonia de duas partes – parte ela, parte a voz comandante profunda de Rá, o que era um pouco demais para aguentar. Chame-me de mente fechada, mas ouvir minha namorada falar como um deus de cinco mil anos de idade não estava na minha lista de Coisas que Eu Acho Atraente. Mesmo assim, eu estava tão feliz de vê-la que quase nem me importei.

Ela arremessou outra bola de fogo goela abaixo de Apófis. — Você chegou bem na hora. Nossa amiga serpente está ficando mais for...

— Cuidado! — Sadie gritou.

Desta vez, Apófis não se intimidou pelo fogo. Ele atacou imediatamente – e ele não errou. Sua boca acertou como uma bola de demolição.

Quando Apófis surgiu novamente, Zia tinha ido. Havia uma cratera na areia onde ela estava em pé, e uma protuberância de tamanho humano iluminava a goela da cobra por dentro, brilhando enquanto descia pela sua garganta.

Sadie diz que eu fiquei um pouco insano. Honestamente, eu não me lembro. A próxima coisa que me lembro era da minha voz rouca de tanto gritar, e eu estava cambaleando para longe de Apófis, minha magia quase esgotada, a minha mão quebrada latejando, meu cajado e mangual fumegando com um líquido vermelho-acinzentado – o sangue do Caos.

Apófis tinha três cortes em seu pescoço que não se fechavam. Fora isso, ele parecia bem. É difícil dizer se uma serpente tem uma expressão, mas eu tinha certeza que ele estava exultante.

— Como foi previsto! — Ele falou em voz alta, e a terra tremeu. Rachaduras se espalharam através do deserto como se tivesse de repente se tornado gelo fino. O céu ficou preto, iluminado apenas pelas estrelas e raios de luz vermelha. A temperatura começou a cair. — Você não pode enganar o destino, Carter Kane! Eu engoli Rá. Agora, o fim do mundo está próximo!

Sadie caiu de joelhos e chorou. O desespero tomou conta de mim, pior do que o frio. Senti o poder de Hórus falhar, e eu era apenas Carter Kane novamente. Ao nosso redor, em diferentes níveis do Duat, deuses e magos pararam de lutar conforme o terror se espalhava através de suas fileiras.

Com agilidade felina, Bastet pousou ao meu lado, respirando com dificuldade. Seu cabelo estava tão inchado que parecia um ouriço do mar, coberto com areia. Seu traje fora rasgado e despedaçado. Ela tinha uma contusão desagradável no lado esquerdo de sua mandíbula. Suas facas estavam fumegantes e marcadas com a corrosão do veneno da serpente.

— Não —, ela disse firmemente. — Não, não, não. Qual é o nosso plano?

— Plano? — eu tentei fazer sentido à sua pergunta. Zia tinha morrido. Nós tínhamos falhado. A antiga profecia tinha se tornado realidade, e eu ia morrer sabendo que eu era um completo e total perdedor. Eu olhei para Sadie, mas ela parecia tão abalada quanto eu.

— Acorda, garoto! — Bes veio até mim e me chutou no joelho, o que era o máximo que ele poderia alcançar.

— Ai! — Eu protestei.

— Você é o líder agora —, ele rosnou. — Então é melhor você ter um plano. Eu não voltei à vida para ser morto de novo!

Apófis assobiou. A terra continuou a rachar, sacudindo as bases das pirâmides. O ar estava tão frio que minha respiração soltava fumaça.

— Muito atrasado, pobre criança. — Os olhos vermelhos da serpente me encaravam. — O Ma'at vem morrendo por séculos. Seu mundo era apenas um grão temporário no Mar do Caos. Tudo que vocês construíram não significa nada. *Eu* sou seu passado e seu futuro! Curve-se a mim agora, Carter Kane, e talvez e poupe você e sua irmã. Eu vou gostar de ter sobreviventes para testemunhar meu triunfo. É preferível que a morte, não?

Meus membros estavam pesados. Em algum lugar lá dentro, eu era um menino assustado que queria viver. Eu perdi meus pais. Eu tinha sido convidado a lutar uma guerra que era *muito* grande para mim. Por que eu deveria continuar quando não havia esperança? E se eu pudesse salvar Sadie...

Então eu me concentrei na garganta da serpente. O brilho do deus sol engolido afundava mais e mais na garganta de Apófis. Zia tinha dado a sua vida para nos proteger.

Não tenha medo, ela disse. *Eu vou segurar Apófis até você chegar*.

A raiva limpou meus pensamentos. Apófis estava tentando me influenciar, da mesma maneira que ele tinha corrompido Vlad Menshikov, Kwai, Sarah Jacobi, e até mesmo Set, o deus do mal em si. Apófis era o mestre em corroer a razão e a ordem, de destruir

tudo o que era bom e admirável. Ele era egoísta, e ele queria que eu fosse egoísta também.

Eu me lembrei do obelisco branco ascendendo do Mar do Caos. Ele tinha permanecido lá por milhares de anos, contra todas as probabilidades. Ele representava coragem e civilização, fazer a escolha certa em vez da escolha fácil. Se eu falhasse hoje, aquele obelisco finalmente iria desmoronar. Tudo que os humanos tinham construído desde as primeiras pirâmides do Egito seria por nada.

— Sadie —, eu disse, — você está com a sombra?

Ela ficou de pé, sua expressão chocada transformada em raiva. — Pensei que nunca perguntaria.

De sua bolsa ela pegou a estatueta de granito, agora preta da cor da meia-noite, com a sombra de Apófis.

A serpente recuou, sibilando. E pensei ter detectado medo em seus olhos.

— Não seja tolo, — Apófis resmungou. — Esse feitiço ridículo não funcionará – não agora, quando sou vitorioso! Além disso, você está muito fraco. Você nunca sobreviveria à tentativa.

Como todas as ameaças efetivas, era a verdade. Minhas reservas mágicas estavam quase esgotadas. Sadie não poderia estar muito melhor. Mesmo se os deuses ajudassem, nós provavelmente iríamos nos queimar em chamas lançando uma execração.

— Pronto? — Sadie me perguntou com seu tom desafiador.

— Tentem, — Apófis avisou, — e eu irei trazer suas almas do Caos de novo e de novo, só para que eu possa matá-los lentamente. E será o mesmo com seus pais. Vocês conhecerão uma eternidade de dor.

Eu senti como se tivesse engolido uma das bolas de fogo de Rá. Meus punhos cerraram em torno do cajado e do mangual, apesar da dor latejante na minha mão. O poder de Hórus cresceu novamente em mim, e mais uma vez nós estávamos em concordância absoluta. Eu era o seu Olho. Eu *era* o Vingador.

— Grande erro —, eu disse à serpente. — Você *nunca* deveria ter ameaçado minha família.

Eu arremessei o cajado e o mangual. Eles esmagaram no rosto Apófis e explodiram numa coluna de fogo como uma explosão nuclear.

A serpente uivava de dor, envolta em chamas e fumaça, mas eu suspeitava que só tivesse ganhado alguns segundos.

— Sadie, — eu disse, — você está pronta?

Ela assentiu com a cabeça e me ofereceu a estatueta. Juntos, a seguramos e nos preparamos para o que poderia ser a última magia de nossas vidas. Não houve necessidade de consultar um pergaminho. Nós estávamos praticando para esta execração por meses. Nós dois sabíamos as palavras de cor. A única questão era se a sombra iria fazer a diferença. Depois que começássemos, não teria como parar. E se nós falhássemos ou tivéssemos sucesso, provavelmente iríamos queimar em chamas.

— Bes e Bastet, — eu disse, — vocês dois podem manter Apófis longe de nós?

Bastet sorriu e ergueu suas facas. — Proteger meus gatinhos? Você não precisa nem perguntar. — Ela olhou para Bes. — E no caso de morrermos, eu sinto muito por todas as vezes que brinquei com suas emoções. Você merecia algo melhor.

Bes bufou. — Tudo bem. Finalmente voltei aos meus sentidos e encontrei a garota certa. Além disso, você é uma gata. É da sua natureza pensar que é o centro do universo.

Ela olhou para ele fixamente. — Mas eu sou o centro do universo.

Bes riu. — Boa sorte, garotos. Está na hora de trazer O feio.

— MORTE! — Apófis gritou, saindo da coluna de fogo com seus olhos brilhando.

Bastet e Bes – os dois melhores amigos e protetores que já tivemos – estavam encarregados de Apófis.

Sadie e eu começamos o feitiço.

20. Eu Pego uma Cadeira

Como eu disse, eu não sou bom em encantamentos.

Fazer um corretamente requer concentração ininterrupta, pronúncia correta e um timing perfeito. Caso contrário, você está sujeito a destruir a si mesmo e tudo dentro de três metros, ou se transformar em algum tipo de marsupial.

Tentar lançar um feitiço com outra pessoa é duas vezes mais difícil.

Claro, Sadie e eu tínhamos estudado as palavras, mas não é como se nós pudéssemos realmente *fazer* a execração com antecedência. Com um feitiço assim, você apenas tem uma chance.

Quando começamos, eu estava ciente de que Bastet e Bes lutavam contra a serpente, e os nossos outros aliados estavam em combates em diferentes níveis do o Duat. A temperatura continuou caindo. Fendas apareceram no chão. Luz vermelha se espalhou pelo céu como rachaduras pretas em uma cúpula.

Era difícil manter os meus dentes sem bater. Eu me concentrei na estatueta de pedra de Apófis. À medida que cantava, a estátua começou a fumaçar.

Tentei não pensar na última vez que eu ouvi esse encantamento. Michel Desjardins morreu lançando-o e ele tinha

enfrentado apenas uma demonstração parcial da serpente, não Apófis em seus plenos poderes após devorar triunfalmente Rá.

Concentre-se, Hórus me disse.

Fácil para ele dizer. O ruído, o frio e as explosões ao redor de nós tornaram tudo quase impossível, era como tentar contar de um até cem enquanto pessoas gritam números aleatórios em seus ouvidos.

Bastet foi jogada sobre as nossas cabeças e caiu contra um bloco de pedra. Bes rugiu de raiva. Ele bateu com o taco no pescoço da serpente com tanta força, que os olhos de Apófis reviraram em sua cabeça.

Apófis agarrou Bes, que pegou uma presa e se pendurou, a serpente levantou e sacudiu a cabeça, tentando expulsar o deus anão.

Sadie e eu continuávamos a cantar. A sombra da serpente cozinhado com a estatueta aquecida. Luzes ouro e azul rodavam à nossa volta, conforme Ísis e Hórus faziam o seu melhor para nos proteger. O suor pingava em meus olhos. Apesar do ar gelado, comecei a sentir-me febril.

Quando chegamos à parte mais importante da magia, a nomeação do inimigo, eu finalmente comecei a perceber a verdadeira natureza da sombra serpente. Engraçado como isso funciona: às vezes você não compreende realmente algo até você destruí-lo. A sombra era mais do que apenas uma cópia ou um reflexo, era mais um "disco de backup" para a alma.

A sombra de uma pessoa representa o seu legado, seu impacto sobre o mundo. Algumas pessoas não lançam quase nenhuma sombra. Alguns lançam longas e profundas sombras, que duram séculos. Pensei no que o fantasma de Setne havia dito como nós tínhamos crescidos na sombra de um pai famoso. Percebi agora que ele não tinha apenas dito isso como uma figura de linguagem. Meu

pai lançou uma sombra poderosa que ainda me afeta e a todo o mundo.

Se uma pessoa não lançar uma sombra, ele não poderia estar vivo. Sua existência tornou-se sem sentido. Execrar Apófis, destruindo sua sombra iria cortar sua conexão com o mundo mortal completamente. Ele nunca seria capaz de subir novamente. Eu finalmente entendi por que ele estava tão ansioso para queimar os manuscritos e porque Setne estava com medo dessa magia.

Chegamos às últimas linhas. Apófis conseguiu tirar Bes de suas presas e o anão partiu para o lado da Grande Pirâmide.

A serpente voltou-se para nós quando falávamos as palavras finais:

— Nós exilamos você para além do vazio. Você não existe mais.

— NÃO! — Apófis rugiu.

A estátua explodiu, dissolvendo-se em nossas mãos. A sombra desapareceu em uma nuvem de vapor e uma onda explosiva das trevas nos derrubou.

O legado da serpente sobre a terra criou guerras, assassinatos, tumultos, e Apófis, que tinha causado a anarquia desde os tempos antigos, finalmente perdeu o poder, não tinha mais sua sombra em nosso futuro. As almas dos mortos foram expelidas devido à explosão, milhares de fantasmas que haviam sido presos e esmagados dentro da sombra do Caos. Uma voz sussurrou em minha mente: *Carter!* E eu chorei de alívio. Eu não podia vê-la, mas eu sabia que a nossa mãe estava livre. Seu espírito estava retornando ao seu lugar no Duat.

— Míopes mortais! — Apófis se contorceu e começou a encolher.

— Você não matou somente a mim. Você exilou os deuses!

O Duat desabou camada após camada, até que as planícies de Gizé eram uma só realidade novamente. Nossos amigos magos estavam em transe em torno de nós. Os deuses, porém, não estavam em nenhum lugar visível.

A serpente sibilou, suas escamas caindo em pedaços de fumaça.

— Ma'at e o Caos estão ligados, seus tolos! Vocês não podem me afastar sem afastar os deuses. Quanto a Rá, ele morrerá junto comigo, lentamente digerido...

Ela foi cortada (literalmente) quando sua cabeça explodiu. Sim, foi tão grosseiro quanto parece. Pedaços flamejantes de réptil voaram para todos os cantos. Uma bola de fogo rolou do pescoço da serpente. O corpo de Apófis se desintegrou em areia, vapor e gosma, e Zia Rashid saiu dos destroços.

O vestido dela estava em frangalhos. Seu equipamento de ouro tinha rachado como um triângulo, mas ela estava viva.

Corri em sua direção. Ela tropeçou e caiu em cima de mim completamente exausta.

Então alguém se ergueu das ruínas fumegantes de Apófis.

Rá brilhava como uma miragem, elevando-se sobre nós como um musculoso velho, com a pele dourada, mantos reais e a coroa do faraó.

Ele avançou e a luz do dia voltou para o céu. A temperatura aumentou. As fendas no chão fecharam sobre si.

O deus-sol sorriu para mim. — Bom trabalho, Carter e Sadie. Agora, devo me retirar como os outros deuses fizeram, mas eu te devo minha vida.

— Retirar? — Minha voz não soou como se fosse minha. Foi mais profunda, mais rouca, mas não era a voz de Hórus também. O deus da guerra parecia ter desaparecido da minha mente. — Você quer dizer... para sempre?

Rá deu uma risadinha. — Quando você é tão velho quanto eu sou, você aprende a ser cuidadoso com essa palavra *sempre*. Eu pensei que eu estava indo embora para sempre da primeira vez que abdiquei. Por um tempo, pelo menos, devo recuar para o céu. Meu velho inimigo Apófis não estava errado. Quando o Caos é afastado, os deuses da ordem, do Ma'at também devem se distanciar. Tal é o equilíbrio do universo.

— Então... você deve pegar isso.— Mais uma vez eu ofereci-lhe o cajado e o mangual.

Rá balançou a cabeça. — Guarde-os para mim. Você é o legítimo faraó. E tome conta da minha favorita... — Ele balançou a cabeça em direção a Zia. — Ela vai se recuperar, mas vai precisar de apoio.

Uma luz brilhou em torno do deus Sol, quando a luz desapareceu, ele tinha desaparecido. Duas dúzias de magos cansados ficaram em torno da fumaça em forma de serpente marcada no deserto enquanto o sol nascia sobre as Pirâmides de Gizé.

Sadie descansou a mão no meu braço. — Irmão, querido?

— Sim?

— Isso foi um pouco perto demais.

Pela primeira vez, eu não tive nenhuma discussão com a minha irmã.

O resto do dia foi um borrão. Lembro-me de ajudar Zia a arrumar as salas do Primeiro Nomo. Minha própria mão quebrada levou apenas minutos para curar, mas fiquei com Zia até que Jaz me disse que eu precisava ir. Ela e os outros curandeiros tinham dúzias de magos feridos para tratar, incluindo o garoto russo Leonid, que, surpreendentemente, tinha chance de sobreviver. Enquanto Jaz

pensava que eu estava sendo muito legal eu percebi que estava atrapalhando.

Eu vaguei através da caverna principal e fiquei chocado ao ver ela cheia de pessoas. Portais em todo o mundo tinham começado a funcionar novamente. Magos estavam chegando para ajudar com a limpeza e prometer seu apoio ao Chefe Leitor. Todo mundo gosta de aparecer na festa uma vez que todo o trabalho duro foi feito.

Eu tentei não me sentir amargurado com isso. Eu sabia que muitos dos outros nomos estavam lutando suas próprias batalhas. Apófis tinha feito o seu melhor para nos dividir e conquistar. Ainda assim, isso deixou um gosto ruim na minha boca. Muitas pessoas olhavam com admiração para o cajado e o mangual, que ainda estavam presos no meu cinto. Algumas pessoas me cumprimentaram e me chamaram de herói. Eu continuei andando.

Quando passei pelo carro do fornecedor de pessoal, alguém disse:

— Pssssiu!

Olhei para o beco mais próximo. O fantasma de Setne estava encostado na parede. Eu fiquei tão assustado, que pensei que deveria ser uma alucinação. Não era possivel que ele estivesse aqui, ele ainda estava com sua horrível jaqueta, calça jeans e jóias, com o cabelo perfeitamente penteado como o do Elvis, o Livro de Tot debaixo do braço.

— Você fez bem, amigo —, ele disse. — Não do jeito que eu teria feito, mas não foi mau.

Finalmente eu descongelei. — *Tas!*

Setne apenas sorriu. — Sim, ainda estamos jogando esse jogo. Mas não se preocupe amigo. Vejo você por aí.

Ele desapareceu em uma nuvem de fumaça.

Eu não sei quanto tempo eu fiquei lá antes de Sadie me encontrar.

— Tudo bem? — Ela perguntou.

Eu disse a ela o que tinha visto. Ela estremeceu, mas não pareceu muito surpresa. — Eu suponho que nós vamos ter que lidar com isso mais cedo ou mais tarde, mas por enquanto, é melhor vir comigo. Amós convocou a assembléia geral no Hall das eras. — Ela entrelaçou o braço com meu. — E tente sorrir, querido irmão. Eu sei que é difícil. Mas você é um modelo agora, por mais que eu ache isso terrível.

Eu fiz o meu melhor, embora fosse difícil colocar Setne fora da minha mente.

Passamos por muitos dos nossos amigos que estavam ajudando com a restauração. Alyssa e um esquadrão de Elementalistas de terra estavam reforçando paredes e tetos, tentando garantir que as cavernas não caissem sobre nós.

Julian estava sentado nos degraus, conversando com algumas meninas do nomo escandinavo.

— Sim, você sabe... —, ele estava dizendo, — Apófis me viu chegando com o meu grande avatar de combate e percebeu que tinha acabado.

Sadie revirou os olhos e me puxou junto.

A pequena Shelby e os outros pirralhos correram até nós, sorrindo e sem fôlego. Eles assaltaram uns dos quiosques de amuletos, então eles pareciam ter acabado de voltar de um carnaval egipcio.

— Eu matei uma cobra! — Shelby disse-nos. — Uma cobra grande!

— Sério? — Eu perguntei. — Sozinha?

— Sim! — Shelby assegurou-me. — Matar, matar, matar! — Ela bateu os pés, e faíscas voaram de seus sapatos. Então ela saiu correndo, seguindo amigos.

— Essa menina tem futuro, — disse Sadie. — Me lembra de mim mesma quando eu era jovem.

Estremeci. Esse era um pensamento perturbador.

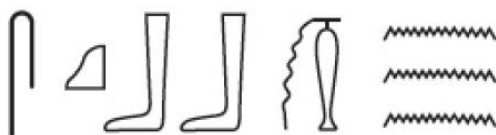
Os gongos começaram a tocar ao longo dos túneis, convocando todos para o Hall das eras. No momento em que chegamos lá, o salão estava absolutamente congestionado com os magos, alguns em trajes normais, alguns em roupas modernas, alguns de pijama, eles se teleportaram direto da cama.

Em ambos os lados do tapete, cortinas holográficas de luz brilhavam entre as colunas da mesma forma que tinham antes.

Felix correu até nós, sorrindo, com um rebanho de pinguins por trás dele. (Rebanho? Bando? Amontoado? Oh, tanto faz).

— Dê uma olhada! —, Disse ele alegremente. — Aprendi isso um durante a batalha!

Ele falou uma palavra de comando. No começo eu pensei que era *shish kebab* [36], mas depois ele me disse que era: — *Se-kebeb, Faça frio*.

Hieróglifos apareceram no chão em gelo branco:

O frio se extendeu uns 20 metros, o piso foi revestido de gelo branco e grosso. Os pinguins caminharam bamboleando através dele, batendo as asas. Um mago infeliz recuou e caiu, seu cajado saiu voando.

Felix ergueu o punho. — Sim! Eu encontrei meu caminho. Eu tenho que seguir o deus do gelo!

---

[36] Um prato composto de carne enfiada num espeto e grelhado.

Coçei a cabeça. — Há um deus do gelo? O Egito é um deserto. Quem é o deus do gelo?

— Eu não tenho ideia! — Felix sorriu. Ele deslizou no gelo e foi correndo com seus pinguins.

Nós continuamos nosso caminho pelo corredor. Magos estavam compartilhando histórias e revendo os velhos amigos. Hieróglifos flutuavam no ar, mais brilhantes e fortes que eu jamais havia visto, era como uma sopa de letrinhas cor de arco-íris.

Finalmente, perceberam Sadie e eu. A multidão silênciou pela sala. Todos os olhos voltados para nós. Os magos se separaram, abrindo caminho para o trono.

A maioria dos magos sorriu enquanto passávamos pelo caminho. Alguns sussurraram agradecimentos e parabéns. Mesmo antigos rebeldes magos pareciam genuinamente satisfeito ao nos ver. Mas eu peguei uns poucos olhares furiosos. Não importava que tivéssemos derrotado Apófis, alguns dos nossos colegas magos sempre duvidariam de nós. Alguns nunca parariam de nos odiar. A família Kane ainda tinha que tomar cuidado.

Sadie olhou a multidão ansiosa. Percebi que ela estava à procura de Walt. Eu tinha estado estado tão focado em Zia, que eu não tinha pensado sobre como ela devia estar preocupada. Walt tinha desaparecido após a batalha, juntamente com o resto dos deuses. Ele não parecia estar aqui agora.

— Tenho certeza que ele está bem —, eu disse a ela.

— Shh — Sadie sorriu para mim, mas seus olhos disseram: *Se você me envergonhar na frente de todas essas pessoas, eu vou te estrangular.*

Amós esperou por nós nos degraus do trono. Ele tinha mudado de roupa, estava em um terno vermelho que ficou surpreendentemente bem com sua capa de pele de leopardo. Seu cabelo estava trançado, e seus óculos estavam tingidos de vermelho. A cor do Caos? Eu tenho a sensação de que ele estava brincando com

sua ligação com o Set, que todos os outros magos tinham definitivamente ouvido falar até agora.

Pela primeira vez na história, o nosso Leitor Chefe teve o deus da força, do mal e do caos na discagem rápida. Isso pode fazer as pessoas confiarem menos nele, mas magos são como os deuses, eles respeitavam a força. Eu duvidava que Amós teria muita dificuldade para impor seu governo.

Ele sorriu quando nos aproximamos. — Carter e Sadie, em nome da Casa da Vida, eu os agradeço. Vocês restauraram o Ma'at! Apófis foi execrado, e Rá, mais uma vez subiu aos céus, mas desta vez em triunfo. Bom trabalho!

A sala irrompeu em aplausos e aplausos. Dúzias de magos levantaram seus cajados e atiraram fogos de artificio em miniatura.

Amós nos abraçou. Então ele se afastou e apontou em direção ao trono. Eu esperava que Hórus pudesse me dar algumas palavras de encorajamento, mas eu não podia mais sentir sua presença.

Eu tentei controlar a minha respiração. Aquela cadeira tinha estado vazia por milhares de anos. Como eu poderia ter certeza de que poderia mesmo segurar o meu peso? Se o trono dos faraós quebrasse debaixo do meu bumbum real, seria um presságio e tanto.

Sadie me cutucou. — Vá em frente. Não seja estúpido.

Subi as escadas e me sentei cuidadosamente no trono. A velha cadeira rangeu, mas me segurou.

Olhei para a multidão de magos.

Hórus não estava lá para mim. Mas de alguma forma, eu estava bem. Eu olhei para as cortinas brilhantes de luz – a nova era brilhando roxo – e eu tive a sensação de que ia ser uma época de coisas boas, apesar de tudo.

Meus músculos começaram a relaxar. Eu senti como se tivesse saído da sombra do deus da guerra, exatamente como eu saí da do meu pai. Eu encontrei as palavras.

— Eu aceito o trono. — Levantei o cajado e o mangual. — Rá me deu autoridade para liderar os deuses e magos em tempos de crise. e eu farei o meu melhor, Apófis foi banido, mas o mar de Caos sempre estará lá. Eu vi isso com meus próprios olhos. As suas forças vão sempre tentar desgastar o Ma'at. Não podemos pensar que todos os nossos inimigos se foram.

A multidão agitou-se nervosamente.

— Mas, por agora, — eu adicionei, — estamos em paz. Podemos reconstruir e ampliar a Casa da Vida. Se a guerra vier de novo, eu vou estar aqui como o Olho de Hórus e como faraó. Mas como Carter Kane...

Levantei-me e coloquei o cajado e o mangual no trono. Eu desci do tablado. — Como Carter Kane, eu sou um garoto que tem um monte de tempo perdido a recuperar. Eu tenho o meu próprio Nomo para cuidar na Casa do Brooklyn. E eu tenho que concluir o ensino médio. Então, eu vou ficar fora das operações do dia-a-dia que devem ficar nas mãos do Leitor Chefe, mordomo do faraó, Amós Kane.

Amós se inclinou para mim, o que fez eu me sentir um pouco estranho. A multidão aplaudiu freneticamente. Eu não tinha certeza se eles me aprovaram, ou se eles estavam apenas aliviados de que uma criança não iria ficar diariamente dando ordens do trono. De qualquer maneira, eu estava bem com isso.

Amós nos abraçou novamente.

— Estou orgulhoso de vocês dois —, ele disse. — Nós vamos nos falar em breve, mas agora, venham... — Ele apontou para o lado da tribuna, onde um portal de trevas foi aberto no ar. — Seus pais gostariam de vê-los.

Sadie me olhou nervosa. — Uh-oh.

Eu balancei a cabeça. Estranho como eu fui instantaneamente do faraó para o universo de um garoto preocupado em levar bronca. Por mais que eu quisesse ver os meus pais, eu tinha quebrado uma

promessa importante com o meu pai... Perdi o controle de um preso perigoso.

A Câmara de Julgamento tinha se transformado em um salão de festas. Ammit, o Devorador, corria em volta da balança da justiça, latindo animadamente com um chapéu de aniversário na sua cabeça de crocodilo. Os demônios com cabeça de guilhotina descançavam apoiados em suas lanças, segurando copos que pareciam ser de champanhe. Eu não sabia como eles poderiam beber com as cabeças de guilhotina, mas eu não queria descobrir. Mesmo o Deus juiz azul, Perturbador, parecia estar de bom humor. Sua peruca de Cleópatra estava de lado na cabeça. Seu longo pergaminho tinha se desenrolado até, pelo menos, a metade do salão, mas ele estava rindo e falando com os outros deuses juizes que haviam sido resgatados da Casa de Repouso. Pé Quente estavam soltando cinzas em seus papiros, mas por mais perturbador que isso fosse não parecia notar ou se importar.

No outro extremo da sala, meu pai se sentava em seu trono, segurando as mãos fantasmagóricas de nossa mãe. À esquerda da plataforma, os espíritos do Mundo Inferior tocavam jazz. Eu tinha certeza que eu tinha reconhecido Miles Davis, John Coltrane e alguns dos outros favoritos do meu pai. Ser o deus do mundo inferior tinha suas vantagens afinal.

Papai nos chamou. Ele não parecia bravo, o que era um bom sinal. Nós fizemos nosso caminho através da multidão de demônios felizes e deuses juízes. Ammit saltitou e ronronou para Sadie quando ela coçou sob seu queixo.

— Crianças.— Papai estendeu os braços.

Era estranho ser chamado de criança. Eu não me sentia mais como uma criança. Não era pedido a crianças para combater serpentes do Caos. Elas não levam exércitos para impedir o fim do mundo.

Sadie e eu abraçamos o nosso pai. Eu não podia abraçar mamãe naturalmente, já que ela era um fantasma, mas eu estava feliz só por vê-la segura. Exceto pela aura brilhante em torno dela, ela parecia exatamente à mesma de quando estava viva, vestida de jeans e sua camiseta com um *ankh*, seus cabelos loiros presos atrás em uma bandana. Se eu não olhasse diretamente para ela, eu poderia ter confundido-a com a Sadie.

— Mãe, você sobreviveu —, disse. — Como...?

— Tudo graças a vocês dois. — Os olhos da mamãe brilhavam. — Eu me segurei enquanto pude, mas a sombra era muito poderosa. Eu estava consumida, junto com tantos outros espíritos. Se você não tivesse destruido a sombra como você fez, eu teria... bem, agora não importa mais. Você fez o impossível. Estamos muito orgulhosos.

— Sim —, papai concordou, apertando meu ombro. — Tudo que trabalhamos, tudo o que esperávamos, você realizou. Você excedeu as minhas maiores expectativas.

Hesitei. Seria possível que ele não soubesse sobre Setne?

— Pai —, eu disse. — Hum... não obtivemos êxito em *tudo*. Nós perdemos o seu prisioneiro. Eu ainda não entendo como ele escapou. Ele estava amarrado e...

Papai levantou a mão para me impedir. — Eu ouvi. Nós poderemos nunca saber como Setne escapou exatamente, mas vocês não podem se culpar.

— Nós não podemos? — Sadie perguntou.

— Setne evitou ser capturado por eras —, disse papai. — Ele enganou deuses, magos, mortais e demônios. Quando eu deixei você levá-lo, eu suspeitava que ele fosse encontrar uma maneira de escapar. Eu só esperava que você pudesse controlá-lo tempo suficiente para obter sua ajuda. E você fez.

— Ele nos levou para a sombra —, eu admiti. — Mas ele também roubou o Livro de Tot.

Sadie mordeu o lábio. — Material perigoso, o livro. Setne pode não ser capaz de lançar todas as magias sozinho, sendo um fantasma, mas ele ainda poderia causar todos os tipos de mal.

— Nós vamos encontrá-lo novamente. — Papai prometeu — Mas, por agora, vamos comemorar sua vitória.

Mamãe estendeu o braço e roçou sua mão fantasmagórica no cabelo de Sadie. — Posso pedir-lhe um momento, minha querida? eu tenho algo que gostaria de discutir com você.

Eu não tinha certeza do que se tratava, mas Sadie seguiu nossa mãe por entre a banda de jazz. Eu não tinha notado antes, mas dois dos músicos fantasmagóricos pareciam muito familiares, e um pouco fora de lugar. Um homem ruivo grande usando roupas ocidentais com uma guitarra, sorrindo e batendo as botas enquanto tocava solos com Miles Davis. Ao lado dele, uma mulher loira tocava violino, inclinando-se para baixo de vez em quando para beijar o homem ruivo na testa. JD Grissom e sua esposa, Anne, do Museu de Dallas, tinham finalmente achado uma festa que não tem que acabar. Eu nunca tinha ouvido guitarra e violino em uma banda de jazz antes, mas de alguma forma eles fizeram isso dar certo. Suponho que Amós estava certo: Ambos, música e magia precisavam de um pouco de caos.

Enquanto mamãe falava, os olhos de Sadie se arregalaram. Sua expressão ficou séria. Então ela sorriu timidamente e corou, aquilo não era de todo a Sadie.

— Carter, — meu pai disse. — Você fez bem no Hall das Eras, vai ser um bom líder. Um líder sábio.

Eu não tinha certeza de como ele sabia sobre o meu discurso, mas um nó se formou na minha garganta. Meu pai não sai distribuindo elogios. Estar com ele de novo, me lembrou de como a vida tinha sido fácil viajando com ele. Ele sempre soube o que fazer. Eu poderia sempre contar com sua presença calmante. Até a véspera do Natal em Londres, quando ele desapareceu, eu não tinha percebido o quanto eu dependia dele.

— Eu sei que tem sido difícil —, disse papai. — Mas você vai levar a família Kane para o futuro. Você realmente saiu de minha sombra.

— Não completamente —, disse. — Eu não iria querer isso. Como pai você é bem, hmm, 'sombreante'.

Ele riu. — Eu estarei aqui se precisar de mim. Nunca duvide disso. Mas, como Rá disse, os deuses terão mais dificuldade em entrar em contato com o mundo mortal, agora que Apófis foi execrado. Como o Caos se retirou, assim deve fazer também o Ma'at. No entanto, eu não acho que você vai precisar de muita ajuda. Você já tem sua própria força. Agora você está lançando uma grande sombra. A Casa da Vida vai se lembrar de você por eras.

Ele me abraçou mais uma vez, e era fácil esquecer que ele era o deus dos mortos. Ele parecia ser apenas o meu pai – quente vivo e forte.

Sadie se aproximou, parecendo um pouco abalada.

— O quê foi?— Eu perguntei.

Ela riu sem motivo aparente, então ficou séria novamente. — Nada.

Mamãe veio ao lado dela. — Podem ir, vocês dois. A casa do Brooklyn está esperando.

Outro portal de trevas apareceu sobre o trono. Sadie e eu entramos. E pela primeira vez eu não estava preocupado com o que esperar no outro lado. Eu sabia que estávamos indo para casa.

A vida voltou ao normal com uma velocidade surpreendente.

Vou deixar Sadie informá-lo sobre os eventos na Casa Brooklyn e seu próprio drama. Vou avançar para a parte interessante.

[Ai! Eu pensei que tínhamos combinado: sem beliscar!]

Duas semanas após a batalha com Apófis, Zia e eu estávamos sentados na praça de alimentação no Mall of America em Bloomington, Minnesota.

Por que lá? Eu tinha ouvido que o Mall of America era o maior do país, e eu achei que tínhamos que começar grande. Foi uma viagem tranquila através do Duat. Freak ficou feliz de sentar no telhado e comer perus congelados enquanto nós exploramos o shopping.

[É isso mesmo, Sadie. Para o nosso primeiro encontro real, eu peguei Zia em um barco puxado por um grifo demente. E daí? Como se os seus encontros não fossem estranhos.]

Enfim, quando chegamos à praça de alimentação, Zia ficou de boca aberta. — Deuses do Egito...

As opções de restaurantes eram bastante impressionantes. Já que nós não conseguiamos nos decidir, pegamos um pouco de tudo: comida chinese, mexicana (os Nachos), pizza e sorvete – Os quatro grupos básicos de comida. Nós pegamos uma mesa com vista para o parque de diversões no centro do shopping.

Um monte de outras crianças estava saindo na praça de alimentação. Muitos deles olharam para nós. Bem... Não para mim. Eles olhavam para Zia e sem dúvida se perguntavam o que uma menina como ela estava fazendo com um cara como eu.

Ela se curou bem desde a batalha. Ela usava um vestido simples sem mangas de linho bege e preto, sandálias, sem maquiagem, sem joias com exceção de seu colar de escaravelho de ouro. Ela parecia de alguma maneira mais glamourosa e madura do que todas as outras garotas no shopping.

Seu longo cabelo negro estava preso em um rabo de cavalo, com exceção de uma mecha atrás de sua orelha direita. Ela tinha olhos luminosos cor de âmbar e pele cor de café com leite quente, mas desde que canalizou Rá, ela parecia brilhar ainda mais. Eu podia sentir seu calor do outro lado da mesa.

Ela sorriu para mim sobre a sua tigela de comida chinesa. — Então, isso é o que os típicos adolescentes americanos fazem?

— Bem... tipo isso, — eu disse. — Embora eu não ache que nenhum de nós possa se passar por *típico*.

— Espero que não.

Eu tive problemas para pensar direito quando olhei para ela. Se ela tivesse me pedido para saltar sobre os trilhos, eu provavelmente teria feito isso.

Zia girou o garfo através de seu macarrão. — Carter, não temos falado muito sobre... você sabe eu ser o Olho de Rá. Eu posso adivinhar como é estranho para você.

— Hey, eu entendo —, disse. — Não é estranho.

Ela levantou uma sobrancelha.

— Tudo bem, é estranho —, eu admiti. — Mas Rá precisava da sua ajuda. Você foi incrível. Você, uh, falou com ele desde que...?

Ela balançou a cabeça. — Ele se retirou do mundo, assim como disse. Eu duvido que eu volte a ser o Olho de Rá novamente, a menos que enfrentemos outro Apocalipse.

— Com a nossa sorte, não por mais algumas semanas, você quer dizer. — Zia riu. Eu amei vê-la rir. Eu amei aquela mecha de cabelos atrás da orelha.

(Sadie diz que eu estou sendo ridículo. Como se ela pudesse falar algo.)

— Tive uma reunião com seu tio Amós —, disse Zia. — Ele tem muita ajuda no Primeiro Nomo agora. Ele pensou que seria bom para mim passar algum tempo longe, tentar viver uma vida mais... *típica*.

— Quer dizer, deixar o Egito?

Zia assentiu. — Sua irmã sugeriu que eu ficasse na Casa do Brooklyn, frequentar uma escola americana. Ela disse... como é que

ela disse? *Os americanos são um bando estranho, mas eles crescem em você.*

Zia deslizou ao redor da mesa e pegou minha mão. Senti cerca de vinte homens ciumentos encarando-me dos outros cantos da praça de alimentação.

— Você se importaria se eu ficasse na Casa Brooklyn? Eu poderia ajudar a ensinar os iniciados. Mas se isso te incomoda...

— Não! — Eu disse muito alto. — Quero dizer, não, eu não me importo. Sim, Eu gostaria disso. Muito. Tudo bem.

Zia sorriu. A temperatura na praça de alimentação parecia ter aumentado dez graus. — Então isso é um sim?

— Sim. Quer dizer, a menos que você se sinta desconfortável. Eu não quero fazer que as coisas fiquem estranhas ou...

— Carter— , ela disse suavemente. — Cale a boca.

Ela se inclinou e me beijou.

Fiz como ela mandou, não foi necessario nenhuma magia. Eu calei a boca.

21. Os Deuses Estão Classificados; Meus Sentimentos Não

Ah, minhas três palavras favoritas: *Carter, cale a boca.*

Zia já percorreu um longo caminho desde que nos conhecemos. Eu acho que ainda há esperança para ela, mesmo que ela fantasiasse com meu irmão.

De qualquer forma, Carter sabiamente deixou o último pedaço da história para mim contar.

Depois da batalha com Apófis, me senti horrível em vários níveis. Fisicamente, eu estava exausta. Magicamente, tinha usado até minha última gota de energia. Estava com medo de que poderia ter danificado permanentemente em mim mesma, um sentimento latente de que meu reservatório de magia tinha se esgotado e uma péssima sensação de desgosto.

Emocionalmente, eu não estava muito melhor. Tinha visto Carter abraçar Zia quando ela surgiu da gosma fumegante da serpente, e isso era muito bom, mas só acabou me fazendo recordar minha própria confusão.

Onde estava o Walt? (Eu decidi chamá-lo assim, ou iria ficar louca tentando descobrir sua identidade.) O tinha visto ali logo após a batalha. Agora ele se foi.

E se ele tivesse ido com os outros deuses? Eu já estava preocupada com Bes e Bastet. Não obstante, eles desapareçam sem dizer adeus. E eu não estava interessada no que Rá tinha dito sobre os deuses que saírem da terra apenas temporariamente.

Você não pode me empurrar para longe, sem afastar os deuses, Apófis tinha me avisado.

A serpente sangrenta poderia ter mencionado isto *antes* de ser execrada. Eu tinha acabado de fazer as pazes com Walt/Anúbis, ao menos na maior parte, e agora Walt tinha desaparecido. Se ele tivesse sido declarado fora dos limites mais uma vez, eu estaria indo rastejar para um sarcófago e nunca mais iria sair.

Enquanto Carter estava com Zia na enfermaria, eu vaguei pelos corredores do Primeiro Nomo, mas não encontrei sinais de Walt. Tentei contatá-lo com o amuleto *shen.* Nenhuma resposta. Eu até tentei entrar em contato com Ísis para me aconselhar, mas a deusa tinha ficado em silêncio. Eu não gostei disso.

Então, sim, eu estava muito distraída no Hall das Eras durante o discurso pouco impressionante de Carter: *Eu gostaria de agradecer a todos as pequenas pessoas por me fazer faraó, etc, etc.*

Fiquei contente em visitar o mundo inferior e reencontrar minha mãe e meu pai. Pelo menos eles não estavam fora dos limites. Mas eu estava muito desapontada por não encontrar Walt lá. Mesmo que ele não pudesse ficar no mundo mortal, não deveria estar no Salão de Julgamento, assumindo as funções de Anúbis?

Foi quando minha mãe me puxou para o lado (não literalmente, claro. Como um fantasma, ela não conseguia me puxar para qualquer lado que fosse). Ficamos à esquerda da plataforma onde os músicos mortos tocavam uma música animada. JD Grissom e sua esposa, Anne, sorriram para mim. Eles pareciam felizes, e eu estava feliz por isso, mas ainda tinha dificuldades em vê-los sem me sentir culpada.

Minha mãe puxou sua réplica do colar, um fantasma do meu próprio amuleto *tyet.* —Sadie... nós nunca chegamos a conversar muito, você e eu.

Um bocado de eufemismo, já que ela morreu quando eu tinha seis anos. Entendi o que ela quis dizer, no entanto. Mesmo depois de nossa última reunião na primavera, ela e eu realmente nunca tínhamos conversado. Visitá-la no Duat era muito difícil, e os fantasmas não têm e-mail, celular ou Skype. Mesmo se tivessem uma conexão de Internet adequada, adicionar minha mãe morta no Facebook seria um pouco estranho.

Eu não disse nada. Apenas assenti.

— Você cresceu forte, Sadie, — Mamãe disse. — Você teve que ser corajosa por tanto tempo que deve ser difícil para você deixar as suas defesas. Você está com medo de perder mais alguém de que goste.

Senti tontura, como se estivesse me transformando em um fantasma também. E se eu ficasse transparente, como a minha mãe? Eu queria discutir, protestar e brincar. Eu não queria ouvir o comentário dela, especialmente quando era tão verdadeiro.

Ao mesmo tempo, eu estava tão confusa por causa de Walt, tão preocupada com o que pudesse ter acontecido à ele, eu queria cair e chorar no ombro da minha mãe. Eu queria que ela me

abraçasse e me dissesse que estava tudo bem. Infelizmente, não se pode chorar no ombro de um fantasma.

— Eu sei —, disse minha mãe, como se pudesse ler meus pensamentos. — Eu não estava lá com você quando ainda era pequena. E seu pai... bem, ele teve que te deixar com seus avós. Eles tentaram te dar uma vida normal, mas você é muito mais do que normal, não é? E agora aqui está você, uma jovem mulher.... — Ela suspirou. — Eu perdi muito da sua vida, e não sei se você vai aceitar meu conselho agora. Mas, de qualquer modo vale a pena tentar: confie em seus sentimentos. Não posso te prometer que você nunca vai se machucar novamente, mas posso prometer que o risco vale a pena.

Estudei seu rosto, inalterado desde o dia em que morreu: seu cabelo loiro fino, os olhos azuis, a curva meio travessa de suas sobrancelhas. Muitas vezes tinham me dito que eu parecia com ela. Agora via isso claramente. Quando fiquei mais velha, me pareceu impressionante o quanto os nossos rostos pareceram iguais. Colocando um pouco de roxo em seu cabelo, minha mãe poderia fazer um excelente dublê de Sadie.

— Você está falando de Walt, — eu disse. — Esta é uma conversa, do fundo do coração, sobre *garotos*?

Mamãe estremeceu. — Sim, bem... Estou receosa de que pudesse ser péssima com isso. Mas eu tinha que tentar. Quando eu era garota, sua avó não era muito de conversar comigo. Eu nunca pensei que pudesse falar disso com ela.

— Eu também nem pensaria nisso. — Tentei imaginar conversar disso com minha avó enquanto vovô gritava para a televisão e pedia mais chá e biscoitos queimados.

— Eu acho —, me aventurei, — que as mães normalmente alertam contra um possível coração partido, caso nos envolvamos com o tipo errado de menino, e acabemos ganhando uma má reputação. Esse tipo de coisa.

— Ah. — Mamãe assentiu. — Bem, veja você, eu não posso fazer isso. Acho que eu não estou preocupada que você pudesse fazer a coisa errada, Sadie. Eu estou preocupada de que você fosse ter medo de confiar em alguém, mesmo na pessoa certa. É o seu coração, é claro. Não é o meu. Mas eu diria que Walt está mais nervoso do que você. Não seja muito dura com ele.

— Dura com ele? — Eu quase ri. — Eu nem sei onde ele está! E ele está hospedando um deus que...

— Que você também gosta. — Mamãe disse. — E isso é confuso, claro. Mas eles realmente são uma pessoa, agora. Anúbis tem muito em comum com Walt. Nem sempre tiveram uma vida para seguir adiante. Agora, juntos, eles tem.

— Você quer dizer... — A sensação de queimação horrível começou a diminuir, ainda que levemente. — Quer dizer que vou vê-lo novamente? Ele não está exilado, ou qualquer outro absurdo dos deuses não está sobre ele?

— Você vai vê-lo, — afirmou a minha mãe. — Porque eles são um só, habitando o mesmo corpo mortal, que pode andar na terra, como os antigos deuses e reis egípcios. Walt e Anúbis são ambos bons rapazes. Eles estão um tanto nervosos, e não estão acostumados com o mundo mortal, estão com medo de como as pessoas normais vão tratá-los. E ambos pensam da mesma forma sobre você.

Eu provavelmente estava corando muito. Carter ficou me olhando de cima da tribuna, sem dúvida, perguntando o que estava

errado. Eu não confiava em mim mesma para encarar seu olhar. Ele estava cansado demais para ler minha expressão.

— É tão sanguinariamente difícil —, eu reclamei. Minha mãe riu suavemente.

— Sim, é. Mas se serve de consolo... lidar com qualquer homem significa lidar com múltiplas personalidades.

Olhei para meu pai, que estava piscando lá atrás entre o Dr. Julius Kane e Osíris, o deus Smurf do mundo inferior.

— Eu entendo seu ponto, — disse. — Mas onde está Anúbis? Quero dizer, Walt. Ugh! Lá vou eu de novo.

— Você vai vê-lo em breve. — Mamãe prometeu. — Eu queria que você estivesse preparada.

Minha mente disse: *Isto é muito confuso, muito injusto. Eu não posso lidar com um relacionamento como este.*

Mas o meu coração disse: *Cale a boca! Claro que posso!*

— Obrigada Mãe —, eu disse, sem dúvida, falhando miseravelmente no olhar calmo e sereno. — Este negócio com os deuses se afastando. Isso significa que não vamos ver você e o papai muitaz vezes, certo?

— Provavelmente, — admitiu ela. — Mas você sabe o que fazer. Continue ensinando o caminho dos deuses. Traga a Casa da Vida de volta à sua antiga glória. Você, Carter e Amós vão fazer uma magia egípcia mais forte do que nunca. E isso é bom... porque os seus desafios não são pequenos.

— Setne? — Eu adivinhei.

— Sim, ele! — Mamãe disse. — Mas também existem outros desafios. Eu não perdi completamente o dom de profecia, mesmo morrendo. Tive visões sombrias de outras magias e outros deuses.

Isso não soava nada bem.

— O que você quer dizer? — Perguntei. — Que *outros deuses*?

— Eu não sei, Sadie. Mas o Egito sempre enfrentou os desafios mágicos de outros lugares, até mesmo dos deuses deles. Basta ficar atenta.

— Adorável —, eu murmurei. — Preferia estar falando sobre garotos.

Minha mãe riu. — Uma vez que você retorne ao mundo dos mortais, haverá mais um portal. Observe esta noite. Alguns velhos amigos gostariam de ter uma palavra com você.

Eu tive o sentimento de que sabia o que ela queria dizer. Ela tocou o pingente fantasmagórico que estava em torno de seu pescoço, o símbolo do *tyet* de Ísis.

— Se você precisar de mim. — Mamãe disse, — Use o seu colar. Ele vai me avisar, assim como o colar *shen* avisa Walt.

— Teria sido útil saber disto mais cedo.

— Nossa conexão não era forte o suficiente antes. Agora... eu acho que é. — Ela beijou minha testa, o beijo me pareceu apenas uma suave brisa. — Eu estou orgulhosa de você, Sadie. Você tem toda a vida pela frente. Faça mais dela!

Naquela noite na Casa do Brooklyn, um portal de areia se abriu no terraço, assim como minha mãe havia prometido.

— Isso é para nós —, eu disse, já me levantando da mesa de jantar. — Vamos, irmão, querido.

Do outro lado do portal, nós nos encontramos na praia do Lago de Fogo. Bastet estava esperando, jogando uma bola de fios de uma mão para a outra. Sua roupa preta combinava com seu cabelo. Seus olhos felinos dançavam na luz vermelha das ondas.

— Eles estão esperando por você. — Ela apontou para os degraus da Casa de Repouso. — Vamos conversar quando você voltar.

Eu não precisei perguntar por que ela não viria. Eu ouvi a melancolia em sua voz. Ela e Tawaret nunca se deram bem por causa de Bes. Obviamente, Bastet queria dar para a deusa hipopótamo algum espaço. Mas também, me perguntava se o meu velho amigo estava começando a perceber que ela ia deixar um bom partido fugir.

Beijei-a na bochecha. Em seguida, Carter e eu subimos as escadas.

Dentro do Casa de Repouso, o ambiente era festivo. Flores frescas decoravam o posto de enfermagem. Heket, a deusa sapo, andava de cabeça para baixo ao longo do teto, pendurando flâmulas do partido, enquanto um grupo de deuses idosos com cabeças de cachorro dançavam e cantavam o hokey-pokey, uma versão muito lenta, mas ainda impressionante. Mekhit, uma antiga deusa com cabeça de leão dançava lentamente com um deus masculino muito alto. Ela ronronou alto com a cabeça em seu ombro.

— Carter, olhe, — eu disse. — Esse é...?

— Onuris! — Tawaret respondeu, trotando sobre sua roupa de enfermeira. — Marido de Mekhit! Não é maravilhoso? Tínhamos certeza de que ele tinha desaparecido há séculos, mas quando Bes

chamou os antigos deuses para a guerra, Onuris veio cambaleando para fora de um armário. Muitos outros apareceram também. Eles finalmente foram necessários, você entende! A guerra deu-lhes uma razão de existir.

A deusa hipopótamo nos esmagou num abraço entusiasmado. — Oh, meus queridos! Basta olhar o quão felizes todos estamos! Você deu-lhes uma nova vida.

— Não vejo muitos como antes —, Carter percebeu.

— Alguns voltaram para o céu —, disse Tawaret. — Ou foram para seus templos e palácios antigos. E, claro, o seu querido pai, Osíris, tomou os deuses do julgamento de volta para sua sala do trono.

Ver os velhos deuses tão felizes aqueceu meu coração, mas ainda sentia uma pontada de preocupação. — Será que eles vão ficar assim? Quero dizer, eles não vão desaparecer novamente?

Tawaret estendeu as grossas mãos. — Suponho que isso depende de vocês, mortais. Se você se lembrar deles e fazê-los se sentirem importantes, devem ficar. Mas vem, você vai querer ver Bes!

Ele se sentava em sua cadeira habitual, olhando fixamente pela janela para o Lago de Fogo. A cena era tão familiar que eu temia que ele havia perdido seu *ren* novamente.

— Ele está bem? — Perguntei, correndo até ele. — O que há de errado com ele?

Bes virou, parecendo assustado. — Além de ser feio? Nada, garota. Eu estava pensando, desculpe.

Ele levantou-se (tanto quanto um anão poderia) e nos abraçou.

— Ainda bem que as crianças podem fazer isto —, disse Bes. — Você sabe, Tawaret e eu estamos indo construir uma casa na margem do lago. Eu me acostumei com essa visão. Ela vai continuar trabalhando na Casa de Repouso. Eu vou ser o anão da casa por um tempo. Quem sabe? Talvez eu tenha alguns pequenos bebês anões hipopótamos para cuidar!

— Oh, Bes! — Tawaret corou ferozmente e golpeou suas pálpebras de hipopótamo.

O deus anão riu. — Sim, a vida é boa. Mas se vocês, crianças, precisarem de mim, apenas gritem. Eu sempre tive mais sorte no mundo dos mortais que a maioria dos deuses.

Carter fez uma careta de aflição. — Você acha que vamos precisar muito de você? Quero dizer, é claro que queremos te ver! Eu só pergunto por quê...

Bes grunhiu. — Ei, eu sou um anão feio. Tenho um carro doce, um guarda-roupas excelente, e poderes surpreendentes. Por que vocês não precisariam de mim?

— Bom ponto, — Carter concordou.

— Mas, ahn, não me chame com muita frequência —, disse Bes. — Afinal, meu bolo de mel e eu temos alguns milênios de tempo para ficarmos em dia.

Ele pegou a mão de Tawaret, e por um momento, não achei o nome deste lugar, Acres Ensolarados, tão depressivo.

— Obrigado por tudo, Bes, — eu disse.

— Você está brincando? — Ele disse. — Você deu minha vida de volta, e não me refiro apenas à minha sombra.

Eu tive a nítida sensação de que os dois deuses queria algum tempo a sós, então dissemos adeus e descemos até o lago.

O portal de areia ainda rodava. Bastet estava ao lado dele, absorta em sua bola de fios. Ela laçava os fios entre seus dedos fazendo desenhos.

— Está se divertindo? — Perguntei.

— Pensei que você iria querer ver isso. — Ela ergueu os fios. Uma imagem de vídeo cintilou em sua superfície como uma tela de computador.

Eu vi o Hall dos Deuses com suas colunas imponentes e os pisos polidos, seus braseiros ardendo com uma centena de fogos multicoloridos. No palanque central, o barco do sol tinha sido substituído por um trono de ouro. Hórus estava sentado em sua forma humana, um adolescente careca musculoso vestido em uma armadura de batalha completa. Ele segurava o cajado e o mangual estava em seu colo, e seus olhos brilhavam um de prata, um de ouro. À sua direita estava Ísis, sorrindo com orgulho, suas asas de arco-íris cintilantes. À sua esquerda estava Set, o deus do caos, de pele vermelha e bastão de ferro. Ele parecia bastante divertido, como se tivesse previsto para o final todo o tipo de coisas ruins. Os outros ajoelharam enquanto Hórus se dirigia a eles. Olhei para a multidão procurando Anúbis, com ou sem Walt, mas novamente, não o vi.

Eu não pude ouvir as palavras, mas imaginei que fosse um discurso semelhante ao de Carter à Casa da Vida.

— Ele está fazendo a mesma coisa que eu fiz —, protestou Carter. — Eu aposto que ele mesmo roubou o meu discurso. Isso é um roubo!

Bastet cacarejou em desaprovação. — Não há necessidade de dizer nomes, Carter. Os gatos não são copiadores. Todos nós somos únicos. Mas, sim, o que você faz como faraó no mundo mortal, muitas vezes, pode ser espelhado no mundo dos deuses. Hórus e você, afinal, governam as forças do Egito.

— Esse —, eu disse, — é um pensamento muito assustador.

Carter me bateu de leve no braço. — Eu simplesmente não posso acreditar que Hórus saiu sem mesmo dar um adeus. É como se ele me jogasse de lado assim que terminasse de me usar, e depois se esquecesse de mim.

— Oh, não —, disse Bastet. — Os deuses não fariam isso. Ele simplesmente teve que sair.

Mas eu me perguntei se isso era verdade. Deuses eram criaturas bastante egoístas, mesmo aqueles que não eram gatos. Ísis não tinha me dado um bom adeus ou me agradecido também.

— Bastet, você está vindo com a gente, não é? — Eu implorei. — Quero dizer, este exílio bobo não pode se aplicar a você! Precisamos de nossa instrutora de cochilo na Casa do Brooklyn.

Bastet apertou seu novelo de lã e o jogou degraus abaixo. Sua expressão era muito triste para uma felina. — Oh, meus gatinhos. Se eu pudesse, iria carregá-los para sempre pelos pescoços. Mas vocês cresceram. Suas garras são afiadas, sua visão está empenhada, e os gatos devem fazer o seu próprio caminho no mundo. Devo dizer adeus, por agora, embora tenha certeza de que vamos nos encontrar novamente.

Eu queria protestar que não tinha crescido e nem sequer tinha garras.

(Carter discordaria, mas do que ele sabe?)

Mas parte de mim sabia que Bastet estava certa. Nós tínhamos tido sorte em tê-la conosco por tanto tempo. Agora tínhamos que ser gatos adultos, nós seres humanos.

— Oh, Muffin...— Eu a abracei ferozmente, podendo sentir seu ronronar.

Ela acariciou meu cabelo. Então esfregou as orelhas de Carter, o que foi bastante engraçado.

— Vá em frente, agora, — ela disse. — Antes que eu comece a chorar. Além disso... — Ela fixou os olhos na bola de fios, que rolou para o fundo dos degraus. Ela se agachou de ombros tensos. — Eu tenho que caçar.

— Sentiremos sua falta, Bastet, — eu disse, tentando não chorar. — Boa caçada.

— Fios —, ela disse distraidamente, arrastando-se para baixo. — Uma presa perigosa, os fios...

Carter e eu pisamos através do portal. Desta vez, adentramos no topo da Casa do Brooklyn.

Nós tivemos mais uma surpresa. Em pé ao lado de uma cama estranha, Walt estava esperando. Ele sorriu quando me viu, e senti minhas pernas bambas.

— Eu vou, hum, estar lá dentro —, Carter disse.

Walt se aproximou, e eu tentei me lembrar de como respirar.

22. A Última Valsa (Por Enquanto)

Ele mudou seu look novamente.

Seus amuletos foram embora, exceto um — o *shen* que combinava com o meu. Ele usava uma camisa preta que mostrava seus músculos, jeans preto, uma bandeira de couro preta e botas pretas de combate — uma espécie de mistura dos estilos de Anúbis e Walt, que o fazia parecer alguém totalmente diferente e novo. No entanto, seus olhos ainda eram bastante familiares, quentes, castanho escuro e encantadores. Quando ele sorriu, meu coração acelerou como sempre.

— Então —, eu disse. — Este é outro adeus? Eu já tive muitos por hoje.

— Na verdade —, Walt disse. — É mais um olá. Meu nome é Walt Stone, sou de Seattle. Eu gostaria de me juntar à festa.

Ele estendeu sua mão, ainda sorrindo maliciosamente. Ele repetiu exatamente o que disse na primeira vez em que nos encontramos, quando ele chegou à Casa do Brooklyn primavera passada.

Em vez de segurar sua mão, soquei seu peito.

— Ow —, ele reclamou. Mas duvido que o tenha machucado, ele tinha um peitoral sólido.

— Você acha que pode simplesmente fundir-se com um deus e me surpreender com isto? — eu intimei. — *Ah, a propósito, na verdade eu tenho duas mentes em um corpo.* Eu não gostei de ser pega com a guarda baixa.

— Eu tentei te dizer —, ele disse. — Anúbis também. Mas continuamos sendo interrompidos. Principalmente por sua tagarelice.

— Não é desculpa! — Eu cruzei os braços e fiz a melhor careta que consegui. — Minha mãe acha que eu devia ser mais fácil com você, já que tudo isso é muito novo para você. Mas eu ainda estou aceitando isso. É bastante confuso, você sabe, gostar de alguém, sem fundir-se em um deus de quem também gosto.

— Então você gosta de mim.

— Pare de tentar me distrair! Você está realmente pedindo para ficar aqui?

Walt assentiu. Ele estava muito perto agora. Cheirava muito bem, como velas de baunilha. Tentei me lembrar se era o cheiro de Walt ou de Anúbis. Mas, honestamente, eu não consegui me lembrar.

— Eu ainda tenho muito a aprender —, ele disse. — Eu não preciso mais ficar fazendo encantamentos. Eu posso fazer uma magia mais intensiva, o caminho de Anúbis.

— Descobrindo novas meios mágicos para me irritar?

Ele inclinou a cabeça.

— Eu posso fazer truques incríveis com linho de múmia. Por exemplo, se alguém falar muito, eu posso convocar uma mordaça.

— Você não se atreveria!

Ele pegou minha mão. Dei-lhe uma carranca desafiadora, mas não puxei minha mão de volta.

— Eu ainda sou Walt —, ele disse. — Eu ainda sou mortal. Anúbis pode ficar neste mundo enquanto eu for seu hospedeiro. Estou esperando viver uma longa vida. Nenhum de nós jamais pensou que isso fosse possível. Eu não vou a lugar nenhum, a menos que você queira que eu vá.

Meus olhos provavelmente responderam por mim: *não, por favor não, nunca*. Mas eu não podia dar-lhe a satisfação de dizer isso em voz alta, poderia? Os meninos podem ficar tão cheios de si.

— Bem —, eu resmunguei. — Suponho que posso tolerar isso.

— Te devo um dança —, Walt pôs sua outra mão na minha cintura, uma pose tradicional, muito antiga, que Anúbis tinha feito quando valsamos na Academia do Brooklyn. Meu avô teria aprovado.

— Posso? — ele perguntou.

— Aqui? — eu disse. — Será que o seu acompanhante Shu não vai te interromper?

— Como eu disse, sou mortal agora. Ele vai nos deixar dançar, embora tenho certeza que está mantendo um olho em nós, se certificando de que nos comportaremos.

— Se certificando de que *você* se comporte —, eu cortei. — Eu sou uma adequada e jovem senhorita agora.

Walt riu. Eu supus que foi engraçado. *Adequada* não seria a primeira palavra usada para me descrever.

Eu soquei o seu peito novamente, embora admito que não bati muito forte. Eu coloquei minha mão em seu ombro.

— Eu tenho que te lembrar —, eu avisei. — Que meu pai é o seu chefe no Mundo Inferior. É melhor ter boas maneiras.

— Sim, senhora —, disse Walt. Ele se inclinou e me beijou. Toda minha raiva derreteu em meus sapatos.

Nós começamos a dançar. Não havia música, nenhum dançarino fantasmagórico, nada flutuando no ar, nenhuma magia sobre nós. Freak nos observava com curiosidade, sem dúvida se perguntando como esta atividade auxiliaria a produção de perus para alimentação do grifo. O telhado rangia sobre nossos pés. Eu ainda estava muito cansada da longa batalha, e ainda não havia me limpado corretamente. Sem dúvida parecia horrorosa. Eu queria me derreter nos braços de Walt, e foi basicamente o que fiz.

— Então você vai me deixar ficar por aqui? — ele perguntou. — Vai me deixar experimentar uma vida típica de adolescente?

— Eu suponho —, olhei para ele. Não demorou nada para minha visão deslizar pela sua face e ver Anúbis, abaixo da superfície. Mas isso realmente não era necessário. Este era um novo menino na minha frente, e ele era tudo o que eu gostava. — Não que eu seja uma expert, mas há uma regra que tenho de insistir.

— Sim?

— Se alguém te perguntar se você foi escolhido —, eu disse. — A resposta é sim.

— Eu acho que posso viver com isso.

— Bom. — Eu disse. — Porque você não me quer ver zangada.

— Tarde demais.

— Cale a boca e dance.

Nós dançamos com uma música vinda de um psicótico grifo que gritava atrás de nós, e as sirenes e buzinas do Brooklyn gritavam no fundo. Era meio que romântico.

Então aí está.

Nós voltamos para a Casa do Brooklyn. As várias catástrofes que assolavam o mundo tinham diminuído - pelo menos um pouco - e nós estávamos lidando com um influxo de novos iniciados, uma vez que o ano escolar entrava em curso.

Deveria ser óbvio que esta pode ser a nossa última gravação. Nós vamos estar tão ocupados, treinando e frequentando as escolas e vivendo nossas vidas, que eu duvido que teremos tempo ou razão para enviar quaisquer áudios para ajudar.

Vamos colocar esta fita em uma caixa segura e enviá-la para o cara que está transcrevendo nossas aventuras. Carter parece pensar que o serviço postal conseguirá, mas acho que vou mandar Khufu para transportar pelo Duat. O que poderia dar errado?

Quanto a nós, não acho que nossa vida será apenas diversão e jogos. Amós não deixaria um bando de adolescentes sem supervisão, e como não temos mais Bastet, ele enviou alguns novos adultos para a Casa do Brooklyn como professores (leia-se: acompanhantes). Mas todos nós sabemos quem realmente está no comando, *eu*. Ah, sim, e talvez um pouco Carter, claro.

Os problemas ainda não acabaram, de qualquer modo. Eu ainda estou preocupada com Setne, o fantasma assassino que anda a solta pelo mundo com sua mente tortuosa, o horrível senso de moda e o livro de Tot. Eu ainda estou quebrando a cabeça com os

comentários da minha mãe sobre a magia rival e os outros deuses. Não faço ideia do que isso pode significar, mas não soa nada legal.

Entretanto, ainda existem pontos de magia negra e atividades demoníacas em todo o mundo, com os quais ainda temos que lidar. Ainda temos relatos de magias inexplicáveis como a que cercou Long Island. Provavelmente tenho que verificar isso.

Mas, por agora, pretendo desfrutar da vida, irritando meu irmão tanto quanto possível, e também vou fazer de Walt um bom namorado, mantendo as outras garotas longes, provavelmente com um lança-chamas. Meu trabalho nunca acaba.

Quanto a vocês aí fora, que estão ouvindo esta gravação, nunca estamos muito ocupados para novos iniciados. Então você, que tem o sangue dos antigos faraós, o que está esperando? Não deixe sua magia ir para o lixo. A Casa do Brooklyn está aberta para os negócios.

GLOSSÁRIO

Comandos usados por Carter, Sadie e outros

Drowah "Limite"

Fah "Liberte"

Ha-di "Destrua"

Hapi, u-ha ey pwha "Hapi, surja e ataque"

Ha-tep "Esteja em paz"

Ha-wi "Acertar"

Hi-nehm "Una"

Isfet "Caos"

Ma'at "Restabeleça a ordem"

Maw "Água"

Med-wah "Fale"

N'dah "Proteja"

Sá-hei "Derrube"

Se-kebeb "Faça frio"

Tas "Prenda"

Outros termos egípcios

Ankh: um símbolo hieroglífico para vida

Ba: um das cinco partes da alma: a personalidade

Barque: o barco do faraó

Criosfinge: uma criatura com um corpo de um leão e cabeça de um carneiro

Duat: reino mágico que coexiste com nosso mundo

Faraó: um governante do Egito Antigo

Hieroglífico: o sistema de escrita do Egito Antigo que são símbolos usados ou quadros para denotar objetos, conceitos, ou sons

Ib: um das cinco partes da alma: o coração

Isfet: o símbolo para Caos totais

Jarros Canopos: recipiente para armazenar os órgãos de múmia

Ka: um das cinco partes da alma: a força de vida

Khopesh: uma espada com uma lâmina gancho-amoldada

Ma'at: ordem do universo

Lâmina de Netjeri: uma faca feita de ferro meteórico para a abertura da boca em uma cerimônia

Per Ankh: a Casa de Vida

Rekhet: curandeiro

Ren: um das cinco partes da alma: o nome secreto; identidade

Sarcófago: um caixão de pedra, frequentemente decorado com escultura e inscrições

Sau: fabricante de encantamentos

Escaravelho: besouro

Shabti: uma estatueta mágica feita de barro

Shen: eterno; eternidade

Sheut: um das cinco partes da alma: a sombra; também pode significar estátua

Sistrum: instrumento feito de bronze

Tjesu Heru: uma cobra com duas cabeças em suas pernas de dragão

Tyet: o símbolo de Isis

Was: poder; cajado

DEUSES EGÍPCIOS E DEUSAS MENCIONADOS EM A SOMBRA DA SERPENTE

Anúbis: o deus de funerais e morte

Apófis: o deus do Caos

Babi: o deus dos babuínos

Bastet: a deusa de gato

Bes: o deus anão

Geb: o deus da terra

Gengen-Wer: o deus ganso

Hapi: o deus do Nilo

Heket: a deusa rã

Hórus: o deus da guerra, filho de Ísis e Osíris,

Ísis: a deusa da magia, esposa do irmão Osíris, e mãe de Hórus

Khepri: o deus escaravelho, o aspecto de Rá pela manhã

Khonsu: o deus da lua

Mekhit: uma deusa leão secundária, casada com Onuris

Neith: a deusa da caça

Nekhbet: a deusa urubu

Nut: a deusa do céu

Osíris: o deus do Mundo Inferior, marido de Ísis e pai de Hórus

Perturbador: um deus do julgamento que trabalha para Osíris

Rá: o deus do sol, o deus da ordem. Também conhecido como Amun-Ra.

Sekhmet: a deusa leão

Serqet: a deusa escorpião

Set: o deus do mal

Shu: o deus do ar, bisavô de Anúbis,

Sobek: o deus crocodilo

Tawaret: a deusa hipopótamo

Tot: o deus do conhecimento

Agradecimentos...

Nossos merecidos agradecimentos vão à toda nossa equipe de tradução da .mafia dos livros. e de seu Departamento#01 que esteve empenhada na conclusão de mais esse projeto.

Obrigado à vocês, tradutores, revisores e organizadores que desprenderam de seu tempo para uma atividade na qual não esperam nada além de respeito e admiração e é esse o sentimento que temos para com vocês, por isso e graças a vocês somos uma equipe tão forte!

Parabéns por terem nos presenteado com tamanha dedicação e para alguns casos destaco um comprometimento incrível...

Parabéns e Obrigado...

Aos Tradutores: Lauren, Filipe Oliveira, mauro ynsano, Junior Oliveira, Wallace Alves, Levi Nogueira, Felipe Barcelar, Juliana Louzada, Rey-chan, マービン, LuanaDecker, Samy, Orlando – **Muito Obrigado!**

Aos Revisores: Luan Lima, Iago Santiago, Israel Lana, Ariel Rocha, Miguel Oliveira, Quatiama, Guilherme, Fabio Rodrigues, Felipe Castellani, Rey-chan – **Muito Obrigado!**

À Revisora Final: Laila – **Muito Obrigado!**

À Organização da .mafia dos livros. e do Departamento#01: Ricardo Pereira, Laila – **Muito Obrigado!**